



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA APARECIDA CARDOSO DA CRUZ

**GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS *ESCREVIVÊNCIAS* DE CONCEIÇÃO EVARISTO:
UM OLHAR SOBRE *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA***

RONDONÓPOLIS-MT
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA APARECIDA CARDOSO DA CRUZ

**GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS *ESCREVIVÊNCIAS* DE CONCEIÇÃO EVARISTO:
UM OLHAR SOBRE *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* de Rondonópolis, na Linha de Pesquisa Linguagens, Cultura e Construção do Conhecimento, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof.º Dr.º Leonardo Lemos de Souza.

RONDONÓPOLIS-MT
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

C957g Cruz, Rosângela Aparecida Cardoso da.
Gênero e Educação nas Escrevivências de Conceição Evaristo : um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória / Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz. -- 2016
215 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Leonardo Lemos de Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Entrelaçando escrevivências. 2. Pensando o gênero, o pós-feminismo e suas representações. 3. Uma educação para o feminino. 4. Becos da Memória e Ponciá Vicêncio: análises possíveis. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rod. Rondonópolis.-Guiratinga, km 06 MT-270 - Campus Universitário de Rondonópolis
Cep: 78735-901 -Rondonópolis/MT
Tel : (66) 3410-4035 - Email : ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS *ESCREVIVÊNCIAS* DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: UM OLHAR SOBRE *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA***

AUTORA: Mestranda ROSÂNGELA APARECIDA CARDOSO DA CRUZ

Dissertação defendida e aprovada em 31/03/2016

Composição da Banca Examinadora

Presidente da Banca/Orientador: Doutor Leonardo Lemos de Souza
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno: Doutora Raquel Gonçalves Salgado
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno: Doutora Sheila Dias Maciel
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Externo: Doutora Ana Cláudia Lemos Pacheco
Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Examinador Suplente: Doutora Carmem Lúcia Sussel Mariano
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

RONDONÓPOLIS, 31/04/2016.

À minha velhinha, minha mãezinha querida que repousa nos braços da mãe-terra e que tanta falta me faz, Alcina Cardoso da Cruz... *In Memoriam*
Aos meus filhos George, Álvaro e Fhellippe, forças que sustentam a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustenta nesta caminhada e me faz perceber que eu posso alcançar vitórias, que me consola todos os dias, amenizando esta dor que esburaca o meu peito em função da falta da minha mãe. A Ele que dá a vida e a saúde aos meus filhos e a mim, para que sigamos juntos...

Aos meus filhos George, Álvaro e Fhellype, que trilharam comigo esta linha de chegada e que, por tantas vezes, tiveram de suportar as minhas rugas e impaciências nos momentos de mais dificuldades pelos quais passamos juntos...eu agradeço e afirmo que tudo há de melhorar, as limitações nos servirão de degraus para alcançarmos novas vitórias...

À minha família que, por vezes me incentivou nesta busca pelos meus ideais, àqueles/as que pararam um pouco para me ouvir e a outros que tanto me criticaram, à minha irmã Divina Cardoso da Cruz e ao seu esposo Antônio Gonçalves dos Santos, por tantas conversas calorosas acerca dos gêneros e da afrodescendência no Brasil.

À minha querida e estimada Conceição Evaristo, pelo simples fato de ela existir e pelo tanto que representa na minha vida e para a Literatura afro-brasileira.

À Constância Duarte, por ser tão sábia e humilde, por ter dedicado um pouco do seu tempo para mim e, sobretudo, por ter apresentado-me à literatura de Conceição Evaristo.

A todo o corpo docente do curso de Mestrado em Educação do PPGEdU/UFMT/CUR, em especial, à Cancionila Janzkovski Cardoso, por tudo que representa para a Educação em MT e no Brasil e, principalmente, pelo lindo ser humano que ela é. Com muito carinho, ao professor Ademar de Lima Carvalho, por ter me ensinado tanto com sua humildade, simplicidade e carinho.

À Raquel Gonçalves Salgado, por fazer parte da minha banca e por dividir comigo conhecimentos tão importantes e significativos, além de prazerosos, acerca dos ensinamentos de Mikhail Bakhtin.

À professora Carmem Lúcia Sussel Mariano, por ser tão carinhosa, tão meiga enquanto ser humano e, em especial, por ter me ensinado tanto sobre a infância.

À Anabel Beatriz de Col, por todas as vezes em que me olhava e, em seus olhos, demonstrava tanto carinho para comigo...uma grande parceira, auxiliando a todos/as sempre com um sorriso estampado no rosto. Ao Daniel, por todas as vezes que nos recepcionou a todos/as com tanta bondade e eficiência.

À professora Ana Cláudia Lemos Pacheco, por participar da minha banca e por compartilhar tantos conhecimentos acerca do universo das mulheres negras.

Ao meu professor orientador, Leonardo Lemos de Souza, pela humildade e grandeza com que dividiu seus conhecimentos comigo. Acima de tudo, um amigo...

Em especial, à Sheila Dias Maciel, por fazer parte da minha banca e por representar tanto para mim, por ser uma das minhas inspirações literárias e, tão somente, por existir na minha vida.

Com especial carinho e admiração, à Olga Maria Lima Pereira, minha amiga e fonte inspiradora nesta caminhada pela visibilidade da nossa gente negra...por tantas vezes que me emociono ao “reinterpretar os silêncios” junto com ela e, ademais, pelo carinho com a minha pesquisa e pelas dicas sempre tão construtivas.

Com afeto e carinho a todos/as os/as colegas da turma, cada um/a com a sua peculiaridade se tornou importante nesta trajetória. Em especial, aos meus amigos Itamar, Pedro e Luciane, pelos bons momentos que dividimos juntos e pelas boas risadas que dávamos da vida. A Itamar e Pedro, especificamente, por terem me amparado nas horas das grandes angústias e limitações pessoais...meus amigos, meus irmãos...

À professora Ana Vera Raposo, por ter gentilmente dividido comigo seus conhecimentos em épocas de estágio de docência, minha sincera admiração e, ainda, à turma do quarto ano de Letras, por, juntamente com Ana Vera, terem me recepcionado com tanto carinho e respeito.

Aos/as professores/as do departamento de Letras, pela torcida e admiração para com a minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES, pela concessão de bolsa de estudante.

Aos colegas e professores integrantes do Grupo de Estudos Infância, Juventude e Cultura contemporânea (GEIJC), muitos foram os aprendizados adquiridos.

Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis. As margaridas, as dalias e outras flores de nosso pequeno jardim. As frutas nos pés a matar a nossa fome. Os bolinhos de comida que mãe amassava com as mãos e enfiava em nossas bocas. As bonecas de capim ou bruxas de panos que nasciam com nome e história de suas mãos. O céu, as nuvens, as estrelas, sinais do infinito que minha mãe e tia nos ensinaram a olhar e a sentir. E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero...

Conceição Evaristo



Conceição Evaristo: A mulher negra brasileira

Fonte: <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+conceição+evaristo>>

RESUMO

GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS *ESCREVIVÊNCIAS* DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM OLHAR SOBRE *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA*

O presente estudo foi organizado conforme a Linha de Pesquisa Linguagens, Cultura e Construção do Conhecimento, bem como subsidiado por meio das ricas discussões acerca dos estudos de gênero, compartilhados junto aos/as colegas e professores/as integrantes do Grupo de Estudos Infância, Juventude e Cultura contemporânea (GEIJC). A pesquisa tem como objetivo tecer reflexões sobre duas obras da poetisa e romancista Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2013) a partir dos estudos de gênero, sobretudo, no que tange ao olhar pós-feminista acerca da escrita feminina contemporânea, em especial, da literatura afro-brasileira. Justifica-se a recorrência aos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e polifonia como metodologia adotada pela possibilidade de visualizar as muitas vozes imbricadas na escrita evaristiana. Constatei, assim, que a linguagem literária da autora é um reflexo da sua própria vivência, bem como de muitas outras vozes silenciadas, de muitas outras mulheres, sobretudo, de mulheres negras, em um movimento constante de firmar-se no mundo enquanto sujeito. Partindo do princípio de uma abordagem qualitativa, optei pela pesquisa documental, com ênfase nos conceitos de alteridade, dialogismo e polifonia, do russo Mikhail Bakhtin (1981, 1993, 2011) como metodologia de análise e, a partir de pressupostos teórico-metodológicos voltados aos estudos de gênero e pós-feministas, situei a pesquisa voltada para o feminino, sobretudo, com um recorte com vistas à educação das mulheres. Objetivei, de modo geral, compreender o processo da educação e significação do feminino visualizando, literariamente, a compreensão daquilo que poderia ser a representação das vivências de muitas mulheres, em especial, de mulheres negras, tão bem retratadas a partir da obra de Conceição Evaristo. Especificamente, busquei verificar os elementos transversalizados (raça, gênero, sexualidade e classe social) sobre a construção do feminino na educação em narrativas de mulheres; refletir acerca das desigualdades relacionadas às mulheres no que diz respeito a gêneros, por meio de um olhar especialmente pós-feminista e pós-colonialista; conceituar a importância das mulheres para o exercício literário de autoria feminina; perceber de que forma o conhecimento acerca dos gêneros contribui para a efetivação do processo de escolarização das mulheres. Por fim, pretendo por meio desta pesquisa, responder às respectivas indagações: Qual mulher é retratada por Conceição Evaristo e qual o papel da Educação para a construção dessa mulher? Em suma, pressupõe-se a relevância em relação a esta pesquisa, sobretudo, por apresentar a literatura afro-brasileira por meio do olhar de uma das escritoras negras que, na atualidade, se consagra como uma das maiores expressões afro-literárias brasileiras.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Literatura Afro-brasileira. Educação. Gênero. Identidade.

ABSTRACT

GENDER AND EDUCATION IN WRITING-LIVING BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A LOOK AT *PONCIA VIVÊNCIA* AND *BECOS DA MEMÓRIA*

The present work was organized according to Research Line in Languages, Culture and Building Knowledge as soon as the subsidized by the several discussions of gender studies, shared with the classmates and teachers/members of Childhood Study Group, Youth and Contemporary Culture (GEIJC). The research aims to propose reflections on two works of the poet and novelist Conceição Evaristo *Poncia Vicencio* (2003) and *Becos da Memória* (2013) from gender studies, especially with respect to post-feminist view about contemporary women's writing in particular the African-Brazilian literature. Justified the recurrence to Bakhtinian concepts of alterity, dialogism and polyphony as a methodology adopted by the possibility of visualizing the many imbricated voices in evaristiana writing. It is verified, therefore, that the literary language of the author is a reflection of her own experience as well as many other silenced voices of many other women, particularly black women, in a constant movement of firm in the world as subject. Starting from the principle of a qualitative approach, I opted for documentary research, with emphasis on the concepts of alterity, dialogism and polyphony, by the Russian Mikhail Bakhtin (1981, 1993, 2011) as an analytical methodology and from theoretical and methodological assumptions oriented to gender studies and post-feminist, I placed the search focused for the feminine, especially with a cutout with a view to the education of women. The aim of generally understand the education process and feminine significance viewing, literarily, the understanding of what could be the representation of the experiences of many women, especially black women, just as well portrayed from the work of Conceição Evaristo. Specifically, I tried to check mainstreamed elements (race, gender, sexuality and social class) on the construction of women's education in women's narratives; reflecting on the inequalities related to women in respect to gender, through a look especially post-feminist and post-colonial; conceptualize the importance of women to the literary exercise by female authors; understand how knowledge about genres contributes to the realization of women's schooling process. Finally, I intend, through this research, answer to the respective questions: What woman is portrayed by Conceição Evaristo and what is the role of education for the construction of this woman? Summarizing, it is assumed relevance to this research, especially, for presenting the African-Brazilian literature through the eyes of one of the black writers who, at present, has established herself as one of the largest Brazilians African-literary expressions.

Keywords: Conceição Evaristo. Afro-Brazilian literature. Education. Gender. Identity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	24
1 PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS POSSÍVEIS	28
1.1 O problema da pesquisa	28
1.2 Hipóteses	29
1.3 Os objetivos do estudo	31
1.4 Metodologia	31
1.5 Diálogos com Mikhail Bakhtin a partir de <i>Becos da Memória</i> (2013) e <i>Ponciá Vicêncio</i> (2003): alteridade, dialogismo e polifonia, saberes necessários na produção dos conhecimentos evaristianos.	34
2 ENTRELAÇANDO ESCREVIVÊNCIAS	48
2.1 Se bem me lembro... Épocas da infância	48
2.2 A primeira vez na escola	50
2.3 Às voltas com o Ensino Superior	55
2.4 Por entre as margens do caminho transitam as mulheres negras	57
3 PENSANDO O GÊNERO, O PÓS-FEMINISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES	80
3.1 Um olhar sobre os gêneros	80
3.2 Pós-feminismo: um outro olhar sobre a mulher	94
3.3 Entrelaçando saberes: o Pós-feminismo e suas representações	100
4 UMA EDUCAÇÃO PARA O FEMININO	108
4.1 A Educação e a mulher	112
4.2 A escola como palco das diferenças	116
4.3 A Educação no contexto dos afrodescendentes	122
5 BECOS DA MEMÓRIA E PONCIÁ VICÊNCIO: ANÁLISES POSSÍVEIS	127
5.1 Memórias são pontas de icebergs	127
5.2 Por entre os <i>Becos da Memória</i> de Conceição Evaristo	129
5.3 <i>Ponciá Vicêncio</i> e a busca identitária	167
6 POR ENTRE AS PEDRAS PONTIAGUDAS DA MEMÓRIA: EM BUSCA DOS NOSSOS PRAZERES	190
CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207

APRESENTAÇÃO

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo, 2007)

Para apresentar as obras *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003) às/aos leitoras/es, a pesquisa vale-se deste espaço inicial buscando o entrelaçamento das mesmas com os conhecimentos relacionados à escritora Conceição Evaristo. Tal necessidade se torna relevante uma vez que mantém o/a leitor/a, ainda que na etapa inicial da leitura, mais familiarizado/a com o *corpus* constituinte da pesquisa. Assim, seguem-se considerações acerca da autora e das obras acima relacionadas.

No meio do caminho tinha uma mulher... E ela era negra: Conceição Evaristo

É pertinente ressaltar, ainda que em breves considerações, um pouco da história e trajetória da poetisa e romancista Conceição Evaristo. Nascida aos 29 de novembro de 1946, em Minas Gerais, mais especificamente em uma favela de Belo Horizonte, sito à Avenida Afonso Pena, a qual mais tarde viria a ser um dos locais mais privilegiados da capital mineira. Filha de dona Joana e de um certo senhor José, com o qual Maria da Conceição Evaristo praticamente não teve contato. Por conta disso, a autora reconhece como pai a figura do padrasto, senhor Aníbal Vitorino, que ajudou sua mãe e também em sua criação. Dividiu a infância entre morar com a mãe e a tia materna, Maria Filomena da Silva que, assim como a mãe de Evaristo, ganhava a vida lavando roupas para fora, se sujeitando a todos os tipos de subordinações possíveis, já que até mesmo os “panos” sujos de menstruações eram obrigadas a lavar. Tais afirmativas são ratificadas pela própria Evaristo:

E quando eu testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres da minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando (EVARISTO, 2007).

Conceição Evaristo¹ aprendeu esta lição desde cedo, uma vez que era ajudante assídua da mãe e da tia. Esta época de buscas e entregas de roupas nas casas das patroas brancas, ou seja, esta vida de lavadeiras a que eram submetidas, é representada literariamente por meio do poema *Vozes-Mulheres*, de autoria evaristiana. Sem nunca esquecer as origens, Evaristo faz questão de frisar que foram os maltratados dedos da mãe que lhe ensinaram as primeiras experiências com a leitura e a escrita. A autora se considera uma “colhedora” de palavras, ressalta, ainda, que, embora sua infância tenha sido recheada de muita pobreza e privações, cresceu rodeada de palavras, sobretudo a partir dos causos e histórias narradas pelos mais velhos. A oralidade habitava o lar da menina Conceição Evaristo e, ela crescia assim, entrecortada pelas narrativas, como bem enfatiza a romancista “tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia” (EVARISTO, 2003, p. 1).

Evaristo situa a escola como um lugar de sonhos possíveis, onde as limitações e a pobreza ficavam da porta para fora quando se podiam escrever os próprios sonhos. As aulas de redação configuravam-se para a menina Evaristo como um “entre-lugar”, já que neste momento, “a limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram rompidas por uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para escrever os meus sonhos” (EVARISTO, 2003, p.1). Importa lembrar que, paradoxalmente, a escola protagoniza o lugar dos sonhos possíveis, no entanto, ainda se constitui como célula-mater no processo de exclusão em relação àqueles/as que não comportam e/ou se enquadram no padrão vigente determinado por ela.

A escola, enquanto instituição normativa que é, possui um discurso autoritário, dita modos de ser e de comportamentos, é um espaço de conflitos, todavia, ainda se permeia pelo viés das possibilidades. Neste sentido, há que ser estendida a todas/os, brancos, negros e quaisquer outras descendências como um espaço de acolhimento, proporcionando interações dialógicas e livrando-se das amarras dos estigmas institucionalizados; caminhar na contramão disso é tornar-se representante da hegemonia hierárquica que privilegia uns em detrimento de outros, o que, infelizmente, tem contribuindo para o fortalecimento do mito da frágil democracia racial em nosso país.

Neste sentido, a autora salienta que, na tentativa de suprir tantas restrições e carências, cada vez mais mergulhava no mundo das leituras, ler era uma válvula de escape, embora à

¹Dados biográficos extraídos dos textos “Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente”, de Omar da Silva Lima e “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita” e “Gênero e Etnia: uma escrita de dupla face”, ambos de autoria de Conceição Evaristo.

luz das antigas lamparinas de querosene e/ou à luz de velas, já que a energia elétrica só apareceu na favela muito tardiamente. Entretanto, as muitas dificuldades enfrentadas por Evaristo e seus familiares nunca se tornaram empecilhos para que adentrasse com tenacidade no mundo das letras e seus encantos. Aliás, foram os livros os grandes responsáveis pela superação das mazelas impostas por uma sociedade branca acomodada com o *status* de superioridade. O fato de adentrar as casas das muitas famílias para as quais a mãe e as tias trabalhavam, proporcionou à menina Conceição Evaristo manter contato com muitas pessoas que lhe permitiram manusear muitos e diversos livros em busca de leituras que, certamente, contribuíram para formar o caminho da futura poetiza e romancista afro-literária.

Minha mãe e ainda tias e primas trabalharam para família de escritores como: Alaíde Lisboa de Oliveira, Lara Resende, Eduardo Frieiro, Luzia Machado Brandão, Lucia Casasanta... Entretanto, o evento maior, foi quando uma das minhas tias que trabalhava para a senhora, Etelvina Viana, responsável pela implantação da Biblioteca Pública de Belo Horizonte, passou a ser servente dessa casa-tesouro. Ali, na moradia dos livros, a minha entrada se tornou ampla e irrestrita (EVARISTO, 2003, p.1-2).

Ainda, em épocas da infância, a menina Conceição Evaristo atribuía valores significativos às muitas histórias contadas por sua mãe, as quais, de certa forma, já delineavam um suposto futuro para a menina-mulher-escritora que brotaria das audições do universo das palavras que ouvia. A mãe, envolta na mais pura simplicidade e, ao término das lavagens de roupas, ainda encontrava um tempinho para se debruçar sobre as páginas de cadernos que, na maioria das vezes, encontrava nos “restos” das casas dos brancos, serviam como suporte para que “fragmentos dessas histórias, de seus pensamentos e frases de que gostava” fossem ali registrados (ARAÚJO, 2007, p. 39). Evaristo guarda com carinho e saudades as mal traçadas linhas que, segundo ressalta, constituíram as primeiras lições de seu aprendizado. Em relação a tantas limitações, Evaristo (2009, p.127)² ressalta que:

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 1960, quando o diário de Carolina Maria de Jesus, lançado em 1958, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos

² Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Texto publicado no Portal Literafro da UFMG. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**, texto em anexo à Dissertação de MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de retalhos de memórias. Araraquara – SP. 2014.

sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.

Em função das duras jornadas de trabalho que enfrentava juntamente com sua mãe e tias, concluir os estudos nunca foi tarefa fácil para a jovem Evaristo que, somente aos 25 anos de idade é que conseguiu finalizar o já extinto “Curso Normal”. Após ser aprovada em concurso da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, Conceição Evaristo se muda, em meados da década de 1970 e, aproveitando a oportunidade, gradua-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conforme Araújo (2007, p.39):

Na década de oitenta, período de efervescência dos movimentos sociais pela igualdade racial, Conceição Evaristo, ao tomar conhecimento da fundação do grupo Quilombhoje, envia para publicação o poema “Vozes Mulheres”, que passa, então, a compor o volume de número 13 dos Cadernos Negros, publicado em 1990.

O ingresso no Mestrado em Letras veio, ainda, na década de 1990, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Especificamente, em 1996, Conceição Evaristo defende a dissertação intitulada “*Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*”. Evaristo concluiu seu doutorado e segue cultivando raízes na arte de escrever e representar a literatura afro-brasileira. Ainda, nas palavras de Araújo (2007):

Atualmente, Conceição Evaristo está vinculada ao Programa de Doutorado da Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve pesquisa sobre as relações entre a literatura afro-brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa. Sua participação em congressos e seminários de literatura tem sido uma das mais freqüentes e atuantes, sendo marcada pelas suas reflexões e análises sobre a produção de escritoras afro-brasileiras e sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira (ARAÚJO, 2007, p.40).

Inúmeros são os trabalhos acadêmicos que abordam as obras de Conceição Evaristo e falam com carinho da precisão literária e da competência da autora enquanto escritora. A determinação e a força de vontade de Evaristo constituem-se como degraus a serem alcançados e fontes inspiradoras para suas(eus) pesquisadoras(es). Vieira (2012) reforça que, “além de inúmeros poemas lançados em Cadernos Negros, a autora produz também obras de ficção. O seu primeiro romance foi *Ponciá Vicêncio* lançado em 2003. Seguido de *Becos da*

Memória publicado em 2006 e recentemente, *Insubmissas lágrimas de mulheres* lançado no mercado em 2011” (VIEIRA, 2012, p.169). A mais nova conquista da escritora Conceição Evaristo é a publicação do livro de contos *Olhos D'Água* (2014) pela Editora Pallas, no Rio de Janeiro. Ademais, Evaristo segue produzindo e externando suas *escrevivências*, publicando também pelos *Cadernos Negros*³, sempre em busca da representatividade da população negra, sobretudo das mulheres.

Becos da Memória: A história

O seu romance *Becos da Memória* (2013), cujo original teve sua versão por volta de 1987/88, é anterior a *Ponciá Vicêncio* (2003). Prosseguindo por esse caminho, Conceição Evaristo continua produzindo trabalhos por demais relevantes. Segundo a própria escritora, após finalizar o romance, deixou-o engavetado por longos anos e, somente depois da publicação de *Ponciá* é que *Becos da Memória* vem a público em 2006, praticamente 20 anos depois, o que não diminui em nada a maestria e a precisão literária que envolve a narrativa, apesar de chegar às mãos das/os leitoras/es duas décadas mais tarde.

O já referido romance constitui-se como uma narrativa entrelaçada por meio de pequenos relatos e diferentes histórias de vida, ambientadas em uma favela inominável e sem demarcação geográfica. Muitas são as personagens (jovens, crianças, mulheres, malandros, bêbados e velhos) que preenchem os mais ínfimos becos de um cenário, cujas vidas se fundem com as misérias, sofrimentos, doenças e privações das quais são acometidas/os todas/os as/os sobreviventes de *Becos*.

A narrativa se desenrola a partir de uma preocupação que é peculiar a todas/os as/os moradoras/es: a desfavelização do local, isto é, seriam despejadas/os e não tinham ideia de para onde ir. Neste cenário inóspito, muitas são as histórias que irão compor um mosaico de fragmentos da memória. Conforme salienta Souza (2011, p.16), “o romance *Becos da Memória* (2013) resgata, nos escombros de uma cidade-favela em ruínas, as primeiras formas

³Ao mencionar os *Cadernos*, Souza (2011, p.11) ressalta que este espaço se constitui como “um veículo de divulgação de produções literárias tanto de autoria feminina, como de autoria masculina, para dar visibilidade à produção artística negra e sua difusão. Além disso, este espaço possibilitou à mulher negra não somente a sua participação feminina nas séries, mas também o papel de um importante “porta-voz” para difundir seus pensamentos, pois através dos *Cadernos Negros* as mulheres negras passaram a ter visibilidade para expressar seus sentimentos e desejos”.

de um passado que perdura até hoje. E sabe-se o quanto tais histórias carregam em seu bojo um passado carregado de agora”.

A narrativa de *Becos* traz como temática principal a mulher negra brasileira que, apesar das paupérrimas condições em que sobrevive, não perde a esperança por dias melhores. Ao apresentar suas mulheres em *Becos da Memória* (2013) com todas as agruras, privações, limitações, mas também com a persistência, coragem, força e, acima de tudo, como seres donos das próprias histórias, Conceição Evaristo rompe com paradigmas e estereótipos pré-estabelecidos. Afinal, a população negra, em sua grande maioria, não é contemplada com olhos que não sejam aqueles direcionados pelo viés da escravidão, seja em quaisquer meios artísticos e/ou literários, principalmente, se se tratam das mulheres negras. Em relação à escrita evaristiana, Souza (2011, p.35) ancorando-se em Lima enfatiza que:

Além de expor “uma imagem mais positiva”, principalmente, da mulher negra, ao situar suas personagens femininas negras nas tramas das narrativas, mesmo que elas estejam “exercendo papéis menos valorizados como a de doméstica ou de prostituta, faz com que transcendam estas funções, dando a elas uma dimensão mais humana” (LIMA, 2009, p. 49).

Partindo da premissa de que a escrita evaristiana representa muito da própria vivência da autora e traz no bojo das suas memórias muito do coletivo relacionado aos povos afrodescendentes, não é muito ressaltar que, uma vez inscritas sobre o papel, possíveis experiências vividas ou presentificadas nas memórias de Conceição Evaristo tornam-se ficção. Ainda, neste mesmo sentido, é importante salientar que, por mais que possam constituir representações de pessoas que, de fato, existiram em algum momento da vida da autora, as personagens se constituem tão somente como seres ficcionais.

Conforme Brait (1987), é mister esclarecer a diferenciação entre a relação pessoa – ser vivo e personagem, de modo que, por mais que sejam representações do vivido, não podem ser confundidas com o real. Para a autora:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. É somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto (BRAIT, 1987, p.11).

Neste mesmo sentido, Cândida Vilares Gancho (2003, p.16) complementa que “por mais que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em fatos reais”. Assim, reiterando com as palavras de Brait (1987, p.5) é possível ressaltar que as personagens são apenas “habitantes da ficção no seu espaço de existência: o texto”. Partindo deste princípio é que olhares serão lançados acerca de algumas personagens dos romances *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003), a escolha dar-se-á por meio daquelas que mais se destacam nas narrativas, sobretudo, com atenção maior voltada às personagens-protagonistas Maria-Nova e Ponciá Vicêncio dos respectivos romances⁴.

Em consonância com isso, ainda tomando por base as considerações de Beth Brait (1987), é possível supor que, embora diferentes, pessoas reais e personagens são duas realidades permeadas pelo texto e que mantêm entre si um “íntimo relacionamento” (p.12), todavia, não é lícito pensar a personagem fora da realidade ficcional, ou seja, fora do “universo da linguagem” (Idem). Para melhor exemplificar, Brait (1987) cita o “gênero” de reprodução de imagem por meio da fotografia, isto é, por mais que seja uma representação extremamente próxima do real, a retratação oficial da imagem da pessoa nunca poderá ser confundida com a pessoa em si. Nas palavras da autora, trata-se da “presença de uma ausência” (p.12), ou seja, reflete uma realidade que não pode ser tomada como existência real, antes, “papel e gradações de branco e preto, resultantes de conquistas técnicas, são criações que a habilidade humana inventou para representar, simular o real” (p.13).

Dessa mesma forma, não podem ser confundidas pessoas de existências reais com existências ficcionais, criações literárias denominadas personagens. Estas deverão ser observadas, analisadas e/ou interpretadas tão somente sob a perspectiva de um contexto literário. Neste sentido, conforme o russo Mikhail Bakhtin (1992) “uma fotografia oferece apenas material para o cotejo, e, também nela, o que vemos é o nosso reflexo sem autor [...] é um material bruto que não se incorpora à unidade de nossa própria existência da vida” (p.54).

Desse modo, apesar de serem parte de uma vivência real de Conceição Evaristo, as personagens dos já mencionados romances constituem-se objetos de análise enquanto ficção, situados no universo da linguagem literária, o qual concebido em seu espaço maior, o texto, “reinventa e faz explodir múltiplos ângulos dessa realidade” (BRAIT, 1987, p.18). Há que se levar em consideração, entretanto, a preciosidade, esmero e singularidade empregadas no trato

⁴As siglas (BM) e (PV) serão utilizadas, nesta pesquisa, para se referir aos romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, respectivamente, quando se tratar de citações das referidas narrativas.

com a linguagem utilizada por Evaristo cuja finalidade é a de representar, de construir um universo ficcional, o qual torna visível uma realidade, uma existência exterior ao texto. Em outras palavras, a escrita evaristiana, que é permeada pelas veias das mazelas sociais, desigualdades e exclusões, é, antes de tudo, uma escrita-denúncia que pode ser cotejada, ainda hoje, com a realidade circundante.

Neste espaço não nomeado, que é a favela, muitas são as histórias, memórias e lembranças que irão tecer os fios narrativos dos escritos de Maria-Nova ao escrever a história da favela. Personagens como Vó Rita, Bondade, Dora, Cidinha-Cidoca, Ditinha, Negro-Alírio, Tio-Totó são peças-chave na constituição deste mosaico narrativo que se configura em *Becos da Memória* (2013), representam as muitas vozes que, juntas, irão compor o tecido da trama narrativa evaristiana.

Maria-Nova, a personagem-protagonista que toma para si a arte de recompor, de recontar, de recolher e costurar os fragmentos das memórias de um povo que outrora não tivera a chance de expressar. A menina que gostava de ouvir histórias ao transpor para o papel tantas tristezas, lembranças, algumas alegrias, choros e lamentos, metaforicamente, faz ressuscitar dos escombros da favela as almas daqueles e daquelas há muito sucumbidos e silenciados...e eles/elas cantam ecoando as suas vozes e entoando cantos aos Orixás. Tal pensamento se torna pertinente se se pensar que a escrita possui o dom de imortalizar o efêmero e resgatar o que se perdera nas veias do tempo.

Conceição Evaristo, ao escrever *Becos da Memória*, narrando o cotidiano de uma favela insalubre, na qual homens, crianças, jovens, velhos e mulheres se confundem com os reflexos da paupérrima condição em que sobrevivem, resgata, por meio da arte literária, muito das experiências vividas por negras e negros em épocas das grandes senzalas. É perceptível, por meio das histórias contadas pelos mais velhos, resquícios, ainda vivos, imortalizados nas memórias dos antepassados. No trecho abaixo, Tio Totó percorre os fios da própria memória pelas veias do tempo e, ao se referir ao desfavelamento, relembra muitas dores sentidas ao longo da vida, da sua e de seus ancestrais:

- Maria Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo, que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono (BM, 2013, 45).

Apesar de enfatizar que a favela inspiradora da escrita de *Becos* já não existe mais, que o que se tem agora são outras ambiências, a autora se dá conta de que todas estas *ficções de memórias*⁵ encontradas nas senzalas-favelas, sejam aquelas do passado, sejam as da contemporaneidade, convergem para um único caminho: mostrar que negros e negras, por meio de um mito que insiste no falso pressuposto de igualdade entre negros e brancos que, apesar do tempo, eles/elas têm um lugar/local pré-definido, isto é, um espaço-senzala.

Conforme Pereira (2015, p.23), este ainda se configura como um dos piores/principais problemas do Brasil, ou seja, faz-se de extrema urgência que se busque a “desconstrução do velho mito que persiste em afirmar que no Brasil o preconceito de cor seja coisa do passado”. Neste mesmo viés, a autora enfatiza a necessidade de se atentar para os discursos prontos, cujas interpretações se mostram carregadas de racismo e discriminação contra os negros e negras brasileiras, ou seja, dizer que “entre brancos e negros as oportunidades de acesso e permanência nas escolas e universidades sejam iguais independente da cor” é, antes de tudo, incorrer no mais grotesco senso comum, haja vista a presença maciça nestes ambientes ser composta por brancos/as (Idem, p.23).

Schmidt (2013), ao prefaciar o romance *Becos da Memória*, aborda esta relação senzala-favela na escrita de Conceição Evaristo e assim ressalta:

Esta relação, senzala-favela, se atualiza no romance de duas formas. Primeiramente, na memória da escravidão, frequentemente relatada pelos mais velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs. Num segundo plano, o mais vívido no romance, a relação da senzala com a favela, atualiza-se na geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores (SCHMIDT, 2013, p.19).

Como bem salienta Mikhail Bakhtin (1992), não há um discurso que não seja resposta a outros anteriores, não há um enunciado desprovido de sentidos e, nesta direção, Evaristo assume uma contra-palavra a inúmeros discursos alheios responsáveis por relegar à exclusão e segregamento determinados corpos cuja pigmentação não corresponde à raça branca. Conforme insiste o pensador russo, ninguém é um Adão mítico, logo o discurso evaristiano acolhe muitas vozes que, de fato, nunca puderam se expressar, sucumbidas a um silenciamento imposto e forjado sobre choros e ranger de dentes.

⁵ Grifo da autora

Schimidt (2013, p.17) ainda salienta que a escrita representativa de Conceição Evaristo não deixa dúvidas sobre como e a quem é destinado seu discurso literário. Nesta direção, a autora compara esse jogo representativo à arena proferida por Mikhail Bakhtin, “onde disputam constantemente as diversas forças políticas em que se constituem os grupos sociais”. Cumpre observar que, num país como o Brasil, em que a visibilidade de uns se dá em torno da invisibilidade e silenciamentos de outros, a escrita afro-literária protagoniza um contra-discurso às ideias hegemônicas da suposta supremacia racial. Neste viés, também *Ponciá Vicêncio* (2003) é uma escrita-denúncia das dores e mazelas sofridas pelos irmãos da diáspora.

A história de *Ponciá Vicêncio*

O romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003, traz como enredo a trajetória da protagonista de mesmo nome, apresentando ao leitor toda uma vida de sonhos, erranças, andanças, desencantos e amarguras. Conceição Evaristo tece a trama delineando a história da personagem da infância até a idade adulta, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente, o qual, por meio de fragmentos em forma de *flashbacks* vai situar a narrativa de Ponciá pelo processo de suas lembranças. O referido romance foi o primeiro publicado por Conceição Evaristo, sendo indicação para o Vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2008, além de ter sido já traduzido para outras línguas.

O foco narrativo se desenvolve em terceira pessoa e, por meio do discurso indireto livre, proporciona ao leitor se aperceber dos mais íntimos pensamentos de Ponciá Vicêncio. Submersa em um mundo de pura introspecção, a personagem protagonista apresenta a trama narrativa. Ponciá, ainda menina, mora com sua mãe, Maria Vicêncio, em um lugarejo, no interior do Brasil, conhecido por Vila Vicêncio. Neste lugar, a grande maioria daqueles que vivem e trabalham é construída por descendentes de escravos, o pai de Ponciá e o irmão da moça, Luandi Vicêncio, trabalham na lavoura para a família que, praticamente, é a dona do lugar e de todos dali, a família Vicêncio. Além de deter o domínio sobre todas as terras, os Vicêncios detinham também o direito ao sobrenome dos afrodescendentes, os quais eram obrigados a assinar Vicêncio, assim como a família de Ponciá. Esta era mais uma forma de invisibilizar os negros destituindo-lhes o direito ao próprio nome.

Um dos passatempos da menina Ponciá era, entre outros, observar o arco-íris a enfeitar o Céu, acreditava que, segundo crenças populares, se passasse por debaixo do grande arco

mudaria de sexo. Ponciá se divertia e desafiava tal crença, brincava de fazer a travessia e, num misto de dúvidas e certezas, se tocava depois para comprovar a suposta mudança, “juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos” (PV, p.13).

Ponciá Vicêncio, desde muito pequena, apresentava traços físicos muito semelhantes aos de seu avô Vicêncio, o qual possuía uma deficiência em um dos braços, uma vez que, ainda em tempos de escravo, por meio de um surto de loucura, Vô Vicêncio atentou contra a vida da sua esposa e contra si próprio, ceifando a vida mulher e mutilando o próprio braço, ficando, assim, cotó. A menina Ponciá imita o braço cotó do avô mesmo sendo, ainda, criança de colo na época da partida de seu avô. Os mais velhos acreditavam que a menina trazia consigo uma herança do velho Vicêncio, uma herança identitária. Nêngua Kainda, uma velha de muitas sabedorias profetizava isso à família da menina.

Em épocas da infância, na ausência do pai e do irmão, Luandi Vicêncio, Ponciá Vicêncio, juntamente com sua mãe, trabalhava o barro, faziam juntas maravilhas com as mãos, as quais os homens da família se encarregavam de comercializar depois. Um dia, a menina fez um homem de barro com um braço cotó igual ao de Vô Vicêncio. A mãe teve cismas em função das profecias da velha Nêngua Kainda. Algum tempo depois, em função da perda do pai, a então jovem Ponciá Vicêncio decidiu partir rumo à cidade grande, em busca de melhorias para si e para os seus. Grande tristeza sentiu Maria Vicêncio.

Depois de uma viagem que durou dias e dias, a moça chegou ao seu destino, porém, sem nenhuma referência e nenhum conhecimento, acabou adormecendo na porta de uma igreja, estava encantada com tudo que vira dentro da casa de oração, dormiu ali mesmo. Após alguns percalços, Ponciá conseguiu emprego na casa de uma família e, feliz, dedicou-se muito ao trabalho a fim de juntar um dinheirinho para comprar o próprio barraco na favela e, assim, trazer a mãe e Luandi para viverem com ela.

Na vila, o irmão também resolve ir rumo à cidade grande, a mãe novamente se entristece. Assim como a irmã, Luandi chega ao destino final sem nenhuma referência, mas conhece um homem na estação que viria a lhe estender a mão depois, o soldado Nestor. Em pouco tempo, o irmão de Ponciá já havia arrumado emprego em uma delegacia, por intermédio de Nestor, a alegria de Luandi é imensa, pois também sonha com o dia em que iria vestir-se com uma farda, seria também uma autoridade, seria respeitado. A mãe, sozinha na

Vila Vicêncio, também decide partir, ir em busca dos filhos, assim, inicia-se uma vida de desencontros, pois Ponciá retorna à Vila e não encontra mais ninguém da sua família, apenas Nêngua Kainda que aproveita a ocasião para ressaltar a herança identitária a ser cumprida por ela e a certeza de que, um dia, reencontrará os seus. Ponciá decide, então, regressar à cidade.

Enamorada por um homem que conheceu na favela, Ponciá rapidamente se entregou em seus braços e decidiram juntar os trapos em um mesmo barraco. No começo as coisas vão bem, depois de um tempo, torna-se vítima de agressões físicas constantes, influenciado pelo estado em que a moça se encontra, total desligamento da realidade, sucumbida ao mundo das lembranças e devaneios, o marido se revolta e espanca Ponciá Vicêncio que não se abala. Por algum tempo fora feliz com aquele homem, depois vieram os filhos, sete, todos mortos, assim como o pai e o avô, duras perdas para Ponciá... ausências que culminaram em um estado mórbido e apático da jovem protagonista. O irmão de Ponciá, na cidade, vai se virando como pode, cultiva a certeza de que o fato de poder conhecer as letras o ajudará nesta busca errante pelo sonho de reencontrar a mãe e a irmã, assim, se esforça e aprende a ler e escrever.

Numa destas noites em que um homem solitário sai às ruas para afogar a solidão em outro corpo, Luandi conheceu a prostituta Bilisa, sentiu-se duplamente penetrado, pelo corpo e pela alma da moça, foi paixão à primeira vista, e o melhor disso, o sentimento foi recíproco. Fizeram planos de ficar juntos, no entanto, a alegria do casal durou pouco porque a jovem foi covardemente assassinada por Negro Climério, um comparsa da cafetina dona da casa onde a moça Bilisa vivia. Dura perda para o jovem filho de dona Maria Vicêncio. Luandi Vicêncio também retornou à Vila e não encontrou nenhum dos seus, porém, percebeu vestígios que denotavam a presença de alguém por ali não fazia muito tempo, logo imaginou que pudesse ter sido Ponciá, pois o homem de barro não estava mais guardado no baú e havia cinzas no velho fogão de barro. O jovem deixou anotado seu endereço e o entregou à velha Kainda, a fim de que ela o entregasse à mãe Maria Vicêncio.

Assim, de posse da referência, a mãe de Luandi e Ponciá parte ao encontro dos filhos, enquanto que Ponciá, movida pelas lembranças do barro, decide também voltar à Vila Vicêncio e a família se reencontra na estação. A profecia se cumpre formando o desfecho da narrativa, na qual Ponciá Vicêncio consuma a herança identitária centrada na sua ancestralidade, no barro, no arco-íris e no rio. E num misto de pranto-riso, Ponciá tomava para si a arte de costurar um tempo no outro.

Logo, de posse de certa familiaridade com os enredos dos dois já referidos romances, esta pesquisa convida a/o leitora/or a caminhar por meio das veias, às vezes tortuosas, da

literatura afro-brasileira. Por mais que já se tenha mencionado, é importante reforçar que, apesar de retratar uma realidade referente aos povos afrodescendentes, tanto *Becos da Memória* quanto *Ponciá Vicêncio* constituem-se enquanto ficção. Não é muito ressaltar que ambos os romances resgatam no tempo memórias vivas/coletivas que não podem nem devem ser adormecidas. Como salienta Benedito Nunes (1988, p.15)⁶, “tudo o que se conta acontece no tempo, toma tempo, desenvolve-se temporalmente, e o que se desenvolve no tempo pode ser contado”.

Não é muito observar que existe um discurso autoritário, historicamente construído, em torno de negros e brancos, em que estes últimos são considerados superiores aos primeiros e, um dos principais critérios de exclusão se dá em função da pigmentação diferenciada encontrada nos respectivos corpos. Tal discurso, ainda imperante, ora se manifesta de maneira explícita, ora velada; o que se percebe, enfim, é que este ainda se perpetua, por meio de enunciados reproduzidos que convergem para um único propósito: solidificar a segregação e o silenciamento em torno dos povos afrodescendentes.

É justamente na contramão destes vieses que se configura e ganha extrema relevância a contra-palavra advinda, sobretudo, da boca dos próprios negros e negras, ou seja, a escrita afroliterária constitui-se como um palco onde outras vozes far-se-ão ouvir, onde o dialogismo e a polifonia bakhtiniana protagonizam o discurso proferido por aqueles que deixaram de ocupar a posição de objetos para se constituírem enquanto sujeitos, donos e capazes de escrever a própria história. Cumpre ressaltar, entretanto, que mesmo na condição de silenciamento, enunciados se interpenetravam gerindo um discurso afrodescendente que, forçosamente, foi condenado a sucumbir-se às “sombras autoritárias de um discurso monologizado” (BRAIT, 2011 *apud* BARROS & FIORIN, 2011, p.15).

Nesta direção, é importante salientar que, nesta teia discursiva constitutiva da linguagem, a relação dialógica entre o eu e o outro se configura como o espaço de interação no qual uma multiplicidade de vozes se encontram, constituindo-se enquanto textos, uma vez que “os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz apenas se faz ouvir” (BARROS, 2011, p.6). Desse modo, Conceição Evaristo, assim como outros/as escritores/as afro-brasileiros/as, por meio de um olhar exotópico, criam ficções de memórias que muito se

⁶ Benedito Nunes *in* Narrativa: ficção e história. Dirce Córtez Riedel (Org.). Coleção Tempo e Saber, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1988.

aproximam de uma visão existencial afrodescendente, ou seja, “assim como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus e outras escritoras negras, Conceição transpõe a voz dos excluídos para a literatura, expondo ao leitor o pensamento, a ação e a consciência afrodescendente” (ARRUDA, 2007, p.14).

Logo, já estava mais do que na hora de estas vozes, que, por tanto tempo, estiveram ocultas, silenciadas, interditadas sob a aparência de uma representação outra, sucumbidas à palavra autoritária de um discurso eurocêntrico, se fazerem ouvir, de se libertarem das amarras e grilhões, de ecoarem, polifonicamente, seja por meio da arte literária romanesca, poesia, pintura, dança, religião, história, dentre outros. A palavra constitui-se como o signo da libertação dos povos afrodescendentes tornando-os atores e autores das suas próprias histórias.

INTRODUÇÃO

E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina.
(Conceição Evaristo, 2009)

A priori, posso ressaltar que a escolha deste tema de investigação se justifica pela relevância e pela necessidade de representatividade da mulher negra. Enleada por um olhar literário, confesso que a chance de me debruçar sobre a temática mulheres negras e a educação, por meio de algumas obras de Conceição Evaristo, além do contato riquíssimo com outras referências afro-brasileiras na militância em favor das mulheres negras, como é o caso da ativista Lélia Gonzalez, o professor Kabengele Munanga, Ana Cláudia Lemos Pacheco, além de Constância Duarte e da própria Evaristo, dentre outros, certamente fará a diferença em minha vida. Esta busca por alargar os horizontes em busca de conhecimentos em relação à população negra, em especial às mulheres, efetivamente contribuirá de maneira significativa para mim enquanto pesquisadora, todavia, torna-me muito melhor enquanto ser humano, enquanto mulher que sou e negra. São conhecimentos que levarei para toda a vida e, assim, proponho-me a somar forças na divulgação e militância em favor da nossa representatividade.

Interessa-me o fato de que as mulheres negras, tanto as militantes quanto as não militantes, estão conseguindo sair do espaço estereotipado relegado a elas por meio da História Oficial⁷ e sua hegemonia branca. Ainda que de forma inibida, as mulheres negras têm conseguido se firmar na Literatura, campo historicamente masculino e branco, assim como em outros setores com equivalente importância, como é o caso da educação. Por outro lado, não se pode pensar o mesmo em relação à mídia, a qual segue deturpando e reproduzindo estereótipos em relação às mulheres não brancas. Isso se concretiza por meio de muitas formas, sejam propagandas, novelas, filmes, entre outros, nos quais a mulher branca ainda é representada como o padrão de beleza a ser seguido.

Há que se ressaltar que muito ainda há por fazer, é uma luta árdua, diária, entretanto, só encontraremos a representatividade que nos é de direito e que nos foi suprimida, se continuarmos a desafiar a noção de *status quo* que ainda perpassa a consciência da gente branca, isto é, não cabem aqui generalizações, entretanto, pressupõe-se que a grande maioria

⁷ Entenda-se a História ensinada nas escolas, por meio dos manuais didáticos, a qual, além de invisibilizar as mulheres, em especial, as negras, contribui para a disseminação de uma cultura calcada no mais puro falocentrismo.

seja racista e cultive no bojo da sua essência o preconceito e a discriminação em relação aos negros. Para tanto, entre outras coisas, a organização em Movimentos Sociais⁸ foi precisa na representação desta luta em favor dos povos não-brancos. A importância da afirmação da identidade negra pode (e deve) ser ressaltada diariamente, seja por meio da cultura, história ou religião.

Penso que nós (educadores), enquanto formadores de opinião, temos a responsabilidade e o compromisso de dialogar com nossos alunos acerca da temática que envolve a população negra, apresentar a eles a outra face, aquela que a História Oficial não mostrou, excluiu. A educação precisa ir muito além dos restritos conteúdos pedagógicos limitados aos livros didáticos. Ironicamente, precisou ser transformado em lei algo que deveria ser de obrigação nas instituições escolares. Precisou-se estabelecer em lei que a história dos negros fosse contada, que fosse pauta do currículo escolar nacional por meio da lei 10.639/03⁹, haja vista a sociedade branca jamais ser capaz de restituir tudo e tanto que foi suprimido e brutalmente arrancado da população negra.

A História Oficial não é capaz de dar conta da representatividade dos povos não brancos porque é limitada, segregacionista e, majoritariamente, branca e sexista, assim, incapaz de saldar a dívida que tem para com a população afrodescendente e, em especial, com as mulheres negras. A possibilidade de percorrer os caminhos que, certamente, ampliarão meus conhecimentos acerca da raça negra, tornar-me-á uma educadora muito melhor, uma pessoa mais sábia e sempre mais humilde enquanto ser humano.

É urgente que as escolas tirem do papel a história do povo negro, com sua cultura, religião, credences e peculiaridades. Ao (à) educador (a) cabe despir-se do próprio racismo interior, discriminação e preconceito, porque, inevitavelmente, uma grande parcela segue perpetuando e reafirmando o lugar estereotipado historicamente ocupado pelas mulheres, sobretudo, as negras. Neste ambiente hostilizado e sexista, a escola, a mulher negra busca exercer o direito de permanecer em busca do conhecimento, haja vista a importância de estar inserida em um lugar que também lhe fora negado. Do alto do seu posto de instituição

⁸ Ver a esse respeito a tese da professora Ana Cláudia Lemos Pacheco, “Branca Para Casar, Mulata Para F..., Negra Para Trabalhar”: Escolhas Afetivas E Significados De Solidão Entre Mulheres Negras Em Salvador, Bahia, na qual a autora tece considerações de extrema importância para o entendimento acerca do Movimento Negro Unificado (MNU), além de ressaltar referências importantíssimas para alargar os horizontes em relação aos movimentos sociais afrodescendentes. Ainda, neste mesmo sentido, cabe ressaltar a tese de Bárbara Araújo Machado (2014), em sua dissertação intitulada “Recordar é preciso”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008), a qual também traz considerações de extrema importância para a compreensão do MNU.

⁹ Ver a esse respeito, entre outras fontes, http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/L10.639.htm

normativa, a escola dita ordens e regras, profere a palavra autoritária que segrega, estigmatiza e fere. No auge da sua identidade sexista, seleciona, imbuída dos discursos alheios cuja reprodução e assimilação tendem a invisibilizar e discriminar, ainda que silenciosamente, o negro brasileiro, a escola continua a reafirmar um lugar de preterimento em relação aos afrodescendentes. Conforme Pereira (2015, p.24), “se a escola, instituição primeira de um viver em sociedade, pode, muitas vezes, representar um lugar de humilhação e conflito para grupos historicamente já discriminados, é tempo de revisitar o papel de todos os envolvidos no processo de defesa da educação como direito de todos”.

Nesta direção, a autora proporciona reflexões necessárias, ou seja, torna-se urgente que olhares se debrucem sobre o papel da escola, sobre suas práticas e discursos, levando-se em conta, sempre, a possibilidade de desconstrução de ideias cristalizadas e hegemônicas em relação ao ensino, sobretudo, voltando-se para as práticas sexistas e racistas, comumente sedimentadas por entre as paredes das escolas. Enleada por este olhar subjetivo, esta pesquisa organiza-se da seguinte forma: Apresentação, em que serão explicitadas considerações acerca da escritora Conceição Evaristo e de seus dois romances, *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003), Introdução; Capítulo 1 - “Percurso Metodológico: caminhos possíveis”; Capítulo 2 - “Entrelaçando *Escrevivências*”; Capítulo 3 - “Pensando o Gênero, o Pós-Feminismo e suas Representações”; Capítulo 4 - “Uma educação para o feminino” - Capítulo 5 - “*Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*: análises possíveis”; Capítulo 6 - “Por Entre as Pedras Pontiagudas da Memória: Em busca dos Nossos Prazeres”.

No primeiro capítulo, é apresentada a trajetória narrativa por meio da qual se dá a luz a esta dissertação, os respectivos objetivos gerais e específicos, sobretudo, considerações acerca do referencial teórico-metodológico alicerçado em Mikhail Bakhtin (1981, 1993, 2011). O segundo capítulo refere-se à temática dos gêneros de forma geral e abrangente, de modo que propõe conceituar mulheres e escola a partir de estudos relacionados a este campo, numa tentativa de observar o modo como se dá a configuração dos gêneros sob a ótica dos estudos pós-feministas, atentando-se para possíveis desigualdades na história das mulheres com e na escola. Além disso, apresenta a história de vida da pesquisadora em interface com a escrita evaristianiana, uma forma de reiterar a polifonia e o dialogismo que permeiam os escritos de Conceição Evaristo.

Ainda sob a ótica dos estudos pós-feministas, observar esse processo de escolarização contemporâneo, no qual já é possível perceber a mulher com nível alto de escolaridade e com facilidades de acesso ao ensino. Por fim, espera-se estabelecer um contraponto entre o que se

tinha antes e o que se tem atualmente, sobretudo, no que se refere à democratização do ensino, embora a maioria docente seja, esmagadoramente, feminina, instituições escolares ainda reproduzem e perpetuam as velhas e hegemônicas práticas sexistas, ademais, observar como se dá a constituição dos gêneros no âmbito educacional.

No terceiro capítulo, atenta-se para questões relativas às mulheres no sentido de compreender as representações de gênero, com enfoque direcionado a observar estigmatizações e/ou discriminações que, de certa forma, privilegiam a construção das desigualdades, sobretudo em relação à mulher negra. O quarto capítulo apresenta considerações sobre uma suposta educação para o feminino, ou seja, formas socialmente construídas de se pensar a mulher. Pretende-se, ainda, conceituar os termos gênero e educação, discutindo e apresentando estudos sobre uma possível representação de educação para a mulher. Em outras palavras, lançar os olhos sobre posturas até então cristalizadas em função da educação para o feminino.

No quinto capítulo, o olhar se debruça sobre as duas obras de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2013) escolhidas para compor o *corpus* desta pesquisa, assim, por meio de suas tessituras, observar a emancipação da mulher, em especial da mulher negra e, em suma, apresentar as análises, as quais tendem a debruçar os olhos sobre a categoria mulheres-personagens dos referidos romances tomadas como contrapalavra ao discurso hegemônico, o qual traz como norma definidora da mulher negra o olhar estereotipado e sexualizado.

No sexto capítulo, verifica-se intersecção das análises das narrativas em interface com a *escrivência* da própria pesquisadora, numa perspectiva de pensar a mulher para muito além dos estereótipos a elas endereçados, quem sabe, proporcionar, assim, uma nova forma de se pensar a busca pelos próprios prazeres. Concomitante a este capítulo, seguem-se as considerações.

1 PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS POSSÍVEIS

O capítulo 1 apresenta os caminhos percorridos sobre a base teórico-metodológica do presente estudo, bem como ressalta a problemática da pesquisa, hipóteses, além dos objetivos e metodologia adotadas. Este primeiro capítulo irá situar o/a leitor/a convidando-o/a a conhecer a trajetória da pesquisa, quiçá, suscitar possíveis olhares a se debruçarem acerca da temática que envolve discussões em torno do povo afrodescendente.

O percurso metodológico escolhido está relacionado com os contatos iniciais com o tema cuja base é a educação e a mulher representadas em obras de Conceição Evaristo. A partir do momento em que me encontro representada por meio dos escritos da referida autora e opto por interseccionar, mesclar a minha escrita com a dela, piso no campo da polifonia, dialogismo e alteridade, ansiosa por beber da fonte de Mikhail Bakhtin. Conforme o russo, nos constituímos por meio do olhar do outro, uma relação intrínseca e dialógica e, nesse caso, creio que a minha escrita caminha ao encontro da escrita evaristiana, muito provavelmente pelo fato de termos alguns pontos em comum, sobretudo, a classe social.

Assim, percebo que me constituo a partir das memórias de Evaristo, me liberto de algumas encruzilhadas pessoais e, quiçá, a minha voz, assim como a dela, possa constituir a alteridade com muitas outras vozes-mulheres. Importante ressaltar que essa decisão de assumir a minha própria voz é, em suma, a chance de praticar a minha própria travessia, sair da zona de marginalidade na qual sempre estive inserida. Ademais, representa a chance de, por meio da minha voz em intersecção com a de Evaristo, sugerir ou oferecer respaldos para que outras mulheres também efetuem a transição, mulheres representadas numa perspectiva do coletivo. Diante do tema mulheres, raça/etnia e educação, adentro-me às memórias de Evaristo, às lutas em favor das mulheres negras, aos estudos relacionados aos gêneros, de modo que o aprendizado é deveras profícuo e engrandecedor.

1.1 O problema da pesquisa

Uma vez que, ao reavivar trajetórias e percursos pelos quais passou e foi protagonista, imagina-se que Evaristo discorra, literariamente, sobre esse processo de metamorfose vivido ao longo do tempo e, além disso, prima-se por observar em suas narrativas o lugar ocupado pela mulher dentro da hierarquia vigente, sobretudo da mulher negra. Enfim, ao lançar o olhar acerca da mulher retratada por Conceição Evaristo evidenciam-se, a partir da literatura da autora, possibilidades de histórias vividas por mulheres, com seus valores, princípios e

influências, dentre outros, que possam ter, de alguma forma, interferido em seus respectivos processos de escolarização, sendo ambientadas tanto dentro do seio familiar quanto dentro do universo escolar.

Em tese, esta pesquisa busca por informações que, de certa forma, possam situar o leitor acerca da necessidade de se perceber os gêneros como algo não inerente ao ser humano, mas social e culturalmente construído e que, assim, torna-se mister conhecer mais a fundo sobre esta temática, a qual, na maioria das vezes (e por escassez de conhecimento) é relegada a segundo plano, bem como evidenciar como as “diferenças” vão se constituindo, às vezes se firmando, outras sendo negadas em diversos campos, especialmente na esfera escolar e na sociedade de modo geral.

Partindo desse pressuposto, inúmeros questionamentos tornam-se perceptíveis, de modo que se pode pensar: de que forma o poder e o ensino aristocratizado, essencialmente masculino, influenciaram na vida das mulheres? Qual a contribuição da escola para a construção dos gêneros? Qual o papel social da escola como forma de representação tanto cultural quanto histórica nesse processo de constituir identidades? De que forma as narrativas memorialísticas, aqui representadas por meio dos escritos literários de Conceição Evaristo, podem contribuir para o entendimento acerca da educação da mulher? A escrita feminina pode ser vista como uma forma de empoderamento das mulheres? Qual a educação para a mulher expressa na obra evaristiana? Todas estas indagações culminaram em questões geradoras para esta pesquisa, ou seja, constituíram um eixo gerador no qual tenciona-se perceber:

Qual mulher é retratada por Conceição Evaristo e qual o papel da Educação para a construção dessa mulher?

1.2 Hipóteses

Em geral, sabe-se que sociedade é regida por normas, regras e leis que prescrevem a forma e o jeito do/a cidadão (ã) ser e estar no mundo, ao passo que aquele (a) que não se insere dentro do “pacote” automaticamente está fora dele. Isto posto, supõe-se que esta pesquisa, além de contar, literariamente, experiências humanas, por meio da narrativa evaristiana, possa contribuir com a chance de se conhecer um pouco mais acerca dos gêneros e refletir sobre o papel da escola no processo de construção e desconstrução destes, pressupondo que esta instituição apresenta-se como uma das principais propagadoras e

disseminadoras de desigualdades e diferenças, haja vista sua inserção dentro do “pacote” e os critérios puramente seletivos e paradigmáticos.

A priori, entretanto, nesta pesquisa, tencionei a possibilidade de entrevistar mulheres professoras, de preferência negras, cuja ideia era fazer com que, uma vez que ao reavivar trajetórias e percursos pelos quais passaram e foram protagonistas, discorressem sobre esse processo de metamorfose vivido ao longo do tempo. Além disso, primassem por relatos memorialísticos desenrolados no cotidiano escolar, nos quais fosse possível evidenciar histórias vividas por essas mulheres, com seus valores, princípios, influências dentre outros, que possam ter, de alguma forma, interferido em seus respectivos processos de escolarização, sendo ambientadas tanto dentro do seio familiar quanto dentro do universo escolar.

Em suma, observar, por meio das narrativas, como as “diferenças” vão se constituindo, às vezes se firmando outras sendo negadas em diversos campos, especialmente na esfera escolar. Mas a questão que se apresentava era a vontade de entrelaçar a pesquisa em interface com a literatura. Eram muitas as possibilidades... Posteriormente e, a partir de outras leituras e diálogos enriquecedores, cheguei ao nome de Conceição Evaristo, o qual me foi sugerido pela professora doutora Constância Duarte, numa dessas vezes em que pudemos nos falar. Era, ali, apresentada a mim, a literatura afro brasileira, e a possibilidade de adentrar as entranhas dos escritos de Evaristo e eu fiquei em puro êxtase.

Em conformidade com isso, privilegiei a busca pelo conhecimento acerca de algumas das obras de Conceição Evaristo, para, após, delimitar o *corpus* de análise e, assim, visualizar a mulher representada nos dois referidos romances, bem como observar a emergência de várias vozes que ressoam dos escritos de Evaristo, especificamente vozes de mulheres. Assim, dialogando com Bakhtin (1981, 1992, 1993, 2011), a partir de alguns conceitos (polifonia, alteridade e dialogismo), evidencia-se a importância de se lançar os olhos sobre a literatura de autoria feminina, em especial, à escrita afro-evaristiana como forma de dar a voz a sujeitos, até então, invisibilizados literariamente, dentre os quais negros e mulheres.

As leituras de Evaristo, posteriormente, transformadas em análises, se lançaram a olhar a mulher representada em suas tessituras, a fim de observar quais processos educativos foram envolvidos na construção desta mulher. Em outras palavras, salientar, quem sabe, literariamente, a construção e definição das identidades femininas emergentes na obra da autora. A ênfase na subjetividade permeada pelos escritos evaristianos apresentar-se-á como forma de buscar a interpretação das experiências representadas nas obras analisadas.

1.3 Os objetivos do estudo

Objetiva-se, de modo geral, compreender o processo da educação e significação do feminino visualizando literariamente a compreensão daquilo que poderia ser a representação das vivências de muitas mulheres, com recorte voltado às de mulheres negras, a partir dos romances de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2013). Especificamente, espera-se:

- Analisar os elementos transversalizados (raça, gênero, sexualidade e classe social) sobre a construção do feminino na educação em narrativas de mulheres;
- Refletir acerca das desigualdades relacionadas às mulheres no que diz respeito aos gêneros, por meio de um olhar especialmente pós-feminista;
- Conceituar a importância das mulheres para o exercício literário de autoria feminina, inter cruzando a escrita memorialística da pesquisadora em interface com a de Conceição Evaristo;
- Compreender a tensão entre vozes sociais que ressoam nos escritos de Evaristo.

1.4 Metodologia

Importa lembrar que esta pesquisa propõe uma abordagem qualitativa, a fim de lançar um olhar sobre as vivências e experiências, bem como as próprias relações humanas centralizadas nas tessituras de Evaristo, visto que a valorização de, como bem lembra Minayo (2001, p.21), “universos de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Isto posto, a teórica acima citada enfatiza que “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (p.22), ou seja, a referida abordagem, permeada pelas subjetividades das relações humanas, não cabe em quantificações, é, sobretudo, um processo em devir.

Como instrumento desta coleta de informações, privilegiei todos os meios que puderam oferecer subsídios para esta aquisição, levando em consideração, no entanto, a capacidade de veracidade, adequação e/ou precisão nas referências sobre Evaristo e sua obra. Importa lembrar que a escrita literária feminina, em especial a literatura negra, em linhas gerais, abala sistemicamente concepções até então cristalizadas.

Isto posto, pode-se inferir que esta pesquisa possui determinada relevância por apresentar pressupostos sobre uma suposta educação para o feminino. Tais constatações fazem-se por meio de reflexões teóricas que suscitam a desconstrução de identidades marginalizadas e ambientadas em discussões com vistas ao que se conhece por Pós-feminismo, ou seja, um feminismo com vistas às minorias, àqueles socialmente excluídos e, nesse caso, o povo negro e as mulheres.

É pertinente salientar que grande parte das bibliotecas locais não comporta nenhuma obra de Conceição Evaristo, além disso, constatei que a grande maioria acadêmica, da instituição em que estudo, não a conhecia ou já tinha ouvido falar dela. Esta realidade se dá, na maioria das vezes, em função das muitas dificuldades que escritoras, de modo geral e, em específico, as negras, encontram, ainda, em plena era contemporânea, em divulgar suas obras, se se pensar na extensão do grande mercado editorial brasileiro. No caso de Evaristo, algumas de suas publicações se devem a recursos financeiros próprios, no entanto, pode-se dizer que, apesar de todas as dificuldades pelas quais passou, a autora é considerada um dos cânones da escrita de autoria feminina no Brasil.

De posse de tais informações, optei por custear e adquirir os acervos então selecionados, sobretudo evidenciar quais olhares serão lançados sobre alguns escritos evaristianos, buscando enxergar, quem sabe, uma literatura em que mulheres se tornem autoras de suas próprias histórias, num movimento incessante de expressão da própria autonomia.

Como dados preliminares desta pesquisa destaca-se a busca por meio de sites como CAPES, BDTD, SCIELO, entre outros. Especificamente busquei por artigos, teses e dissertações que açambarcassem estudos relacionados às obras de Conceição Evaristo.

Assim, após encontrados alguns registros, os quais traziam análises das obras evaristianas (dos romances, em sua maioria), observei que poucos abordavam a relação com a educação, no entanto, a maioria voltava-se para os estudos da literatura, ressaltando a diáspora, a desconstrução dos estereótipos relacionados às mulheres negras e a escrita negra feminina como forma de dar autonomia à raça, sobretudo, às mulheres, o que é pertinente e louvável.

Um fator inquietante foi o fato de não se ter encontrado, dentre os referidos registros, nenhum que tivesse sido fruto de tessituras com bases fincadas em instituições matogrossenses, sobretudo, a UFMT, *Câmpus* de Rondonópolis, além de perceber que a grande maioria acadêmica (tanto professores/as quanto alunos/as) sequer já tinha ouvido falar

de Conceição Evaristo. Este dado é motivador para que eu tenha, ainda mais, a pretensão de fazer desta dissertação um bom trabalho, quiçá que esta seja a primeira (deste Programa de Pós-graduação) de muitas que trarão as narrativas e memórias de Evaristo em interface com a Educação, com vistas à construção de identidades femininas, tendo em vista a possibilidade de muitos olhares serem lançados sobre esta pesquisa, alargando novos horizontes para outras futuras.

Constatei, por meio de um total de 54 registros¹⁰ que, majoritariamente, as pesquisas voltavam-se para análises das personagens dos romances de Evaristo, sobretudo *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, em sua maioria ressaltando a temática da raça negra em um movimento de construção de identidades (com olhares voltados à representação de um sujeito feminino).

São representações literárias que falam da vida e sofrimento de um povo socioeconomicamente invisibilizado, por meio dos olhos de uma autora que busca dar a vez e a voz ao seu povo, ademais, porque também é negra e sente e/ou já sentiu na pele as próprias agruras que descreve. Como ressalta Pereira (2015, p.33), “a história do negro, quando narrada pelo próprio negro, em muito se diferencia da história recebida”. Ambos os romances trazem em suas personagens as marcas e os sentimentos de um povo que, dia após dia, luta contra todos os tipos de discriminações e preconceitos, socialmente e forçosamente, inscritos sob a cor de suas peles, especificamente perceptíveis nas personagens Ponciá Vicêncio (de romance do mesmo nome) e Maria Nova (*Becos da Memória*).

Não por acaso, a escrita de Evaristo se cristaliza e torna-se um dos cânones da literatura afro-brasileira, configurando-se como romance de formação, isto é, suas personagens, como representantes de um povo, transitam em busca de uma possível herança identitária que lhes fora roubada por meio de um branqueamento forçado. Dito de outra forma, a gente negra foi obrigada a assimilar para si os costumes e a cultura dos brancos, devendo abandonar aquelas que lhes era própria. Assim, revela Munanga (1986, p.27), que “o

¹⁰Vale ressaltar que assim se configurou esta constatação: a princípio, a partir do descritor “Conceição Evaristo”, por meio do site de buscas BDTD, obteve-se um total de 17 registros, com maior relevância para as teses, sendo 07 dissertações e 10 teses; pelo banco da CAPES, com o mesmo descritor, encontrou-se 09 registros, sendo 04 teses e 05 dissertações. Neste mesmo site de buscas, com o descritor “Escritoras Negras” foram encontrados 04 registros, dos quais 03 já foram citados com o descritor anterior. Por meio do descritor “Narrativas e Mulheres negras”, encontrou-se 09 registros dos quais apenas 04 ainda não haviam sido listados. Por outro lado, ao acessar o Portal de Periódicos Scielo - artigos - obteve-se 08 registros encontrados, dos quais apenas 01 não era pertinente à temática abordada. Por meio do descritor “Mulheres Negras”, 113 registros foram encontrados, dos quais, filtrados para “Estudos da Mulher” e “Revista Estudos Feministas”, observou-se um total de 16 registros. Desse modo, observou-se no total de 167 registros dentre artigos, teses e dissertações abordando a temática da raça negra, todavia apenas 54 relacionavam-se diretamente às obras de Conceição Evaristo.

embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco”, além disso, ressalta o teórico que tal ação de embranquecer também faz-se por meio das relações sexuais entre negras, mestiços e brancos.

É justamente na tentativa de ressuscitar costumes, valores e culturas afrodescendentes que a escrita feminina de Evaristo surge como voz que, entre outras, traz uma emancipação e/ou libertação literária para um povo que, até então, não saiu dos estritos limites dos bastidores. Nesse sentido, deixo-me penetrar, no mais íntimo dos meus pensamentos e, embora entrecortada pela ficção, compartilho um pouco da minha história de vida, resignificando-a neste eterno devir que é o processo de construir a nossa própria identidade.

1.5 Diálogos com Mikhail Bakhtin a partir de *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003): alteridade, dialogismo e polifonia, saberes necessários na produção dos conhecimentos evaristianos

Ao pensar a análise proposta para esta pesquisa, pautando-me por meio de pressupostos bakhtinianos, explicitamente, estou ressaltando que todo o conhecimento apreendido se dá a partir de uma interação dialógica entre pesquisadora (or) e objeto/sujeito. Em um movimento alteritário constante, essa relação eu-outro perpassará todo o processo da minha escrita. Não é muito lembrar que, numa perspectiva bakhtiniana, conforme reforçam Albuquerque e Souza (2012, p.11), “dialogismo e alteridade, na obra de Bakhtin, são conceitos que não podem ser pensados separadamente”. Nesta perspectiva, quando partimos para uma abordagem metodológica calcada em Bakhtin, estamos enfatizando que os já mencionados conceitos irão nos orientar para as reflexões advindas da pesquisa, sem, entretanto, deixar de ressaltar que a busca pelo conhecimento é sempre um processo inconcluso, inacabado e em construção.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa em Ciências Humanas atribui relevância e pauta-se pela importância dada às relações humanas, pode-se afirmar que esse processo, isto é, o ato de pesquisar não acontece de forma monológica, sobretudo, se se levar em consideração que “as ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial)” (BAKHTIN, 1992, p.334). Logo, para o filósofo, o homem das ciências humanas é igualmente texto e não pode ser entendido fora desse contexto, ou seja, quando se abre os olhos para outras direções

que não esta “já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc)” (Idem).

Conforme considerações do filósofo russo, o conhecimento efetivo se dá por meio de um processo de interação do “eu” para com o “outro”, de modo que a alteridade acontece a partir da “compreensão que o sujeito tem de si e se constitui por meio do olhar e da palavra do outro” (SOUZA, 2003, p.83). Neste sentido, pesquisar é, antes de tudo, conforme considerações de Jobim e Souza (2003, p.90), interseccionar o discurso do outro ao do pesquisador, permitindo um compartilhamento mútuo de saberes e “revelando as possibilidades criativas e críticas do conhecimento construído na interação com o outro. A proposta do pesquisador é, portanto, construir um conhecimento dialógico, um conhecimento permanentemente compartilhado”.

Ainda, conforme Salgado (2005, p.21), “o dialogismo e a alteridade fazem da busca pelo sentido, na pesquisa em ciências humanas, um acontecimento compartilhado que sobrevive na relação com o outro”. Assim, pode-se inferir que construir conhecimento em ciências humanas é, antes de tudo, atribuir sentido à palavra do outro, isto é, reconhecer que, do meu lugar de sujeito no mundo, sou insuficiente, não me basto, não há produção de sentido isolada. Assim, torna-se mister evidenciar que, conforme ressalta o russo Mikhail Bakhtin, “por *palavra do outro* (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a minha” (1992, p.383, grifo do autor).

Tendo em vista que a construção do conhecimento remete, *a priori*, ao diálogo com a palavra do outro, é pertinente inferir que a linguagem, tal como ressalta o russo Mikhail Bakhtin (1992), é o fio condutor que atribui sentido à própria existência, afinal, o discurso é mediador de todos os tipos de relações, “o discurso está na produção da cultura e da vida social, na criação artística e na constituição da vida subjetiva” (SALGADO, 2005, p.22).

Logo, nesta cadeia comunicativa, as palavras, conforme insiste Bakhtin (1981), são signos ideológicos que, ditos ou escritos, refletem e refratam distintas realidades, ou seja, constituem-se como “o material privilegiado da comunicação da vida cotidiana” (p.37). Nesta direção, um enunciado não pode ser pensado isoladamente porque só adquire sentido completo quando se une a outros, formando o que o autor denomina de “elo na cadeia da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1992, p.308). Um enunciado é proferido sempre com vistas a uma atitude responsiva ativa do outro, é, pois, ainda, sempre uma resposta a outros

anteriores. Para o russo, o enunciado caminha sempre ao encontro de um suposto destinatário, proporcionando possibilidades de respostas e, desse modo, a palavra constitui-se como um território comum a ambos, locutor e interlocutor.

Em suma, nesta cadeia comunicativa, a linguagem não pode ser estanque, ao contrário, está sempre em movimento, costurando outras vozes, sempre em devir. Para Bakhtin (1992), o dialogismo se faz presente em todo e qualquer discurso visto que “está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (p.316). Para o russo, o enunciado está sempre em relação dialógica com outros, será sempre uma resposta a outros anteriores, sem, necessariamente, ter a obrigatoriedade de caminhar ao encontro destes, ao contrário, pode refutá-los ou confirmá-los, complementá-los ou restringí-los, enfim, há sempre uma “reação-resposta” (Idem) e uma atitude responsiva ativa que torna locutor e interlocutor enunciados que se refletem mutuamente.

Neste sentido, ressalta Salgado (2005, p.22), “todos os enunciados são respostas a outros que já foram ditos e ainda serão ditos”. Assim, o dialogismo e a alteridade se constituem como regentes e exercem com maestria o ato de orquestrar o tecido das muitas vozes sociais das quais se constitui o discurso. Fiorin (2008, p.55), nesta mesma direção, torna explícito que:

Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser.

Logo, nos constituímos para e pelo olhar do outro, a forma como nos posicionamos, como nos vestimos, nos calçamos, enfim, nos voltamos para esse processo de produzir-se, de interagir física e socialmente com olhos direcionados para o outro, uma vez que “é com o olhar do outro que me comunico com meu interior” (SOUZA, 2003, p.83). Dessa forma, o dialogismo, para Bakhtin, constitui-se como as produções/relações de sentido que se estabelecem entre enunciados. Em outras palavras, o discurso proferido e lançado na arena das palavras permeia-se por meio das relações com outros que não se restringem ao diálogo face a face nem tampouco possui como única dimensão o tempo presente, ao contrário, atravessa gerações e épocas distintas.

Em suma, o dialogismo é o coração-motor constitutivo da linguagem e, nesta cadeia comunicativa, os enunciados ora se confrontam ora convergem, o que, de fato, se pode evidenciar é que formam um entrelaçamento de fios-enunciativos que, juntos, tecem a grande rede discursiva na esfera do sistema da língua. Afinal, conforme o russo, “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (BAKHTIN, 1981, p.147).

Neste movimento alteritário-dialógico, no qual o outro é parte essencial para que o sujeito se constitua e adquira visibilidade, é possível pressupor que a escrita de Evaristo é, em suma, a revelação de muitas vozes-mulheres ocultas e silenciadas, que nunca se fizeram ouvir. Ainda, é pertinente salientar que a tessitura evaristiana proporciona uma tomada de consciência feminina negra, vozes-lamentos que ecoam dos muitos becos das memórias da autora.

Assim, pode-se inferir que a literatura de Conceição Evaristo se constitui como um signo ideológico que “reflete e refrata” a realidade de muitas vozes-mulheres que se farão ouvir por meio de suas palavras, porque, da mesma forma que o meu olhar necessita do outro para que eu me veja, me encontre, me constitua e me complete, assim, a palavra proferida também necessita daquela de outrem para que haja significação (JOBIM e SOUZA, 2003, p.84).

Neste sentido, como ressalta o russo Mikhail Bakhtin (1981, p.41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Ainda, conforme o filósofo, é por intermédio da palavra que as transformações sociais podem acontecer, isto é, “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (Idem). Neste sentido, a alteridade se apresenta na escrita de Evaristo como uma via de mão dupla, isto é, ora se manifesta nas palavras da própria autora, ora por meio das vozes silenciadas que emanam do próprio texto.

Segundo Marília Amorim (2004, p.19), isto se explica uma vez que, mesmo com a “voz silenciada ou ausência de voz, a alteridade se marcará muitas vezes desse outro modo. Mas tanto pela voz como pelo silêncio, estaremos às voltas com a produção de sentido”. Isto se verifica em um trecho de *Becos da Memória* (2013, p.52), no qual são explícitadas/representadas as dores de Evaristo enquanto descendente de povos africanos e de tantas outras silenciadas por entre os becos das muitas senzalas-favelas. Assim, ao apresentar

as dores de Luizão, filho do avô de Maria Velha, Conceição Evaristo está ressuscitando as memórias de muitos dos seus ancestrais:

Luís fora menino inteligente, sempre indagador das coisas e das causas. Era um rebelde, odiava os sinhôs. Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, por fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar apenas a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita!

Esta produção de sentidos referente ao trecho acima citado retoma o viés da ancestralidade, com sua linguagem, cultura, costumes, enfim, memórias vivas coletivas sucumbidas, em grande parte, a um embranquecimento forjado a ferros, troncos, açoites, choros, lamentos e sangue. É possível inferir que a alteridade se constrói no e a partir do processo do qual “eu” me reconheço e me constituo através do discurso/olhar do outro e vice-versa, ou seja, quando constituo a mim mesmo, constituo também o outro, concomitantemente altero a mim e ao outro. Neste olhar alteritário, a autora enfatiza o pertencimento étnico ao resgatar a terra distante e, sobretudo, ao qualificar a linguagem bonita e inesquecível que, conseqüentemente, não é a dos brancos.

Em suma, o sujeito vai se constituindo por meio das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Logo, esse é um processo que acontece naturalmente em relação a qualquer “discurso vivo” e não se resume apenas ao diálogo face a face, “ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente da sua dimensão, são dialógicos” (FIORIN, 2008, p.19). Neste sentido, é pertinente ressaltar que, conforme o russo, não existe um discurso que não seja perpassado pelo discurso de outrem, ou seja, para Bakhtin (1993, p.88), “apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto”.

Esta necessidade de se atentar para a alteridade pressupõe observações que se fazem pertinentes aos olhos do pensador russo, visto que, como reforça Stam (1992, p.17), “em se tratando de um diálogo humano, observa Bakhtin, posso ver o que você não pode ver (você mesmo, sua expressão, os objetos que estão por detrás de você) e você vê o que não posso ver”. Neste sentido, Mikhail Bakhtin denomina de “excedente da visão” aquilo que o somente o outro pode ver em mim e além de mim, de modo que “esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro

indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo” (BAKHTIN, 2011, p.21).

Dito de outra forma, do meu lugar de sujeito no mundo, só eu posso ver as coisas do lugar de onde estou, os que estão fora de mim verão outras coisas além das quais posso enxergar. Ao beber da fonte de Mikhail Bakhtin, certamente, pesquisador(a) e leitor (es/as) não ficarão imunes, sentir-se-ão penetrados (as) pelos fios mais tênues do conhecimento advindos do pensador russo, num movimento de extâses e aprendizagens. Enveredar-se pelos pensamentos bakhtinianos é, entre outras coisas, tornar-se igualmente texto, é, antes de tudo, aprender a reconhecer no outro uma extensão de si mesmo, é, ainda, certificar-se de que nos constituímos a partir e por meio do olhar do outro.

Em tese, pode-se pressupor que alicerces tão caros ao discurso/à linguagem, como os referidos conceitos bakhtinianos, proporcionarão a esta pesquisa a chance de se construir a partir do olhar do outro, de outras vozes-mulheres presentes tanto nos escritos da autora Conceição Evaristo quanto da minha própria voz enquanto pesquisadora. A alteridade permite esta reflexão e, sobretudo, a chance de se encontrar e se constituir enquanto um processo inacabado. Bakhtin (2011, p. 14) esclarece que “a última palavra caberia à nossa própria consciência e não à consciência do outro, mas nossa consciência nunca dará a si mesma a palavra concludente”, isto é, um sujeito não basta a si mesmo, necessita do olhar do outro para se constituir cotidianamente.

Dito de outra forma, esta “dependência” começa ainda muito cedo pois, só se sabe, entre outras coisas, acerca do seu próprio nome por meio da boca de outrem. Neste processo alteritário, também a pesquisa se constitui como um devir, sempre abrindo margens para outras/novas descobertas. Polifonicamente, é possível inferir a importância destas vozes-mulheres construindo aquilo que o pensador russo denomina de “ponte entre mim e o outro”, ou seja, a palavra constitui-se como um eixo libertador neste processo de interação dialógica no qual eu me constituo a partir do olhar do outro e vice-versa.

Assim, é possível pensar que essa “ponte” sirva de “travessia” para que muitas mulheres, assim como eu, possam percorrer, por mais tortuosos que sejam os caminhos, ousar e transpor a linha da marginalização, representante da zona fronteira na qual fomos brutalmente inseridas. No meio do caminho seguem as mulheres brancas, todavia, este caminho também pertence às negras, logo, não devem ficar/continuar às margens. É mister que esta polifonia de vozes se multiplique e ecoe por todos os cantos como um brado libertador, cujo intuito seja o de quebrar as amarras do silêncio e subalternidades vigentes.

Conforme Bakhtin (2011), a incompletude do eu se concretiza a partir da participação do outro, ou seja, uma vez que o excedente da visão reflete mundos diferentes tanto para o eu quanto para o outro, torna-se impossível pensar a completude de um sujeito monológico, visto que a polifonia é o berço-mãe de todo e qualquer discurso – não há um discurso único, proferido pela primeira vez, antes há uma dialogicidade que perpassa o tempo e insurge-se por entre as gerações. Neste sentido, ao passo que o dialogismo é o princípio a partir do qual se constitui a linguagem, o discurso, os enunciados, ou seja, a partir do qual se considera a palavra do outro, a polifonia pressupõe a forma como se introduz o enunciado alheio no próprio de cada um.

Em outras palavras, torna-se relevante ressaltar que todo e qualquer enunciado comporta palavras alheias, ora explícitas ora veladas, cada uma refletindo distintos níveis de alteridades. Partindo desse pressuposto, é pertinente ressaltar que a polifonia presente nos textos de Evaristo rompe com a linha da invisibilidade predeterminada para as mulheres negras. Há uma multiplicidade de vozes que se interseccionam reforçando a conceitualização bakhtiniana de que nos constituímos a partir/por meio do olhar do outro. Para o russo, “o que vejo predominantemente no outro, em mim mesmo só o outro vê” (BAKHTIN, 2011, p.22).

Neste sentido, somos a metamorfose da própria linguagem, na qual, corpos, ações, pensamentos, ditos, não-ditos se fundem formando muito mais que “um sistema abstrato”, isto é, conforme Stam (1992, p.12), para o russo a linguagem é também “uma criação coletiva, parte de um diálogo cumulativo entre o ‘eu’ e o outro, entre muitos ‘eus’ e muitos outros”. Ainda, parafraseando o russo, o referido teórico ressalta a importância de se perceber a comunidade linguística como um palco onde “diferentes linguagens de diversas gerações, classes, raças, gêneros” tornam-se protagonistas da própria heteroglossia. Em suma, enfatiza que “cada língua é um conjunto de linguagens e cada sujeito falante abre-se para uma multiplicidade de linguagens” (idem). Assim, calcada em pressupostos bakhtinianos, pode-se pensar que a linguagem é sempre um lugar de confronto entre o “eu” e o outro.

Pensando por este lado, é possível inferir, polifonicamente, que muitos são os “outros” que se encontram representados na lingua(gem) de Conceito Evaristo. Isto se verifica quando se percebe que a escrita literária afro é, antes de tudo, um grito de independência e canto de lamento por todas as vozes outrora silenciadas, em especial, das mulheres negras. Grosso modo, uma forma de dizer de todas as privações e exclusões impostas ao povo não-branco pautadas por um sistema eurocêntrico. Em suma, a manifestação de “língua selvagem” como ressalta Glória Anzáldua (2009, p.306), línguas decepadas, silenciadas, sepultadas vivas, mas

que emergem da obscuridade para novamente se fazerem ouvir. Nas palavras da chicana Anzaldua: “Asfixiadas, cuspiamos a escuridão. Lutando contra nossa própria sombra, o silêncio nos sepulta”.

Compartilha Anzaldua que, em sua cultura, as mulheres eram, desde muito pequenas ensinadas a resignar-se, isto é, a cultura chicana era fortemente permeada por um sexismo explícito, no qual restringia-se o vocabulário aplicado às mulheres de modo que determinados dizeres as colocavam em situações desfavoráveis em relação ao que se pressupunha “educação para o feminino”.

Dessa forma, conforme a referida chicana “bocuda, responentona, fofqueira, boca-grande, questionadora, leva-e-traz, são todos signos para quem é malcriada. Na minha cultura, todas estas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres – eu nunca as ouvi aplicadas a homens” (ANZALDUA, 2009, p.306). Ainda, conforme a autora, tão grande é a forma de silenciamento imposta às mulheres de sua cultura que muitas formas de expressão são pronunciadas no masculino, “a linguagem é um discurso masculino”, assim, o que causa maior espanto é saber que esse “retrocesso” acontece no seio da própria gente chicana, como não bastasse as exclusões a que são constantemente subordinados os povos falantes do espanhol oriundo das zonas fronteiriças, em específico, as mulheres.

Destarte, a voz de Anzaldua, assim como a de tantas outras feministas marcadas pela luta anticolonialista, ecoa, polifonicamente, permeada por outras vozes de mulheres também há muito silenciadas, a chicana incorpora sua voz, partindo também da própria experiência de vida, à luta em favor dos povos menos favorecidos, daqueles há muito colonizados e embrutecidos pelo sistema vigente, de tantos que, assim como ela, foram e são invisibilizados e excluídos do seio social, em especial, em favor das mulheres pobres, analfabetas, marginalizadas e, mais especificamente, daquelas não-brancas. Neste sentido, a chicana, entre tantas outras mulheres, assim como Conceição Evaristo, assume a bandeira da luta de classes, bem como a de movimentos antiracistas e antissexistas, fazendo ressoar, assim, a voz de grupos minoritários supostamente invisibilizados.

Em suma, a escrita anzalduana caminha ao encontro das *escrevivências* evaristianas, enleadas por um dialogismo que ressalta das entranhas das vozes-mulheres-pós-coloniais. Da mesma forma que a autora ressalta o preconceito relacionado ao espanhol chicano, a linguagem afro-brasileira também é acometida de estereótipos e/ou exclusões, refletindo, assim, na mutilação da identidade de um povo. Surge, então, desta necessidade de ressuscitar

a própria língua, a língua de origem, a urgência de alargamento dos horizontes afro-literários, sobretudo, em relação às mulheres.

Diante disso, pude constatar que a escrita de Conceição Evaristo transita, polifônica e dialogicamente, dentro dos pressupostos bakhtinianos, haja vista a grande arena das palavras de Evaristo constituir-se como abrigo para que outros “eus” e outras vozes silenciadas se libertem e se façam ouvir. Desde o momento em que optei por inserir minhas memórias enquanto narrativas que convergem com as vozes que saltam dos escritos de Conceição Evaristo, tenho me deparado, em alguns momentos, com situações e/ou experiências vivenciadas por ela que, muitas vezes, foram as minhas e as de muitas outras mulheres da minha família, bem como, certamente, representam as vivências de muitas outras mulheres, sobretudo, se pobres e/ou negras, espalhadas Brasil afora.

Em alguns momentos, submersa nas minhas indagações, cheguei a pensar que poderia ser posta em xeque a cientificidade da minha pesquisa, visto que me sinto tão imbricada e permeada pelo meu objeto de pesquisa que escorro subjetividades por entre as linhas que escrevo. Vivencio esta tessitura de um lugar ao qual também pertencço: a zona fronteira da qual fala Anzaldúa, ou seja, esta possibilidade de me encontrar dialogica e polifonicamente com a literatura evaristiana faz-me transitar “por entre os becos das minhas próprias memórias”¹¹, ressignificando, talvez, a minha própria história.

Neste sentido, encontrei alento e gozo nas palavras da própria Conceição Evaristo quando esta se posiciona de maneira equivalente e ressalta seu entrelaçamento com o objeto de pesquisa ao escrever a sua tese, ressaltando que, ao transformar o objeto pesquisado, somos, intrinsecamente, transformados por ele. Quiçá esta seja a diferença fundamental para o êxito da pesquisa em Ciências Humanas, haja vista essa possibilidade de acasalamento entre pesquisador e objeto.

No caso de Evaristo, as indagações também a perseguiram, contudo, partindo do princípio da posição que ocupa dentro da própria escrita, a de mulher e negra, sustentou na Academia esta relação íntima que também mantinha com a sua pesquisa. Assim, numa das entrevistas concedidas a Bárbara A. Machado¹² (2014, p.31), a autora, ao falar da sua subjetividade enquanto intelectual, ressalta a importância de se reconhecer dentro da própria

¹¹ Grifo meu.

¹² Conferir a esse respeito: Bárbara Araújo Machado. “**Recordar é Preciso**”: Conceição Evaristo e a Intelectualidade Negra no Contexto do Movimento Negro Brasileiro Contemporâneo (1982-2008) Niterói – 2014.

“escrevivência” e não sucumbir nem mesmo frente à Academia. A autora ressaltava com as próprias palavras de Evaristo:

Tanto meu texto [literário] quanto meu texto ensaístico são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As minhas escolhas teóricas, elas estão em consonância com a minha vivência, com a minha condição de cidadã negra na sociedade brasileira. Inclusive no dia da defesa da [minha] tese, uma das coisas que os professores apontaram e eu fiquei muito feliz – porque na avaliação eles apontaram como um dado positivo, o que é muito difícil – é que eles perceberam uma profunda confusão entre o pesquisador e a matéria pesquisada. E você sabe que a academia não quer isso, né? E eu já começo dizendo na minha apresentação do texto, na hora, diante da banca, eu já começo dizendo que eu me confundo com o objeto pesquisado. E eu sabia que isso era uma afirmação perigosa, principalmente se você está num momento em que a academia está avaliando. E aí eles fazem essa avaliação [...] (EVARISTO, 2013: s.p.).

Em consonância com a voz de Evaristo, assim como a minha, outras vozes de mulheres ressaltam de seus escritos e vivências. Neste movimento polifônico em que volta seus olhos para uma representatividade coletiva de mulheres, a autora reforça, como enfatiza Discini (2014) *apud* Brait (2014, p.72), por meio desta multiplicidade de vozes, a “interação de consciências equipolentes e interiormente inacabadas”, ou seja, consciências que, preteridas no bojo social, não construíram as próprias identidades, postas brutalmente à margem, ecoam seus lamentos, emanando, juntamente com a voz de Conceição Evaristo, “uma vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento” (Idem).

Logo, esta “vontade” perpassa as tessituras evaristianas presentificadas nas suas mulheres negras, naquelas personagens polifônicas que trazem à tona contra-discursos em relação à democracia racial vigente e hegemônica. Este viés polifônico que atravessa a escrita de Evaristo possibilita-lhe a arte de se encontrar com as muitas mulheres que coabitam dentro do seu universo literário, revelando suas individualidades e/ou subjetividades, quiçá seja possível pensar que as personagens negras evaristianas possuem vida própria, não são apenas mencionadas pela autora, antes, por meio de um processo dialógico e polifônico “se entrecruzam as entonações das vozes na orientação responsiva do discurso do herói em relação ao do seu criador e vice-versa” (DISCINI, 2014, p.73).

Em determinada época da vida, Bakhtin chegou a pressupor a assimetria entre o personagem e o autor, em que este último tornar-se-ia superior em relação ao primeiro, contudo, após estudos relacionados a, dentre outros, Dostoievski, o filósofo russo pressupõe um herói que possui uma voz equivalente à do autor, ou seja, não se percebe nenhuma

vantagem de um sobre o outro, ao contrário, o que se tem são duas consciências em relação de proximidade absoluta.

No entanto, por mais que haja uma interação entre duas consciências, a relação de alteridade é sempre perpassada por uma tensão. No caso da relação autor/herói, esta tensão se dá de forma passiva, uma vez que o autor ocupa uma posição de consciência criadora, isto é, uma consciência que assegura um acabamento do herói e da própria obra. Em outras palavras, “o discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói” (BAKHTIN, 1992, p.33).

Por outro lado, assevera o pensador russo que nesta relação criador/criatura é necessário que o autor adquira uma vida extra, que se torne um outro para além de si mesmo na busca pelo acabamento do herói, “deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro” (BAKHTIN, 1992, p.34), haja vista a necessidade de um excedente da visão que possa dar conta de um todo pronto e acabado do herói. Dito de outra forma, o fundo ao qual o herói dá as costas deve ser visto, observado e assimilado pelo criador para assegurar o acabamento da sua criatura. Para Bakhtin (1992), o sujeito não enxerga a si mesmo a não ser pelos olhos de outrem, visto que:

Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 1992, p.43).

Em conformidade com isso, torna-se pertinente inferir a necessidade de o autor despir-se de si mesmo para proporcionar o acabamento do herói, afinal, precisa enxergar para além da própria consciência criadora, antes, enxergar todo o fundo exterior ao herói. O autor, deve, pois, situar-se para além do herói, numa interrelação que os aproxima. Ao se utilizar daquilo que denomina *exotopia*¹³, Bakhtin (1992) tenciona tornar explícito a forma como se percebe uma consciência fora da outra, ou seja, a maneira como se contempla o outro, que, por conseguinte, está situado em um dado lugar que eu mesmo não ocupo.

Em outras palavras, do meu lugar de sujeito no mundo, tenho um excedente de visão em relação ao outro que, este, por sua vez, também tem em relação a mim e, uma vez

¹³ Grifo meu.

situados, ambos, nesta fronteira visual, de fato, é justamente esta exotopia que possibilita enxergar a forma acabada do outro.

Esse *excedente* constante da minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que eu sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias – todos os outros se situam fora de mim. A exotopia concreta que beneficia só a mim, e a de todos os outros a meu respeito, sem exceção, assim como o excedente da minha visão que ela condiciona em comparação a cada um dos outros [...] o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim (BAKHTIN, 1992, p.43, grifo do autor).

De acordo com Geraldi apud Freitas, Souza e Kramer (2003, p.44), importa lembrar que “a visão do outro nos vê como um pano de fundo que não dominamos. Ele tem, relativamente a nós, um excedente de visão. Ele tem, portanto, uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele”. Bakhtin (1992, p.44), ao utilizar-se do conceito da exotopia, assim define (define esse pano de fundo)¹⁴ que “o excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos e externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se”.

Em outras palavras, esse excedente da visão do autor em relação ao herói é o que permite pensar este último como um todo, uma obra acabada. Dessa maneira, é possível inferir que, segundo o olhar exotópico do russo, o outro é fundamental porque é somente através do olhar dele que nossa imagem externa ganha vida, ou seja, o campo da visão que tenho de mim mesmo é insuficiente para compor um todo visível, necessito, pois, desse acabamento que só será possível por meio do olhar de outrem. Conforme Mikhail Bakhtin (1992):

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem retirar-lhe a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele, devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN, 1992, p.45).

¹⁴ Grifo meu.

Consciente deste inacabamento, o sujeito-autor sabe que é esse olhar exotópico que proporcionará o acabamento das suas personagens. Apesar de, nesta criação estética, o autor comportar todas as consciências em si mesmo, é, pois, necessário, que ele se afaste de seus “sujeitos” num distanciamento que é, por definição, esse excedente de visão que possibilita compor o todo da obra, ou seja, permite o acabamento do herói e dos acontecimentos que o circundam.

De posse da compreensão de que somos insuficientes e não nos bastamos, de que somente por meio do olhar do outro é que adquirimos o acabamento da nossa própria consciência, deixo-me escorrer por entre as linhas desta pesquisa, torno-me igualmente texto, cujos horizontes se abrem para possíveis reflexões por meio dos olhos de outrem. Como bem ressalta Mikhail Bakhtin (1992, p.37), “na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida”.

Ao adentrar o campo literário e contar um pouco da minha própria história, torna-se pertinente ressaltar o lugar de onde eu falo, das minhas angústias em reconhecer nos escritos de Evaristo muito da minha própria vivência, do meu lugar de mulher e pobre que, apesar da cor parda, se considera uma legítima descendente de negros, visto que meu pai biológico foi o único filho a nascer com uma cor parda dentro de uma família completa de afrodescendentes. Esse olhar dialógico que reitera a minha escrita em convergência com a de Conceição Evaristo permite-me transitar por entre os becos de suas memórias e retonar à minha própria consciência, ao meu próprio lugar. Para o russo:

Quando me identifico com o outro, vivencio sua dor, precisamente na categoria do *outro*, e a reação que ela sustenta em mim não é o grito de dor, e sim a palavra de reconforto e o ato de assistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético (BAKHTIN, 1992, p.46, grifo do autor).

O cabelo carapinha revela a identidade afro e eu me orgulho muito da minha origem. Apesar de não ter tido nenhum convívio com a família paterna, sei que nas minhas veias corre um sangue forte, do qual me orgulho e, não importa a cor da minha pele, sou descendente de negros, me sinto e sou uma negra legítima. Acho importante ressaltar, uma vez que me percebo enquanto mulher representada por meio dos escritos de Evaristo e, uma vez, constituída enquanto texto, faz-se necessária a “validação emotivo-volitiva da minha imagem a partir do outro e para o outro; porque dentro de mim mesmo, tenho apenas a minha própria

validação interna, uma validação que não posso projetar sobre minha expressividade externa” (BAKHTIN, 1992, p.50), haja vista, eu, enquanto sujeito, encontrar-me situado na fronteira da minha própria visão.

Autores, como Louro (1997), Butler (2007, 2014), Bourdieu (2002), Foucault (2014), Moreno (1999), entre tantos outros, cumprem a função de caminhar de encontro a esta construção sexista relacionada às identidades dos sujeitos. A partir de reflexões importantes sobre os papéis sociais predeterminados hegemonicamente pela própria sociedade e, em consonância com isso, reproduzidos em nome de uma suposta “normalidade”, posso, ainda de forma bastante leiga, reforçar que os estudos de gêneros constituem-se como um divisor de águas em minha trajetória de vida, tanto pessoal quanto profissional.

Destarte, posso reforçar que, além de me proporcionar um aprendizado gigantesco, este trabalho me fez entrelaçar saberes acerca da literatura negra, também conhecida por literatura afro-brasileira, sobretudo, por utilizar como obra de análise a escritora Conceição Evaristo, cujo intuito foi o de percebê-la como narrativa que se entrelaça com os pós feminismos. Especificamente, observar de que forma se apresenta a mulher negra na narrativa da referida autora, bem como qual a representação de educação para a mulher que se percebe exposta em sua obra literária.

Partindo desse pressuposto, pretendi apreender qual mulher encontra-se retratada por Evaristo e qual o papel da educação para a construção dessa mulher. Por fim, açambarcar saberes referentes à representação da mulher em convergência com a própria vida da autora, a partir de um olhar voltado para o pós-feminismo e a cultura de gênero.

2 ENTRELAÇANDO ESCRIVIVÊNCIAS¹⁵

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida.

(Conceição Evaristo, *Cadernos Negros*, vol. 28 - 2005)

2.1 Se bem me lembro... Épocas da infância

No campo das memórias ousou pisar, valer-me das lembranças de um passado não muito longínquo, quem sabe... um retorno a um lugar que, talvez, nunca tenha sido trilhado de fato, sobretudo, uma viagem nostálgica que, deveras, reportar-me-á a significações que me levem ao encontro dos anseios desta pesquisa. Nesse sentido, tenho a chance de reportar-me a nostálgicos momentos de minha vida, nos quais pretendo relembrar situações diversas a partir da minha trajetória de vida, sobretudo, escolar e profissional em relação à educação. Faz-se necessário ressaltar a importância de poder fazer esta viagem pelo campo das memórias e evidenciar que acontecimentos que se perdem no tempo tornam-se igualmente mortos, pois, um segundo da vida que se passa jamais irá retornar. Todavia, uma vez registrados, podem perdurar para sempre.

Eu sou a filha de número sete de uma família de oito irmãos. Nunca tivemos presente em nossas vidas a figura paterna, contudo, posso dizer que, de certa forma, não fez muita falta. Minha mãe era uma mineirinha muito disposta e nunca reclamou por todas as dificuldades pelas quais passou nesta vida. Neste momento, sinto enorme dificuldade em prosseguir com esta narrativa porque, infelizmente, não tenho mais a minha adorada mãezinha e (bem sei que este retorno ao passado não será muito fácil) sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto, fogem ao meu domínio. A minha infância foi recheada de muitos sonhos e muita pobreza, não quero aqui fazer demagogia e pousar de vítima, quero, entretanto, ser fiel à

¹⁵ Expressão cunhada pela própria Conceição Evaristo como forma de se referir à sua escrita, a qual parte da própria experiência de vida da escritora. Conforme Maringolo (2014, p.10), *Escrevivência* “significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa também utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas”.

minha história de vida. Quando eu tinha mais ou menos três anos de idade, minha mãe “tocou” aquela que seria a última das muitas lavouras das quais tirava o sustento para alimentar os filhos. Recordo como se estivesse vendo-a no meio da roça de arroz, com um lençinho amarrado na cabeça acenando para que eu levasse um “tição de fogo” ou mesmo uma brasa de fogo para que ela e meus dois irmãos mais velhos pudessem acender o cigarro. Eu ia, porém, como era muito pequena, sempre perdia a brasa pelo caminho e tinha que voltar, sem falar no risco que tinha em me queimar com as brasas.

Eu ficava sozinha no rancho, coberto de sapé, feito de tabocas e barreado com barro branquinho que minha mãe tirava do rio. Lembro-me, ainda, das inúmeras vasilhas de barro que minha mãe fazia, panelas, moringas, potes; era uma artesã com as mãos, de forma bem simples é bem verdade, mas com uma grandeza aos meus olhos que nem mesmo o melhor profissional desta arte poderia tirar dela. Argh! Recordo-me das inúmeras vezes que minha mãe tinha que me obrigar a comer, todo dia a mistura era abóbora e frango caipira e eu já não aguentava mais, porém, a lei era seca: ou comia ou comia! E eu tinha que comer senão a varinha de fedegoso comia. Acredito realmente que os anjos protegem as crianças porque, hoje, percebo que havia muitos riscos por ali, já que morávamos bem próximos de uma mata fechada.

Neste lugar ficamos durante um ano e pouco e o dinheiro da colheita foi todinho para comprar o vestido de noiva da minha irmã mais velha. Naquela época era um privilégio para uma mãe casar uma filha moça, ainda mais virgem (minha mãe sempre educou as cinco filhas para que se casassem moças virgens, no entanto, só a mais velha se casou e, segundo ela, virgem.). As demais não se casaram na igreja, mas todas constituíram família.

Esta filha, que é a mais velha, deu à minha mãe acho que o maior desgosto que uma mãe pode ter, uma vez que havia trabalhado muitos anos em casa de uma família muito rica, (não sei por qual motivo) minha irmã tornou-se egoísta e arrogante, pois não quis que minha mãe fosse ao seu casamento já que mãe estava grávida e não tinha marido: como ela iria ficar na presença dos convidados? Neste dia, minha mãe chorou o dia e a noite inteira, eu e meu outro irmão mais novo choramos junto com ela, sentadinhos ao pé da parede, à luz da lua, já que em casa iluminávamos com lamparina e, nesta noite, não tínhamos querosene para acender. Nunca vou esquecer aquela cena...

Quando minha irmãzinha nasceu, minha mãe deu-a para que esta irmã batizasse, como forma de dizer que a havia perdoado. Nesse ínterim, eu ajudava minha mãe a cuidar da bebezinha e já sonhava com o momento de entrar na escola, chegava a ficar horas inteiras

imaginando o dia em que eu ganharia minha primeira cartilha e, nesse sentido, eu me aproveitava dos gibis de meu irmão (Zagor, Tex, Akim, Fantasma e Tio Patinhas) para fazer a minha leitura: eu via as imagens e, no meu imaginário, criava as histórias.

2.2 A primeira vez na escola

Quando, finalmente, entrei na escola, deparei-me com um grande problema: a professora não entendia que tudo aquilo era novo demais para mim, principalmente porque eu vinha de uma família de analfabetos, e ela queria que eu soubesse ler, ao menos as vogais. Eu não sabia! Por outro lado, a minha vontade de aprender era tanta que eu importunava esse meu irmão, dono dos gibis, tanto até ele me ensinar. Eu o chantageava dizendo que se ele não me ensinasse eu não o ajudaria a fazer arapucas e estilingues para que ele pudesse ir caçar passarinhos. Ele sempre voltava do mato com uma ou duas perdizes no embornal. Nesse tempo, as crianças realmente sabiam se divertir e arranjavam diversos meios para isso.

Na minha casa, inventávamos de tudo: brincar de passar anel, cair no poço, balanço, empinar pipas, brincadeiras de rodas, dentre outras. Ah, sem falar naquela que eu mais gostava que era colocar a cabeça do frango embaixo das asas e rodá-lo até que ficasse extremamente tonto (preciso confessar que, por algumas vezes, uns ou outros morreram, mas minha mãe nunca soube). Sinto muitas saudades daquela época e, principalmente do colinho da minha mãe, pelo qual eu e meus irmãos disputávamos para ficar deitados e assim ouvir as muitas histórias que a mãe contava todas as noites. As que mais nos deixavam impressionados eram aquelas que contavam sobre lobisomens, mulas-sem-cabeça e sobre almas penadas, qualquer barulhinho que fazia já nos deixavam assombrados.

Embora em minha casa fossem todos analfabetos, não se pode negar que o nosso primeiro aprendizado deu-se a partir das histórias orais, as quais nos eram repassadas por uma meiga e doce mineirinha: minha querida mãe que, ao narrar da forma mais simplória possível aqueles contos e lendas, cumpria a excelente função de dar vida aos personagens e à nossa imaginação. Era impossível não adentrar naqueles mundos de fantasias surreais.

A escolinha fica situada bem próxima da minha casa (refiro-me a isto no tempo presente porque até hoje ela está lá e eu também continuo morando no mesmo lugar) e todos os meus filhos também tiveram o prazer de estudar nela. Eu sempre queria ser a melhor da turma e me esforçava muito para isso, lembro-me que sempre fui muito esperta em assuntos relacionados à Língua Portuguesa, em contrapartida, no que diz respeito à Matemática... A

tabuada era meu carma, por algumas vezes, fiquei sem recreio estudando a dita cuja, hoje compreendo um pouco porque não aprendi: tinha que decorar e eu sou péssima em decoreba. Até hoje parece que sinto o sabor delicioso da merenda, momento mais aguardado por toda a molecada, sobretudo, porque a grande maioria, assim como eu, não sabia o significado da expressão “café da manhã”.

Recordo-me que sentia muita vergonha em ir estudar com os pés no chão, já que naquela época chinelos eram sinônimos de certo luxo, quem tinha usava até acabar o solado. Eu, então, procurava nos monturos (de lixos) algum que desse para recortar e media o tamanho do meu pé, cortava e usava para ir para a escola. Ficava horrível, mas eu sorria contente porque reconhecia o esforço que minha mãe fazia para por comida na mesa, já que a carestia era assombrosa; não sobrava para comprar chinelos...Esta época realmente ficou muito marcada para mim, sobretudo, por estar descobrindo um outro mundo à minha volta, o mundo encantado das letras, que não aquele de tantas limitações e precariedades no qual eu vivia e, também, pelas várias lições de humildade, persistência e, acima de tudo, honestidade que minha mãe nos passava.

Lembro-me de uma noite muito fria, dos ventos uivantes que mais pareciam assoviar ao pé dos nossos ouvidos, do corpo enrijecido por conta da temperatura que insistia em cair e da chuva fina que molhava a terra de leve. Como não tínhamos colchão, minha mãe improvisou no chão da sala algumas esteiras feitas de taboas, que havia ganhado de um caminhoneiro que veio de Minas. Nem colchão muito menos cobertas, ao perceber que não tinha alternativa, minha mãe acendeu uma pequena fogueira no centro da sala, colocou as esteiras ao redor para que nos deitássemos e ficou sentadinha ao lado, cuidando para que o fogo não se alastrasse e corresse o risco de nos alcançar. Pobrezinha, não dormiu a noite inteirinha passando frio, eu também não dormi por dó de vê-la acordada e também pelo fato de que, quando esquentava um lado, o frio gelava o outro, e, assim, nos viramos para lá e para cá a noite inteira, no outro dia, praticamente não prestei atenção na aula, dormi sentadinha na cadeira. Ah, quantas lembranças...

Por outro lado, penso que os quatro anos nas séries iniciais foram muito marcantes na minha vida, tanto pelo fato de eu descobrir este mundo maravilhoso das letras quanto pelo prazer de poder chegar em casa e dizer para minha mãe que eu tinha aprendido uma palavra nova, eu percebia a felicidade e a emoção nos olhinhos dela. Após concluir as séries iniciais, para cursar a quinta série, tive que mudar de escola e esta mudança causou em mim alguns impactos: em primeiro lugar, porque eu saía de um ambiente escolar regido por uma única

professora em sala para outro que, a cada toque da sirene, entrava um professor diferente; segundo, porque tinha que ir para a escola de forma mais apresentável, haja vista já estar ficando mocinha e estudando em uma instituição com um número significativo de alunos, e, de forma geral, de boa situação financeira.

Eu não tinha muitas opções nem para me vestir nem para me calçar, então me sentia, muitas vezes, constrangida frente aos outros colegas. Por conta disso, decidi trabalhar muito cedo e minha mãe concordou, uma vez que ela também não tinha condições de dar algo mais além do alimento, o qual, embora simplório, nunca chegou a faltar, graças a Deus. Nesta ocasião, era muito difícil para uma mulher sozinha criar seus filhos, pois a carestia era tremenda e colocar comida na mesa, vestir, calçar e educar não era tarefa fácil. Comíamos o que a mãe podia dar: cariru, berdoégua, cará, maxixe, inhame, feijão andú, caxi, molho de mamão verde, taioba dentre tantas outras formas de matar a fome. Sem falar nos ossos que a mãe pedia nos açougues e trazia para casa, dava cada pirão de encher os olhos...E também o bucho!

Neste sentido, tivemos, ainda, bastante sorte porque, não se pode negar, comíamos até bem: havia um senhor na cidade conhecido por “Gente Boa” que tinha um comércio de verduras e, bem perto de onde morávamos, ele possuía uma pequena chácara onde mantinha criações de carneiros, patos, muitas galinhas, cabritos e até uma quantidade pequena de gado. Acontece que todas as verduras que apresentavam qualquer defeitinho não podiam ser vendidas, então, ele as separava em caixotes e levava para a chácara para dar às criações, entretanto, dizia à minha mãe que fosse lá com a gente e escolhesse aquelas que dessem para tirar proveito para nossa alimentação.

Assim, podíamos comer frutas, verduras e legumes, pois, de outro modo, não saberíamos o sabor que elas tinham. Nessa época, as coisas para nós eram tão difíceis que (puxa, como é doloroso reavivar na memória momentos até então esquecidos...) recordo que eu tinha vontade de tomar leite. Por vezes, fechava meus olhos e visualizava em minha frente um copo cheio só para mim. Apesar de tudo, éramos muito felizes e agradecíamos sempre pelo pouco que tínhamos, uma vez que minha mãe fazia questão de deixar claro que muitas outras pessoas não tinham nada, então, o que podíamos ter já nos colocava em vantagem a respeito daqueles que não tinham nem isso.

As dificuldades pelas quais passávamos sempre serviam para que minha mãe tirasse dali uma lição, um aprendizado e repassasse para nós. Segundo ela, estávamos em situação muito melhor em relação a quando os irmãos mais velhos foram criados. Nesse tempo,

reforçava minha mãe que, por muitas vezes, deixava uma chaleira de ferro (que havia trazido de Minas, ela fazia questão de enfatizar) com água fervendo no fogão a lenha para que, se acaso chegasse alguém, pensasse que era para fazer a comida. Não havia ali o que cozinhar... E minha mãe, trocava dias com os homens no cabo do guatambu, nunca perdeu para nenhum deles, e era dali que tirava o sustento para a boca dos filhos.

Meus primeiros dias na escola nova foram difíceis, mas depois de algum tempo, eu já tinha conquistado a simpatia de todos os professores e, em especial, a de português, porque eu sempre era destaque nas aulas de leituras e redação. Consegui um serviço na casa de minha irmã mais velha, para cuidar dos meus sobrinhos e da limpeza, em troca, ela me daria roupas e calçados. Nesse trabalho, fiquei por algum tempo, depois consegui outros, já que tinha aprendido a fazer o serviço direitinho e, a partir daí, nunca mais parei.

Lembro-me de uma vez em que fui trabalhar de doméstica na casa de uma família de japoneses, o serviço não era difícil, mas as imposições eram muitas e, dentre elas, a principal: eu não poderia colocar nada na boca, nenhum tipo de alimento me era permitido naquela casa. Quando chegava na hora do almoço, eu tinha que sair da casa e voltar horas depois para arrumar a cozinha. Algumas vezes eu ia até a casa de um irmão que ficava algumas quadras dali e almoçava por lá. Outras vezes, eu ficava para fora, sentadinha ali na calçada sem comer. Era muita humilhação, mas eu precisava...

Durante todo o tempo no Ensino Fundamental, nunca consegui aprender muito bem os cálculos matemáticos e disciplinas afins, todavia, a minha relação com as letras ia de vento em poupa, até cheguei a ser presenteadada pela professora de português com um lindo exemplar de Monteiro Lobato. O meu passatempo predileto eram as prazerosas leituras embaixo dos enormes pés de manga que havia no quintal da minha casa. Ao término do Ensino Fundamental, não pude prosseguir com os estudos porque, naquela época, tínhamos que comprar os livros didáticos do Ensino Médio e eu, definitivamente, não tinha condições financeiras para tanto.

Decidi por interromper meus estudos e optei pelo trabalho, desde empregada doméstica à panha de algodão eu enfrentei. Depois fui convidada para ir lecionar em uma escola da zona rural a alguns quilômetros de Pedra Preta, aceitei prontamente porque era a chance de continuar no meio escolar. Nesta época, eu morava numa casinha para professores numa vila rural chamada Nova Araçatuba, juntamente com outra colega, e lecionava a doze quilômetros para frente. Assim, ia pela manhã de carona com o leiteiro, colocava uma bicicletinha velha na carroceria e depois voltava para a Vila pedalando, apenas 12 km de

estrada de chão e, muitas vezes, enormes boiadas pela frente. Foram tempos difíceis, mas saudosos...

Quando parei de trabalhar para o município, tentei concluir o Ensino Médio por meio de um tipo de ensino chamado Propedêutico, porém não fui muito longe e voltei ao ponto de partida: ao trabalho. Nesse tempo, fui prestar serviços em uma fazenda situada na Serra da Petrovina, na colheita do café, a jornada era dura, mas a sensação de estar trabalhando e poder ajudar em casa era ótima. Nessa época, engravidei do meu primogênito, passei por sérias dificuldades financeiras porque apenas com o estudo que eu tinha não conseguiria outro trabalho e, até mesmo pelo fato de estar grávida, as oportunidades eram mínimas, a minha sorte foi minha mãe ter me acolhido de braços abertos e minha irmãzinha caçula que dividia comigo a tarefa de cuidar do bebê, enquanto isso, eu trabalhava, sem medir esforços, em certo frigorífico da cidade, apesar das más línguas de alguns da própria família.

Eu tinha a responsabilidade de criar um filho sem pai e, principalmente, de não depender de favores dos irmãos, já que um deles, ao saber que eu estava grávida, perguntou se eu sabia quanto custava um litro de leite. O pai do meu filho nunca se manifestava e eu, com o orgulho ferido, também não o procurava. Por algum tempo, mantive uma relação com outra pessoa que demonstrava enorme carinho pelo meu filho e isso me cativava. Chegamos a viver quatro anos juntos, mas não deu certo. Então, continuei a trabalhar para fora enquanto minha mãe tomava conta do meu filho. Quando o meu primeiro filho tinha sete anos, eu engravidei novamente e, ainda sem ter retomado os estudos, mais uma vez minha mãe me estendeu as mãos.

Bem sei que se tivesse ouvido o conselho de minha mãe e de minha irmãzinha caçula, teria voltado para escola há muito tempo, mas, por conta de viver trabalhando aqui e dali, não me sobrava muito tempo. E mais uma vez eu mãe solteira dentro da casa da minha mãe. Depois que tive meu segundo filho, tomei a decisão de voltar para a escola e concluir o Ensino Médio. Optei por fazer a EJA, pois não consegui vagas para o período noturno no ensino regular, e eu tinha que trabalhar durante o dia. Sentia muita vergonha porque pessoas que tinham estudado junto comigo, no momento, davam aula para mim. Então, decidi por transformar esta vergonha em motivação para eu prosseguir.

Não se pode negar que eu tenha aprendido algumas coisas, todavia, os professores da minha turma não tinham condições de avançar nos conteúdos, uma vez que a grande maioria do alunado era formada por pessoas de bastante idade e elas não conseguiam acompanhar o raciocínio, no entanto, eu venerava a importância que davam ao fato de estar estudando e, por

pouco que aprendiam, para eles, já representava uma grande vitória. Dessa forma, concluí o terceiro ano sem muitas perspectivas de tentar o vestibular, porém, depois de muito relutar comigo mesma, decidi por fazer como forma de adquirir experiência para, quem sabe, tentar novamente numa próxima vez. Para minha surpresa, consegui passar na primeira tentativa.

2.3 Às voltas com o Ensino Superior

A sensação de ter passado no primeiro vestibular era ótima e eu estava disposta a entrar na faculdade e adquirir muitos conhecimentos a respeito da nossa língua materna. Entretanto, sabia que não iria ser fácil já que me encontrava grávida do meu terceiro filho (agora morando com o pai deste), mas tomei coragem e fui em busca do meu objetivo. No ano de 2005, iniciei minha trajetória acadêmica no curso de Letras, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso, *Câmpus* de Rondonópolis.

Um novo horizonte à minha frente e, de repente, ao sair daquele “mundinho” em que me encontrava, senti que um outro mundo se abria ao meu redor e eu me sentia inerte perante um universo de palavras que se apoderavam dos meus ouvidos e olhos. Tive vontade de fugir...Todavia, através de um arrebatamento voraz, a literatura lançou sobre mim o seu encanto, seduzindo-me, levando-me ao flerte total, e tal era a sua volúpia que, embrenhando-me pelas suas veias, não tive forças para resistir. Foram dias difíceis... aquele ambiente acadêmico era um mundo novo para mim que trazia na bagagem apenas minha própria gramática internalizada juntamente com mínimo conhecimento acerca da Língua.

Durante esta trajetória, tive o prazer de compartilhar conhecimentos com pessoas que trarei na memória para o resto da vida, ao longo de quatro anos, dividi opiniões e diálogos com diversos professores e suas respectivas disciplinas. Procurei abstrair o máximo que pude nas oportunidades com cada um deles, todos me ensinaram muitíssimo, entretanto, sempre tem aqueles que nos deixam marcas profundas. No meu caso, foram, especificamente, duas pessoas: professora Maria Rosa Petroni e professor Laércio Pulzatto. Além de ensinar maravilhosamente a Língua Portuguesa, Petroni sempre achava um tempinho para uma boa conversa e mostrava-se preocupada comigo e com o meu bebê, já que eu o trazia comigo para a faculdade. Ademais, esta professora me proporcionou um aprendizado que vai muito além dos escritos, me mostrou que, mesmo por ser uma pessoa tão conceituada e sábia, é capaz de ser extremamente humilde e compreensiva.

Quanto ao saudoso e estimado professor Laércio, posso dizer que me ensinou a compreender muito além daquilo que líamos nas poesias, a perceber, ainda que minimamente, a Literatura nestes dois planos transitórios: entre o efêmero e o etéreo, sobretudo. Ensinou-me que o professor, por mais sábio que seja e por mais graduações que possa ter, pode ser humilde e simples, ensinar e aprender a partir das pequenas coisas, valorizando sempre o outro. Muitas lembranças e saudades deste meu adorável educador.

Ao sair da academia, confesso que trouxe comigo algumas lacunas gigantescas em relação aos conteúdos gramaticais e a sensação era a de que eu tinha fracassado. Sentia um vazio grande em relação à minha aprendizagem. Cusei a entender que aquela sensação era natural e que a faculdade apenas nos mostra a direção para trilharmos o caminho, a melhor forma de como fazê-lo, cabe a cada um de nós encontrarmos. Dois anos após ter concluído a graduação, estava de volta aos corredores e paredes do referido *Câmpus* em busca da especialização.

Por meio das inesquecíveis aulas da professora Sheila Dias Maciel, pude obter o reencontro com aquela que eu tanto desejava, agora, acontecia de forma brusca e viril. Sem que eu pudesse respirar, tomava conta de todo o meu ser, enleando-se pelos mais íntimos pensamentos, entranhando-se por todo o meu corpo e minha pele. Consumava-se ali a minha história de amor com a literatura, em especial, a literatura confessional. O encontro com as narrativas confessionais me proporcionou agradáveis momentos de prazeres. Muitas foram as leituras deleites que preenchiavam as horas vagas e desejosas de conhecimento (uma, em especial, me marcou muito: O Diário de Anne Frank).

Maciel sempre fazia questão de demonstrar seu carinho e admiração por mim. Ela nem imaginava que, agindo assim, me impulsionava a prosseguir nesta árdua, porém, excitante, caminhada rumo à busca pelo conhecimento. O mais importante é que eu sentia que ela enxergava em mim muito além dos paupérrimos trajes com os quais eu me apresentava na Academia (eu não tinha muitas opções de roupas e calçados e estava sempre em desvantagem em relação às outras colegas de classe). Sheila me olhava carinhosamente e me via como gente. Isso era muito importante para quem sempre trazia no bojo marcas da invisibilidade.

Desde então, a pretensão em desenvolver um projeto pleiteando uma vaga no Mestrado ocupava-me as ideias, esquentava-me o juízo... A distância era um obstáculo decisivo e caminhava de encontro aos meus intentos, haja vista o Mestrado em Literatura ser ministrado na Federal em Cuiabá. Eu não tinha condições financeiras para garantir a locomoção até a Capital do Estado.

Por outro lado, algum tempo depois, pasme-se, abria um programa de Pós-Graduação em Educação bem pertinho de mim, na cidade vizinha de Rondonópolis. Fiquei imensamente feliz, não era literatura, porém representava da mesma forma um grande salto para meu aprendizado. Por vezes, quis tentar, mas eu sentia a remota possibilidade de isso acontecer, esfriar-se dentro de mim a cada vez que pensava no assunto. Quando, finalmente tomei coragem, elaborei uma proposta de projeto entrecruzando a História da Educação e a Literatura, cujo objetivo era o de passear pelos tortuosos caminhos da educação por meio das veias literárias do conhecimento. Deixar alguns pontos irrelevantes por conta das reticências fez-me chegar ao eixo que direciona esta proposta de pesquisa.

Após, a duras penas, ter conseguido ingressar no já mencionado curso, tive a honra de ter sido aceita como orientanda do professor doutor Leonardo Lemos de Souza, o qual, sem me deixar ser infiel à minha relação afetiva literária, apresentou-me uma outra possibilidade de comprometimento com os Estudos de Gênero, sobretudo, com os Estudos Pós-feministas representados, nesta pesquisa, a partir de escritos evaristianos. E cá estou eu, envolvida em mais uma relação a dois: agora com os gêneros, numa mistura de êxtase e dor, entre leituras intensas, reveladoras e envolventes. Nesse sentido, posso assegurar que muitas foram as descobertas em relação às identidades de gênero e sexuais, em especial, à desconstrução do olhar alienado em função da homossexualidade. O mais grave é descobrir que esta visão perpassa grande parte da sociedade vigente.

2.4 Por entre as margens do caminho transitam as mulheres negras

Ao buscar a reflexão sobre duas obras da poetisa e romancista Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2013), a partir dos estudos de gênero e pós-feministas, esta pesquisa se propõe a empreender olhares acerca da escrita feminina contemporânea, em especial, da literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo, com a finalidade de evidenciar as interseccionalidades na literatura de/sobre mulheres e suas imbricações sobre as relações de gênero na educação do feminino. Na tentativa de se perceber vozes de mulheres representadas nas tessituras de Evaristo, bem como inferir uma dialogicidade entre estas prováveis vozes que se entrecruzam, justifica-se a recorrência aos conceitos bakhtinianos de dialogismo, alteridade e polifonia como metodologia adotada, a qual verifica-se via literatura de mulheres, sobretudo, mulheres negras.

Pressupõe-se, assim, que a linguagem literária da romancista seja um reflexo da sua própria vivência, bem como de muitas outras vozes silenciadas, de muitas outras mulheres, sobretudo de mulheres negras, em um movimento constante de firmar-se no mundo enquanto sujeito. Partindo do princípio de uma abordagem qualitativa, optou-se pela pesquisa documental com ênfase nos conceitos bakhtinianos, representada a partir de análises de escritos evaristianos. Assim, este trabalho se propõe a inferir quais vozes extrapolam a condição da mulher, bem como quais as questões que atravessam e/ou estão imbricadas nos já referidos romances da autora.

Tenciona-se, por meio disso, uma pesquisa voltada para o feminino, sobretudo, com um recorte voltado à educação das mulheres, as quais representam as figuras daquelas que exerceram grande importância (embora, ainda seja, em grande parte, predominante a condição do homem como ser dominante, a mulher representa a grande maioria docente) para a consolidação do ensino para o feminino. Horizontes se abrem diante da grandeza e enriquecimento cognitivo que se pode apreender ao deixar-se penetrar pela literatura afro-brasileira, em especial, pelas tessituras literárias da escritora Conceição Evaristo. De acordo com Duarte (2010), muitas são as inquietações que insurgem acerca da dicotomia literatura negra/literatura afro¹⁶, possíveis indagações em detrimento de uma existência real. Neste sentido, ressalta o autor que tal literatura não só existe como também se faz notar e atravessa gerações. Nas palavras do referido autor: “enfim, essa literatura não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2010, p.113).

Conforme o teórico, apesar de a literatura afro¹⁷ ter ganhado destaque no cenário cultural há algum tempo, ainda era fruto de poucas reflexões, entretanto, o crescente interesse de poetas e escritores afros em firmar e assumir seu “pertencimento” étnico afrodescendente fez com que esta literatura ganhasse maior visibilidade, como é o caso do grupo Quilombhoje juntamente com outros Brasil afora, assim como a série Cadernos Negros que reúne

¹⁶ A esse respeito conferir Eduardo de Assis Duarte, “Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira”. Terceira Margem • Rio de Janeiro • Número 23 • p. 113-138 • julho/dezembro 2010.

¹⁷ Bárbara Araújo Machado (2014), em sua dissertação intitulada “Recordar é preciso”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)”, lança olhares sobre uma importante discussão em torno da maneira como a literatura escrita por pessoas não brancas deve ser representada. Há críticos e estudiosos que defendem o uso do termo “literatura afro-brasileira”, outros, como é o caso de Cuti (2010), que defendem com veemência o uso da expressão “literatura negra”. Segundo o militante, o prefixo “afro” constitui-se como uma forma silenciosa de afastamento da literatura negra em relação à brasileira. Em contrapartida, Eduardo de Assis Duarte (2010) classifica a utilização do termo “afro” como um elemento que abala a suposta homogeneidade da literatura brasileira, portanto, passível de uso. Importa lembrar que, nesta pesquisa, não se faz distinção quanto ao uso dos termos “afro” ou “negro”, por pensar que ambos se remetem à literatura negra/afro que é, em sua essência, legitimamente brasileira.

publicações afro-brasileiras de extrema grandeza e isso fez com que ganhasse mais atenção tanto no meio acadêmico quanto editorial.

Conceição Evaristo tem vários escritos publicados pela série Cadernos Negros, dentre os quais, poesias: *Mineiridade, Eu-mulher, Os sonhos, Vozes-mulheres, Todas as manhãs, Os bravos e serenos herdarão a terra, Para a menina, Se à noite fizer sol*, entre outras; e contos: *Quantos filhos Natalina teve? Beijo na face, Ayoluwa, a alegria do nosso povo, Zaita esqueceu de guardar os brinquedos, Di Lixão, Maria, Duzu-Querença, Ana Davenga* dentre outros¹⁸ (LIMA, 2007, p.3-4, grifos meus).

Arruda (2007, p,14), em relação à literatura afro-brasileira, ressalta que a escrita literária afrodescendente, na grande maioria das vezes, foi condicionada à marginalidade por parte daquela tida como “canône literário brasileiro”, ou seja, a literatura branca. Muitos foram os/as autores/as que ficaram à margem do caminho ou chegaram a circular, mas de forma, ainda, bastante restrita. Ainda, segundo a mesma autora, “a literatura afro-brasileira pode ser considerada uma contra-narrativa da nação porque abala a ideologia do nacionalismo e tem um olhar crítico sobre o Estado e a identidade nacional; e, ainda, por reescrever a seu modo a História” (Idem). Neste processo de reencontrar-se e reconstruir a sua própria história, conforme Evaristo (s/d), o negro trazido para o Brasil e despojado da própria identidade, submerso em um branqueamento imposto a duras penas, foi obrigado a sucumbir ao “exercício da sobrevivência”. Assim,

O primeiro exercício da sobrevivência efetuado pelos africanos deportados no Brasil, assim como em toda a diáspora, foi talvez o de buscar recompor o tecido cultural africano que se desteceu pelos caminhos, recolher fragmentos, traços, vestígios, acompanhar pegadas na tentativa de reelaborar, de compor uma cultura de exílio refazendo a sua identidade de emigrante nu (EVARISTO, s/d).

Logo, reforça a autora que essa invisibilidade a que foi e é sucumbido o povo negro perde força quando o “emigrante nu” se junta nos “terreiros” para celebrar sua cultura¹⁹. Nesse sentido, o culto à tradição representa, minimamente, a chance de se reportar aos costumes e culturas da própria terra. Ainda hoje, no Brasil, os chamados “terreiros” são vistos

¹⁸ Cf a esse respeito o texto **Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente** (2007), de Omar da Silva Lima, veiculado pelo Portal LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro, no qual o autor tece uma vista panorâmica acerca da produção evaristiana veiculada pelos *Cadernos Negros*.

¹⁹Ver EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Universidade Federal Fluminense – UFF (s/d).

com olhos de marginalização pela cultura branca, mais uma forma de reforçar o preterimento à gente negra e aos seus costumes.

Ao dialogar com Barbosa (1994), Conceição Evaristo (s/d) ressalta o exemplo que o autor traz sobre o berimbau, instrumento utilizado para emitir o som e o ritmo, proporcionando, assim, a ginga da capoeira. Nesse sentido, enfatiza Evaristo que, conforme Barbosa (1994), além de emudecer o negro deportado, a cultura branca se encarrega de invisibilizar sua tradição, no caso do berimbau, na África existem, pelo menos, sete tipos diferentes e com significações diferentes, no Brasil, apenas um sobrevive. Para o autor, segundo Evaristo (s/d), é possível pensar que, em grande ou menor escala, a cultura afro haverá de se reproduzir. O terreiro constitui-se como um forma de pertencimento, um meio de encontrar “nesse espaço político-mítico-religioso (...) o seu lugar de transmissão e preservação” (EVARISTO, s/d, p.2). Assim, a autora reforça com as palavras de Muniz Sodré:

O espaço do terreiro vai ser o lugar de reterritorialização de uma cultura fragmentada, de uma cultura de exílio. É ali que o indivíduo vai reviver, vai tentar refazer a sua família, e o seu clã, que tal como na África, são formados independentemente de laços sangüíneos. No espaço do terreiro, o indivíduo buscará o sentido de pertencimento a uma coletividade e ritualisticamente vai reencontrar a sua nação.

Desse mesmo modo, se configura a importância da literatura afro-brasileira, a qual, partindo de um lugar calcado por alteridades, revela um outro lugar, que retira o negro, o colonizado da zona da marginalidade, quebrando os padrões da literatura hegemônica, rompendo, ainda, com paradigmas pré-estabelecidos, contando novas histórias e fazendo emergir outras narrativas entrelaçadas com a ficção literária. Assim, enleada por uma alteridade, na qual múltiplas vozes convergem dialogicamente, a escrita afro-descendente é, antes de tudo, uma forma de libertação, porque apresenta uma história permeada pelos olhos do colonizado e não do colonizador, como antes. E, como ressalta Evaristo (s/d), é um contra-discurso, isto é, uma escrita-denúncia.

Em suma, neste processo de alteridade e dialogia, a literatura negra protagoniza a história coletiva dos afro-descendentes no Brasil, assim como torna-os protagonistas de suas próprias histórias. Evaristo (s/d, p.6) ressalta que “a literatura negra tem o negro como protagonista do discurso e no discurso”. Logo, a sua escrita é parte da própria vivência e a de muitos outros irmãos da diáspora. Desse modo, conclui Evaristo com base em Orlandi (1998) que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua

cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, s/d, p.7).

Falar sobre gêneros pode ser, antes de tudo, pisar em campos minados pois, ainda é dominante, em plena era contemporânea, a ideologia do patriarcado. Neste mesmo sentido, é mister evidenciar que lançar um olhar voltado para os gêneros, por meio de uma perspectiva pós-feminista, nem sempre foi tarefa fácil. Torna-se relevante salientar que, por longos anos, as mulheres praticamente não “existiam”, uma vez que a elas eram negadas a vez e a voz. Durante muito tempo, a mulher viveu²⁰ à sombra do homem tanto dentro do seio familiar quanto dentro da sociedade em geral. Era, sem dúvida, uma relação de dominação, tantos eram os rigores em relação à mulher que lhe era negada usufruir da linguagem enquanto manifestação de pensamento coletivo. Sob a forma de submissão constante, nada restava à mulher senão a condição de reprodutora da prole e a de sujeitar-se aos caprichos do marido.

Nesse sentido, pensar a construção dos gêneros é partir do princípio de sua desconstrução, isto é, desconstruir as relações hierárquicas construídas socialmente cujo intuito é o de situar a diferença entre os sexos, culminando para uma relação dicotômica e hegemônica. Em relação a isso, Scott salienta que “por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais” (SCOTT, 1998, p.15. Grifo da autora).

Ao pensar o início do século XX como uma época favorável ao surgimento e à propagação de teorias e ideais feministas, tornam-se visíveis também olhares lançados em relação à mulher tida por referência única: a branca e burguesa. Nesse e noutros sentidos torna-se urgente a necessidade de produção de uma representação pós-feminista que açambarque todos os tipos de mulheres e raças. Diante disso, tem-se “o desenvolvimento de teorias e discursos pós-coloniais, bem como das literaturas produzidas por autoras afro-americanas e pós-coloniais”, só assim a questão da mulher negra torna-se relevante e inspira olhares.

A partir disso, as teorias ampliaram seus horizontes e abriram espaços para “as relações inseparáveis entre classe, raça e gênero” (RAMOS, 2009, p.1). Ao se apropriarem da escrita feminina, autoras negras retratam, literariamente, uma outra visão sobre a realidade vivida por

²⁰ Apesar de muitos avanços obtidos em relação às mulheres, é importante lembrar que, ainda, em plena era contemporânea, muitas vivem sob ordens e mandos dos homens/maridos, sujeitando-se às mais diversas formas de violências e subordinação.

mulheres negras, isto é, tornam explícito o fato de que, como bem lembra Ramos (2009, p.1), ao parafrasear Bell Hooks (1992):

O poder que o homem usa para dominar a mulher, que não é privilégio somente de homens brancos da classe alta, é também de todos os homens na sociedade americana, independente de raça ou classe. Pois os negros incorporam os valores sexistas dos brancos, mantendo as mulheres negras numa condição subordinada e secundária (RAMOS, 2009, p.1).

Conforme Dalcastagné (2010), é urgente que se afirme cada vez mais a presença feminina no espaço da produção literária, embora, ainda, “rotulada como literatura feminina”, visto que há uma inserção de personagens femininas desempenhando papéis de protagonistas²¹, até então posição ocupada, em sua grande maioria, apenas por personagens masculinos, bem como o ofício de narradores também masculinos. Nas considerações de Dalcastagné (2010, p.57), “fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas”. Contudo, apesar dos avanços em relação à condição feminina, a literatura continua, predominantemente, masculina.

Nessa linha de pensamento, para Dalcastagné (2010), as protagonistas em romances escritos por homens são, na grande maioria, jovens e adultas, tendo por principal atributo a beleza e, em última instância, a inteligência. São representadas como sendo menos cultas, pouca escolaridade, quase sempre donas de casa, dependentes dos homens. Desnecessário dizer que tais figurações femininas são, preeminentemente, brancas, magras, loiras e possuem cabelos longos, o que, explicitamente evidencia um padrão estereotipado da mulher, no qual a mulher negra é sucumbida a uma invisibilidade premeditada. Conforme Dalcastagné (2010), é possível constatar que:

Os homens são representados como escritores e comerciantes, quando brancos. Quando negros, sua principal ocupação é a de bandido. Da mesma forma que as donas de casa e artistas são ocupações restritas às brancas. Às

²¹ Embora haja a presença de mulheres-personagens ocupando posições de destaques em muitos romances escritos por autores homens, como é o caso de Diva, Lucíola, Senhora dentre outras, Ivia Alves (2002), em seu texto intitulado “Imagens da mulher na literatura, na Modernidade e Contemporaneidade” aponta considerações em torno de tais representações literárias femininas, alertando para o fato de que possíveis “modelos/imagens de mulheres” eram repassados para a sociedade burguesa da época. Conferir a esse respeito ALVES, Ivia. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. IN: FERREIRA, Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.) **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. – Salvador: NEIM/UFBA, 268p. (Coleção Baianas: 7), 2002.

mulheres negras, restam as funções de empregadas domésticas e prostitutas (DALCASTAGNÉ, 2010, p.58).

Por outro lado, a grande maioria das protagonistas em romances de autoria feminina tem como principal atributo a inteligência. Embora a mulher ocupe posição privilegiada nos romances de autorias femininas, isto se restringe apenas àquelas de cor branca; às não-brancas, restam a cozinha, a costura e a dança. Isto, conforme a autora, “define os espaços ocupados por cada grupo” (Idem). As autorias femininas privilegiam o culto ao corpo, detalhando e mostrando-o, na grande maioria das vezes, de forma saudável. Para a autora, as representações das mulheres na literatura de autoria feminina levam a crer que “elas estão dentro do peso ou são magras também, mas têm cabelos escuros e mais curtos” (DALCASTAGNÉ, 2010, p.59). Neste mesmo caminho, Leal (2010) ressalta que a inserção das mulheres no campo literário pressupõe a atuação como força social dos movimentos feministas.

Em uma perspectiva voltada a inferir, por meio das já citadas fontes teóricas, privilegia-se o olhar sobre a mulher, isto é, como a mulher é representada por Evaristo. Ademais, buscar-se-á apreender a partir dos escritos da autora a importância e a relevância da autoria feminina, sobretudo, a escrita afro-brasileira, como forma de autonomia e emancipação de sujeitos inseridos na linha da marginalização e discriminação social e/ou racial. Por meio das narrativas de Evaristo, tenciona esta pesquisa lançar os olhos sobre o papel que a mulher representa, sobretudo, a mulher negra, a qual tende a romper com preceitos e dogmas supostamente cristalizados. É possível atribuir às narrativas, dentre outras formas de escrita, possibilidades que, certamente, podem ir além da interpretação puramente linguística e/ou textual, quiçá a possibilidade de explicar e compreender o ser humano, o sujeito por meio das tessituras de suas próprias vivências.

Justifica-se esta escolha, uma vez que é sabido que, ao longo dos anos, vem sendo produzidos e reproduzidos discursos puramente sexistas, isto é, conforme Moreno (1999), a discriminação entre os sexos, os quais ganham forças e se cristalizam por meio de determinados veículos de propagação, dentre os quais encontra-se a escola. Diante do caráter mantenedor de tal instituição, pressupõe-se que, hegemonicamente, ela vem construindo identidades. Por conta disso, a escola não só não dá conta de explicitar os gêneros como também negligencia significativamente a importância que lhes é devida dentro da realidade histórico-social da qual fazem parte.

Percebe-se, ainda, que essas identidades são permeadas por relações de poder que atravessam a escola e a sociedade de modo geral. Apesar de não ser a única forma de instituir o ensino, a escola ainda constitui-se como paradigma da educação e é por conta disso que se configura como protagonista no caráter de seleção entre os indivíduos, outorgando-lhes rótulos e estereótipos. Desse modo, torna-se relevante a necessidade de se apreender cada vez mais acerca dos gêneros além de lançar um olhar mais direcionado para as práticas escolares, numa tentativa de evidenciar a maneira como tais práticas perpetuam os conceitos de masculinidades e feminilidades e também como forma de lançar um outro olhar e ampliar esse universo puramente masculino. A literatura de autoria feminina é uma bandeira de luta a ser hasteada contra toda e qualquer forma de representação patriarcal.

De acordo com Saffioti (1987), apesar de avanços significativos, ainda persiste a ideia de que, mesmo quando se consegue sair dos estritos limites do lar e exercer trabalho remunerado, de certa forma, à mulher continua relegada a responsabilidade de criar e educar os filhos. No entanto, se esta pertence à classe dominante ainda pode gozar de algumas regalias, como por exemplo, permanecer em casa apenas direcionando os trabalhos feitos por outras ao seu dispor; ainda existem aquelas que valem-se de trabalhos manuais enquanto que outras, proletariadas, mal têm tempo para ver os filhos em função das duras jornadas de trabalho, embora estejam todas sujeitas ao mesmo estereótipo. Assim:

Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou a domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação e educação dos filhos. Assim, por maiores que sejam as diferenças de renda encontradas no seio do contingente feminino, permanece esta identidade básica entre todas as mulheres (SAFFIOTI, 1987, p.9).

Em consonância com isso, dá-se a acepção androcêntrica como forma de estabelecer uma visão uníssona acerca da humanidade, na qual predomina-se o homem (ser masculino) como ponto de referência e, nesse sentido, o sexo oposto é relegado à posição secundária no lugar em que ocupa na sociedade. Essa postura androcêntrica, ainda, impera dentro dos âmbitos escolares e, também nestes, a figura feminina é a de alguém que transita dentro dos estritos limites do universo masculino. É lícito salientar, neste sentido, a importância de se lançar os olhos sobre as relações de gênero por meio dos escritos literários, não é muito ressaltar que, tanto em *Becos da Memória* (2013) quanto em *Ponciá Vicêncio* (2003), Evaristo procura desconstruir esta visão de superioridade masculina, ao contrário, demonstra que os

homens dos já mencionados romances também são vitimados por um sistema imperioso de exclusão econômica e social. Em relação à suposta hierarquia patriarcal percebe-se uma certa desmistificação, pois as mulheres das narrativas evaristianas são sempre independentes e autônomas, buscam vencer as dificuldades que aparecem pela frente, com ou sem a companhia de um homem/marido.

Ainda, vale lembrar que nem sempre a mulher teve acesso ao ensino, muito menos o direito de exercer a docência, esse trabalho era de exclusividade masculina e, só muito tempo passado, optou-se pelo ensino feminino. Há que se reforçar que houve acontecimentos significativos para que essa mudança pudesse ocorrer, dentre os quais a alegação de que as mulheres ensinavam por meio de um instinto puramente maternal. Uma vez que a escola se configura como espaço de formação social, moral e ética do sujeito, pode-se supor que é responsável por construir identidades.

Assim, na tentativa de se observar como se dá essa configuração das identidades constitutivas do sujeito por meio de processos de escolarização, sujeitos estes que são produzidos, reproduzidos e embebidos por um discurso representacional, o qual os selecionam, classificam, estereotipam, excluem dentre outros adjetivos, espera-se obter uma convergência em relação aos gêneros, seja em função das representações sexuais, étnicas, raciais, de classes e/ou outras.

Partindo do pressuposto de que a literatura de Evaristo faz emergir uma educação para o feminino, pode-se pensar que sirva de inspiração para que outras mulheres consigam adquirir sua autonomia, Conceição a faz por meio da escrita, haja vista as dificuldades e barreiras que se encontram (ainda hoje) pelos caminhos de escritoras/romancistas femininas. Afinal, como bem lembra Dalcastagné (2010), “o romance brasileiro é, majoritariamente, escrito por homens e sobre homens; além de serem minorias nos romances, as mulheres têm menos acesso à voz” (p.47). Neste sentido, ao mencionar V. Woolf (1929), Freitas (2002, p.115) pontua algumas colocações da autora em função da obra “Um teto todo seu”, no qual Woolf evidencia caracterizações acerca de papéis desempenhados pelas mulheres.

Dessa forma, a autora situa a escritora Virginia Woolf (1929) como apresentadora das possíveis situações constrangedoras para uma mulher. Assim, pontua exemplos de comportamentos arcaicos e estereotipados em relação às mulheres, “as damas só são admitidas na biblioteca acompanhadas por um *fellow* da faculdade ou providas de uma carta de apresentação”. Desse modo, entre outros, Woolf (1929) torna evidente o papel reservado à mulher de sua época.

Freitas (2002) ainda esclarece que, segundo Woolf (1929), “a mulher precisava de condições mínimas para produzir sua escritura: um teto todo seu, meia hora realmente sua, acesso a textos de outros autores, renda própria etc” (p.115). Esta mesma autora torna claro que, apesar das muitas conquistas femininas, as desigualdades de gênero estão longe de se esgotarem, pelo contrário, a impressão que se tem é a de que, a cada geração mais nova, reflexos dessa discrepância não se mostram tênues, ademais, enfatiza que, em muitas culturas, a mulher ainda é tida como objeto de troca, comércio entre os homens.

Ainda, conforme a autora acima citada, percebem-se mudanças relacionadas ao universo feminino, entretanto, o mundo dos patriarcas permanece, em sua maioria, inatingível. Desse modo, considera que o movimento feminista não conseguiu inserir a mulher, de fato, nesse ambiente masculino, no entanto, de algum modo, tornou-as sobrecarregadas, pois, para a autora, a mulher tentou de tudo para provar que pode ser vista em condição de igualdade com os homens, mas assimilou para si alguns sentimentos de inaptações.

Neste sentido, conforme Freitas (2002, p.116), “o grande equívoco das feministas foi a desvalorização do universo feminino, aceitando como definição de um mundo mais igualitário aquele em que precisariam apenas adotar os valores masculinos”. Assim, reitera que a mulher não conseguiu “masculinizar-se” e muito menos “feminizar” o mundo, como consequência disso, destruiu os laços e contatos com aquele que, até então, representava o seu lado “feminino”, isto é, o ambiente doméstico. Por outro lado, pontua esta mesma autora que,

Ao suscitar o questionamento sobre as já mencionadas leis, que lhes são impostas pela hierarquia masculina, as mulheres penetraram no espaço público através do seu trabalho; produziram um contra-discurso, uma contra-ideologia, fazendo contrastar o seu ponto de vista com o masculino na cena cultural de nosso século (FREITAS, 2002, p.117).

Segue pontuando a autora que, por fins da década de 80, “a defesa da igualdade entre os sexos passa pela afirmação da diferença”, e, assim, feminino e masculino aprendem a conviver, sem conflitos aparentes. Ainda, nesta mesma década, a mulher começa a abandonar os resquícios de uma fala “titubeante e reticente” que, de certa maneira, a relegava ao ambiente privado. Afinal, dizia-se que o dom da oratória era coisa de homem, suprimia-se da mulher o direito de exercer sua linguagem ou atribuía-se a ela o exercício da fala apenas no espaço privado, ou seja, no ambiente doméstico. Segundo Freitas (2002), pesquisas comprovam que as mulheres são vítimas de uma grande discriminação linguística, ou seja,

baseando-se em Lakoff (1975), esclarece que a fala feminina é desqualificada perante o universo masculino, uma vez que este se mostra hegemônico e imperioso.

Com tantos tropeços pela frente, a mulher teve que afirmar a sua identidade tentando transitar entre o público e o privado, precisou valer-se de alguns meios para isso, o trabalho foi um deles. Portanto, portas foram abertas, a duras penas, em vários setores da sociedade, as mulheres adentraram também os espaços da academia, isto é, as mulheres deixaram de ocupar as chamadas “profissões femininas”²², ou seja, aquelas consideradas próprias para mulheres, como é o caso do magistério dentre outras.

Neste sentido, as mulheres que adentram nas academias não apenas absorvem conhecimento, elas também os produzem de modo que, tão bem o fazem, conseguem se desvencilhar das amarras que assimilavam tão somente a saberes masculinos. É possível inferir que, “se é verdade que ao falar em público, a mulher assume quase sempre uma atividade hesitante, é também neste espaço que ela busca o acesso a horizontes anteriormente viris. Busca novas experiências e saberes, busca poder de decisão e liderança” (FREITAS, 2002, p.119).

Nessa busca por sua autonomia, as mulheres transgrediram espaços, até então, marcadamente masculinos, a ousadia de assumir uma autoria feminina parte destes pressupostos. Por meio da literatura, mulheres puderam expressar seus sentimentos e inconformismos advindos das hierarquias patriarcais. Não é demais ressaltar que a escrita de mulheres proporcionou a libertação das clausuras a que eram impostamente subordinadas. Para Freitas (2002), “a literatura feminina é mais um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis” (Idem).

Desse modo, a mulher busca se libertar da identidade fabricada sob o olhar do homem, assim, procura-se (re) construir-se a partir da diferença. Nesse processo de reconhecer-se por meio da diferença, a mulher assume para si a ideia de existência de um universo feminino, logo não cabe mais a ela ser pensada sob a égide do masculino. Para a autora,

A literatura produzida pela mulher baseia-se neste seu universo, sendo mesmo resultante de um corpo que se fez experiência histórica e social, de um psiquismo que se fez cultura. Entre o público e o privado, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e fazer (FREITAS, 2002, p.120).

²² Grifo meu.

Neste contexto, reforça a referida autora que, ao se afastar dos estilos masculinos de escrever, a literatura feminina vai ganhando corpo e se firmando sobre seus próprios pés. Não por acaso, as mulheres conquistaram sua autonomia e escrevem por si e pelas tantas outras silenciadas em outrora culturas restritivas e excludentes. Conclui, assim, que a escrita feminina é necessária, urgente e se faz presente, ademais enfatiza que “as mulheres, atualmente, escrevem também por todas aquelas que nos séculos anteriores e mesmo hoje em dia, em culturas mais restritivas, são silenciadas” (FREITAS, 2002, p.122).

Assim, reconhece, ainda, que a escrita feminina se expressa em paralelo com o masculino, todavia, essa produção literária feminina não precisa valer-se do estilo masculino, antes tornar-se independente sem, necessariamente, negá-lo, mas, antes de tudo, firmar a própria natureza feminina. Conforme Alves (2002), a figura da mulher sempre esteve presente na literatura, contudo, por meio de imagens construídas pela concepção de uma sociedade burguesa e elitista. Não é demais dizer que estas imagens cumpriam a função de modelar um comportamento a ser seguido, ou seja:

Sempre, na literatura, a representação da mulher esteve em foco. Mas não se pode negar que, desde o começo da Modernidade, a representação da mulher torna-se hegemônica, apresentando modelos definidos, seja para o ambiente doméstico (a mãe, a filha, a avó), seja um modelo de apelo sexual, para vender produtos ou até mesmo ilustrar calendários que vendem pneus e peças de automóveis (ALVES, 2002, p.85).

Neste contexto de modelos comportamentais, a imagem da mulher ora era associada à virgem ora ao demônio, ou seja, as mulheres acabavam por internalizar os preceitos masculinos, assim eram duplamente discriminadas, isto é, ou se era santa (anjo) ou demônio (prostituta). Estas imagens femininas eram, de certa forma, reproduzidas por meio de algumas representações, como a tipografia, a literatura, pinturas (ainda que em grau menor) e por meio de instituições religiosas, as quais propagavam um ideal de mulher que deveria ser submissa ao marido, proibidas de terem acesso aos romances sob a alegação de que estes as tirariam do foco de seus afazeres (ALVES, 2002, p.86).

Em outras palavras, a Igreja, como instituição normatizadora que é, determinava tais modelos comportamentais, contudo, foi através desta mesma que a sociedade burguesa veiculou “sua mensagem e seus preceitos à mulher burguesa” (Idem). Assim, tornam-se evidentes os papéis que cumprem a função de diferenciar as mulheres, nos quais a mulher branca (a virgem) é destinada ao casamento; a não-branca destinada ao sexo e posições subalternas, à prostituição como algo natural. Conforme Souza (2011, p.25):

Se, porém, a mulher branca é vista pela “tradição” cultural como sexo frágil, como donzela, este não será o atributo designado à mulher negra, a qual será retratada como exótica, “destinada ao sexo, ao prazer, às relações extraconjugais”, uma vez que não correspondem aos ideais dominantes de delicadeza e recato.

No entanto, ao se apropriarem (ainda que às escondidas, em muitos casos) da leitura romanesca situada entre fins do século XIX e início do século XX, a qual, em sua maioria apresentava assuntos relacionados à virgindade e/ou fidelidade, mulheres solteiras e/ou casadas garantiam o acesso aos romances, o qual pode ser visto como um alargador de horizontes em relação às mulheres. Conforme pontua Alves (2002), “é, portanto, pelos romances, que as mulheres do espaço doméstico leem às escondidas, que vai sendo construído o seu comportamento e internalizando seu destino” (Idem).

Conforme esta autora, essas imagens sobre a mulher eram repassadas sutilmente em fins do século XVIII, depois continuando por todo o século XIX, sendo propagada tanto pelas artes quanto pinturas e literaturas. Todas estas instâncias cumpriam a função de “controlar” a imagem da mulher, partindo do pressuposto sempre de um modelo ideal de mulher, o qual deveria ser perpetuado, e, além disso, reforça Alves (2002, p.87) que “na contemporaneidade, com a emergência da indústria cultural, este poder passou para as mãos da mídia, da comunicação, de entretenimento, de revistas, propagandas, filmes e novelas, consumíveis por grande parte das mulheres”.

Esta construção de um modelo de mulher, pautado pela sociedade burguesa e capitalista, subdivide o olhar em relação à mulher sob dois aspectos – a divisão sexual do trabalho e os papéis pré-definidos – assim, a partir dessa concepção calcada em bases patriarcais, tem-se solidificado a hierarquia na divisão dos papéis atribuídos a homens e mulheres, bem como a divisão dos espaços sociais relacionados a ambos. Alves (2002, p. 87) ancora-se em Hahner (1981) quando esta evidencia que:

Os homens, enquanto transmissores da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, a ciência e as artes, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades das mulheres se diferenciaram consideravelmente das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção.

Logo, uma vez que a grande maioria dos escritores era masculina, se encarregou de disseminar modelos comportamentais a serem seguidos, assim, a escrita feminina veio para caminhar na contramão destes estereótipos patriarcais. Compreendendo que a mulher devesse

se subordinar ao modelo prescrito pela burguesia, alguns perfis serviam para descrever a figura feminina, ou seja, à mulher loura e branca foi assimilado o perfil de anjo, à não-branca, o perfil de sedução (demônio), o que no Brasil remete às mulheres negras e, não por acaso, a escrita de autoria masculina, explicitamente, dava preferência às brancas oriundas da elite.

Diante disso, cresce em importância lançar os olhos acerca da literatura de mulheres como forma de inferir uma educação para o feminino, como forma de “alforriar” a categoria mulheres dos estritos limites e domínios patriarcais. Não por acaso, a hegemonia patriarcal ramifica-se através de muitas tessituras literárias, uma vez que a grande maioria de autores é branca e composta por homens, ainda, nesse sentido, é possível evidenciar que tal literatura ratifica o estereótipo de heteronormatividade hierárquica.

As cenas sexuais mostram-se mais especificadas nas autorias de mulheres, majoritariamente, na literatura feminina, as mulheres estão insatisfeitas com a própria sexualidade, o que pede uma ressalva é o fato de que este índice se refere apenas à mulher branca, pois, a negra gosta muito mais de sexo e está sempre satisfeita com sua sexualidade. Isto, de certa forma, justifica o estereótipo que, histórica e culturalmente, é atribuído à mulher negra. Os textos literários de autoria masculina mostram mulheres extremamente satisfeitas, pois, o contrário seria negar o próprio discurso dominante. O papel de mãe cristaliza a ideia de que há uma naturalização dos papéis de gênero, na qual “a ideia de amor como algo a ser construído em uma relação” é obstinadamente destruído. Na literatura de autoria masculina, as personagens, além de procriarem um número significativo de filhos, têm, na grande maioria, os do sexo masculino e, sem dúvida, todos biológicos (DALCASTAGNÉ, 2010).

Por outro lado, as autoras, apesar de diminuírem a procriação das personagens, não submetendo-as ao estereótipo naturalizado de que mulher foi feita para reproduzir a espécie, incorrem na discriminação de restringir isso apenas às mulheres brancas, no entanto, às outras são ratificados tais estereótipos bem como a proliferação dos números de filhos. Nos romances escritos por mulheres, os pais, em sua maioria, estão sempre ausentes, ou, quando se fazem presentes, são tidos como empecilhos, “estorvos”, para as personagens, especificamente para as “não-brancas”.

Neste sentido, a literatura de Conceição Evaristo caminha na contramão dos já mencionados estereótipos uma vez que atribui às suas mulheres negras o poder da decisão sobre ter ou não filhos, dá a elas o direito de não querer ser mães e, quando os têm, na grande maioria, são criados apenas pela mãe. Em contrapartida, nos romances/narrativas masculinas os pais estão, maciçamente, presentes na vida dos filhos, financeira e emocionalmente.

Contudo, evidencia Dalcastagné (2010) que uma grande lacuna perpassa e silencia os romances brasileiros contemporâneos, ou seja, percebe-se uma ausência muito grande de temáticas recorrentes, como aborto, estupro, dificuldades relacionadas à fertilidade, violência urbana e doméstica dentre outros. Conforme a teórica, isto se verifica também nos romances de autoria feminina.

Partindo do pressuposto de que, até mesmo na grande maioria da literatura produzida por mulheres, àquelas ditas “não-brancas” é relegado o espaço doméstico sob a condição de meros receptáculos de espermas bem como o submundo do sexo, no qual, majoritariamente, ocupam o papel de prostitutas e/ou similares. Diante dessa constatação, cabe uma reflexão: torna-se urgente que as mulheres negras tornem-se autoras de suas próprias histórias, não se pode permanecer para sempre nesta posição subalterna que a elas é relegada tanto dentro da literatura quanto fora dela, sobretudo, na própria narrativa escrita por mulheres brancas.

Não se pode negar que, no Brasil, já existem excelentes literaturas advindas de escritoras negras, no entanto, abrem-se, ainda, sobre elas uma espessa camada de névoa (entenda-se, nesse caso, racismo e discriminação) que impedem ou fazem tardiamente a inserção destas no cânone literário. Como exemplo destas escritoras negras, pode-se mencionar Maria Firmina dos Reis, Cristiane Sobral, Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus, bem como a própria Conceição Evaristo entre outras.

Importa ressaltar que, apesar de todas as dificuldades e limitações pelas quais passou, Carolina Maria de Jesus²³ teve publicado, entre outros livros, Quarto de Despejo²⁴, no qual a autora descreve as agruras e mazelas vividas por ela e por muitos moradores da favela do Canindé, em São Paulo. De forma bastante simples, a escritora consegue entrelaçar considerações tanto sociais quanto políticas que, de certo modo, tendem a representar um mosaico do Brasil da época. Considerada um *best seller* dos anos 60, Carolina teve o referido livro traduzido para outras línguas e reconhecido em vários países estrangeiros, referência de grande importância para a trajetória literária de Conceição Evaristo.

Apesar de representar um grande avanço em relação à produção de mulheres negras no Brasil, pode-se supor que este ainda seja um campo timidamente reconhecido, de modo que a escrita afro-literária cumpre a tarefa de retirar a/o negra/o da condição de invisibilizados. Para

²³ Tais informações são encontradas no texto “Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa de vida”, de autoria de Germana Henriques Pereira de Souza. Gêneros Literários, 2007. Veiculado em <http://repositorio.unb.br/bitstream>. Acesso em 14/12/20015.

²⁴ Cf. JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

Dalcastagné (2010), é preciso que a narrativa contemporânea não hesite em romper com os estereótipos, do contrário, poderá incorrer no equívoco de apenas modernizá-los. Neste sentido, ao pensar na escrita de Conceição Evaristo, de forma abrangente e, em especial, em *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicêncio* (2003), pode-se evidenciar que a escritora inscreve em seu fazer literário temáticas ainda exploradas de maneira tímida pela grande maioria dos/as escritores/as contemporâneos/as, como, por exemplo, questões relacionadas ao aborto, estupro e espancamentos contra a mulher.

Em *Becos* (2013), Evaristo apresenta a trajetória de Ditinha, vítima de gravidezes indesejadas e frustradas tentativas de aborto, até que, na última gravidez, já cansada das tentativas vãs, a moça procura uma outra forma, talvez mais certa e mais perigosa também. “Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital” (BM, p.144).

Em *Ponciá Vicêncio* (2003), a autora aborda a violência física contra a mulher quando descreve os espancamentos sofridos por Ponciá, embora deixe implícito que aquele homem inominável, o marido, é mais uma vítima do sistema excludente social. “Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredí-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos” (PV, p.96).

Neste mesmo sentido, segundo Constância Duarte (2009)²⁵, faz-se necessário tocar nestes assuntos, dentre os quais físicos e psicológicos, que são, na grande maioria das vezes, fatos corriqueiros na vida de muitas mulheres. Nas palavras da autora :

Já há algum tempo, quando leio escritos de autoria feminina, reparo que raramente eles tratam da questão que me parece a mais urgente, a mais premente, que nenhuma mulher pode ignorar. Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto? Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns. Não passa uma semana sem que os jornais noticiem a morte de mulheres assassinadas pelo companheiro, vingativo ou enlouquecido de ciúmes. Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as

²⁵Cf. a esse respeito o texto: **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Constância Lima Duarte (UFMG), 2009. Veiculado no Portal LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro. Acesso em dezembro de 2015.

outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas (DUARTE, 2009, p.2).

Vale ressaltar que muitas outras formas de violências cometidas contra a mulher, dentre as quais o estupro, são apresentadas com certo acanhamento na literatura brasileira. Ao mencionar a “ausência dessa dor”²⁶ na literatura brasileira, Constância Duarte (2009) chama a atenção para os *Cadernos Negros*, publicação coletiva de autores afrodescendentes que, desde 1978, anualmente, disponibiliza ao público contos e poemas afroliterários. Desta forma, pode-se evidenciar que “a partir de uma perspectiva étnica, de classe e feminista, algumas escritoras realizam – com competência e sensibilidade – agudas releituras da violência, expondo sem melindres personagens-chagas do cotidiano feminino” (DUARTE, 2009, p.2).

A autora chama a atenção para a escrita afroliterária da autora de *Becos e Ponciá* e, como exemplo, resalta que Evaristo, entre outros escritos, aborda a questão do estupro no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, narrativa publicada recentemente no livro *Olhos D'Água* (2014, p.49-50):

O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela (Evaristo, 2014, p.49-50).

Conforme Constância Duarte (2009, p.6), esta é uma necessidade que se faz mister existir no bojo da escrita literária feminina e, ao mencionar Conceição Evaristo, a autora resalta que “a literatura de autoria assumidamente negra – como esta, assinada por Conceição Evaristo – ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção, está se inscrevendo de forma definitiva na literatura nacional”.

Em conformidade com isso, é possível inferir, com base em considerações bahktinianas, que a relação que Conceição Evaristo estabelece com suas personagens, sobretudo, com suas mulheres e, em especial, com Maria Nova e Ponciá Vicêncio é, antes de tudo, uma forma de transformá-las em porta-vozes de uma escrita-denúncia histórica e social. Em outras palavras, a escrita de Evaristo aponta para problemas que acometem cotidianamente a população negra e, ademais, reflete uma visão da realidade vivida por muitas mulheres pobres e negras.

²⁶ Grifo da autora.

Quando aborda temas, até então, considerados tabus, como é o caso do estupro, aborto e violência urbana, Evaristo inscreve sobre as páginas de seus romances muito mais que um simples fazer literário, antes, inscreve denúncias políticas e sociais das quais é vítima a grande maioria da população brasileira negra e pobre. Ainda, neste sentido, é uma denúncia das muitas formas de violências a que mulheres (neste caso, negras e brancas) são submetidas diariamente.

Conforme o russo Mikhail Bakhtin (1992, p.30), é possível que “um autor converta seu herói no porta-voz de suas próprias ideias, segundo o valor teórico ou ético delas (político, social) com o intuito de torná-las verídicas, com o objetivo de difundí-las”. Em suma, acontece aquilo que o autor denomina de “remanejamento de ideias” (Idem), ou seja, por meio da voz da personagem, o autor se expressa pelo viés da verossimilhança. Entretanto, importa lembrar, conforme Brait (1987, p.31) que “não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades” e, neste sentido, ao fazer uso da voz de suas mulheres-personagens como forma de expressar as muitas mazelas sociais das quais são vítimas, Conceição Evaristo torna sua escrita verossímil. A própria autora ressalta estas possibilidades em *Becos da Memória* (2013), por meio da voz de Maria Nova:

Escrevo como uma homenagem póstuma a Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos das minhas memórias. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. [...] homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (BM, 2013, p.30).

Conceição Evaristo assevera autonomia à sua protagonista e utiliza-se da voz da personagem para expressar muito do que foi a própria vivência. Não é muito ressaltar que esta interrelação autor/herói acontece pelo viés da consciência, ou seja, a mente criadora do autor atribui, de certa forma, um acabamento ao herói, uma consciência que é secundária porque só existe a partir de uma primeira, que é a do autor-criador.

Para o filósofo Mikhail Bakhtin (1992, p.32), “o autor é o depositário da tensão exercida pela unidade de um todo acabado, o todo do herói e o todo da obra” [...] “o autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles”. Dessa forma, esse excedente da visão do autor sobre o herói é o que determina o acabamento relacionado à existência das personagens, isto é, tem-se

uma consciência acabada dirigida através de uma outra em devir (a do autor), isso é o que diferencia ambos nesta relação de proximidade em que se encontram. Para o russo:

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver e nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida – devo ser para mim mesmo um valor ainda por-*vir*, devo não coincidir com a minha própria atualidade (BAKHTIN, 1992, p.33).

Consciente deste inacabamento, tomei para mim a ousadia de mesclar um pouco da minha escrita em intersecção com a de Evaristo, isto é, valer-me da liberdade e do direito de exercer a minha autoria, ou seja, contar um pouco da minha própria história, de entoar a minha própria voz como forma de ratificar a importância da autoria feminina. Neste processo de encontros íntimos nos quais tenho me relacionado com Evaristo, durante as muitas madrugadas pelas quais dialogamos, por meio de seus escritos, muitas foram as vezes em que precisei parar com as leituras porque as lágrimas insistiam em umedecer os meus olhos. Inúmeras foram as vezes em que tive que parar a escrita porque, em dado momento, percebia que o texto apresentava subjetividade excessiva, enfim, reconheço que inscrevi, em cada linha desta pesquisa, muito da minha própria identidade, a qual também é um processo em devir.

Concomitante aos diálogos com Evaristo, aconteciam os encontros com Bakhtin (1981, 1992, 1993, 2011), como também com os estudiosos do filósofo russo. As conversas bakhtinianas me situaram no campo desta pesquisa, de modo a possibilitar-me a compreensão de que essa produção de sentidos que me envolve e me confunde com o meu próprio objeto é apenas mais uma forma de enxergar as coisas, enxergar o mundo, visto que tudo é um processo inacabado.

Uma vez na condição de pesquisadora (or), faz-se necessário notar que a produção de conhecimento envolve, como ressaltam Axt e Silveira (2015, p.170), “o movimento incessante, o devir e a imprevisibilidade, o inacabamento, a produção de sentidos, a ética, em oposição a tudo aquilo que enquadra a realidade do homem de forma conclusiva [...]”. De posse desse saber, procurei me posicionar consciente de que sou mais uma das vozes que ecoam das linhas traçadas por Evaristo, tive, ainda, mais consciência também da importância da Educação na minha vida, bem como na vida de Conceição Evaristo e de nós mulheres em geral. Somente por meio da aquisição de conhecimento é que nós mulheres, sobretudo, se negras e, ainda, marginalizadas, conseguiremos fazer a travessia, extravasar as fronteiras em busca da própria autonomia, reescrevendo a nossa verdadeira história.

Embora a objetividade seja necessária na pesquisa em Ciências Humanas, importa lembrar que esta só existirá acompanhada de uma forte dose de subjetividade, haja vista o foco recair sobre as relações humanas, de modo que o objeto/sujeito pesquisado não é mudo e/ou estático, não é apenas um objeto de investigação, é, antes de tudo, o outro, e, conforme considerações bakhtinianas, nos constituímos, afetamos e somos afetadas (os) pelo olhar do outro (AXT & SILVEIRA, 2015). Desse modo, pude compreender a minha própria subjetividade presente na minha pesquisa, além disso, reforçar a ideia de que essa interlocução dialógica-alteritária entre pesquisador e pesquisado, constitui-se, provavelmente, como um dos princípios fundamentais da pesquisa em Ciências Humanas. De acordo com Albuquerque e Souza (2012, p.111),

O *outro* é o lugar da busca de sentido, mas também, simultaneamente, da incompletude e da provisoriedade. Essa perspectiva apresenta a condição de inacabamento permanente do sujeito, o vir-a-ser da condição do homem no mundo, assim como também denuncia a precária condição das teorias que buscam, através de uma linguagem instrumental, representar a totalidade da experiência do homem no mundo. O mundo conhecido teoricamente não é o mundo inteiro (BAKHTIN, 2010, grifo do autor).

Neste movimento de alteridade e dialogismo, Evaristo segue situando representações de mulheres e conclamando-nas para que saiam do lugar estereotipado no qual foram inseridas, para que, além de tudo, saiam da condição de alienação, busquem construir suas próprias identidades, quebrem paradigmas, enfim, encontrem-se enquanto mulheres, entretanto, nunca na posição de subalternidade ou submissão. A partir deste diálogo com as muitas vozes que ressaltam e ecoam dos seus escritos, Conceição reitera a necessidade e a importância da Educação (seja escolar ou não, haja vista, o conhecimento de mundo e a experiência, muitas vezes, constituírem-se como importantes fontes de saberes) como um eixo libertador da subalternidade feminina. Por meio de sua *escrivivência*, vai delineando possibilidades para suas vozes-mulheres que vão muito além dos estritos espaços sociais a elas destinados hegemonicamente.

Se, por um lado, não se pode negar que nosso discurso é antecedido e precedido pelo de outrem, por outro, é pertinente ressaltar que, às vezes, resquícios de determinadas vozes tendem a produzir distintas representações sociais. Trazendo esta reflexão para a realidade dos negros no Brasil, pode-se inferir que, relacionada a uma grande parcela da sociedade brasileira, ainda ressoam enunciados cristalizados, impregnados de diversificados tons valorativos em relação aos povos afrodescendentes, sobretudo, em relação às mulheres. Neste

sentido, ao dar voz às suas mulheres e torná-las donas das próprias histórias, Evaristo desconstrói muito mais que estereótipos e paradigmas, ou seja, caminha de encontro à História Oficial, a qual sempre determinou os lugares a serem ocupados pelos/as negros/as. Conforme Pereira (2015):

Ao afirmar o mito da democracia racial como bandeira das relações harmônicas entre brancos e negros, só fez acelerar os quadros das desigualdades tão evidentes em nosso país. Essas evidências, no entanto, ficam à espreita como que envoltas por uma sutileza tão maléfica que o simples fato de admiti-las é tão danoso para nossa racionalidade que, ao invés de quebrarmos certos paradigmas, apenas o repetimos mecanicamente. O mecanicamente incorreto faz com que se tenha pelo outro uma versão depreciativa que ao desconsiderar sua singularidade acaba lhe dando rótulos ao invés de voz (PEREIRA, 2015, p.16).

Nesta direção, a escrita de Evaristo soa como uma contra-palavra ao discurso autoritário proferido pela História Oficial. São, em suma, palavras alheias carregadas de sentidos depreciativos que, novamente incorporados ao discurso de outrem, cumprem a mesma função de preterir e reforçar a invisibilidade e o silenciamento outorgados à população negra. Conforme Bakhtin (1992), há sempre enunciados alheios que ditam o tom e servem de inspiração, no entanto, nem sempre passíveis de aceitação. Para o russo, “ a época, o meio social, o micromundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom” (p.313), isto é, todas estas esferas comportam distintos enunciados alheios e/ou “certo número de ideias diretrizes que emanam dos “lumières’ da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem etc” (Idem).

Logo, é preciso romper com a ideia de há uma raça superior, a branca, isso é uma tendência monológica, uma ideia autoritária que, por vezes, é reiterada no preterimento à raça negra. Conforme Bakhtin (1992), um enunciado é sempre uma resposta a outros, por mais monologizante que seja, é permeado por enunciados de outrem. Assim:

É mais desafiador entender uma realidade social que vem demonstrando que o negro continua sendo discriminado em todas as esferas sociais, algo alimentado por um imaginário coletivo que busca desculpas para a permanência de práticas racistas herdadas de um passado que hoje não mais deveria se autossustentar (PEREIRA, 2015, p.19).

Em outras palavras, esses enunciados sustentados pelo antagonismo vigente entre brancos e negros, encontram respaldos e ganham forças no bojo das práticas racistas, ora

explícitas ora veladas direcionadas ao povo negro. Importa ratificar que a literatura afrobrasileira atua como contra-discurso ao proporcionar “reflexões sobre as vozes de nossos atores: os negros e negras que, durante séculos, foram silenciados e representados como seres desprovidos de memória” (PEREIRA, 2015, p.20). Nesta mesma linha de pensamento, Arruda (2007), ao dialogar com Luiza Lobo, ressalta que o grande diferencial da escrita afroliterária é justamente a transição efetuada pelos negros e negras brasileiros/as, os quais saem da condição de seres pensados (objetos) para seres pensantes (sujeitos), donos de suas próprias histórias.

Como já mencionado, é proposta desta pesquisa observar e analisar, metodologicamente calcada nos pressupostos bakhtinianos da polifonia, alteridade e dialogismo, a categoria mulheres na obra de Conceição Evaristo (tomando por base algumas obras já mencionadas no corpo deste trabalho), especificamente perceber este movimento polifônico do qual emergem vozes outroras silenciadas, invisibilizadas, condicionadas a uma subalternidade que lhes fora imposta relegando-as, na grande maioria das vezes, às piores e subjugadas condições de vida. Vitimadas por uma cultura calcada no androcentrismo e sexismo hegemônico (MORENO, 1999), estas mulheres ainda conciliam um modelo de submissão ao falo, de certa forma.

Além dos textos libertadores de Conceição Evaristo, leituras acerca dos gêneros e pós-feminismos constituíram-se de extrema relevância para que eu me conscientizasse da minha importância e do lugar (que não é e nunca deverá ser o de submissão) que ocupo no mundo. Assim, espero que esta escrita também vá ao encontro dos anseios de muitas outras mulheres, sem, entretanto, ter a pretensão de estabelecer verdades absolutas.

Caso suscite reflexões e possíveis questionamentos, pode-se dizer que a pesquisa já terá alcançado grande êxito. Afinal, necessário se faz, pois, ter a consciência de que o ato de pesquisar é, em suma, estabelecer sempre outras possibilidades. Neste sentido, conforme Jobim e Souza²⁷ (2003, p.81) “pesquisar é um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social. Pesquisar é também penetrar na intimidade das camadas de leituras que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica no mundo”.

²⁷ Cf. JOBIM e SOUZA, Solange. **Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões técnicas e metodológicas** *apud* FREITAS, SOUZA e KRAMER. CIENCIAS HUMANAS E PESQUISA: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo, Cortez, 2003.

A partir de eixos voltados para a análise de gênero, bem como de temas recorrentes na obras (educação, feminino, mulheres, trabalho, autonomia) em relação às mulheres presentificadas nos escritos de Evaristo, busco aproximar o olhar em função de observar quais seriam estas vozes que ecoam dos escritos evaristianos, de onde elas vêm, quais projetos e condições de vida estão imbricadas nestas vozes. Além disso, a partir das próprias personagens femininas representadas nas já mencionadas obras, busco inferir de que forma a educação escolar e não escolar sobre o ser mulher emanam das vozes destas personagens. Neste sentido, para uma melhor compreensão dos critérios voltados para a análise destes eixos temáticos presentes nas tessituras evaristianas, torna-se importante voltar os olhos para os conceitos bakhtinianos que serão utilizados como parâmetros para a análise propriamente dita.

3 PENSANDO O GÊNERO, O PÓS-FEMINISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.
(Conceição Evaristo, 2007)

3.1 Um olhar sobre os gêneros

Falar sobre os gêneros implica pensar em construções sociais instituídas historicamente. Não se pode, entretanto, fixar o olhar apenas em concepções pré-definidas, uma vez que as identidades são constituídas ao longo de toda a vida dos seres humanos, não são estanques, portanto. A abordagem dos gêneros a partir da dicotomia masculino/feminino não é suficiente para classificar e separar pessoas (e isso não deve acontecer de nenhuma forma), não é segredo, no entanto, que uma vez instituída histórica, social e culturalmente, esta concepção sexista fere, separa, denigre, afeta, estigmatiza e humilha dentre tantos outros adjetivos utilizados para relacionar pessoas de sexos opostos.

Não obstante, considerações de gênero não podem expressar as subjetividades dos seres humanos, independentes do sexo que possuem, não se pode determinar a identidade do sujeito a partir de conceitos puramente biológicos. Grosso modo, não se pode determinar a identidade do sujeito sob nenhuma ótica simplesmente porque ela se constitui cotidianamente, o processo é uma constante. Práticas sociais e culturais são consideradas determinantes (do ponto de vista pré-concebido daqueles/as que assim o instituíram) do eixo gerador e formador das identidades de gênero. A partir do momento em que as cortinas se abrem para o grande show da vida, partir do pressuposto de que identidades são determinadas por meio do sexo biológico é, sem dúvida, incorrer no mais grotesco senso comum. Por outro lado, não se pode negar que essa dualidade (a atribuição da identidade de gênero do sujeito por meio do sexo) perpassa, em sua grande maioria, a sociedade e se cristaliza à medida que se dá a ela visibilidade excessiva (LOURO, 1997).

A perpetuação de um discurso totalmente pautado sob a égide da heterossexualidade cumpre, por toda a sociedade vigente, a função de evidenciar a antagonia relacionada aos gêneros. Em consonância com isso, salienta-se uma pluralidade de vozes e de instituições que se ocupam do alargamento destes horizontes, não por acaso as escolas, as igrejas, espaços políticos, bem como a própria família. Imbuídos de uma herança calcada por um olhar patriarcal, tais instituições reproduzem as velhas concepções cristalizadas de convergências entre os gêneros somente por meio de uma relação heterossexual.

Vale lembrar que a condição da mulher neste tipo de relacionamento é (e querem estas instituições que continue sendo) sempre a de subordinada ao egocentrismo do homem, haja vista este ser o protagonista do pensamento androcêntrico, no qual a mulher é vista em condição de inferioridade e as instituições acima citadas (protagonistas na repressão) contribuem para este processo de reprodução. Para Bourdieu (2002), a eternização do discurso de dominação masculina sobre as mulheres tem seus alicerces fincados, principalmente, na Escola e no Estado. Estas instituições, segundo o autor, além de perpetuarem o discurso vigente estão fortemente imbricadas porque impõem o mesmo princípio hegemônico de dominação. Conforme o autor:

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente, ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, sobre a qual um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem definido, no seio mesmo das lutas políticas contra todas as formas de dominação (p.4-5).

Ressalta Bourdieu (2002, p.8) que essa dicotomia entre os sexos perpassa os caminhos da “naturalização”, isto é, atribuiu-se um certo *status* de normatividade ao discurso vigente, o qual, conforme o autor, parece inserir-se “na ordem natural das coisas”. Na concepção do autor, isto parte do princípio das divisões sociais entre os sexos que, por adotarem tons “naturalizados” incorrem naquilo que Bourdieu chama de “reconhecimento de legitimação” do discurso. Por meio da fala do autor, é possível inferir a autoridade discursiva das instituições acima citadas no cumprimento do papel de constituidoras da hegemonia vigente, bem como a dificuldade de se perceber suas atuações, as quais, muito comumente, acontecem de formas veladas e sutis. Reforça, ainda, o autor, que a ordem social instituída justifica a

dominação masculina e constitui-se como sólido alicerce das imensuráveis desigualdades entre os sexos. Nas palavras de Bourdieu (2002):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça; é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço opondo o lugar de assembleia ou de mercados, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina com o estábulo, a água e os vegetais... (BOURDIEU, 2002, p.8).

Por conta disso, os gêneros divergem. Judith Butler (2007) considera que a primeira formulação do “problema do gênero” ou “a disputa do gênero” parte da dicotomia homem/mulher calcada por uma estrutura heterossexual. Conforme a autora, se é considerada mulher a partir do momento que se vive sob a posição que se ocupa nos gêneros, de modo que “mulher + hetero = mulher; homem + hetero = dominante”.

Sabe-se que, desde meados do século XX, o uso do termo *gênero* passou a ser utilizado como forma de se reportar ao processo do construto do masculino e feminino. Junta-se a isso a função de atribuir e “questionar papéis sociais destinados às mulheres e aos homens” (Palmeira e Souza, 2008, p.11). Por outro lado, vale ressaltar que, por mais que o termo *gênero* possa ser confundido com *sexo*, indubitavelmente, são conceitos distintos e devem ser explicitados. Ao passo que o primeiro constitui-se como uma apropriação cultural e socialmente construída e ocupa-se da identificação do masculino e feminino, o segundo cumpre a função de atribuir características tanto fisiológicas quanto anatômicas entre homens e mulheres (LOURO, 1997).

Em tese, pode-se pensar que, embora sejam intrinsecamente imbricados e inter-relacionados, a dicotomia sexo/gênero tende a representar papéis sociais diferentes, ou seja, as identidades sexuais se reportam à forma como o sujeito vive sua sexualidade, as de gênero seguem estabelecendo as diferenças entre o ser masculino e feminino. Conforme Joan Scott (1995), torna-se essencial que se busque a desconstrução do binarismo entre masculino e feminino, como polos opostos e instauradores de práticas e discursos hegemônicos.

Uma vez que o gênero é uma construção social, abarca conceitos e pontos de vistas divergentes, contudo, um ponto culmina para uma convergência falocêntrica, isto é, o homem (ser masculino) ocupa a posição de dominação e a mulher a de submissão e dominada, numa cadeia hierárquica que privilegia uns em detrimento de outras. É objetivo dos Estudos

Feministas buscar a desconstrução deste olhar estereotipado acerca das mulheres, bem como elevar a condição feminina para uma equidade que lhe é devida, porém usurpada por uma suposta dominação masculina.

Desde muito tempo a cultura falocêntrica pensa a mulher por meio de olhares e conceitos que a concebe como a parte frágil que comporta a obrigatoriedade de servir ao homem, de complementar o Outro embora deva sempre permanecer na condição de subordinada. Isto posto, ressalta Lins (2007) que, apesar de gozarem de alguns conhecimentos e regalias que eram somente relegadas aos homens como, por exemplo, estudar e trabalhar, ainda permanece arraigado na sociedade histórica e culturalmente a noção de que a mulher “deve estar preparada para o papel materno, permanecendo o casamento a principal meta a ser alcançada” (p.10).

Pode-se dizer que tanto homens quanto mulheres pagaram um preço muito alto e foram igualmente prejudicados, uma vez que a mulher, na condição social que a ela foi destinada, é vista como a parte inferior nesta divisão dos gêneros e como tal deve se submeter aos mandos e dominação masculina; por outro lado, ao conceber o *status* de ser superior, o homem carrega o fardo de não poder falhar nunca, de ter que mostrar-se sempre forte e viril e, nesse caso, aqueles que não se inserem (ou não se deixam ser inseridos) neste perfil comportamental são peremptoriamente excluídos.

Ao homem (sujeito masculino), em linhas gerais, mas pode ser exemplificado com o brasileiro, não foi relegado o direito à sensibilidade, a ser frágil, dócil, ao contrário, aquele que apresentar tais características será violentamente discriminado e estereotipado. À mulher relegou-se a responsabilidade para com os afazeres domésticos e o uso da “fenda” vaginal para satisfazer os caprichos e vontades do marido. Neste sistema patriarcal, o orgasmo deve ser apenas fruto do gozo masculino, à mulher não cabe permitir tal feito.

Conforme as considerações de Safiotti (1987), sem direito nem voz, a figura feminina é relegada a uma condição de subalternidade explícita, deixando de ser vista como sujeito e estrelando a de objeto, tanto doméstico quanto sexual, devendo estar sempre pronta e disposta a servir e obedecer ao homem. Sabendo que o patriarcado estabelece um linhagem masculina é possível pressupor que se torne hereditário e vá-se repassando entre pais, filhos e parentescos. Neste sentido, à figura da mulher torna-se inerente a condição de inferioridade e de submissão aos domínios e caprichos dos homens. Ressalta, ainda, que por conta da sua condição de dominada, nas representações patriarcais, a mulher não tem direitos, apenas obrigações a cumprir tanto do ponto de vista sexual quanto doméstico.

Nas considerações da referida autora, essa representação (que até nos dias de hoje impera de alguma forma) é a grande responsável pela antagonia relacionada aos gêneros, uma vez que esta separação cumpre a função de sobrepor um sexo em detrimento do outro. Enleadas por um olhar de submissão em relação aos maridos quando casadas e ao pai quando solteiras, as mulheres não existem de fato, apenas representam um corpo para ser fecundado e procriar, bem como cuidar dos afazeres domésticos. Salienta, ainda, que participar do orgasmo durante a relação sexual permitiria à mulher a possibilidade de incorrer no risco de tornar-se infiel, e isto aos olhos do patriarca não é permitido nem em pensamentos.

Por outro lado, é possível evidenciar que, por mais que ocupe uma posição de destaque aos olhos do patriarcalismo, o homem é forçado a viver uma virilidade constante, não podendo expressar possíveis sentimentos que envolvam sensibilidades. Em suma, ao homem é relegada a condição de reprodutor dominante, másculo, hetero, bruto, viril e dominador. De acordo com Saffioti (1987), nesta perspectiva homens e mulheres vão se afirmando, se negando, se constituindo, se ocultando sob as concepções hegemônicas patriarcais.

Salienta, no entanto, que não é tarefa fácil nem simples se livrar das amarras do patriarcalismo, já que os mais prejudicados por essa visão (entenda-se, nesse caso, as mulheres), na maioria das vezes, perpetuam tais formas de relacionamento. Segundo a autora, um dos exemplos mais fortes é a condição internalizada pela grande maioria das mulheres de adotarem o sobrenome do marido depois de casadas, mesmo quando deixou de ser obrigatório, como é o caso do Brasil. É alarmante o número de mulheres que insistem em adotar essa postura sem se darem conta de que esta é mais uma forma de se condicionarem à hierarquia vigente e se tornarem mais inferiorizadas. Para a autora, evidencia-se isto, entre outras coisas, quando se percebe que:

A força desta ideologia da 'inferioridade' da mulher é tão grande que até as mulheres que trabalham na enxada, apresentando maior produtividade que os homens, admitem sua 'fraqueza'. Estão de tal maneira imbuídas desta ideia de sua 'inferioridade', que se assumem como seres inferiores aos homens (SAFFIOTI, 1987, p.12, grifos da autora).

Pasme-se, em plena era contemporânea, ainda ressoam nas entranhas da sociedade brasileira vozes imbuídas de um patriarcalismo ora explícito ora velado, mas que se faz notar por meio das relações de poder que perpassam a constituição das identidades dos sujeitos. Em muitos lugares, embora exerça a mesma função que os homens, a remuneração

feminina é completamente inferior. O alicerce do patriarcado permanece sólido, contudo, abalado pelas grandes significações obtidas por intermédio dos Estudos Feministas, mas vale ressaltar que esta busca deve ser constante e ininterrupta.

Salienta, ainda, Saffioti (1987), que por mais que se fale no fim do regime, suas raízes continuam vivas e se ramificando por todos os cantos, atribui-se a isso uma crescente “naturalização” do patriarcalismo, a relação entre homem e mulher tornou-se autoritária e desigual, na qual uma é desvalorizada e o outro exaltado. Esta suposta “normalização” vem de encontro a um ideal de equidade perante os gêneros, culminando, dessa forma, para a disseminação de práticas androcêntricas produzidas e reproduzidas pelo sistema hegemônico de dominação vigente. É princípio de uma sociedade justa buscar a desconstrução desta hierarquia.

Esta invisibilidade feminina se deve às representações oriundas da visão androcêntrica, da qual ao homem foram relegadas as atividades relacionadas ao cálculo, força, inteligência, racionalidade, lógica entre outras; às mulheres atividades cujos olhares se voltam para a servidão e procriação, puramente perpassadas pelo instinto maternal. A elas foram negados os direitos de poder e cidadania, em síntese, foram relegadas a um subalterno e secundário posto social, dentro da ideologia patriarcal. Não por acaso, esta concepção hegemônica culminou em uma educação totalmente diferenciada entre meninos e meninas, na qual o heterossexual cristão é percebido como ponto de referência e, neste sentido, aqueles/as que não se inserem dentro do sistema vigente são estigmatizados pela grande maioria da sociedade.

É bem verdade que, com o advento do feminismo, muitas foram as conquistas alcançadas pelas mulheres, contudo algo parece permanecer na intangibilidade: a insistente cobrança de que, por e para ser mulher, não se deva perder sua feminilidade (BEAUVOIR, 1967). Desde muito pequena, conforme a autora, meninas são incentivadas e instigadas a se comportar e assumir ares de “boas moças”. Em tese, são repassadas normas e conceitos do que se deve fazer para ser uma “mulher”, ou seja, ensinam-lhes a resignação, a serem subservientes, alienadas e, sobretudo, ensinam-lhes a assumirem para si a condição de inferioridade em relação ao homem.

Isto posto, não é raro observar os pais associarem às filhas os afazeres domésticos e ao instigarem-nas a absorver a condição da maternidade como sendo-lhes algo peculiar, por meio das bonecas com as quais lhes presenteiam, comumente preparam-nas para assumirem uma identidade que pressupõe a hierarquia hegemônica social. Pressupõe-se, a partir disso, que aos

meninos o ensinamento é oposto pois, desde muito cedo, são acostumados a se colocarem em posição superior às meninas e, assim, internalizarem, de maneira muito precoce, as raízes patriarcais que se aflorarão anos mais tarde.

Conforme Beauvoir (1967), os pais solidificam e perpetuam os ideais do patriarcado pois “falam aos meninos com mais gravidade, mais estima, reconhecem-lhes mais direitos”, em consequência disso, em sua grande maioria, “os próprios meninos tratam as meninas com desprezo; brincam entre si, não admitem meninas em seus bandos” (p.28), embora, de certa forma, essa predileção por admitir no “bando” apenas sujeitos do mesmo sexo também se dê com as meninas.

Ao tratar da condição de inferioridade à qual é relegada a mulher, Beauvoir (1967) ressalta a situação semelhante a que são subordinados os negros, sobretudo, os da América do Norte. Neste sentido, pode-se supor que ambos os sujeitos são pensados sob uma perspectiva subalterna. Ante o homem branco, o negro é relegado a uma invisibilidade marcada tão somente pela cor da sua pele, forçando-o a um sujeitamento que o priva dos sonhos e liberdade, condicionando-o, supostamente, às margens da sociedade hegemônica. Por tudo isso, faz-se necessário e cresce em importância os estudos direcionados à história dos negros e sua busca por uma igualdade que lhes é devida.

Para Belotti (1975), essa suposta diferença não nasce com a criança, não é inerente à ela, pelo contrário, é inculcada nesta primeiramente pelos pais. Ressalta, ainda, que a própria criança até os 4 a 5 anos de idade acha perfeitamente “normal” sua condição de pessoa, independente do sexo. Em contraposição a isso, em meninos são suscitadas noções de que eles representam o que a autora chama de “símbolo de uma virilidade”. Em um tempo não muito distante, esse falocentrismo poderá transformar estes meninos em fieis representantes da hierarquia patriarcal heterossexual. Por outro lado, às meninas são ensinados valores sociais voltados para a ideologia patriarcal, na qual a passividade e a submissão são-lhes ensinadas como se fossem, via de regra, inerentes à condição feminina.

A imortal frase de Simone de Beauvoir (1967): “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, vem, entre outras coisas, ao encontro desta quebra de paradigma, isto é, a ruptura com a sórdida visão da mulher como continuidade do homem. Este “tornar-se mulher” implica, dentre outras coisas, sair da zona de conforto da alienação e lutar em favor da não-continuidade da hegemonia vigente. Em conformidade com isso, uma boa maneira de se dar início a esta descontinuidade seria, a partir de coisas simples e, quem sabe, até banais aos olhos da sociedade, como por exemplo, romper com a dicotomia das cores que demarcam

masculino e feminino, com os velhos rótulos de que “isso não é coisa de menina” ou “isso não é coisa de menino” dentre outros. Vale ressaltar, no entanto, que tais atitudes, por mais que possam parecer, não são aleatórias, visto que são completamente recheadas de poder.

De acordo com Funck (2014), esta dicotomia tem suas raízes fincadas na infância por meio do próprio seio familiar, cuja educação tem princípios sexistas e separatistas, isto é, desde pequena a criança é incentivada a apreender a distinção entre os gêneros. *A posteriori*, as instituições escolares se encarregam de reproduzir e também produzir o pensamento vigente. Enfatiza a autora que as literaturas feministas são fortes aliadas na desconstrução desse binarismo, ainda, salienta que, desde meados dos anos 70, quando surgiram os primeiros questionamentos acerca de como estava sendo veiculada a representação literária feminina, que se tem obtidos avanços significativos e aberto espaços para novas proposições e novos tipos de feminilidades, sobretudo, se tem discutido novas formas de organização social, com novas possibilidades de estruturas familiares e a heterossexualidade não mais vista como paradigma entre outros.

Por outro lado, pode-se supor que não são apenas as questões relacionadas ao sexo que irão definir a identidade do sujeito em masculino ou feminino, mas sim as relações sociais que esta/e desenvolverá de forma social, histórica e cultural. Por conta disso, novas reflexões emergem dando lugar ao que será denominado de “gênero”. Segundo Grossi (1998), o conceito de gênero chegou ao Brasil por meio das estudiosas:

Pesquisadoras norte-americanas que passaram a utilizar a categoria “gender” para falar das “origens exclusivamente das identidades subjetivas de homens e mulheres”. De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usadas nos exemplos mais corriqueiros, como “mulher não pode levantar peso” ou “homem não tem jeito para cuidar de criança” (GROSSI, 1998, p.4, grifos da autora).

Somente em meados dos anos 80 é que estudiosas feministas passam a assimilar o termo no Brasil. O gênero passa a ser visto como constituinte da identidade dos sujeitos. Estudos Feministas e Culturais pressupõem a construção das identidades de formas múltiplas e plurais, visto não serem estanques, passíveis de mudanças, até mesmo contraditórias e diferenciadas. Isso se justifica uma vez que os sujeitos são interpelados conforme suas práticas sociais e culturais e nestas se afirmam e se constituem. Para Louro, “o sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e

práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos” (LOURO, 1997, p.25).

Conforme a autora, a partir de considerações das estudiosas feministas anglo-saxãs é que o termo “gênero” passa a ser usado como distinto de sexo, haja vista o caráter puramente biológico não dar conta das questões de gênero e sexualidades. Assim, o termo passa a representar tanto uma ferramenta política quanto analítica. A questão biológica não é negada, contudo, são enfatizadas a construção social e histórica sobre a primeira, dessa maneira, as reflexões ficam no campo do histórico e do social, que é de onde se produzem e se constroem as relações entre os sujeitos.

Em conformidade com isso, Scott (1999) salienta que as palavras não podem dar conta de significados para os sujeitos, estes independem delas para existirem de modo que insistir na codificação em busca de definição para pessoas é incorrer no lugar comum. Para a autora, o termo “gênero” não dá conta de explicar a diferenciação dos sujeitos por meio do sexo, porque as pessoas não são mecânicas, elas se constituem em suas subjetividades e produzem histórias. Nas palavras de Joan Scott (1999, p.2):

O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1999, p.2, grifos da autora).

A priori, os Estudos Feministas partiam do pressuposto (e ainda o fazem) da desconstrução das diversas formas de silenciamento da mulher, bem como à submissão e dominação a que eram forçosamente oprimidas. Além disso, as relações de poder eram/são uma constante no campo dos Estudos Feministas. Por conta dessas relações de poder socialmente estabelecidas é que cristalizou-se a concepção hegemônica na qual o homem será visto sempre como um ser que domina e a mulher sempre dominada. É *mister* buscar a desconstrução dessa visão deturpada, que, ainda hoje, é extremamente recorrente, isto é, o homem (masculino) como parâmetro a ser seguido.

Para dar suporte às questões de relações de poder, Louro (1997) retoma Foucault (1988), o qual salienta que os discursos são permeados por estas relações e que os sujeitos são fortemente interpelados e, por vezes, se constituem pelas e nas relações de poder. Reforça a

ideia de que o sujeito é construído por suas práticas sociais e, nesse caso, os gêneros assim também se constituem. O processo não é estanque nem uno, se transforma e transforma os indivíduos em questão, essa rede de relações de poder “é sempre tensa, sempre em atividade”.

Ao mencionar as concepções tradicionais para Foucault, Louro (1997) salienta que, segundo o autor, o poder deve também ser visto como “produtivo e positivo”, uma vez que pode despertar um olhar voltado para o que, até então, é tido como tradicional. Desse modo, suscita questionamentos valendo-se das “minúcias”, dos “detalhes”. A autora relaciona aquilo que Foucault chama de “bio-poder” como forma de representar a concepção hegemônica instituída historicamente para gerir controle sobre homens e mulheres, sobretudo, em relação aos seus corpos, instituindo-lhes lugares e/ou posições sociais diferenciadas. Diante disso, pode-se pensar que, ainda que os estudos de gêneros priorizem considerações sobre as mulheres, de certa forma, estão se referindo também aos homens, uma vez que é nas e pelas relações sociais que se constroem as identidades. Neste sentido, Louro (1997) ressalta que:

As lentes de Foucault ainda poderiam provocar outros olhares sobre as relações de poder entre os gêneros: a normalização da conduta dos meninos e meninas, a produção dos saberes sobre a sexualidade e os corpos, as táticas e as tecnologias que garantem o “governo” e o “autogoverno” dos sujeitos... (LOURO, 1997, p.42, grifos da autora).

Louro (1997) apropria-se destes conceitos do autor para ressaltar que tais concepções podem ser de grande utilidade para os Estudos Feministas, haja vista homens e mulheres se constituírem a partir das mais variadas e diferenciadas práticas sociais. Deve-se levar em conta, nesse caso, que estas relações se dão de forma constante, embora, fortemente atravessadas pelas “manobras de poder”, as quais cumprem a função de determinar o lugar na hierarquia social daquelas/es que não se constituem na forma hegemônica de se conceber o sujeito (branco, hétero, cristão, de classe média, etc).

Desse modo, torna-se importante evidenciar as exímias contribuições de Foucault para o campo dos estudos voltados para a desconstrução do discurso hegemônico, dogmático, androcêntrico e sexista, o qual insiste em reinar imperioso (vale lembrar que avanços significativos já foram alcançados em relação a esta desconstrução, um exemplo disso é a descentralização do patriarcado, embora, ainda haja concepções voltadas para este olhar) parametrizando os modos de ser e de se constituir enquanto sujeitos. Em conformidade com isso, Louro (1997) busca ancoradouro nas palavras do próprio Foucault (1988, p.96):

...não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (...) Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o mas também mina-o, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margens a tolerâncias mais ou menos obscuras.

Partindo dessa premissa, o termo passa a ser utilizado para se referir a homens e mulheres, levando-se em conta a pluralidade de que se constitui a sociedade como um todo. Pode-se pensar, nesse caso, que identidades são explicitadas ou ocultadas conforme as relações de poder que as permeiam. Ocorre, por conta disso, uma transformação nos estudos feministas, resignificando-os para muito além do conceito de papéis.

Segundo Louro (1997), a noção de papéis é reducionista e simplista porque visa a atribuição de significados pré-determinados a homens e mulheres, nos quais cada um tem de cumprir o seu papel. Esta distribuição de papéis ancora-se na representação de um sistema no qual a referência é centralizada no homem branco, cristão, heterossexual, sobretudo, a categoria feminina fica subjacente à hegemonia vigente. Para Grossi (1998), este é um dos motivos que fez com que os estudos de gênero alcançassem maiores proporções, afinal, a mulher era apenas uma representação subentendida do homem. Nas palavras da autora:

A ciência, tal como a conhecemos, parece dar explicações "neutras" e "objetivas" para as relações sociais. No entanto, a ciência que aprendemos desde a escola reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, os quais refletem apenas uma parte do social: a dos homens, brancos e heterossexuais. Sempre aprendemos que Homem com H maiúsculo se refere à humanidade como um todo, incluindo nela homens e mulheres. Mas o que os estudos de gênero têm mostrado é que, em geral, a ciência está falando apenas de uma parte desta humanidade, vista sob o ângulo masculino, e que não foi por acaso que, durante alguns séculos, havia poucas cientistas mulheres (GROSSI, 1998, p.4, grifos da autora).

A partir das considerações de Mirian Pillar Grossi (1998), é possível inferir que o conceito de gênero e sexualidade estão imbricados, como se um fosse intimamente a representação do outro. A autora ressalta que a teoria feminista parte do princípio desta desconstrução, porque isto, segundo ela, “promove uma imensa dificuldade no senso comum”. Por mais que estejam concomitantemente imbricadas uma na outra, as relações de

gênero e sexualidade se diferem ao passo que diferentes sujeitos podem viver e expressar suas sexualidades de diferentes formas, sejam elas hetero, homo, trans ou bissexual. Nesse sentido, pode-se evidenciar que tanto sujeitos masculinos quanto femininos possuem identidades construídas, estas não lhes são dadas nem estanques, vive-se um processo constante de transformação histórico, cultural e social.

Parafraseando Louro (2011), há uma crescente “naturalização” posta entre gênero e sexualidade, de forma que aparece vinculada aos mais diversos discursos veiculados pela família, escola, espaços midiáticos, entre outros. Neste sentido, é possível pressupor algumas divergências visto que tudo aquilo que é naturalizado incorre no risco de ser banalizado e, na maioria das vezes, não nos damos conta de nossas próprias práticas, em sua maioria, preconceituosa e discriminatória. Todavia, nas palavras da autora:

[...] acho que se pode dizer que entre gênero e sexualidade, mais do que articulações há, muitas vezes, embaralhamentos, misturas, confusões. Não me refiro apenas a indistinções conceituais, como aquelas que alimentam os debates acadêmicos, mas me refiro, talvez de modo mais candente, às indistinções do senso comum – como a noção de que é um “sujeito gay não passa, ao fim e ao cabo, de uma mulherzinha” ou a noção de que é “impossível ser feminina e lésbica” –, noções que acabam por se naturalizar de tal modo que se tornam quase imperceptíveis. Essas noções estão muito arraigadas em nossa cultura e lidamos com elas constantemente em nossas escolas, na nossa família ou, até mesmo, dentro de nós (LOURO, 2011, p.64, grifos da autora).

Vale ressaltar, entretanto, que a partir do momento em que se refere ao termo gênero, faz-se alusão tanto às masculinidades quanto feminilidades e que ambos são construídos social, cultural e historicamente. Muitas são as instâncias encarregadas de disseminar ideologias que vão constituir a identidade do sujeito, vale lembrar que a grande maioria perpetua, explícita ou de forma velada, a hierarquia patriarcal, cuja sexualidade dominante é a heterossexual.

O rompimento de tais dicotomias implicaria alargar os horizontes em relação à outras possibilidades de se viver tanto as masculinidades quanto feminilidades constituídas e construídas socialmente. Por conta disso, torna-se uma conquista a ser alcançada todos os dias, não por acaso, não é uma tarefa simples, haja vista desconstruir a hierarquia da heterossexualidade. Nesse sentido, pensar a construção dos gêneros é partir do princípio de sua desconstrução. Grossi (1998) busca ancoradouro em Scott para diferenciar a dualidade

gênero/sexualidade, de modo que não paire dúvidas acerca de uma ou de outra. Nas palavras de Joan Scott:

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998: 15 – tradução minha).

Funck (2014) considera que estes discursos continuam a ser veiculados nas principais instituições formadoras, ou seja, Família, Escola, Igreja, e até Tribunais, incorrendo naquilo que, segundo a autora, Althusser denominava de “aparelhos ideológicos do Estado”. Na concepção de Funck (2014), para os Estudos Feministas o grande aparelho ideológico contemporâneo é, sem dúvida, a mídia. Este representa, segundo a autora, a maior dificuldade para as feministas, uma vez que representações de gênero são veiculadas de formas aleatórias, banalizadas e não suscitam nenhum tipo de questionamento. Pelo contrário, na opinião da autora, todos os dias, o que se vê é a divulgação de representações de gênero nas quais são evidenciadas supostas distinções entre homens e mulheres, de modo que os primeiros sejam sempre sobressaltados e as outras em grau infinitamente menor. Dessa forma, não representa os ideais dos referidos estudos.

Por mais que se divulguem por aí discursos enfáticos acerca das “diferenças”, o que se percebe, de fato, é justamente o oposto. Funck (2014) traz exemplos de pesquisas próprias, por exemplo, a que a autora desenvolveu por meio de mídias impressas, que mostram como é gritante o discurso androcêntrico veiculado pela mídia, e o que é pior, partindo sempre do lugar comum de que há realmente diferenças entre homens e mulheres e que ambos são “marcados” por meio destas, muitas vezes de formas veladas, implícitas. Ressalta que, prioritariamente, não se veem construções que abordem as representações dos gêneros em situação de igualdade. Por conta disso, cresce em importância um olhar crítico em relação a estas visibilidades excessivas em relação aos gêneros pois, muitas vezes, o que é evidenciado são, justamente, os implícitos, quem sabe, até, propositadamente. Nas palavras da autora evidencia-se que:

[...] não passa um dia sem que na televisão, por exemplo, se oponha o feminino ao masculino: quem gasta mais no shopping, o homem ou a mulher? Quem é mais feliz na terceira idade, o homem ou a mulher? Quem sofre mais por amor, o homem ou a mulher? Nunca essas duas categorias são pensadas em sua variedade e diversidade. Que homens? Quais mulheres? E as conclusões, sempre essencializadas, acabam por reiterar a dicotomia entre razão e emoção, transcendência e imanência (FUNCK, 2014, p.31).

Em consonância com isso, Louro (1997) chama a atenção para o fato de que está se tornando “lugar comum” o discurso de apelo às diferenças e que isto tem que ser visto com outros olhos (nesse caso, levando-se em conta o caráter político e a luta dos Estudos Feministas, bem como dos Estudos Culturais) que não aqueles proporcionados pelas veias sociais e tradicionais. Não se pode acreditar naquilo que é facilmente banalizado tanto pela “mídia” quanto pelos “setores mais tradicionais” da sociedade em geral. Reforça a necessidade de se perceber que essa concepção de “diferença” ocupa um lugar socialmente construído, cujo intuito é o de propagar a ideia de antagonismo entre homem e mulher. Dessa forma, não se pode negar que o discurso precursor do referido termo é totalmente recheado das relações de poder e, explicitamente, parte de determinadas posições sociais que se ocupam do lugar de onde se fala.

Tais concepções são construídas e disseminadas por e pela sociedade, frutos das relações de poder são verificadas por meio de “marcadores sociais”, os quais Louro (1997) denomina de “gênero, classe, sexualidade, aparência física, nacionalidade, etnia...”. Salienta, ainda, neste sentido, que ao preconizar o culto às diferenças por meio da frase cristalizada “e viva as diferenças”, corre-se o risco de incorrer em um outro erro maior: o de se afirmar que ela realmente existe. Em outras palavras, não se pode dar vivas a algo que não existe, de fato; o que se tem é uma pluralidade de identidades próprias que, não necessariamente, têm que caminhar em sentido convergente ao que prega a sociedade, haja vista serem homens e mulheres que se constituem e se constroem em suas peculiaridades.

Ainda nesse sentido, é importante frisar que tantos questionamentos, embora partam da premissa de buscar um ideal de igualdade, acabam por ressaltar a diferença, uma vez que uma pressupõe a outra. Louro (1997) ancorada em Scott (1988) especifica que não se pode lutar por “igualdade”, uma vez que os sujeitos não são “idênticos” e, nesse caso, ressaltando a primeira, a autora salienta que isso se constitui na chamada “falsa dicotomia”. Menciona que a noção de “diferença” é permeada pelas relações de poder e se constitui a partir delas. Enfatiza a autora que os Estudos Feministas se ocuparam das reivindicações das mulheres negras, sendo sucedidas pelas de mulheres lésbicas, de modo que alavancaram discussões

muitíssimo variadas e influenciaram muitas outras mulheres a aderirem ao movimento. Por conta disso, os debates se tornaram mais complexos, contudo, mais enriquecidos, frente a diversidade de histórias e experiências compartilhadas.

3.2 Pós-feminismo: um outro olhar sobre a mulher

Embora tenha surgido na França em 1789, conforme afirma Gurgel (2010), como forma de lutar por direitos e regalias em favor das mulheres, sabe-se que o Feminismo tomou ares de movimento social a partir do século XIX. Como exemplo disso, evidenciam-se reivindicações acerca de garantias sobre o direito de participar da vida política e pública, bem como o direito às armas para uma possível participação nas guerras devido a quantidade excessiva de mulheres. Pode-se evidenciar isto nas palavras da autora:

A primeira vez que as mulheres se apresentaram na história como sujeito político foi no processo da Revolução Francesa. Além da reivindicação pelos direitos políticos, existe registro da luta das mulheres pelo direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso as armas, na defesa da revolução. Direito até então restrito aos homens, apesar da presença massiva das mulheres, nas ruas em levante populares contra o poder Real e da Igreja na organização da sociabilidade à época (GURGEL, 2010, p.1).

Ressalta a autora que, além disso, a luta das mulheres também se dava pelo direito à participação no trabalho e na educação, por conta disso e, sobretudo, por apresentarem resistência aos padrões vigentes da época, as mulheres foram proibidas de se reunirem naquilo que era denominado por elas de “clube das mulheres”. Condiionadas a viverem sob um olhar hegemônico, foram vistas como ameaças à burguesia da época, a qual não hesitou em fazer-se cumprir o discurso autoritário e excludente em detrimento das mulheres. Gurgel (2010) vale-se de Riot-Sarcey (2002) ao apontar quais foram os principais argumentos dos quais se utilizaram para “validar” esta proibição. Assim,

Todos os habitantes de um país devem e gozam de direitos de cidadãos passivos, todos têm direito à proteção de sua pessoa, de sua propriedade, de sua liberdade, etc... mas nem todos têm o direito a ser parte ativa da formação do poder público; nem todos são cidadãos ativos. As mulheres, [...] as crianças, os estrangeiros, aqueles que não contribuem em nada para o funcionamento público não devem, pois influenciar na coisa pública (GURGEL, 2010, p. 20).

De acordo com Pitanguy (2011), as mulheres francesas reivindicavam, entre outras coisas, o direito à revogação dos plenos poderes que eram dados aos homens e que os colocavam como senhores dos seus bens e, sobretudo, sobre seus corpos. A distinção sexual representava um fator determinante na condição de tornar a mulher submissa aos caprichos e desmandos dos homens. Todavia, as revolucionárias francesas não se deram por vencidas e foram à luta, puderam contar com fortes aliadas nesta caminhada, como é o exemplo de Olympe de Gouges, uma escritora já conhecida por atuar ao encontro dos direitos das mulheres. Sem medo, escreve um texto cujo título *Os Direitos da Mulher e da Cidadã*, parafraseando o que, até então, era considerado a carta magna dos direitos dos homens.

A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. (...) Esses direitos inalienáveis e naturais são: a liberdade, a propriedade, a segurança e sobretudo a resistência à opressão. (...) O exercício dos direitos naturais da mulher só encontra seus limites na tirania que o homem exerce sobre ela; essas limitações devem ser reformadas pelas leis da natureza e da razão (PITANGUY, 2011, p.26).

Olympe de Gouges advoga em favor dos “direitos naturais” das mulheres, são inerentes a elas enquanto seres sociais. A luta em prol da igualdade de direitos não é nova, apesar de atravessar séculos e séculos, o problema persiste, no entanto, o que faz a diferença são pessoas que, como a referida escritora, abraçam a causa e advogam em favor desta. As revolucionárias francesas abriram o caminho em relação ao discurso hegemônico vigente, mas este é um eterno devir do qual deve ocupar-se todas as mulheres. O texto de Olympe causou tanto incômodo que fora guilhotinada no dia 03 de novembro de 1793.

Conforme Pitanguy (2011, p.27), “a sentença que a condenou a acusava de pretender ser um homem de Estado e ter esquecido as virtudes próprias a seu sexo”. Apesar de grande participação feminina em todas as discussões, mobilizações, manifestos dentre outros organizados pelas revolucionárias francesas, foi promulgado, em 1795, pela Assembleia Nacional, um decreto cujo objetivo era o de proibir as reivindicações das mulheres e as relegarem, novamente, ao ambiente doméstico. Conforme a autora, o decreto versava as seguintes linhas:

Decreta-se que todas as mulheres se retirarão, até ordem contrária, aos seus respectivos domicílios. Aquelas que, uma hora após a publicação do presente decreto estiverem nas ruas, agrupadas em número maior que cinco, serão dispersadas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública retorne a Paris (PITANGUY, 2011, p.27).

Reforça a autora que o discurso das revolucionárias francesas ecoou por todo o século XIX, por meio das vozes feministas, cujo intuito era defender a condição de igualdade entre mulheres e homens, tanto na vida civil quanto política. Esta luta perdurou por todo o século. Embora haja muitos avanços em relação à luta das mulheres, ela ainda se faz constante para que não se ouçam ecos advindos do decreto da Assembleia Nacional Francesa.

Segundo Louro (1997), a luta em favor dos direitos das mulheres alavanca na virada do século, a partir do que ficou conhecido por “Sufragismo” isto é, a luta pelo reconhecimento do direito de voto em favor das mulheres. É bem verdade que o Sufragismo alastrou-se por vários países ocidentais, cujo objetivo central era o de sempre atender aos interesses das mulheres, todavia, essa representação feminina se dava às mulheres brancas e de classe média. O alcance de determinadas reivindicações proporcionou o acomodamento por parte do movimento, o qual ficou conhecido como “Primeira Onda do Feminismo”. Tão logo reconheceram a importância do Feminismo tão logo a relegaram a segundo plano.

Por outro lado, a partir da década de 60, o movimento retorna com força total e recebe, agora, o codinome de ‘Segunda Onda do Feminismo’, alavancando discussões acaloradas entre, estudiosas e militantes, de um lado, e os/as críticos/as de outro. Nesse sentido, falava-se sobre problemas sociais e políticos, bem como problematizava-se o conceito de gênero. O ano de 1968 é tido como referência em relação às reivindicações, aos protestos, às insatisfações coletivas, em que jovens, negros, intelectuais e mulheres expressavam-se inconformadas com “arranjos” sociais e políticos, à discriminação, à segregação, entre outros. De acordo com Louro (1997):

É neste contexto de efervescência social e política, de contestação e transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através dos grupos de conscientização, marchas, protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas (LOURO, 1997, p.16).

Evidencia a autora que, diante disso, surgiram estudiosas como Simone de Beauvoir (1949), com *Le Deuxième Sexe*, The *Femine Mystique*, de Betty Friedman (1963), *Sexual Politics*, De Kate Millett, as quais, entre outras, marcaram esse momento com estudos, discussões e descobertas sobre o fazer intelectual, de modo que transformaram os estudos acadêmicos e, assim, nasciam os Estudos da Mulher. As estudiosas feministas objetivaram em primeiro plano tornar visível aquela que fora, até então, profundamente ocultada e tivera seus direitos visivelmente burlados e negados: a mulher. Salienta a autora que, embora vivesse em

situação de invisibilidade, a mulher há muito deixara de exercer trabalhos restritos aos afazeres da casa, uma vez que ajudava na roça, costurava, trabalhava em lavouras, fábricas e, em outros tempos, escritórios, hospitais, lojas, escolas e outros.

Partindo do pressuposto do silenciamento feminino, as estudiosas feministas lançaram olhar também em relação às Letras, Artes e Ciências, cuja participação da mulher inexistia. Dessa forma, os primeiros escritos feministas tinham a pretensão de denunciar os descasos opressivos e os submetimentos das mulheres àquele que era tido como “centro”, o androcentrismo. Por conta desses estudos, relegou-se tão somente a eles a tarefa de se direcionar alguma consideração sobre a mulher. Constituíam-se, assim, como um campo à parte nos estudos de questões relacionadas à mulher.

Enfatiza Louro (1997) que se torna imprescindível atentar para os primeiros estudos feministas, haja vista a importância que tiveram para alargar os horizontes em relação às conquistas da mulher, reforça que, até então, tudo que se via sobre as mulheres vinha descrito de forma secundária, quando muito em notas de rodapé, sempre visto como o desvio da norma masculina. Em tese, os primeiros estudos feministas, além de dar voz às mulheres, discorreram sobre os mais diversos assuntos, dentre os quais a sexualidade, a família, o doméstico, o cotidiano, entre outros, visto que eram excluídos dos ambientes acadêmicos.

Para a autora, uma das principais marcas dos Estudos Feministas é o seu caráter político, embora tivessem um único objetivo que era o de defender os interesses das mulheres. Muitas foram as vertentes dentre as quais se desdobraram tais estudos. Algumas estudiosas partiram do princípio de que deveriam buscar ancoradouro na Psicanálise, outras por meio das teorizações marxistas, além daquelas que acreditavam que as diferenças entre homens e mulheres eram casos de diferenças biológicas e, desse modo, cada um deveria exercer o papel que lhe era devido conforme o sexo. Por outro lado, existiam outras feministas que defendiam uma “raça pura” das mulheres e estas, buscando teorias e explicações basicamente femininas, originaram o chamado “feminismo radical”.

Em relação a isso, salienta Grossi (1998) que, por pensar que a ausência de homens nos movimentos feministas era uma forma de proporcionar credibilidade às palavras das mulheres, implicou-se naquilo que a autora denominou de não-mixidade. Reforça, sobretudo, a autora que:

Nos grupos feministas, pensava-se que era necessário que as mulheres se reunissem sem os homens pois "havia sido silenciadas ao longo da história"; assim sendo, a ausência de homens era uma forma de se garantir a palavra das mulheres. Estes primeiros estudos, que no Brasil se iniciam com

a tese defendida por Heleieth Saffioti no final dos anos 1960 intitulada “A mulher na sociedade de classes”, tinha como preocupação estudar a opressão da mulher nas sociedades patriarcais (GROSSI, 1998, p.3, grifos da autora).

Ao lançar mão da nota introdutória do seu livro: “Uma história do feminismo no Brasil”, Pinto (2003, p.9) ressalta a responsabilidade e peculiaridade que se deve ter no trato com o referido tema, haja vista tratar-se “de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, nas últimas décadas, ficou imune a ter uma opinião”. Conforme a autora, o feminismo acaba por se tornar uma via de mão dupla, isto é, do mesmo modo que suscita “militâncias apaixonadas”, é capaz de provocar com tão ou mais convicção “raivas incontidas”. Para esclarecer melhor essa suposta “dualidade”, torna-se relevante buscar nas palavras da própria autora as considerações pertinentes, logo:

Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX, o movimento foi muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadã – e também as propostas revolucionárias, que viam nas lutas das mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação (PINTO, 2003, p.9).

Neste sentido, Constância Duarte (2003) ressalta que esta dualidade em torno do feminismo se dá por algumas razões, dentre as quais a de que uma forte imposição preconceituosa, de certa forma, relegou a palavra “feminismo” a uma completa situação de isolamento. Para a autora, comumente, formadores de opinião pública, em sua maioria, desconsideram o fato de que o feminismo foi um movimento que alavancou profundas transformações entre homens e mulheres. Não por acaso, o que deveria, na opinião da autora, servir de orgulho e causar satisfação para a grande maioria das mulheres, tornou-se exatamente o oposto.

Isto posto, salienta Pinto (2003) que o movimento feminista, apesar de apresentar caráter fragmentado, solidificou-se (e esta é uma busca constante: solidificar-se cotidianamente) “com múltiplas manifestações, objetivos e pretensões diversas”. A já referida autora enfatiza que, desde épocas da Revolução Francesa, se percebiam anseios e lutas, embora em menor proporção, de mulheres que não se conformavam com o lugar, a posição social a que foram relegadas hierárquico e hegemonicamente. Às mulheres de então só cabia ocupar os espaços domésticos que a elas eram destinados, bem como aceitar a sua condição de subordinada, preferencialmente sem reclamar nem contra argumentar, entretanto, atender

aos caprichos e anseios do marido com docilidade, passividade e, sobretudo, um largo sorriso nos lábios.

De acordo como Heleieth Saffioti (1987), há uma “naturalização” social da ideia de que à mulher é relegada a função de procriar, de cuidar e educar os filhos, bem como o trato com os afazeres domésticos. Conforme a autora, isso acontece porque “a sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (p.8). Enfatiza, ainda, a teórica que a própria sociedade valoriza e investe bastante para que esta suposta “naturalização” aconteça, haja vista a insistência na assimilação de que o espaço doméstico é atribuído à mulher em função “de sua capacidade de ser mãe” (Idem).

Neste espaço social às mulheres relegado, só lhes cabia o reconhecimento de esposas ou mães, em contrapartida, poder-se-iam apenas frequentar ambientes religiosos e, ainda, sob o risco de serem vitimadas sob “a acusação de bruxarias”. Por outro lado, reforça a autora que já em meados do século XIX e início do século XX as pequenas manifestações em favor das mulheres alavancaram em significações com o advento das solicitações em prol do direito de as mulheres votarem e se candidatarem a receber votos. Tamanha organização ficou conhecida mundialmente e nomeada por “Movimento Sufragista” ou apenas “Sufragismo”, como já fora também mencionado em outros momentos no decorrer deste trabalho. Torna-se mister ressaltar, conforme Pinto (2003), que “o movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga do feminismo organizado no mundo” (p.13).

Para a historiadora, no Brasil não aconteceu de forma muito diferente, haja vista os anseios das mulheres caminharem ao encontro da busca pelo direito ao exercício do voto bem como da candidatura feminina. Pinto (2003) evidencia que o movimento feminista no Brasil, especificamente a 1ª onda, encontra ancoradouro junto ao nome de Bertha Lutz, a qual, segundo a autora, liderava com veemência a luta em favor das causas relacionadas à mulher por toda a “década de 1920 e se manteve ligada às causas da mulher, até sua morte em avançada idade, na década de 1970” (p.13).

Importa lembrar que este trabalho não tem a pretensão (e nem poderia) de esgotar as considerações acerca do feminismo no Brasil, haja vista a sua grandiosidade, apenas lançar os olhos em alguns aspectos na tentativa de compreender um pouco a respeito desse movimento que foi e continua sendo de extrema importância para as lutas e causas sociais das chamadas “minorias”, entenda-se nesse caso, mulheres, negros, população LGBT dentre outros.

É bem verdade que não se conseguiu obter a extinção da violência contra a mulher, mas torná-la vista como vítima já se constitui em avanço significativo. Urge, neste mesmo sentido, insistir na luta em favor dos negros e homossexuais, bem como persistir na caminhada em direção aos gêneros, em prol à tão sonhada equidade de direitos civis e sociais entre homens e mulheres.

3.3 Entrelaçando saberes: o Pós-feminismo e suas representações

Adelman (2004) pontua que com o advento do que se conhece por Modernidade, tem-se a proliferação em demasia de discursos hegemônicos, os quais perpetuam vozes androcêntricas, culminando para uma exaltação do homem e conseqüente invisibilização feminina, numa explícita e dicotômica relação de poder. Reforça esta mesma autora que, neste período, evidencia-se uma forma excludente de se pensar a categoria feminina, isto é, “o feminino se torna o ‘antimoderno’, o arcaico, o primitivo, enquanto as esferas ou tipos de atividade social identificados como femininos – ‘a família’ e a criação dos filhos – são naturalizados e esvaziados pela historicidade” (ADELMAN, 2004, p.3, grifos da autora).

Parafraseando Felski (1995), a autora pontua que a Sociologia constitui-se como um campo discursivo que “identifica a modernidade com a masculinidade”, e assim, perpetuando a noção de público e privado, apesar de as mulheres buscarem alargar seus horizontes para além dos espaços domésticos. A figura do homem, tanto burguês quanto proletário, protagoniza as narrativas sobre a modernidade (ADELMAN, 2004). Para esta autora, “o novo ator social incorpora as novas formas de subjetividade masculina, seja burguesa ou proletária e o indivíduo moderno é o homem autônomo e livre de vínculos familiares e comunitários” (p.5).

Neste sentido, relegada ao posto de mera coadjuvante, a figura feminina foi sendo engolida e invisibilizada por “status” que, peremptoriamente, privilegiava os homens. Inseridas a contragosto neste ambiente privado que a elas foi conferido, não se permitia que fizessem uso do espaço público, sair à rua tornava-nas objetos de suspeita e passíveis de serem detidas, contudo, reivindicações de cunho feministas (e pós-feministas) lançaram mão da possibilidade de torná-las (as mulheres) sujeitos e agentes de sua subjetividade e “vida social moderna”.

Neste contexto de (in) visibilidade, a escrita feminina surge como uma possibilidade de alçar voos, até então, nunca antes imaginados. A única maneira de as mulheres (ao longo

do século XIX e início do século XX) adentrarem o espaço público era na condição de consumidoras, no entanto, muitas valiam-se destas “aberturas” para, de alguma forma, ousarem defender os próprios direitos.

Assim, neste jogo marcado pelas relações de poder, o homem é caracterizado como o grande provedor de toda a família e o garantidor do sustento de toda a prole. Tal *status*, além de reforçar a discrepância dentre os gêneros, condiciona a mulher aos caprichos e imposições patriarcais. Segundo Adelman (2004), em países latino-americanos, embora exerçam trabalho fora do ambiente doméstico, as mulheres têm, infinitamente, seus feitos menos valorizados que os homens e também com remuneração bastante inferior. Neste sentido, embora tivessem o acesso ao espaço público destinado ao consumo, as mulheres latinas tornar-se-iam duplamente inferiorizadas, haja vista o ato de consumir ter sido “considerado uma atividade menor e potencialmente anômica, tendo sido também associado ao feminismo” (p.8).

Por outro lado, reforça esta mesma autora que, em função da expansão do consumismo em épocas do século XX, as mulheres começaram a adentrar e ocupar este espaço, até então, exclusivamente masculino. Assim, para esta autora, fica evidente que: “O espaço público começa a perder suas características de recinto masculino na medida que as mulheres – tanto na qualidade de trabalhadoras do consumo quanto na de consumidoras de lazer e cultura – começam a frequentar os novos espaços das grandes lojas e dos cinemas” (ADELMAN, 2004, p.8).

Ao citar Grazia, Adelman (2004) ressalta que, para a primeira, a atribuição do *status* de consumidoras às mulheres pode ser observada como uma outra forma de exercer controle sobre as mesmas e torná-las alienadas. São novas e diferentes formas de alienação. Ideologia do colonizador e do colonizado. Este processo de “nascimento” dos povos colonizados, isto é, ao “dar à luz” às novas vozes daqueles, até então, marginalizados, é possível dialogar com Anzaldua quando pontua que essa tomada de consciência é considerada como “uma consciência de fronteiras”.

Para esta autora, a “consciência mestiça” representa o ato de abrir as cortinas para o palco das diferenças, dos marginalizados, dos excluídos, enfim, quebrar as muralhas sob as quais, forçosamente foram inseridos, alargando, assim, os horizontes em função de torná-los visíveis. Desse modo, a “fronteira de Anzaldua também alude a outras fronteiras metafóricas: de raça, classe, gênero, orientação sexual”, cujo intuito é o de primar pela desconstrução de concepções binárias, estanques e excludentes, o que, conforme a própria Anzaldua, se

configura como um “entre-lugar”, “uma terceira margem”, desse modo tornando visível a voz dos marginalizados.

Segundo pontua Torres (2005), a partir daí pode ser construída o que Anzaldua denomina “consciência mestiça livre da violência gerada pelo binarismo positivista que permeia o pensamento ocidental” (p.721). Assim, salienta esta autora que a noção de fronteira passa a ser visualizada como “local de fluidez”, isto é, não remete às coisas estanques e/ou hegemônicas. No entanto, enfatiza a referida autora que aquela que se encontra em zona fronteira não contará com ninguém, isto é, “na fronteira a nova mestiça estará sozinha, vulnerável, e à mercê de seu próprio jogo de cintura e malandragem”. Apesar desta condição não tão acolhedora, é por meio da própria situação de exclusão que a nova mestiça encontra forças para prosseguir. O terreno é áspero, mas a luta é árdua.

Neste sentido, Torres (2005) enfatiza a ideia de que, para Anzaldua, a consciência mestiça aproxima-se da ideia de sobrevivência, haja vista a exigência de uma inóspita “adaptação e transformação”. Desse modo, a nova mestiça irá alternar entre o que sabe e o que haverá de aprender, dentre os discursos e culturas que irá encontrar pela frente. Não por acaso, essa escrita feminina contemporânea e oriunda das zonas de fronteiras surgiu como um contraponto ao que se tinha até então, um único modelo burguês e europeizado. Este modelo de autoria feminina visa desconstruir possíveis visões estanques e cristalizadas, abre um leque para a subjetividade e aposta na construção diária da identidade, ou seja, para as autoras pós-coloniais, o sujeito é um ser em devir e o processo de construção da identidade é assim também inferido.

Assim, a narrativa de Anzaldua transita entre dois pólos: o de representar a própria história e também a realidade fronteira. Vale ressaltar que, apesar de se referir à tematização de uma fronteira em específico, os escritos de Anzaldua açambarcam quaisquer fronteiras em diferentes espaços físicos e sociais. Torres (2005) traz as palavras da escritora chicana para reforçar a ideia de que:

A fronteira está fisicamente presente onde duas ou mais culturas esbarram uma(s) na(s) outra(s), onde pessoas de diferentes raças ocupam um mesmo território, onde as classes subalterna, de baixa, média e alta renda se tocam, onde o espaço entre dois indivíduos se retrai, com a intimidade (TORRES, 2005, p.724).

É importante salientar que a ideia de ruptura proposta por Anzaldua caminha ao encontro de açambarcar “novas perspectivas sobre as mulheres de peles escuras, mulheres e

queers”, assim, segue de encontro a todos os processos de resistências, às formas de hierarquias vigentes além daquelas tradições de opressão em função de culturas e religiões. Não é demais ressaltar que se configura como uma nova (re) interpretação da história, que a todo o tempo mostrou-se branca, elitista e hierárquica. A consciência mestiça objetiva a desconstrução desta visão positivista e excludente. Segundo Torres (2005), assim como no México, aqui no Brasil o discurso sobre a mestiçagem partia de um princípio de branqueamento, o qual, supostamente sugeria uma raça superior (a branca) e outra inferior, no caso brasileiro, os negros.

Pontua, ainda, esta mesma autora que esse “ideal de miscigenação” que se mostrava em evidência, sobretudo na obra de Sílvia Romero, partia do princípio de uma elite branca, supostamente a chamada “raça pura”. Munanga (1986) ressalta que esse “branqueamento” é a tentativa de fazer com que valores e culturas dos brancos sejam impostamente assimilados e praticados pelos não-brancos, haja vista a ideologia da elite caucasiana como sendo superior. Para Torres (2005, p.728), a importância da escrita pós-colonial se dá, entre outras coisas, pelo fato de construir um discurso contra-hegemônico às ideologias vigentes, para tanto, ressalta esta ideia a partir das pontuações de Sánches (1994), nas quais “a auto-representação baseada na mestiçagem e na língua, se devidamente historicizada e dialética, pode, sem dúvida, desempenhar um papel contra-hegemônico em um país cujos discursos sobre raça e origem têm sido instrumentais na opressão e exploração de chicanos e chicanas”.

Para ressaltar esta ideia de “miscigenação elitizada”, Torres (2005) busca ancoradouro nas palavras da própria Anzaldúa quando esta afirma que:

Precisamos que vocês aceitem o fato de que os/as chicanos/as são diferentes, que reconheçam a forma como nos negam e rejeitam. Precisamos que vocês admitam o fato de que nos viam como seres inferiores, que nos roubavam nossas terras, nossa humanidade, nosso amor próprio (TORRES, 2005, p.279).

Nesta perspectiva, Torres (2005, p. 279) associa “um possível diálogo entre a América Latina e la Frontera de Anzaldúa”, ou seja, em termos de América Latina, também fomos estigmatizados e taxados de “atrasados” em relação aos chamados “mais desenvolvidos”, assim não passávamos de “imitadores” da suposta cultura dominante. Dessa mesma forma, o chicano é estigmatizado, jamais visto sob a perspectiva de cidadão americano, ademais, também não é “considerado um mexicano autêntico, uma vez imerso na comunidade

imaginada mexicana, que critica seu espanhol e seu estilo de vida, muitas vezes estigmatizando-o como ‘vendido’ ao American Way of life” (Idem).

Assim, o chicano sobrevive neste “entre-lugar”, sendo atingido por ambos os lados da fronteira, de modo que não é possível construir a própria subjetividade alheio às múltiplas assimilações tanto culturais quanto colonizadoras. Desse modo, pressupõe-se que a consciência mestiça busca romper com as visões problematizadoras de uma única forma de conhecimento, pensamento, de tradição hierárquica e dominante.

Segundo Kabengele Munanga (1986), por volta do século XV, quando os primeiros europeus aportaram em costas africanas, estabeleceu-se a condição de dominação dos brancos sobre os não-brancos, ou seja, construiu-se o “binômio senhor-escravo”. Esta inserção dos povos europeus em terras africanas veio a se consolidar efetivamente no século XIX. É pertinente salientar que esta raça considerada “superior” além de subtrair as riquezas de terras pertencentes aos negros, manifestavam (e ainda manifestam!) repúdio e aversão aos povos negros.

Assim, ainda conforme o autor, os europeus defendiam a ideia de que era necessário “levar o africano ao nível de outros homens”. Este processo de “missão civilizadora” relega o negro à condição de “humanidade inferior”, isto é, o negro é relegado a uma condição de alienação total, suprimindo toda e qualquer possibilidade de considerá-lo enquanto homem civilizado e, deste modo, constituía-se a formação antagônica envolvendo colonizador e colonizado.

Partindo do pressuposto de que o século XX pode ser considerado como um período em que grandes transformações cumpriram a função de torná-lo marcadamente lembrado, pode-se supor que uma destas marcas visualiza-se a partir da emergência, na América Latina, de novos olhares, novos saberes e fazeres literários. Isto se dá em função das muitas indagações que cerceavam a representação feminina em detrimento da masculina, ou seja, as mulheres, tanto em situações reais quanto ficcionais eram relegadas, subalternamente, às relações de poder e às questões de gênero.

Neste sentido, por mais que as discussões feministas açambarcassem propostas e empunhassem bandeiras de lutas que caminhassem ao encontro de anseios em favor das mulheres, esta suposta representação feminina acabava por relegar muitas delas a uma situação de invisibilidade e silenciamento. Embora o movimento feminista tivesse a pretensão de evidenciar as discrepâncias às quais perpassavam as relações de gênero, no entanto,

incorria na infelicidade de homogeneizar a categoria mulheres, partindo de uma única concepção de mulher, a branca e oriunda da elite, a burguesa.

Em relação a isso, Ramos (2009) ressalta que “com o aparecimento das teorias e discursos pós-coloniais, bem como da literatura produzida por autoras afro-americanas e pós-coloniais é que a questão da mulher negra passa a ter destaque” (p.1). Destaca, ainda, a autora, que somente a partir daí tornaram-se perceptíveis as imbricações entre classe, raça e gênero. Ao se apropriarem da escrita, autoras não-brancas retrataram, literariamente, uma outra visão sobre a realidade vivida por mulheres latinas e esse movimento ficou conhecido por Literatura Pós-Colonial²⁸.

Ao mencionar a escrita pós-colonial, Ramos (2009) ressalta autoras como Alice Walker que, “trazem em suas obras literárias uma nova percepção sobre as condições de vida das mulheres negras levantando a questão de que estas sofrem uma dupla discriminação, a primeira relacionada ao gênero e a segunda no que diz respeito à raça” (Idem, p.1).

Neste mesmo sentido, a autora pontua, ancorando-se nas colocações de Bell Hooks, que a subordinação da mulher ao homem, isto é, a dicotomia dominante/dominado não pode ser vista ou tida como “privilégio somente de homens brancos da classe alta, é também de todos os homens na sociedade americana, independente de classe ou raça”, haja vista grande parte dos homens negros assimilar para si costumes e comportamentos sexistas da cultura branca, isto é, incorporam um “branqueamento” estereotipado e hierárquico em relação à igualdade entre os gêneros, relegando as mulheres negras a uma suposta invisibilidade e opressivo silenciamento.

A Literatura pós-colonial surgiu em um contexto de opressão, vozes se fizeram surgir como forma de se fazer agir e tornar-se agente-autor de suas próprias narrativas e vidas. Neste sentido, permeia-se pelas veias da Literatura colonial temáticas relacionadas à questão da identidade, olhares sobre a cultura, bem como a questão da mulher. Não por acaso, esta Literatura parte do pressuposto da problematização de identidades hegemônicas, isto é, os estudos pós-colonialistas representam a própria crítica à hegemonia vigente. Ainda de acordo com Ramos (2009), a literatura pós-colonial é:

²⁸ Ramos (2009) ressalta que a literatura pós-colonial, “provavelmente, tem início após a segunda guerra mundial” e, ainda nesse sentido, salienta as colocações de Elleke Boehmer (1995) em que reforça a literatura colonial como “uma literatura que se identifica com o movimento de resistência para transformação de sociedades que passaram pela experiência colonial” (RAMOS, 2009, p.1, grifos da autora).

Um instrumento que pretende dissecar a relação colonial e, de certa forma, resistir às imposições imperiais, visto que mesmo após a independência política, muitas ex-colônias permaneceram sob os moldes culturais da antiga metrópole, sendo esse fenômeno facilmente percebido na própria Literatura que continuava reproduzindo padrões estéticos literários europeus (RAMOS, 2009, p.2).

Nesta linha de pensamento, aquela escrita que não atendesse aos padrões europeus não era considerada literatura. A vertente pós-colonial surge da necessidade de se romper com as hierarquias, com as restrições e a ordem do cânone europeu, ou seja, uma verdadeira quebra de paradigmas. Por conta disso, a escrita pós-colonial caminha na contramão do estilo literário europeu, fazendo emergir vozes, costumes, culturas e religiões entre outros, até então silenciados e invisibilizados pelos colonizadores.

Conforme Costa (2010), quando se fala em pós-colonialismo, refere-se a um período bastante intenso, marcado por todo um processo de colonização no qual sujeitos, em processos de construção, mostram-se dispostos a romperem com o binarismo dominante/dominado, sujeitos entrecortados por exclusões tanto sociais quanto históricas, mas que se propuseram a exercerem a própria voz. Considerando, ainda, as colocações desta autora, pode-se visualizar representações de tais sujeitos pós-coloniais tanto nos escritos de Anzaldúa, Carolina Maria de Jesus, dentre outras, até chegar em Conceição Evaristo, a qual faz uso da autoria feminina como forma de dar voz e libertação a um povo oprimido pela sociedade caucasiana. Ainda, neste sentido, pontua que, em linhas gerais, a literatura pós-colonial brasileira (assim como as demais) é perpassada por outra corrente hierárquica, o racismo, o qual ora se manifesta de forma explícita ora de forma velada.

Ressalta Costa (2010), com base em estudos científicos, que o termo pós-colonialismo poderia ser facilmente substituído pelo termo pós-ocidentalismo, haja vista este segundo abranger “um conjunto de teorias, bem como de lugares de enunciação que emergiram na América Latina nos anos de 1960”. Assim, torna-se a representação dos discursos surgidos por esta mesma época, dentre os quais aqueles relacionados à “teoria da independência, filosofia da liberação, pedagogia do oprimido, movimentos indígenas e afro-latinos e, mais recentemente, estudos da subalternidade” (p.47).

Neste sentido, ancorando-se em Colas (1995), a autora acima citada salienta que para este último, ao se perceber o pós-colonial como uma luta dos oprimidos, dos colonizados, daqueles inseridos na subalternidade, é possível pressupor “a América Latina como pós-colonial e mesmo antes do surgimento do discurso colonial e pós-colonial na academia norte-americana nos anos 1980” (Idem, p.47).

Neste contexto de Literatura pós-colonial ou pós-feminista, a situação da mulher mostra-se duplamente afetada: primeiro por ter que se submeter aos caprichos patriarcais e, segundo, por não se virem contempladas pelos movimentos feministas que, apesar de erguerem a bandeira feminina, tinham por base um único modelo de mulher, a branca europeia. Assim, a emergência de “autoras africanas e afro-americanas têm como foco de sua narrativa a exploração contra a mulher e a luta desta por libertação além de também tratarem sobre embates culturais, escravidão, opressão e resistência” (RAMOS, 2009, p.4).

Reforça, ainda, esta mesma autora que essa produção literária pós-colonial, sobretudo, aquelas afro-americanas, contribuíram para a inserção desta literatura no cenário mundial, haja vista terem como foco, dentre outros, compreender as histórias das mulheres e homens afro-descendentes objetivando, deste modo, re(construir) a identidade dos mesmos.

Partindo deste princípio, de (re)construir-se na literatura pós-colonial, conforme Bonnici (2006) “a representação de personagens femininas mostrará ou a superação dos problemas, ou a diáspora transnacional (que lhe dá oportunidades para crescer) ou a liberdade de situações opressivas familiares” (p.17). A luta dos negros nesta busca por firmar a própria identidade é permeada por diversos fatores, dentre os quais visualiza-se o não-reconhecimento de sua cultura e religião, a situação de completo assujeitamento frente aos homens brancos colonizadores, além disso, nunca tiveram o reconhecimento dos seus feitos em favor dos então “dominantes”.

A grande diferença, conforme Bonnici (2006, p.17), é a de que, enquanto o homem branco visa a busca por um império (e vale-se de muitos meios para isso, inclusive da mão de obra barata), o negro, sem nenhum recurso nem condição financeira, “visa à construção não de um império, mas de comunidades”, isto é, de um lugar em que possa se sentir gente, sujeito, cidadão como todos os outros, já que pagam os mesmos impostos, embora não tenham os mesmos direitos.

É neste contexto de produção pós-colonial que se insere a obra de Conceição Evaristo, isto é, além de atribuir a voz às mulheres negras, sobretudo colocando-as na condição de protagonistas de suas próprias histórias, as tessituras evaristianas trazem à tona a face íntima de um povo que sempre sobreviveu às margens da sociedade.

4 UMA EDUCAÇÃO PARA O FEMININO

A discriminação contra a mulher e o negro no Brasil é socialmente construída para beneficiar quem controla o poder econômico e político. E o poder é macho e branco.
(Heleieth Saffioti)

A educação da mulher tem suas origens fincadas muito antes do próprio nascimento. A sociedade preconiza para a fêmea possibilidades e caminhos que a “façam mulher”, a saber, espera-se que seja o estereótipo da bondade, da submissão, da beleza, da passividade entre outros. Condiciona-se para a menina, bem antes de esta conhecer a luz do mundo, o que se espera de uma mulher, ou seja, molda-se a imagem feminina sob a égide de olhares patriarcais. Tudo isso começa ainda muito cedo, mesmo antes da fecundação do embrião, com a expectativa em torno do sexo da criança. Sabe-se, no entanto, que, apesar de o sexo dos filhos ser determinado pelo espermatozoide do pai, é sempre à mulher, à mãe que se debruça a responsabilidade, por vezes carregadas de preconceitos, sobre a capacidade de gerar este ou aquele sexo. Para Belloti (1975):

Inúmeras as mulheres que, ao nascer uma menina, tiveram de suportar e suportam ainda a tácita ou expressa comiseração de familiares, parentes e amigos, o ressentimento e a hostilidade do marido ou dos sogros, a humilhação de ter lançada no rosto a acusação de incapacidade de gerar filhos do sexo masculino (BELLLOTI, 1975, p.15).

Ressalta a autora que, apesar de existir uma grande divergência entre culturas mais instruídas, esse estereótipo acerca da mulher perpassa ambas e, em tese, atribuir majoritariamente ao homem a predeterminação pelo sexo do feto, da criança, seria colocá-lo sob pontiagudas arestas, isto é, “é compreensível que se proíba rigorosamente por em discussão o prestígio do homem, pois isso levaria fatalmente ao estilhaçamento de seu poder”. Reflexos de uma sociedade calcada sob alicerces puramente patriarcais, na qual, à mulher são condicionados estigmas e estereótipos previamente “naturalizados”. Esta suposta naturalização se dá, conforme a autora, uma vez que vontades de verdades e juízos de valores são ensinados, repassados e perpetuados desde muito cedo, são assimilados e tidos como verdades absolutas. Para tanto, não se pode negar que “os preconceitos têm raízes profundas

no costume: desafiam o tempo, as retificações, os desmentidos, por apresentarem uma utilidade social” (Idem, p.15).

Vale lembrar que isso acontece em função da necessidade que o ser humano tem de buscar certezas e verdades absolutas, não por acaso, tais propagações acontecem a partir da infância, por meio de uma pretensa hierarquia familiar na qual devem ser repassados aos filhos valores e costumes internalizados pela família. Conforme Oliveira (2013), a educação da criança é relegada, *a priori*, à base familiar, sobretudo, espera-se que a mãe seja a responsável pela boa formação moral, religiosa e social dos/as filhos e filhas, isto é, um ideal de educação associado ao mito da maternidade como norma definidora e constitutiva da mulher.

Assim, a educação dita “doméstica, como antecessora à educação escolar, passa a ser um fator importante para a formação da boa conduta e do caráter das crianças, sendo concebida como a verdadeira e a principal para a vida útil e prática” (OLIVEIRA, 2013, p.139-140). Pressupõe-se, por conta disso, que a criança, além de ser invisibilizada por uma sociedade adultocêntrica, quando se faz necessário, também é utilizada como cobaia por ela. Pode-se dizer que as ramificações da cultura patriarcal concentram seus valores na proliferação de “verdades indiscutíveis, desde a infância e jamais serão rejeitados, posteriormente” (BELLOTI, 1975, p.15).

Desse modo, quem ousa ir de encontro às normas prescritas pela sociedade vigente, é, forçosamente, relegado/a a uma condenação, a ocupar posições majoritariamente estereotipadas e excludentes. Pode-se dizer que sujeitos que subvertem as “ordens” predeterminadas são visibilizados como provocadores de rebeliões. Conforme Belotti (1975), “a rebelião suscita a hostilidade e a condenação daquele que tenta subverter as leis do costume, mais profundas e mais persistentes que as leis escritas, pode ser o ostracismo e a marginalização social” (Idem, p.15).

A autora, de certa forma, incorre em uma suposta generalização ao afirmar que “as mulheres não conhecem limites quando se trata de submeter-se piamente aos preconceitos que correm a seu respeito”. Isto posto, torna-se pertinente levar em consideração a época em que tal discurso foi proferido sem, no entanto, deixar de frisar que, apesar dos muitos avanços obtidos pela categoria feminina, muitas mulheres ainda vivem em total regime de submissão e subserviência, e o que é pior, muitas delas completamente conformadas.

Para explicitar, Belotti (1975) ressalta as relações que a mulher mantém com a família, com os filhos e com o sexo oposto. Na visão da autora, a mulher, apesar de vivenciar o

contrário na grande maioria das vezes, acredita que os filhos são sinônimos de matrimônio seguro e estabilidade na relação conjugal. Conclui, portanto, que é por conta deste tipo de pensamento que “o mundo transborda de mães infelizes e frustradas” (p.15), as quais, além de sufocarem sua vontade própria em detrimento da do marido, comumente, quando não conseguem dar à luz um filho varão, macho, reduzem-se (e são reduzidas) à insignificância e à incapacidade de gerar um herdeiro do sexo masculino. Sem contradizer o raciocínio de Belotti (1975), é lícito apenas lembrar que nem todas as mulheres cultivam o desejo de ser mãe, apesar de serem profundamente rechaçadas por essa escolha.

Por outro lado, pode-se dizer que, em pleno século XXI, ainda se percebe a recorrência de visões como estas, no entanto, vale lembrar que avanços significativos foram alcançados, como, por exemplo, a liberdade de a mulher decidir acerca da condição de tornar-se mãe ou não. É bem verdade que este é um assunto complexo porque, como já fora dito, esses valores são perpetuados historicamente e culturalmente. Ainda se atribui à mulher a condição de reprodutora da espécie e a responsável pela educação primeira na vida dos filhos, de modo que “as mães têm um lugar importantíssimo na educação dos filhos, bem como na construção de um mundo democrático e civilizado” (OLIVEIRA, 2013, p.141).

Muitos pré-conceitos em favor da divergência entre os gêneros têm suas origens já bem antes da formação do feto, pois, geralmente, ao saber que uma mulher carrega uma criança no ventre, ouve-se muitos questionamentos acerca do sexo da criança, saber se é menino ou menina e, na maioria das vezes, há uma torcida para que o “nascituro” seja do sexo “dominante”. Evidencia Belotti (1975) que diversos costumes populares sempre foram utilizados para que se antecipasse a certeza em torno do sexo da criança, embora com o advento da modernidade e tecnologias, isso não se constitui mais como um problema, no entanto, costumes são repassados por entre gerações e permanecem. Nas palavras da autora:

Uma das provas mais costumeiras é a da forquilha da galinha. Um homem e uma mulher agarram cada um uma ponta da forquilha e puxam ao mesmo tempo em direção contrária, até despedaçá-la. Se a parte mais comprida ficar na mão do homem, vai nascer um garoto. (...) O ventre mais pontudo da mãe durante a gravidez é sinal de que vai nascer um menino (clara alusão ao falo), ao passo que um ventre mais chato, largo, distendido, indica que vai nascer uma menina (BELLOTI, 1975, p.17).

Importa dizer que, conforme a teórica, a menina exerce um papel fundamental dentro da família (e é educada para isso) segundo as múltiplas funções que desempenha, ainda assim, na grande maioria dos casos, não se “rejubila”, não se comemora tanto o nascimento de uma

fêmea, pois “o esperado, o preferido, o anelado é sempre o menino”. Pode-se afirmar que a discriminação em relação à mulher já começa desde a gestação no ventre da mãe. Em outras palavras, deposita-se sobre o menino prospecções em função daquilo que ele “há de ser”, condicionando-o também a um estereótipo de virilidade constante; em contrapartida, à menina, “espera-se que se torne um objeto, e é considerada por aquilo que irá dar” (BELLOTI, 1975, p.17).

São crenças populares que, por muito tempo, perpetuaram e cristalizaram a estereotipação em torno da mulher (e em alguns lugares permanecem até hoje). Esclarece Belotti (1975, p.20) que, apesar de os muitos e visíveis sinais de hostilidade em relação às meninas, como, por exemplo, o fato de a elas serem atribuídas maiores e mais fortes dores no parto, bem como o choro e a inquietude, é evidente que fatores externos é que irão determinar a maneira como esta ou aquela criança irá reagir, de modo que “nas reações do recém-nascido aos estímulos ambientais influem igualmente as diferenças temperamentais inatas que são muito acentuadas de uma criança para outra”.

Em suma, destinos especificamente diversos são projetados sobre meninos e meninas. Não por acaso, a sociedade vigente cumpre a função de hegemonizar e preparar o caminho antes mesmo de estes/as virem ao mundo. No entanto, se estes meninos ou meninas forem negros/as, não se deposita projeção nenhuma sobre eles/as, ao contrário, esta mesma sociedade, na maioria das vezes, se encarrega de preparar um caminho que os/as conduzirão às drogas, à prostituição, ao crime, ao “açóite”, ao “tronco”, colocam-lhes (ou tentam colocar) sempre na condição de alforriado, o qual, embora livre, permanecerá sempre escravo, sobretudo, do próprio sistema vigente.

Por outro lado, é notório dizer que a célula-mater da discriminação entre os sexos é a própria base familiar, uma vez que não se percebe a criança que está por vir como um sujeito único e especial em sua individualidade, pelo contrário, determina-se este ou aquele sexo (biologicamente pautando-se em função do pênis ou vagina) para o feto e já projeta-se sobre ele cargas que carregará (ou não, se optar por subverter estes paradigmas) por toda a vida: “o varão é desejado por si mesmo, pelo prestígio que o seu nascimento projeta sobre a família, pela autoridade que terá dentro e fora dela, por aquilo que há de realizar”, em contrapartida, caminhando ao encontro da educação que se dedicará à menina, observa-se que “a menina é desejada – quando o é – com base numa escala de valores, por assim dizer, de utilidades” (BELLOTI, 1975, p.23).

Nesta direção, conforme Saffioti (1987), ao menino são repassados valores sexistas que incultam nestes a perpetuação da discriminação em torno da mulher, todavia, isso só acontece porque o homem não possui a própria consciência de que discriminações praticadas contra as mulheres igualmente recaem sobre eles. Dito de outro modo, esse suposto privilégio de ser macho e dominante subtrai do homem a possibilidade de se mostrar frágil e demonstrar sentimentos. Para a autora, “no momento em que o homem entender que também ele é prejudicado pelas discriminações praticadas contra as mulheres, a supremacia masculina estará ameaçada” (SAFFIOTI, 1987, p. 6-7).

É lícito lembrar que, apesar de profetizados e projetados sobre ambos os sexos estes ideais do que se espera tanto para o menino quanto para a menina, existem aqueles (as) que irão romper com esta ordem predeterminada por outrem para suas vidas, embora sejam considerados subvertedores e, conseqüentemente, marginalizados.

4.1 A Educação e a mulher

Como bem enfatiza a história, desde épocas do Brasil-colônia, as mulheres, em sua maioria, sempre viveram em situação de subserviência em relação ao homem, não por acaso, a elas foi negado, entre outras coisas, o direito à instrução. Conforme Aranha (2006), eram raras as famílias em que, às vezes, recebiam algumas noções de leitura, no entanto, o que lhes eram de fato ensinado e cobrado, resumia-se em aprendizagem de boas maneiras, moral, ética e religião, manual de como sobressair nos afazeres domésticos. Enfim, moldava-se a mulher para servir ao marido e, além disso, ser a reprodutora dos filhos legítimos.

Por outro lado, segundo a autora, quando se fazia conveniente prepará-las para um suposto convívio social, ensinavam-lhes a tocar piano e línguas estrangeiras, mais especificamente o francês. Ressalta que por volta de 1825, D. Pedro I promulgou, em nome do Estado, aquela que seria uma das primeiras formas de abrigo cujo objetivo era o de ensinar a ler e a escrever, bem como os ofícios relacionados ao cuidado do lar, meninas filhas de militares atuantes ou mesmo daqueles que já haviam falecido. Nestes abrigos também eram recolhidas aquelas que careciam de ser, por certo tempo, afastadas da família.

Ainda, de acordo com Aranha (2006), a partir de 1827 foi estabelecido por lei que meninas teriam direito a aulas regulares, mas sem esquecer de frisar que o necessário era que estas aprendessem o ofício das chamadas “funções maternas”, visto que um dia haveriam de exercê-lo. Para desempenhar esta tarefa de ensinar às meninas, buscava-se por senhoras que

soubessem o mínimo, pois, não era preciso ir muito além das quatro operações e do abecedário. Não era fácil encontrá-las, visto que a grande maioria feminina só possuía conhecimentos domésticos, quando acontecia de achar uma, exigia-se que também tivesse o domínio da agulha. Por conta dessa dificuldade em encontrar mulheres “preparadas” para assumir este ofício, enfatiza a autora que, em meados de 1832, o número de escolas para mulheres não chegava a vinte, no total.

Segundo Aranha (2006, p.229), “com a criação da seção feminina na Escola Normal da Província, em 1875, as moças poderiam se profissionalizar na carreira de magistério”. Por outro lado, salienta a autora, que devido à escassez e dificuldades em se manter os cursos para mulheres, o resultado que se tinha era sempre ruim e insatisfatório. Por fim, enfatiza que somente no fim do século a profissão docente passou a ser essencialmente feminina. No entanto, apenas as moças que detinham posses conseguiram o acesso ao ensino, seja por intermédio de escolas particulares ou dos chamados preceptores (pessoas encarregadas de subsidiar as jovens no ensinamento relacionados às letras e às artes).

A grande ironia era que, mesmo com o ensino secundário em mãos, estas moças não tinham acesso ao ensino superior, já que para isso teriam de se submeter aos “exames preparatórios aplicados pelo Colégio D. Pedro II, destinados exclusivamente ao público masculino” (Idem, p.229). Parafrazeando a autora, é pertinente lembrar que a primeira mulher a se inscrever na faculdade do Rio de Janeiro, para cursar medicina, foi Ambrosina de Magalhães em 1881, seguida por outras duas no ano seguinte. Tais mulheres estavam sempre acompanhadas por alguém, na maioria das vezes, o pai ou uma senhora de mais idade.

Mais tarde, ao término da fase pré-republicana é que se percebe maior ênfase à possibilidade de se ensinar às mulheres o estudo que até então era reservado aos rapazes. Houve grande embates entre aqueles mais tradicionais e os mais modernos como Tobias Barreto e Tito Lívio de Castro. Assim, aos poucos foram surgindo escolas direcionadas para o público feminino. Conforme Neves e Caetano (2009):

Na segunda metade do século XIX, houve uma formalização do ensino e do currículo com a Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-Lei 8530/46), mas continuou sendo diferenciado por sexo, reforçando a discriminação. (...) Além disso, a escola seria uma extensão do lar e da família que a classe média havia idealizado para a sociedade moderna. Com a Constituição de 1891, a União passou a criar e controlar a instrução superior, secundária, primária e profissionalizante, contrariando a elite brasileira que queria que o povo continuasse iletrado e omissos. Em todas as Províncias os homens foram abandonando a docência e as mulheres, que aceitavam os baixos rendimentos, as precárias condições de trabalho e o

aumento da formação do magistério de 3 para 4 anos, bem como as que queriam sair da esfera doméstica, foram assumindo esse espaço (NEVES & CAETANO, 2009, p.254).

Segundo os autores, por estes e outros fatores, além das inferências à maternidade, a mulher foi conquistando o espaço da docência, embora salientem alguns que foi justamente por conta desta feminização que a profissão docente foi completamente desvalorizada. Para os estudiosos acima mencionados, adjetivos que eram atribuídos aos homens não comportavam a espécie feminina, ou seja, a eles eram dirigidos conceitos como “objetivos, têm autoridade, produtivos, competitivos, racionais, possuem saberes técnicos” enquanto que às mulheres eram relegados outros de cunho inferiores.

Ainda, nesse sentido, ressaltam que por serem consideradas desqualificadas, incompetentes, ineficientes, a mão de obra feminina não era bem remunerada por não serem consideradas profissionais da educação. Com um discurso recheado pelas relações de poder, a sociedade patriarcal foi “cedendo” espaço à docência feminina, embora sob a alegação de que as mulheres possuíam mais “vocaçãõ” para exercer a carreira. Junta-se a isso as possibilidades de que as mulheres exerceriam a profissão com o mesmo amor e carinho com que tratavam seus próprios filhos, visto que era inerente a elas a condição de procriarem e cuidarem dos filhos e do lar.

Conforme Caetano e Neves (2009), as mulheres se sujeitavam a isso porque enxergavam, além das humilhações, a chance de prosseguirem nos estudos e saírem um pouco das redomas das próprias casas. Enfatizam, por outro lado, os autores que:

[...] somente nas três últimas décadas do século XIX que se criaram as Escolas Normais, inspiradas nas instituições francesas. Essas escolas também surgiram junto com o movimento republicano e não tinham uma política definida e unificada para o país e nem recursos, já que o Brasil encontrava-se ainda dividido em Províncias. A criação dessas escolas marca o processo de institucionalização da profissão docente no Brasil (CAETANO & NEVES, 2009, p.256).

Apesar de a mulher ter avançado na caminhada rumo ao exercício do magistério, vale lembrar que este suposto “degrau” alcançado pela categoria feminina constitui-se como um paradoxo, uma vez que, embora a magistratura tenha se tornado, essencialmente, feminina, os vieses que perpassam todas as instituições escolares são marcadamente masculinos. A mulher, nos exercícios primórdios de sua docência, mostrava-se apenas um estereótipo da dominação

masculina, completamente dessexualizada e “fabricada” conforme as relações de poder pelas quais era atravessada (FOUCAULT, 2014).

Estudiosas feministas atribuem à escola a propagação do discurso centrado na dominação do homem sobre a mulher (LOURO, 1997). De certa forma, é possível supor que desigualdades são produzidas e reproduzidas dentro dos ambientes escolares, não só em relação aos gêneros mas também às de classes, raças, etnias, idades entre outros (ROSEMBERG, 2001). Para esta última, ancorando-se em Batista e Codo (1998, p, 62), salienta que apesar de o ensino ser pensado, basicamente, a partir de uma concepção sexista, é interessante notar que “o sistema de ensino continua sendo um nicho para as mulheres no mercado de trabalho. Sejam professoras, funcionárias ou especialistas, as mulheres representam mais de 80% da força de trabalho em educação”.

Rosemberg e Amado (1992) a partir de pesquisas relacionadas à educação e a mulher, ressaltam o fato de que, por volta dos anos 70, a mulher sobressaía-se nos estudos em detrimento dos homens. Para as autoras, o pressuposto não acontecia de forma aleatória, pelo contrário, devia-se à forma como as moças/mulheres aceitavam passivamente o que lhes eram imposto. O critério determinante era o de obediência e servidão. Por outro lado, evidenciam que a discriminação educacional se dá muito mais em função das “carreiras escolares” do que pelo próprio acesso e/ou permanência na escola, embora o sexismo seja facilmente evidenciado. Aos homens eram relegados os estudos voltados para “conteúdos técnicos e científicos”, em contrapartida, as mulheres “seguem trajetórias escolares vinculadas às letras e humanidades, com nítidas vistas à preparação ao magistério” (p.64).

Rosemberg e Amado (1992), valendo-se de Carvalho (1982), ressaltam que, conforme esta última, “ainda que participem desde muito cedo das tarefas domésticas, enquanto os homens são poupados dela e têm muito mais liberdade para brincar na rua no início da infância, as mulheres, quando o fazem, assumem bem mais tarde o trabalho remunerado fora de casa, podendo, em alguns casos, permanecer mais tempo na escola” (Idem, p.64).

Partindo da premissa de que as pesquisas não levavam em conta as categorias raça, idade ou classe, ressaltam as autoras que grandes lacunas foram evidenciadas em relação à mulher sobressair-se ao homem em relação às letras e artes. Salientam, ainda, que muitos fatores foram atribuídos mesmo sem relevância, no entanto, todos culminavam para um ponto em comum: o de que o homem não poderia permanecer muito tempo na escola, uma vez que deveria manter o sustento da casa; a mulher, por outro lado, não tendo outras obrigações a cumprir, ocupava seu tempo livre na escola. A assertiva por si já denota certo sexismo velado.

A isso atribui-se o fato de que a massificação feminina no exercício da docência acabou por relegar a profissão de grande prestígio masculino a uma posição secundária, menos favorecida e, em função disso, com remuneração inferior àquelas preferivelmente masculinas. Em consonância com isso, reforçam as autoras que determinadas pesquisas inferiram que “apesar de serem melhores alunas que os rapazes durante os anos de escolaridade básica e secundária, as moças seriam menos competentes em exames impessoais e relativos a disciplinas técnicas” (ROSEMBERG e AMADO, 1992, p.65).

A escola sempre foi, como ressalta Louro (1997, p.57), pensada por religiosos, família, sociedade e outros, não por acaso, sempre tida como parâmetro da boa educação, por isso foi instituindo suas marcas e “fabricando” sujeitos. A figura da mulher surgiu nos âmbitos escolares como uma extensão dos procedimentos maternos, isto é, pressupunha-se que as professoras mulheres tratassem seus alunos da mesma forma que a seus filhos.

Embora exercessem atividades fora dos afazeres domésticos, nada poderia ser mais importante que estes e nem atrapalhar a execução dos mesmos, em outras palavras, à mulher era imposta a condição de permanecer sendo o que sempre fora: uma figura do lar, pronta para servir e cuidar dos serviços domésticos. Todavia, em relação ao exercício da docência por mulheres casadas, acreditava-se que não fossem “dignas” de se apresentarem diante dos alunos. Pressupõe-se isso devido ao fato de elas manterem relações sexuais e terem filhos. Em suma, torna-se evidente que a escola protagoniza a reprodução do sexismo e da dominação patriarcal (ROSEMBERG e AMADO, p.67).

4.2 A escola como palco das diferenças

Instituições escolares são (ou deveriam ser) locais onde o sujeito vai em busca de conhecimentos cujo propósito é o de adquirir a *sapiência*. Entretanto, o que se sabe é que a escola “molda e fabrica” indivíduos para que, ao atravessarem os muros escolares, estejam “prontos” para reproduzir na sociedade o que lhes fora ensinado: reproduzir a hierarquia vigente. Neste sentido, valores são ensinados através das instituições escolares com a intenção de perpetuar um discurso estereotipado, discriminatório e sexista. A escola produz práticas sexistas e incita a diferença entre seus transeuntes.

Para Moreno (1999), o sexismo é a capacidade que se tem de estabelecer a diferenciação entre os sexos e, em consonância com isso, a escola desempenha o papel de protagonista. Recheada por um discurso completamente pautado no androcentrismo, ela

estigmatiza, discrimina e exclui. Ainda, segundo a autora, o olhar androcêntrico é aquele que “consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo” (MORENO, 1999, p.23).

Conforme Louro (1997, p.57), a escola é o lugar de onde se produz “desigualdades, distinções, e diferenças”. Para ela, desde os primórdios, a função da escola foi separar os sujeitos distinguindo aqueles que tinham acesso ao ensino dos demais. Não obstante, dividiu também os que ali ingressaram, propiciando-lhes, internamente, formas de “classificação, hierarquização e ordenamento”. Assim, separou-se adultos de crianças, católicos de protestantes, bem como separou meninos de meninas e ricos de pobres.

Ainda segundo a estudiosa, a escola foi gerida de início para contemplar apenas uma minoria, embora, posteriormente, foi, de forma singular, sendo requisitada pela parte que ficara de fora de seus muros e paredes, e, assim, para atender a uma demanda maior, precisou organizar-se e de formas diversas. Nas palavras da autora, “ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos” (LOURO, 1997, p.57, grifo da autora).

A autora é enfática ao dizer que “a escola delimita espaços” e, desse modo, afirma ou nega, permite ou proíbe, enfim, “institui o que cada um pode ou não fazer” (Idem, p. 57). Para isso, a escola ancora-se em “símbolos e códigos”, como forma de valorizar, de dar credibilidade ao seu discurso de heteronormatividade. A escola segrega e estigmatiza. Os próprios manuais didáticos são carregados de pressupostos extremamente excludentes. Menciona, ainda, como exemplo, os livros didáticos de História, os quais nunca relegam à figura feminina postos de superiores na constituição da história, embora elas sempre tenham estado lá. A figura do homem (sexo masculino) é sempre exaltada como o grande herói.

Nesse sentido, Rosemberg e Amado (1992) ressaltam que, embora não tenham encontrado, durante o estado da arte, estudos que tratassem sobre o cotidiano das escolas e suas relações de gênero, observou-se um consenso em relação aos estereótipos sexuais produzidos pelas instituições escolares. Todavia, nem sempre esta relação de estereotipação e separação é visível. Algumas vezes acontece de forma sutil e velada, por meio de uma suposta naturalização, a qual produz identidades escolarizadas. Conforme Louro (1997), torna-se

imprescindível que se percebam os indícios, os detalhes e/ou vozes que perpassam os muros da escola. Nesse sentido, ressalta que:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadriñar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons e as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas (LOURO, 1997, p.59).

De acordo com Louro (1997), esta “naturalização”, na maioria das vezes, acontece a partir das coisas consideradas mais banais dentro dos ambientes escolares. Não obstante, com um olhar mais apurado, é possível percebê-la até mesmo nos corredores, murais, imagens, conversas informais do corpo docente, entre outros. A escola cumpre eficazmente a árdua função de moldar e parametrizar os sujeitos (entenda-se, nesse caso, o arquétipo heterossexual). Desempenha, ideologicamente, o seu papel de “formadora” de comportamentos e pensamentos críticos, de modo que prescreve modelos e condutas a serem seguidos.

Por outro lado, aquele sujeito que não se enquadra dentro dos padrões geridos por uma sociedade seletista, androcêntrica, preconceituosa e, acima de tudo, sexista, cujos adjetivos são fielmente reproduzidos pelas instituições escolares, certamente será estigmatizado dentro da escola, tanto pelos próprios alunos quanto pelo corpo docente. Não é segredo que o parâmetro imposto a meninos e meninas nos ambientes escolares é separatista e excludente. Acompanhado de um olhar “naturalizado”, ensina às crianças e adolescentes o que eles/as podem ou não fazer. Em suma, ditam-lhes as posições que devem ocupar na sociedade e os modos de ser e agir.

Com o discurso de “educar” para a vida, a escola “fabrica” sujeitos, os quais interiorizam ideias e conceitos apreendidos e tornam-se perpetuadores da velha e cristalizada concepção de “diferença” construída nos ambientes escolares e, assim, contribui para a disseminação de práticas puramente homofóbicas. A homofobia, nas palavras de Borillo (2009):

Exprime-se por meio das injúrias e dos insultos cotidianos, mas aparece também nos discursos de professores e especialistas, ou permeando debates públicos. A homofobia é familiar; percebemo-la como um fenômeno banal:

quantos pais se inquietam ao descobrir a homofobia de seu filho adolescente, se a homossexualidade de um filho ou filha é ainda motivo de sofrimento para as famílias e conduz frequentemente a consultar a um terapeuta? Invisível, cotidiana e disseminada, a homofobia participa do senso comum, embora leve, igualmente, a uma alienação dos heterossexuais (BORILLO, 2009, p.19).

Práticas muitas vezes consideradas banais no cotidiano da escola podem estar recheadas de conteúdos homofóbicos, tanto em relação ao corpo discente quanto docente. Não é raro observar no discurso proferido pelos professores/as preferências por este ou aquele gênero em sala de aula, no entanto, à medida que eleva uma classe estigmatiza e diminui a outra. Pode-se pensar que a própria maneira de se referir ao corpo docente basicamente no masculino ao se pronunciar frases como “formação de professores” para representação generalizada de homens e mulheres, de certa forma, culmina para uma suposta “naturalização” do uso da linguagem para com seus alunos. O discurso proferido pela escola é sexista e excludente, na grande maioria das vezes, perpetua vozes sexistas, homofóbicas e racistas (JUNQUEIRA, 2009).

Os ambientes escolares deveriam representar o local de desconstrução desse tipo de pensamento, haja vista constituir-se como um espaço social no qual transitam diferentes feminilidades e masculinidades. Em outras palavras, diferentes corpos compõem a escola, cada um com suas peculiaridades e identidades. No entanto, como bem lembra Junqueira (2009):

Não por acaso, em nossas escolas, temos assistido ao crescente interesse em favor de ações mais abrangentes no enfrentamento da violência, do preconceito e de discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Cada vez mais a homofobia é percebida como um grave problema social, e a escola é considerada um espaço decisivo para contribuir na construção de uma consciência crítica e no desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009, p.7).

Como local de ensino-aprendizagem, a escola caminha na contramão do próprio discurso, haja vista protagonizar o processo de produção de práticas discriminatórias e excludentes, bem como a reprodução de uma linguagem que institui, a todo tempo, o androcentrismo, a homofobia, o sexismo e o racismo, dentre outros. Nesse sentido, Louro (1997) salienta que:

[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações

que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso ou não do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas em determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc) (LOURO, 1997, p.67, grifo da autora).

A diferenciação entre sujeitos nos âmbitos escolares não se restringe a uma forma específica, é constante e múltipla tanto em relação aos gêneros e sexualidades quanto etnia, gênero, raça, classe e outros. Nesta empreitada perigosa de “fabricação” das identidades dos sujeitos, muitas vezes, uma grande parcela fica à margem do caminho: são aqueles/as que não se adaptam, que não se inserem, que não se deixam “moldar” pela ideologia dominante. Por adotarem uma postura que vai de encontro ao que prega a hegemonia, tanto dentro dos muros da escola quanto da sociedade de modo geral, são vistos como “outros”, “diferentes”, “anormais”, dentre outros adjetivos.

Neste sentido, “quando a diversidade no espaço escolar é vista como algo negativo, a homogeneidade é defendida pelos dirigentes da educação, ao considerá-la condição para ensinar de modo mais eficiente” (SOUZA *et al* 2011, p.2). Ao se posicionarem contrários aos padrões pré-estabelecidos, homens e mulheres tornam-se estereótipos, alvos de pensamentos maldosos, homofóbicos e são considerados “anomalias” frente a uma sociedade vil que se julga acima do bem e do mal e que se acha no direito de decidir sobre a vida e desejos das pessoas.

Logo, torna-se importante dialogar com Araújo & Souza (2012, p.1-2) e Souza *et al* (2011), os quais ressaltam a necessidade de se pensar e redimensionar a educação voltando os olhos para “a equidade na promoção das relações democráticas”. Assim, dever-se-ia pautar esse processo de educar com vistas às identidades plurais que atravessam os muros da escola e constituem o tecido maior que se denomina diversidade. A escola, enquanto instituição formadora, ainda insiste em perpetuar a hegemonia e tratar como “desvios” o que não se insere no “pacote” dos modelos pré-estabelecidos.

Conforme os autores, não se deveria pensar em conceitos hegemônicos na educação, tendo em vista a pluralidade de identidades das quais se constitui o processo ensino/aprendizagem. Identidades que se constituem a partir das relações estabelecidas com o outro, numa alteridade que permeia todos os sujeitos envolvidos no processo. As diferenças e desigualdades pressupõem rejeição e/ou afirmação de identidades, ou seja:

As desigualdades históricas referentes às culturas, às etnias e aos diferentes grupos sociais fazem do recurso à afirmação de identidades uma forma de

sobrevivência desses valores e projetos. Assim surgem políticas identitárias que buscam a afirmação da diferença (GUARESCHI, 2002 e HALL, 2005) como forma de trazer à tona, nas pautas das discussões contemporâneas, os direitos daqueles que foram historicamente excluídos (ARAÚJO e SOUZA, 2012, p.1/2).

Ao optar, por exemplo, pelo silêncio em relação à homossexualidade, a escola, enquanto *locus* formador, deixa claro seu ponto de vista, acredita que não expondo sobre o assunto não corre o risco de se deparar com ele. Ironicamente, o que talvez desconheça é o fato de que não lida com robôs, máquinas, pelo contrário, diariamente lida com seres humanos, com vidas, com sentimentos, com emoções e, portanto, com identidades (SOUZA *et al*, 2011).

Parece não se dar conta de que a sexualidade é algo inerente ao sujeito e que está em um eterno processo de construir-se, não há como este adentrar às instituições e deixar sua sexualidade do lado de fora, não há um sujeito assexuado, nem mesmo o corpo docente o é. A professora Guacira Lopes Louro (1997) salienta em consonância com isto que “não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais – nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve” (p.81).

Há controvérsias em relação à caracterização do espaço da escola, alguns o consideram feminino pelo fato de a grande maioria docente ser composta por mulheres e, usualmente, estas são assimiladas à ideia de cuidado, carinho, representação da família entre outras semelhanças. Por outro lado, Louro (1997, p.89) reforça que há aqueles que o consideram um campo essencialmente masculino pelo fato de ser um local onde se lida diretamente com o conhecimento e este “foi historicamente construído pelos homens”.

Nessa perspectiva, supõe-se que a instituição escolar seja um universo dos homens embora ocupado por mulheres. Para a autora, não se pode definir por nenhuma das acepções, o que se deve evidenciar “é que a escola ‘é atravessada pelos gêneros’; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais do masculino e feminino” (Idem, p.89, grifo da autora). Em suma, pode-se evidenciar que resquícios de uma sociedade calcada pelo regime patriarcal tem seus alicerces fincados nos ambientes escolares. Seja por intermédio de ações ou discursos, é perceptível uma cristalização hegemônica pautada por conceitos androcêntricos e homofóbicos.

Não se pode, no entanto, negar as relações de poder que constituem a reprodução desta hierarquia, quiçá a produção e perpetuação da dicotomia vigente. Como bem lembra

Foucault (2014), aquilo que não está caminhando ao encontro das ideologias instituídas, é rapidamente anulado, negado e até mesmo ocultado e silenciado. Nesta linha de raciocínio, pode-se evidenciar a perseguição contra homens e mulheres que fogem ao padrão estereotipado de definição das sexualidades dos sujeitos e identidades de gêneros. Logo, a escola constitui-se como um ambiente educativo reduzido apenas a um “espaço de reprodução de estereótipos e preconceitos ligados aos gêneros e às sexualidades” (SOUZA *et al*, 2011, p.3).

4.3 A Educação no contexto dos afrodescendentes

Partindo-se do pressuposto de que a população negra, desde longos tempos, teve a sua história silenciada e mascarada puramente por um forçoso embranquecimento e/ou branqueando, pode-se evidenciar que assim também se deu com a educação dos negros e negras no Brasil. Segundo Cruz (2005), há uma carencia muito grande em relação às fontes históricas que situam as trajetórias educacionais afrodescendentes no Brasil, ou seja, conforme a autora, “não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos procesos de dominação” (CRUZ, 2005, p.23).

A autora acima citada enfatiza a importância de se perceber que negros e negras brasileiras estão, de fato, escrevendo uma outra história, uma história que abarque “estudos e relações raciais nas escolas brasileiras” (p.26). Neste sentido, ressalta que somente a partir dos anos 1970 é que se pode perceber estudantes negros adentrando, consideravelmente, a Academia. Reforça, ainda, que o primeiro grupo composto exclusivamente por negros a utilizar-se deste espaço da Academia para tratar da temática Negro e Educação, reuniu-se em São Carlos (SP) por volta de 1978.

Apesar de algumas tentativas de intimidação, o grupo se fortaleceu e se fazia presente na discussão dos problemas educacionais a partir da visão dos negros. Assim, sucesivamente, seguiram-se publicações sobre o negro e educação, sendo que o primeiro artigo surgiu por volta de 1979, veiculado pela Revista de Educação Carlos Chagas. Segundo Cruz (2005), há uma inexistência explícita de registros sobre a história do negro e da educação, no entanto, faz saber que muitos foram aqueles que fundaram as próprias escolas na tentativa de se apropriar do saber.

A necessidade de ser liberto ou de usufruir a cidadania quando livre, tanto durante os períodos do Império, quanto nos primeiros anos da República, aproximou as camadas negras da apropriação do saber escolar, nos moldes das exigências oficiais. Sendo assim, embora não de forma massiva, camadas populacionais negras atingiram níveis de instrução quando criavam suas próprias escolas; recebiam instrução de pessoas escolarizadas; ou adentravam a rede pública, os asilos de órfãos e escolas particulares (CRUZ, 2005, p.27).

Por outro lado, o que se tem é uma invisibilidade em relação aos grandes feitos dos negros em relação à educação. Reforça essa autora que, dentre alguns registros de escolas fundadas pelos negros, cujo objetivo era o de açambarcar saberes que os tirassem daquela condição de assujeitamento, de invisibilidade e inferioridade a que eram constantemente submetidos, tem-se, segundo Cruz (2005, p.28), o “Colégio Perseverança ou Cesarino, primeiro colégio feminino fundado em Campinas, no ano de 1860, e o Colégio São Benedito, criado em Campinas, em 1902, para alfabetizar os filhos dos homens de cor da cidade (MACIEL, 1997; BARBOSA, 1997; PEREIRA, 1999)” dentre outras. Vitimados por um apagamento histórico, os feitos dos negros sucumbiram ao silenciamento e esquecimento. Conforme considerações da autora,

Há também registro de uma escola criada pelo negro Cosme, no Quilombo da Fazenda Lagoa-Amarela, em Chapadinha, no Estado do Maranhão, para o ensino da leitura e escrita para os escravos aquilombados (CUNHA, 1999, p. 81). Negro Cosme foi um quilombola que se destacou como um dos líderes da Guerra dos Balaios, no Estado do Maranhão, entre 1838 e 1841 (Idem, p.28).

Ressalta, ainda, Cruz (2005, p.29) que, por volta da metade do século XIX é que se pode pressupor o acesso de negros e negras brasileiras às escolas públicas. A autora salienta esta problemática reforçando que, apesar de serem sempre pensados e colocados à margem da sociedade, mesmo tendo sido o escravo e o “negro liberto” proibidos de frequentar a escola pública, “a luta das camadas negras pela sua inclusão no processo de escolarização oficial evidencia que mesmo à margem da cidadania os negros acompanharam os processos de compactação da nação brasileira e nele exerceram influência”.

Reforça esta mesma autora que a propagação do discurso hegemônico de que negros eram animalizados e que, como tais, não necessitavam construir laços afetivos e nem serem agraciados com a leitura e a escrita, bastava que aprendessem a servir com obediência, é profundamente contestada quando determinadas intelectualidades negras assumem o tinteiro, se apossam da arte de escrever, situando-se, muitas vezes, em espaços sociais, até então,

majoritariamente, ocupados por brancos. “A biografia do professor Antônio Ferreira Cesariano Júnior é uma demonstração de como o espaço escolar cumpre em relação ao negro uma dupla função: veículo de ascensão social e instrumento de discriminação” (CRUZ, 2005, p.29).

Não é segredo que o espaço escolar é racista, sexista e excludente, neste ambiente, assim como homossexuais e mulheres, os negros e negras brasileiras são alvos de variadas formas de preconceitos. Apesar dos avanços obtidos por meio da lei 10.639/03, combater esse tipo de comportamento ainda se constitui como um grande desafio. Conforme Jesus (2012), com base em autores como Candau (2003), que a ambiência escolar protagoniza a arte de difundir preconceitos e estereótipos, não por acaso é um espaço plurisocial, no qual se entrelaçam diferentes crenças, costumes, estilos, etnias dentre outros.

Por outro lado, Jesus (2012 p.3) reforça que este mesmo ambiente que dever-se-ia ser acolhedor segrega e seleciona. Ao ressaltar a importância e a necessidade de a escola, enquanto *locus* de aquisição de saberes, estar preparada para lidar com as diferenças, torna evidente com as palavras de Candau (2003) que:

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação (CANDAU pp.29,30).

Como bem destacado por Pereira (2015), os negros são preteridos e animalizados por meio de enunciados e práticas hegemônicas legitimadoras de exclusões hierárquicas que se dão tão somente em função da cor da pele. É possível inferir que em função do mito da democracia racial, tais enunciados ora se mostram de forma explícita, ora velada, o que se pode evidenciar é que existem. Neste mesmo sentido, exemplifica-se isso a partir das muitas e variadas formas de discriminações praticadas contra negros e negras no Brasil, “o povo negro continua sendo cativo na violência, pobreza, ignorância e repressão policial” (JESUS, 2012, p.4).

Jesus (2012) salienta que a escola, enleada por uma suposta tradicionalidade caminha ao encontro da bestialização do negro/afrodescendente, uma vez que segue perpetuando a história do colonizador, inculcando-lhe uma memória que não o representa. “A história de seus ancestrais africanos é substituída pela História europeia dos francos, germanos, anglos e bretões, povos de peles e olhos claros” (JESUS, 2012, p.7).

Nas considerações de Olga Pereira (2015), a condição de animalização imposta aos negros e à própria cultura africana no Brasil “é fruto de um passado que se alimentou através da intolerância, do racismo e da escravidão que, embora tenha sido abolida em 1888, continua ratificando a complexa dimensão das desigualdades sociais” (PEREIRA, 2015, p.142). Dessa forma, segundo a autora, essa marginalidade se reflete de diferentes modos e em diferentes espaços sociais, não por acaso, tem-se no ambiente escolar um palco propício ao protagonismo da exclusão e da segregação em torno do negro brasileiro. “O resultado desse descaso sentido pelos negros e negras em nosso país, reflete, no espelho da educação brasileira, uma docência soberanamente branca” (Idem, p.142).

Evidencia-se isso, uma vez que as facilidades de acesso ao ensino sempre foram aliadas aos brancos, por muito tempo negros e negras foram/eram impedidos/as de frequentar a escola, no entanto, ainda hoje, em pleno século XXI, pode-se dizer que as possibilidades, apesar das muitas e louváveis lutas dos negros buscando o ensino como direito de todos, apesar das Cotas Raciais, dos Programas federais dentre outros, pode-se inferir que essas vias de acesso não são equânimes, antes ratificam reflexos de uma herança histórica na qual o negro se torna o protagonista de um suposto fracasso educacional.

O que se percebe é que o negro, apesar destas “regalias” oferecidas, continua sendo vítima da rejeição à própria cor, quando se pensa em Cotas, o negro novamente é discriminado, por ser cotista e por ser negro. Desnecessário dizer que, no Brasil, enunciados explícitos e/ou velados continuam solidificando a base de uma hierarquia branca e hegemônica. “O discurso da contemporaneidade tem servido apenas para ressaltar novas formas de indiferenças, estranhamentos e limitações racistas. O velado desprezo aos negros, em nossa sociedade, encontra-se preservado na mais complexa rede de marginalização social, política e moral” (PEREIRA, 2015, p.105).

Frutos de uma herança histórica calcada no eurocentrismo, negros e negras no Brasil são vitimados pelas sangrentas sequelas de uma escravidão que, por meio do mito de uma suposta abolição, se mantém viva no bojo das memórias e se presentifica por meio de variadas, diversas e novas formas de segregação em torno do negro brasileiro. A ação de sobreviver é uma constante, afinal, “o negro de hoje, longe do cenário de horror a que foi submetido, continua lapidando uma luta que se faz necessária para a preservação de sua identidade e história” (PEREIRA, 2015, p.147).

Não é muito ressaltar que esta luta se dá, sobretudo, nos espaços escolares, nos quais o desrespeito às diferenças protagoniza a arte da busca pelo saber. Lamentavelmente, se percebe

que a sociedade brasileira está muito carente daquilo que tanto Bakhtin (1992) salientou, a capacidade de se colocar no lugar do outro, de procurar sentir as suas dores, de enxergar por meio do olhar do outro. Longe desse olhar exotópico, o ser humano segue, perpetuando o racismo, a desigualdade e a discriminação vigentes.

5 BECOS DA MEMÓRIA E PONCIÁ VICÊNCIO: ANÁLISES POSSÍVEIS

Mulher negra,
 Não para
 Por essa coisa bruta
 Por essa discriminação morna,
 Tua força ainda é segredo, mostra tua fala nos poros
 O grito ecoará na cidade,
 Capinam como mato venenoso a tua dignidade, [...]

 Tua negritude incomoda
 Teu redemoinho de forças afoga
 Não querem a tua presença
 Riscam teu nome com ausência.
 Mulher negra, chega
 Mulher negra, seja
 Mulher negra veja
 Depois do temporal.
 [...]

 Transpiro a liberdade.
(Alzira Rufino)

5.1 Memórias são pontas de icebergs²⁹

Remédios (1997), ao discorrer sobre as escritas confessionais, ressalta que o século XX se configura como fiel representante desta arte de escrever. Salienta, ainda, que este tipo de literatura traz o sujeito como eixo central do próprio discurso. Para a autora isso acontece porque “parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor” (REMÉDIOS, 1997, p.9). Nesta mesma linha de pensamento, Maciel (1998, p.90, grifo da autora) reforça que “o século XX é o século das memórias, diários, autobiografias, biografias... da narrativa confessional que desvenda o homem pelas instâncias do *eu*”. Neste sentido, é possível pressupor que a escrita evaristiana apenas se aproxima do gênero intimista, uma vez que se utiliza de experiências vividas e de possíveis pessoas que a autora conheceu para compor seus enredos e suas personagens.

²⁹ Analogia à expressão “datas são pontas de icebergs”, cunhada por Alfredo Bosi ao se referir ao descobrimento da América. Cf. BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos” in: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.19.

Conforme Remédios (1997), a arte de narrar se constitui como um dos princípios básicos dos atos de fala da vida cotidiana. Desse modo, “narrando, o homem enuncia continuamente sequências de acontecimentos, pode explicar seu passado e seu presente, aventurando-se pelo futuro” (Idem, p.10). Assim, pode-se inferir que Conceição Evaristo não chega a enveredar-se pelas veias da literatura confessional, mas sua escrita assume ares memorialísticos, os quais são por ela nomeados de “escrevivências” e/ou “ficções da memória”.

Para Brockmeier & Harré (2003), novos horizontes são alargados a partir da perspectiva das narrativas como ferramenta interpretativa para se conhecer o sujeito nas mais diversas formas de vida, seja no âmbito social, discursivo ou cultural, de modo que olhares e atenções se voltam para o campo das narrativas, atribuindo-lhes possibilidades de, até mesmo, explicar o comportamento humano. A partir das narrativas pode-se apreender os mais diversos e amplos textos e contextos, bem como a complexidade de nossas próprias experiências.

Embora as narrativas sejam versões da realidade, isto é, possíveis verdades entrecortadas pela ficção, não se pode negar que têm suas raízes fincadas em um contexto histórico e social de produção. Em tese, conta-se algo para alguém em determinado cenário acerca de determinado acontecimento, de outro modo, “nosso repertório local de formas narrativas é entrelaçado a um cenário cultural mais amplo de ordens discursivas fundamentais, que determinam quem conta qual estória, quando, onde e para quem” (BROCKMEIER & HARRÉ, 2003, p.527).

Ainda, conforme os autores, é pertinente ressaltar que estórias são contadas, embora, na maioria das vezes, não se saiba quem fala nem de onde se fala. Nem sempre o narrador é o dono da voz autora da estória, por muitas vezes, “o narrador é só uma pessoa que domina a audiência da mesma forma que é determinada por ela e pela situação em que a narrativa acontece” (Idem, p.529). Um exemplo disso pode ser visualizado nas primeiras páginas de *Becos da Memória* (2013), nas quais a voz de Conceição Evaristo se funde com a da narradora-protagonista Maria-Nova ao falar de suas memórias e prestar uma homenagem àqueles/as que já se foram...

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitavam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alviradas de poeira

do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela (BM, 2013, p. 30).

Após as primeiras linhas da tessitura evaristiana em *Becos*, a personagem-narradora das histórias dos habitantes da favela se funde com as demais personagens, escorrendo por entre os becos de sua própria memória e dos seus. A partir de então, o foco narrativo se delineia em terceira pessoa, de modo que vozes são tecidas e se fazem ouvir de forma fragmentada e não-linear, costurando, pois, o que Souza (2011, p.15) denomina de “retalhos de memórias”.

A noção de que, por meio das narrativas, pode vir a se conhecer o sujeito tem sido objeto de grandes estudos, visto que cresce em importância a necessidade de se enxergar muito além da imagem física que o indivíduo transparece, mas tentar enxergá-lo e entendê-lo nas suas mais íntimas subjetividades podendo, a partir daí, obter explicações para distintos atos comportamentais do sujeito humano. Ao explicitar passagens da vida – vivenciadas e/ou imaginárias – o ato comunicativo assume ares de narrativa, em outras palavras, resume-se a uma estória contada conforme as convenções que forem ao encontro do sujeito que a narra. Nesta direção, pode-se evidenciar que, a grande maioria das culturas (se não todas) constitui-se frutífera contadora de histórias.

5.2 Por entre os *Becos da Memória de Conceição Evaristo*

Sabe-se que a mulher, em épocas de regime patriarcado, em sua grande maioria, era pensada apenas para obedecer e se submeter aos caprichos e desmandos dos homens. Entretanto, esta subalternidade tornava-se duplamente significativa quando se tratava das mulheres negras que, além de serem forçadas a se submeter aos abusos advindos dos senhores brancos, ainda deviam submissão às “sinhas brancas”. A mulher negra, no Brasil, historicamente, nunca pôde ascender a postos como os de mãe e/ou patroa por conta de posições estereotipadamente pré-estabelecidas. Importante salientar que as mulheres não-brancas, em épocas de procriação, eram tidas apenas como depositárias de braços e pernas-objetos que iriam servir e aumentar a fortuna do “dono-senhor”.

Nessa conjuntura, pouco ou nada restou aos povos negros, durante os regimes de servidão, senão a submissão, embora tenha tido aqueles que, revoltados, se rebelaram, como foi o caso dos irmãos do Quilombo, liderados por Dandara e Zumbi dos Palmares. Assim, por entre gerações, tem-se perpetuado a invisibilidade em relação às mulheres negras, estigmas

que entram em evidência com o advento dos estudos de gêneros e pós-coloniais. Como já se verificou nos capítulos anteriores, ambos os estudos se voltam para a desconstrução destes paradigmas que ainda são perceptíveis em relação às mulheres negras. Historicamente, a mulher negra pode ser vista sob muitos aspectos, em especial, àqueles que a remetem aos estereótipos sexuais, seja na música, arte, literatura, mídia entre outros, exceto sob a condição de escritora, escrever é uma arte que compete apenas às brancas. A literatura afro-feminina caminha na contramão destes discursos hegemônicos.

Ao abordar a temática dos negros sobreviventes na sociedade brasileira pós-abolição, Conceição Evaristo preenche as páginas de *Becos da Memória* (2013) com as dores, pobreza, misérias, mas também com a força, crença, fé e esperança de seu povo. É perceptível durante toda a narrativa, a condição de “escravização” a que eram submetidos os negros, embora a promulgação da Lei do Ventre Livre e, posteriormente, da Lei Áurea, todos continuaram escravizados, muitas vezes, de formas explícitas ou veladas, por meio de um sistema vigente hegemônico e elitista, sobretudo, branco.

Importa dizer que a literatura evaristiana explícita em *Becos da Memória* (2013), além de fazer sangrar o coração de quem lê, segue tecendo, nas veias literárias do tear da ficção, uma colcha de retalhos de cenas reais da vida dos povos negros habitantes da favela. Este espaço torna-se protagonista das muitas histórias ouvidas e assistidas por Maria Nova (personagem-narradora que irá escrever a história dos negros e negras da favela), as quais, literariamente, nos reportam às lembranças de um tempo vivido e ficcionalizado nas memórias de Evaristo.

Enleada por um sentimento de recomposição de uma vivência passada, Evaristo deita no papel histórias individuais que se entrecruzam e se convergem em um momento de profunda ansiedade e sofrimento. As personagens do referido romance compartilham a expectativa de serem desalojadas do lugar que, até então, era tido como o lar de todos dali. *Becos da Memória* (2013) traduz, literariamente, a capacidade de colocar em sintonia uma gama de histórias independentes que caminham em consonância, em paralelo a um sofrimento que é único e ressoa nas entranhas de todos: a desfavelização da área ocupada pelos povos negros.

As muitas histórias intercaladas nas memórias de Evaristo ressaltam a importância de se perceber que algumas personagens, de fato, existiram no decorrer da própria vivência da autora, tais como Mãe Joana (que representa a própria mãe de Conceição Evaristo) e Tio Totó (marido de uma das tias da escritora), “Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de

minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antonio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos” (EVARISTO, 2009c, s/p). Agora, recompostas por meio da ficção literária, são percebidas como vozes que ecoam silenciosamente (e este paradoxo se dá pelo fato de não serem ouvidas e/ou de serem supostamente invisibilizadas), forçosamente emudecidas pela camada social vigente.

Nas mais de duzentas páginas do romance *Becos da Memória*, as muitas e variadas vivências vão se constituindo e se fazendo surgir, entre outras coisas, imagens de mulheres negras, individualizadas em suas histórias, sobretudo, mulheres fortes, lutadoras, bravas guerreiras que cumprem a arduosa tarefa de vencer um dia de cada vez. A cada nova aurora, um sentimento de sobrevivência.... Assim, também, muitos foram os homens negros que romperam com a posição de objeto que, na grande maioria das vezes, ocuparam dentro das grandes literaturas, passando a construir suas próprias histórias, tornando-se sujeitos, firmando-se enquanto homens, vistos para muito aquém da época da escravidão.

Conceição Evaristo (2013), apesar de, por meio dos fios da memória, trazer à tona a dor do “banzo”, das lembranças da escravidão, assim como faz com suas mulheres, retira seus homens da zona da marginalidade, uma vez que os representa como seres pensantes e não apenas pensados como antes. Um exemplo disso pode ser percebido em relação à Negro Alírio, homem negro de lábios carnudos e excitantes, chegou na favela em uma noite qualquer, “numa madrugada chuvosa” (BM, p.59), além de ser dono de uma beleza negra invejável, tornou-se dono dos muitos pensamentos voluptuosos de Maria-Nova. “Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Ela era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si” (BM, P.59).

O rapaz não demorou muito a fincar suas raízes no chão da favela, ou melhor, não demorou a fincar raízes no corpo e no coração de Dora. Maria-Nova, menina ainda, sucumbiu seus sentimentos e aceitou o que o destino propusera, Negro Alírio pertenceria para sempre ao coração de Dora e, quanto a ela, Maria-Nova, “ela jamais esqueceria aquele homem molhado até os ossos, aquele ar misterioso, aqueles lábios carnudos. E aquela imagem por longos anos se tornou um vício” (BM, 2013, p.61).

Negro-Alírio é representado como um sujeito autônomo, independente e conhecedor das letras, “um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E da observação à descoberta, da descoberta à análise, da análise à ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo” (BM, 2013, p.79). Assim, a autora, mais uma vez, torna explícita a importância da educação na vida dos povos menos favorecidos socialmente e, em especial, aos

afrodescendentes, é, pois, a ponte que permite realizar a travessia, capaz de retirá-los da zona fronteiriça, tornando-os capazes de reescrever a própria história. Isto se verifica nas linhas que se seguem e descrevem as convicções de Negro Alírio:

Já de jovem, adquirira a certeza de que muita coisa estava para ser feita, e não podia esperar, cruzar os braços, esperar resposta dos outros e do além. Era preciso ir lá, no fundo do poço, era preciso por o dedo na ferida e fazer sangrar. Era preciso que a ferida sangrasse o sangue mau, apodrecido, primeiro. Depois, aos poucos, gota por gota, o sangue estancaria e o corpo novamente poderia se por de pé e procurar seus caminhos (BM, 2013, p.79).

Nesta direção, Conceição Evaristo salienta a importância do ato de escrever como um “meio de suportar o mundo” (2003, p.1). Ressalta que este é um meio de romper as barreiras e os limites impostos a homens e a mulheres, sobretudo, se negros/as, que se encontram em condições desfavoráveis, em situação de marginalidade, ocupantes, pois, dos muitos becos existentes Brasil a fora. Para a autora:

Ler foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho (EVARISTO, 2003, p.1).

Ao situar a aquisição da aprendizagem (nesse caso, leitura e escrita), Evaristo (2003) evidencia a própria experiência e conclui que a ação de ler é majestosa, mas a de escrever possui um duplo sabor porque, além de proporcionar o prazer da leitura, permite a possibilidade de uma nova escritura, isto é, configura-se como a arte de narrar “o silêncio imposto aos marginalizados, àqueles esquecidos em lugares de visibilidade pautada na violência e degradação” (FONSECA, 2013, p.257). Em consonância com isso, Evaristo (2003) conclui:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco.... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2003, p.2).

Conforme Ataíde (1974, p.3), “a literatura é uma recriação verbal da realidade através da imaginação do artista”, ainda, salienta que esta ideia de realidade é moldada, transformada e reduzida, pois, ao plano das palavras, tornando-se em todas as dimensões texto, ficção. Para o autor, “um texto antigo causa tanto prazer quanto um texto moderno. O nível da arte não é o nível do real ou do natural, mas é o nível do admirável, do impossível, crível; é uma *realidade* fora do real” (ATAÍDE, 1974, p.11, grifo do autor).

Neste sentido, pode-se inferir que a narrativa de *Becos* se aproxima dessa “realidade”, uma vez que representa, dentre outros, problemas sociais tão caros à população afrodescendente. Conceição Evaristo apresenta o enredo da narrativa de forma bastante peculiar, na qual a verossimilhança é tratada com tanta maestria que assume ares críveis perante o/a leitor/a, por meio da arte de narrar da personagem-protagonista Maria-Nova. Maringolo (2014) ao apresentar a narradora-protagonista ressalta que:

Maria-Nova, menina forjada a ferro e fogo, recria os becos da favela através de suas recordações reescrevendo a história de vida das personagens que habitavam a antiga favela onde morava, apoiando-se nas narrativas orais contadas por Bondade, Tio Totó e Maria-Velha. A menina, que gostava de sentir e ouvir histórias tristes, passeia pelos becos da sua memória tentando encontrar os antigos moradores, os famosos e aguardados campeonatos de bola, a dureza e a miséria daqueles que nem donos de sua casa eram e a felicidade existente nas pequenas coisas. Maria-Nova, personagem protagonista e narradora de *Becos da memória*, costura os retalhos de memória daqueles que ficaram esquecidos nos escombros da favela que não existe mais (MARINGOLO, 2014, p.13).

Narradora-protagonista da história, ouvinte atenta das mazelas, dores e sofrimentos contados pelos mais velhos, a menina Maria-Nova se comprazia em observar o pôr-do-sol, enchia-se de sentimentos enleados por almas de poetas, gostava desse sentimento estranho, inominável...as palavras se tornavam insuficientes para delimitar o que acontecia no íntimo da menina. “A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros” (BM, 2013, p.49).

Em meio às leituras, Maria-Nova também acumulava conhecimentos oriundos da oralidade, de experiências de vida, vivências e, acima de tudo, acumulava dentro de si tristezas e alegrias. A menina contemplava a arte de colecionar selos e palavras e, nesta simbiose, ora alegrava-se ora afligia-se com as histórias que ouvia. Assim, percorria todos os becos da favela colhendo palavras, histórias, sentimentos... “Maria-Nova queria sempre

histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (BM, p.56).

Ao iniciar a história por meio da apresentação de Vó Rita e da Outra³⁰, a narradora delineia, entre o prazer de conhecer Vó Rita e a comoção em saber da vida obscura da Outra, muito das mazelas sociais que acometiam os moradores da favela. Em meio a tantas pobreza, misérias, agruras, limitações a que eram submetidos os moradores da favela, a figura de Vó Rita despontava como se fosse um raio de esperança, um fio condutor que, por onde passava, exalava feixes de luz. Vó Rita era a representação máxima da bondade e amor ao próximo, por isso não se importava de fazer o bem a quem precisasse, muitas vidas já tinham vindo ao mundo por meio das mãos dela. O leitor tem o prazer de conhecê-la logo nas primeiras linhas do romance: “Vó Rita dormia embolada com ela. Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós ” (BM, 2013, p.27).

Quando o leitor, por meio da narrativa de Maria Nova, tem conhecimento da condição em que se encontra a Outra e que apenas Vó Rita vivia e dormia embolada com ela, muito maior se torna o carinho, o respeito e a admiração por essa figura que, embora ficcionalizada, é, sem dúvida, a imagem de muitas mulheres negras e que trazem no bojo de suas memórias histórias tão memoráveis e dignas de serem lembradas quanto as de Vó Rita e de todas as mulheres de *Becos da Memória*.

Ao situar a forma pela qual dispunham da água na favela, Maria-Nova ressalta: “Em frente da casa em que ela [a Outra³¹] morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A *torneira de cima*, pois no outro extremo da favela havia a torneira de baixo. Tinha ainda o *torneirão* e outras torneiras em pontos diversos” (BM, 2013, p.28, grifos da autora). A partir deste enunciado, o leitor pode inferir que as condições higiênicas nas casas/barracos da favela não poderiam ser das melhores, isto se confirma mais adiante quando a protagonista, dentre outras coisas, salienta o forte odor advindo das privadas em dias de muitas chuvas, bem como os transtornos causados pelas fortes chuvas.

Tempo triste era o tempo de chuva na favela. A chuva dentro e fora dos barracos, as goteiras que deixavam uma mancha amarelada nas roupas. Era o

³⁰ Personagem assim nomeada é portadora de uma enfermidade que não a deixava misturar-se às outras pessoas. Apenas Vó Rita se aproximava e cuidava da Outra. Maria-Nova sentia curiosidade em saber dela e, por vezes, notava-a espiando os transeuntes da favela por detrás das velhas tábuas do barraco em que vivia.

³¹ Grifo meu.

sujo da telha. Todos tinham de ficar dentro de casa. Sol, pelo menos os meninos iam lá para fora. Chuva, ficava todo mundo amontoado que nem bicho varejeiro. As crianças cansavam de inventar brincadeiras. Fazia frio, muito frio! (BM, 2013, p.193).

Além disso, havia a preocupação, em dias de muita chuva, com as roupas das patroas que não secavam de jeito nenhum, as lavadeiras não tinham sossego, pois, em dias de muito sol, as tinas estavam sempre cheias, e em outros de chuvas, o transtorno era tremendo, “tudo ia ficando úmido, tudo mofo, tudo barro, tudo lama e frio” (BM, 2013, p.194). A favela se dividia entre sujeira e odor advindos dos detritos misturados às águas da chuva, as roupas molhadas e já mofando causavam dores de cabeças às mulheres-negras-lavadeiras, as quais oravam e pediam por algumas aragens de sol. Muitas foram as vezes em que tiveram de refazer todo o processo de lavagem, aquelas guerreiras, muitas vezes, se desesperavam porque “as roupas das patroas não secavam. O trabalho custava tanto e pouco rendia. O sol, às vezes aparecia trazendo um tempo esperançoso no céu. As roupas corriam para os varais e, mal eram penduradas, retornavam molhadas e, às vezes, sujas às bacias no canto do barraco” (Idem, p.194).

A menina Maria-Nova também ressalta reflexos das poucas horas de diversões de que se valia juntamente com outras crianças da favela, ela se dividia entre momentos de profundas tristezas e outros de breves alegrias. Nestes raros momentos em que se divertia, a menina preferia a *torneira de baixo*, que era onde se reunia a criançada da favela; quando estava para o sofrimento, como ela mesma dizia, preferia a *torneira de cima*, que era de onde se podia ouvir as muitas histórias de sofrimentos das mulheres-lavadeiras. As torneiras se constituem como parte do ganha-pão da maioria das mulheres moradoras da favela, pois era ali, aos pés das torneiras e das tinas, que elas asseguravam o pouco que ganhavam das lavagens das roupas das mulheres brancas.

Maringolo (2014, p.36) ressalta a ideia de que as torneiras, além de representarem certa independência financeira relacionada às mulheres, também simbolizavam “o lugar onde narrativas são tecidas pelas mãos ágeis e cansadas das mulheres lavadeiras”. A carência de água nas casas é também explicitada por Maria-Nova ao ressaltar as labutas das lavadeiras e as enormes filas em torno das torneiras para que se pudessem efetivar seus afazeres:

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem

entendia que sangue era aquele. Pensei por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em (BM, 2013, p.29).

Em dias de muitas chuvas, não só o odor das fezes misturadas às lamas se constituíam como grande problema para os negros e negras habitantes de *Becos*, como também a impossibilidade de lavar, quorar e secar as roupas das patroas. Em relação a isso, Maringolo (2014) evidencia que “a chuva, longe de proporcionar dias mais amenos e úmidos para os moradores, significava mais trabalho, pois as roupas lavadas com tanto custo não secariam e o minguado salário das lavadeiras via se reduzido ou quase extinto” (MARINGOLO, 2014, p.17).

O rendimento transformado em alimentos trazidos para dentro dos barracos já era tão pouco e, com a chuva, praticamente, tornava-se escasso. Além disso, os habitantes de *Becos* eram duplamente prejudicados, uma vez que, com a chuva havia, dentre outras perturbações, o desmoronamento dos barracos feitos de adobes, além da fome, frio e ferimentos daqueles que eram arrastados e soterrados juntamente com seus velhos barracões. Por outro lado, a vinda do sol também trazia a tristeza da chegada dos tratores que demoliam a favela. De qualquer modo, aos olhos do mito da “igualdade de luta de classes”, os desvalidos e favelados habitantes de *Becos* não podiam ser felizes, estavam, pois, predestinados ao sofrimento e à miséria.

Neste sentido, Conceição Evaristo (2005) retoma resquícios da própria ancestralidade para explicitar os gestos de suas mulheres lavadeiras, as quais, na tentativa de atrair dias de sol, desenhavam a estrela maior no chão como sinais de que buscavam por dias de estiagem. Nas palavras da autora:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas (EVARISTO, 2005, p.1).

Em meio a tantas limitações, estas mulheres que se encontram pelos mais recônditos becos da favela inominada, a qual se constitui como palco para o desenrolar do romance evaristiano, cada uma a seu modo, desconstroem muitos estereótipos dos quais sempre foram

vítimas as mulheres negras, ou seja, protagonizam suas próprias histórias transcendendo a zona da marginalidade para a qual foram empurradas, isto é, assumem para si a arte de se tornarem sujeitos, vistas para muito além de corpos-objetos, são, em suma, “todas personagens femininas que atualizam, em suas próprias histórias de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e favela” (SCHIMIDT, 2013, p.18).

Essa aproximação se presentifica por meio dos fios das memórias, nas lembranças relacionadas ao período da escravatura, bem como na própria condição degradante de sobrevivência em locais periféricos que, em muito, lembram a própria degradação das senzalas. Não por acaso, as mulheres lavadeiras simbolizam a própria força da mulher negra, a coragem a garra, a determinação. Nas representações de suas mulheres, Evaristo intersecciona gênero, raça, sexo e classe social como forma de desconstruir possíveis discursos hierárquicos em relação às mulheres negras. Schimidt (2013) ainda salienta que “é nesse sentido que o trabalho das lavadeiras ocupa posição central na narrativa, sintetizando a atividade incansável dos corpos das mulheres da favela, em constante esforço para gerar e garantir a vida enfrentando problemas e violência” (SCHIMIDT, 2013, p.18).

Por meio de uma escrita visceral, Evaristo faz ressurgir, embora literariamente, pessoas que, de alguma forma estiveram presentes em algum momento de sua vida. Ao abordar a história das lavadeiras, com toda a sua coragem, agruras, limitações, necessidades, sobretudo, determinação, a escritora coloca parte de sua própria história, deita no papel muito das próprias vivências, as quais ela, mãe e tias protagonizaram por muito tempo. Importa dizer que cada uma das muitas mulheres representadas em *Becos* tem suas peculiaridades, uma força interior que as tornam fortes e capazes de driblar a pobreza e a miséria que tentam engolir-las todos os dias.

Entretanto, uma delas traz a representação máxima, Vó Rita: figura extremamente carismática e meiga, amiga de todas (os) da favela, por onde passa deixa um rastro de bondade, sabedoria e amor para com o próximo. Não se mostra contente com a desfavelização, mas também não faz disso um muro de lamentações. Há anos cuida de uma mulher enferma cuja nomeação se refere como a “Outra”. Por conta da gravidade da doença que a acomete, ninguém mais tem coragem de se aproximar, Vó Rita é a única a manter relações com ela. Talvez o exemplo de integridade, bondade, amor e esperança seja o grande legado deixado por Vó Rita. Assim, é descrita por entre as páginas do romance como uma pessoa boa e capaz de distribuir amor e sorrisos mesmo em meio a tanta miséria e sofrimento.

Neste ambiente hostil, “havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita” (BM, p.29).

Sem dúvidas, uma mulher forte, corajosa, destemida e, sobretudo, amorosa; exemplo para todas/os na favela, não se deixava entristecer, mesmo já tendo na bagagem muito mais sofrimento do que todas/os ali tivessem conhecimento. Ao contrário, sempre com um sorriso no rosto e com a mão estendida, disposta a ajudar quem quer que fosse. Apesar de registrar cuidadosamente todas as penúrias e desigualdades sociais das quais eram acometidos os viventes de *Becos*, a menina Maria-Nova lança no papel, concomitantemente, práticas de amor, bondade, solidariedade e alegrias. Figuras como Vó Rita, Bondade e Negro Alírio representam o cuidado e o amor para com o próximo.

Bondade era homem de coração bom, amigo de todas (os) na favela, não possuía moradia fixa nem familiares, no entanto, era acolhido como sendo da família em muitos barracos da favela. “Bondade fazia jus ao apelido. Não tinha pouso certo. Morava em lugar algum, a não ser no coração de todos” (BM, p.39). Bondade, apesar de não possuir moradia fixa na favela, sentiu o peito dilacerar com a notícia da desocupação, pensava e se condoía da triste sina das/os moradoras/es de *Becos*, assim, partilhou cada centímetro do sofrimento provocado pelo desfavelamento do local o qual tinham como “lar”. Figura meiga e enigmática, não se sabia ao certo de onde vinha nem para onde ia, apenas se sabe que aparecia cotidianamente na favela e se comprazia em contar histórias para a menina Maria-Nova.

Nesta direção, salienta Chauí (1979, p.21) em apresentação ao livro de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade* (1979), que “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”, assim, tanto Bondade, Negro-Alírio quanto Tio Totó cumprem a função de lapidar as lembranças recontadas à menina Maria-Nova, pois, como afirma Marilena Chauí (1979) “lembrar não é re-viver, mas re-fazer” (p.20) e, assim, Maria-Nova costura todas estas memórias configurando um mosaico negro nesta arte de colher experiências.

Tio Totó, ancião e guardião das memórias e estórias que contam as lembranças dos irmãos e irmãs da velha diáspora. Homem de idade já bastante avançada, inconformado com a desocupação da favela. Viúvo por duas vezes, agora numa terceira relação com Maria-Velha. Acometido por duras perdas, Totó relembra com saudades os filhos que também ficaram pelo meio do caminho: “labutei, casei três vezes, viuvei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora” (BM, p.31). Antônio João da Silva – Totó – não fazia questão de ter apelido de

cachorro, “não fazia mal, cachorro é amigo do homem” (BM, p.32). Apesar de trazer no peito as amargas marcas da desventura, era um homem bom, “era tio dos seus sobrinhos e dos sobrinhos dos outros” (BM, p.33).

Por tudo que já viveu, sofreu e presenciou, Totó se tornou um homem triste, cansado da vida, agora implora a Deus do Céu que o permita alcançar a “derradeira morada”. Ele não haveria de sair da favela, já havia vagado muito mundo a fora, “não, eu já rodei, já vaguei por esse mundo velho...já comi e bebi poeira das estradas. Tenho marcas de muita carga no lombo” (BM, p.33). Aquela seria a última morada de Tio Totó, cujo corpo já ansiava pelo leite da mãe-terra. Em muitos momentos, nas linhas narradas por Maria Nova, é possível perceber traços das vivências e experiências acumuladas por Tio Totó ao longo da vida, sentimentos que se afluavam conforme se davam os acontecimentos:

- Perdi as forças, Maria Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha...Assento e penso, pra que? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança (BM, 2013, p.31-32).

Ainda, neste sentido, conforme Totó vai delineando suas histórias à menina Maria Nova, um esboço da sofrida trajetória dos ancestrais vai se desenhando, em um misto de tristeza e saudosismo, o velho percorre os becos das muitas dores guardadas no peito: “na roça, às vezes, meu pai contava histórias e dizia sempre de uma dor estranha, que nos dias de muito sol, apertava o peito dele. Uma dor que era eterna como Deus e o sofrimento” (BM, 2013, p.33).

Nesta mesma direção, Maria-Velha, terceira esposa de Tio Totó, irmã de Maria-Joana que era mãe de Maria-Nova, também trazia no peito dores incontáveis que, assim como Totó, classificava como “pedras pontiagudas” que faziam sangrar o peito. De semblante sempre triste, quase nunca esboçava nenhum sorriso, suas alegrias permaneceram apenas no passado, em tempos de sua infância. A aspereza e dureza encontradas pelo caminho embruteceram o coração de Maria-Velha. “Tempos houve em que ela ria, sorria, gargalhava até. Tempos bons passados, bem distantes, tempo criança. Ela era renitente, feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos a fora” (BM, p.46-47). E, assim, Maria-Velha e Tio Totó seguiam compartilhando dores, lembranças e vivências, “trocando histórias, permutando as pedras da

coleção” (Idem), as quais repassavam à menina Maria-Nova que fazia questão de ouvir tudo e guardar no baú das suas memórias.

Conforme Chauí (1979, p.18), “a função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. Assim, Tio Totó reconta para que a história seja re-escrita e, de posse desse saber, a narradora-ouvinte vai costurando estes fios de memórias, na esperança de recontá-los, reescrevê-los um dia. Nesta direção, também é pertinente pensar que Maria-Nova tem a chance de construir sua identidade, ora assimilando ora refutando possíveis enunciados/discursos advindos das audições das histórias pelas quais buscava incansavelmente.

Para Bakhtin (1992), “não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia” (BAKHTIN, 1992, p.375). Neste sentido, ao desengavetar suas lembranças e contar suas histórias, os velhos habitantes de *Becos* vão traçando um fio tênue entre suas dores e trajetórias vivenciadas por eles mesmos e por muitos dos seus ancestrais.

Alicerçados sobre uma polifonia de vozes, os enunciados de Totó vão se configurando como uma nova possibilidade de reconstrução de si e de outros que, assim como ele, se perderam no meio do caminho, que se perderam nas águas-correntezas do rio, como Miquilina e Catita, esposa e filha de Totó. Quiçá uma chance de recuperar outra banda de sua vida que o rio levara de roldão... “o rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão. Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá” (BM, 2013, p.35).

O rio simboliza o próprio sistema excludente a que são submetidos os povos negros, torna-se um signo representante das muitas formas de ceifar e sucumbir as vidas dos afrodescendentes. Quando tio Totó afirma que “o rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar, deixar de vigiar um tiquinho só e o rio vinha bebendo, engolindo tudo” (BM, 2013, p.44), inscreve muito mais do que as próprias dores, antes inscreve as dores de homens, mulheres, velhos e crianças os quais remetem à sofrida trajetória vivida por africanos e seus descendentes em território brasileiro.

Neste sentido, Evaristo reveste o rio de um sentido completamente ideológico, o que para Bakhtin (1981, p.33) se caracteriza como um modo próprio de “orientação para a realidade e refrata a realidade à sua maneira”. Ainda, conforme o filósofo russo, “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento

material dessa realidade [...] um signo é um fenômeno do mundo exterior” (BAKHTIN, 1981, p.33). Nesta direção, Barros (2011, p.8) salienta que marcas ideológicas são constitutivas do discurso no universo linguístico, insiste que “uma única língua produz discursos ideologicamente opostos” e, conforme a autora, amparada em Bakhtin (1981), o signo se configura como a grande arena na qual o protagonismo fica por conta das lutas de classes. O rio, assim, representa todas as perdas, sejam elas econômicas, culturais, sociais, enfim, o rio, assim como a vida “passou trazendo dores...” (BM, 2013, p. 33).

Embora, teoricamente, já há muito se imperasse a lei que tornava livres todos os povos negros escravos, é possível pressupor que aqueles moradores da favela continuavam escravizados por todo um sistema de exclusão social, o qual relegava os habitantes de *Becos da Memória* (2013) a uma completa condição de (sobre) vivência no âmago do submundo da mais absoluta miséria. Assim, juntamente com as mulheres labutadeiras dos escritos evaristianos, também se constituem imagens de homens e crianças que, com tamanha miséria e limitação, também se esforçavam para sobreviver na favela. É bem verdade que tio Totó, já velho demais para fincar raízes noutras terras, tenha sucumbido ao desalento e passara a enxergar o mundo com “um olhar de despedida” (BM, 2013, p31), ansioso pelo leito da mãe-terra, tomara o rumo da derradeira viagem mesmo antes do desfavelamento. Pode-se perceber isso nas palavras da própria autora quando ressalta que das histórias de *Becos* são partícipes “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela” (EVARISTO, 2013).

Para Maringolo (2014), Conceição Evaristo retira da zona da invisibilidade e silenciamento categorias e/ou grupos sociais que há muito foram sucumbidos frente ao sistema hegemônico (branco). Geralmente, estes grupos são constituídos por pessoas pobres e, majoritariamente, negras. Conforme a autora:

Os ladrões, as prostitutas, os desempregados, as crianças malnutridas, os alcoólatras, os trabalhadores rurais, as empregadas domésticas, os loucos e os enfermos, personagens urbanas e rurais presentes nos romances de Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), fazem parte de grupos sociais esquecidos, subterrados e alienados pelo discurso sanitário e embranquecido de um Brasil imaginário (MARINGOLO, 2014, p.27).

Durante toda a narrativa, vozes ecoam, desesperadamente, tentando ser ouvidas e vistas. O tempo da narrativa é fragmentado assim como são fragmentadas as lembranças, as memórias, as histórias ouvidas e recontadas pela menina-mulher narradora-protagonista.

Assim, estas mesmas vozes se corporificam, ganham vida, por meio das memórias e escritos de Maria Nova. Nesta direção, novamente Maringolo (2014) ressalta que:

O tempo da narrativa é fragmentado, desestruturado e mnemônico no qual o narrador lembra a todo o momento. O lembrar então, já não é mais somente ação de retomada do passado, porém torna-se presente narrativo descortinado diante do leitor, a favela de Maria-Nova, de Bondade e de Tio Totó presentifica-se (MARINGOLO, 2014, p.39).

Por outro lado, Costa (2014) salienta que, uma vez que o negro brasileiro, historicamente, foi visto como um ser pensado por outrem e nunca na condição de ser pensante, torna-se necessária a escrita afro-literária como forma de se apossar de um discurso que sempre foi seu. Ainda, nesta direção, ao assumirem a posição de sujeitos da enunciação, negros e negras brasileiros/as têm a possibilidade de reescrever a própria história, de reconstruir a própria identidade, protagonistas de uma história assumidamente negra.

A favela, espaço tido como lar para todos os moradores de *Becos*, não é nomeada nem possui espaçamento geográfico demarcado. Pressupõe-se que este anonimato seja mais uma forma crítica de ressaltar a invisibilidade e exclusão a que foram e são, de certa forma, submetidos os povos negros, os quais, cotidianamente, são vítimas de atitudes e comportamentos racistas que insistem em associá-los ao já abolido regime escravocrata. Para Maria-Nova, a favela era também um espaço de acolhimento, afinal, era tudo que tinham... “as tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr-do-sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado” (BM, 2013, p.48-49).

Os momentos de alegrias na favela eram poucos, mas quando tinham, eram aproveitados por todos/as. Isto se verifica, sobretudo, em ocasiões de campeonatos de futebol, os quais juntavam todos/as num mesmo nível de felicidade. Assim narra Maria-Nova: “os festivais de bola da favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e os domingos. O campo era uma área livre, enorme que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo” (BM, 2013, p.37).

A questão da desigualdade social também pode ser visualizada nas zonas de fronteiras que demarcavam o espaço do campo de futebol, um dos únicos locais da favela que representava horas-de-lazer aos habitantes de *Becos*. O espaço do campo, paradoxalmente, representa a alegria dos favelados, mas também a própria condição de marginalizados, uma

vez que se constitui como a linha divisória entre o bairro dos ricos e a comunidade paupérrima de *Becos*.

Essa zona fronteira pode ser metaforizada nas distintas formas de segregação e silenciamentos impostos aos povos negros. Pereira (2015, p.44) ressalta que “todas as viagens percorridas pelas páginas do passado somente têm seus sentidos aflorados quando nos dispomos a ouvir as múltiplas vozes silenciadas e emparedadas num universo onde a palavra, sufocada pelo medo, reverbera outros discursos complexos”. Neste sentido, a palavra interdita aos negros e negras brasileiros/as se constitui como signo que remete às muitas formas de desigualdades existentes nesta relação social entre negros e brancos.

Para Bakhtin (1981, p.36-37), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...] acompanha e comenta todo ato ideológico”, assim, a menina Maria-Nova vivia a colher palavras, aqui e ali, organizando, pois, um álbum de recordações, cujas memórias comporiam o enredo que iria reerguer os escombros da favela de *Becos*. “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento às vezes lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (BM, 2013, p.56).

A condição de sobrevivência a que eram submetidos os moradores da favela não deixa dúvidas em relação a esta linha divisória: de um lado, um amontoado de barracos velhos e pobres, assim como pobres eram seus ocupantes; de outro, as casas dos ricos, magníficas construções que alojavam os patrões e as patroas, “sinhôs e sinhás” oriundos da elite. Ultrapassar esta linha fronteira só era permitido aos negros e negras favelados/as na condição de servidão, isto é, para prestarem serviços na casa dos brancos. Este espaço demarcatório se constitui como um signo responsável por visibilizar a diferença econômica e social existente entre negros e brancos. É bem verdade, entretanto, que há uma grande parcela da população branca que é pobre e sobrevive em condições precárias assim como os negros habitantes de *Becos*, mas se comparados aos povos afrodescendentes, ainda se constitui minoria.

Por outro lado, Evaristo (2013), com maestria, metaforiza essa desigualdade social por diversos meios, dentre os quais, a linha fronteira do campo de futebol representa um deles. Conforme Bakhtin (1981, p.44), o signo apenas se constitui a partir dos índices cujos valores sejam sempre sociais, ou seja, constituídos de fios ideológicos, pois “todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um

processo de interação”. Desse modo, evidencia o autor que o signo não possui nenhuma existência fora desse contexto de organização social.

Nas palavras de Mikhail Bakhtin (1981), “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico e, portanto, também o linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (Idem, p.44). Assim, complementa Barros (2011) que é justamente a partir do sistema da língua que diferentes discursos ideológicos são proferidos, embates são travados entre classes sociais que se opõem apesar de se utilizarem de um mesmo sistema linguístico. Para o russo, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN,1981, p.46), é, sobretudo, nesta “arena” que se confrontam, entrecruzam-se, dentre outros, interesses e valores sociais. Ainda, segundo o pensador, uma vez suprimido e/ou subtraído das questões sociais, o signo perder-se-á o sentido.

Insiste Bakhtin (1981) que por meio de uma “plurivalência social”, o signo se constitui vivo, móvel e passível de evoluir-se, entretanto, “aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e deformação do ser”, ou seja, retira dele a consciência das lutas de classes, debilitando-o e tornando-o apenas mais um objeto a ser estudado. Segundo Bakhtin, nesta arena “a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava a fim de tornar o signo monovalente” (MIKHAIL BAKHTIN, 1981, p.47).

Embora confinados à obscuridade, os habitantes de *Becos da Memória* (2013) ainda encontram escassos momentos de prazeres “e se alegram como as bandeirinhas que adornam o campo da terra solta, transformado ‘num redemoinho de pó’ a cada chute dado pelos jogadores: operários, vagabundos, marginais, ‘em hora de gozo e lazer” (FONSECA, 2013, p.261, grifos da autora). Todos/as sentiam-se felizes, as crianças, as mulheres, os homens e, principalmente Cidinha-Cidoca que, em busca de seus prazeres, nos dias de festivais, fazia a festa com os homens, “festival de bola no campo. Festival no corpo de Cidinha-Cidoca. Tempo de novo homem, de homem estranho chegar ao corpo de Cidinha” (BM, 2013, p.41). Mulher de passado inesquecível, uma das mais formosas que já existiu na favela, dona de um corpo belo e tentador.

A imagem daquela que provocou suspiros e olhares já não era a mesma, “Cidinha-Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê! ... alheia pelos cantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem um trago bebia. Se não lhe dessem, nem da secura na boca reclamava mais” (BM, 2013,

p.35). No entanto, houve tempos memoráveis em que Cidoca era chamada de “rabo de ouro” porque todos os homens com os quais mantinha relações sexuais ficavam interessados em repetir o feito.

Mesmo aqueles comprometidos não dispensavam alguns momentos de prazer no colo macio da moça, “diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o rabo-de-ouro. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca” (BM, 2013, p.37). Agora ela estava apática e sem brilho, a lucidez já não era a mesma e a moça vagava pelos cantos e becos da própria favela que a criara e a engolira, deixando perambular por ali apenas um corpo frígido e uma mente vã.

Outrora, ela se divertia e proporcionava horas-gozos a si e a outros. De modo algum, Cidoca “rabo-de-ouro” era difamada na favela, havia sim uma ou outra mulher que, enciumada, guardava no peito inveja dela, no entanto, a moça “era conhecida de corpo e nome naquela e em outras favelas” (Idem, p.41). Em contrapartida, Cidinha-Cidoca era considerada como um troféu para cada homem que conseguia se deitar com ela, motivo de “fama, prestígio para a favela, mais um para contar as delícias da mulher” (BM, 2013, p.42).

Não é muito ressaltar a importância de se observar nos escritos de Conceição Evaristo, em especial, em *Becos da Memória* (2013), o lugar ocupado pelas mulheres, categorias socialmente excluídas e marginalizadas por uma sociedade peremptoriamente masculina, na qual o androcentrismo é fator essencial e predominante. Nesse sentido, quando se trata de mulheres e, principalmente, mulheres negras, tem-se o pressuposto do lugar ao qual seria ocupado por elas, haja vista resquícios de uma cultura literária sexista e, sobretudo, racista, que se incumbiu de delegar aos negros e, mormente, à mulher negra, posições secundárias, excludentes, erotizadas e estigmatizadas. A escrita evaristiana privilegia a desconstrução de tais estereótipos quando atribui visibilidade às suas mulheres, trazendo-nas para a cena principal.

Mesmo quando as mulheres evaristianas são apresentadas relacionadas a espaços domésticos, privados, é no sentido de desconstrução. De outra forma, são ambientes que não simbolizam segregação em torno da mulher, não comportam ares sexistas, ao contrário, é justamente nestes espaços, antes imbuídos de silêncios e clausuras, que Conceição Evaristo assevera a voz e a autonomia às suas mulheres negras. Neste sentido, Maringolo (2014) evidencia que:

É dentro do espaço dito doméstico, privado, que grande parte das narrativas é tecida. Ponciá Vicêncio, diferentemente do irmão, passa a maior parte da infância dentro de casa, com sua mãe, cuidando das tarefas domésticas. Quando se muda para a cidade em busca de novas e melhores oportunidades, Ponciá vai trabalhar como empregada doméstica, e após casar-se, permanece cada vez mais e mais tempo dentro de casa a olhar pela janela, relembando fatos passados. As narrativas ouvidas por Maria-Nova também são tecidas dentro do espaço doméstico, pois, mesmo tendo mais mobilidade física do que Ponciá quando era criança, uma vez que podia simplesmente sair caminhando pela favela e ir para onde quisesse, a menina narradora não está no espaço público, é no espaço da casa onde mora com Maria-Velha, TioTotó e Mãe Joana que as histórias são narradas (MARINGOLO, 2014, p.30).

Nesta direção, a ênfase sobre as mulheres se dá por essa necessidade, entre outras coisas, da desconstrução de olhares sexistas e discriminatórios em relação às mulheres negras na literatura brasileira. Desse modo, ao assumir a ferramenta da arte de escrever, Maria Nova transcende a zona da marginalidade e sexismos impostos à mulher negra, antes, resgata, embora fragmentadas, memórias de um povo protagonista da mais absoluta condição de miséria, pobreza e sofrimento, sucumbido a uma invisibilidade e silenciamento que, a cada dia, desempenham a função de confiná-lo a sobreviver na periferia e marginalidade. Nesta perspectiva, Costa (2011) salienta que “*escrever*, para além do seu significado dicionarizado, é um ato ‘político e ideológico’ por meio do qual aquele que escreve vai se inscrevendo, imprimindo a sua marca, por mais indelével que seja, naquilo que escreve” (COSTA, 2011, p.17, grifos da autora).

A memória enquanto linguagem se constitui como possibilidade de herança ancestral, o único meio de manter viva uma identidade afrodescendente que se encontra representada na diáspora africana. É por meio da arte de lembrar que o passado se presentifica nas histórias contadas à menina Maria-Nova. Os mais velhos se encarregavam de abrir o velho baú das memórias e repassar aos mais novos, em especial àquela menininha que gostava de colecionar selos e palavras, ouvia, pois, tudo atentamente, e ia acomodando uma a uma dentro do seu apertadinho peito-negro.

Nas considerações de Maringolo (2014, p.42), esta memória simboliza uma forma de reviver o passado para transformar o presente, reescrever uma outra história, “essa memória, trazida nos escombros dos navios negreiros, é fator de sobrevivência, de luta, de esperança”, afinal, é por meio desta memória que negros e negras têm a chance de se reencontrarem e se reconstruírem enquanto luta e resistência. A palavra saída da boca dos negros tem muito a dizer... Maringolo (2014, p.49) justifica isso com as palavras da própria Evaristo:

E em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer-dizer, há muito de palavração. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias. Dos terreiros onde as Mães acolhem seus filhos convictas na força da palavra, no Axé, aos movimentos feminista e negro. Desde ontem... Desde sempre.... Nossas vozes propõem, discutem, demandam. Há muito que dizer. Há muitos espaços ainda vazios de nossas vozes e faremos chegar lá as nossas palavras. (EVARISTO, 2009a, p.10)

Conforme apontam estudos recentes (DALCASTAGNÉ, 2010), a mulher negra na literatura nunca foi vista sob a égide da autonomia, ao contrário, sempre se relegou a ela postos de submissão, na maioria das vezes, ocupa funções pré-determinadas socialmente, ou seja, prostitutas, empregadas domésticas, escravas, ladras entre outras. Nesta linha de pensamento, direciona-se às mulheres não-brancas uma forma de exclusão social explícita que, muitas vezes, ocupa páginas e páginas das chamadas altas literaturas.

Assim, a literatura de Evaristo, entre outras literaturas afro, constitui-se como um contra-discurso ao que está posto em relação às mulheres negras. Torna-se pertinente pensar Dora na condição de contra-palavra à Rita Baiana (personagem mulata do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo) uma vez que ambas as mulatas são pensadas como mulheres que vivem em busca de seus prazeres, todavia, a mulata evaristiana não é pensada com ares de estereótipos e/ou estigmas sexuais. Dora era uma mulata bonita, alta, de corpo esguio e tentador que fazia aflorar o desejo sexual por parte da grande maioria dos homens da favela. Além de muito popular, era também solicitada nas ocasiões de rezas, terços na favela, por ter um timbre de voz invejável, era uma das “tiradeiras oficiais de terço” (BM, 2013, p.127).

Dora proporcionara muitos momentos de prazer a muitos homens da favela, mas, vez ou outra, se firmava com um somente, entretanto, durava pouco. Comumente, não se ouvia brigas, discussões nem choros vindos do barraco da moça, ao contrário, “o que se ouvia cá de fora, vindo de dentro do barraco de Dora era sussurro, gemidos prazerosos de amor” (Idem, p.127). Dora era feliz e, de certa forma, proporcionava felicidade a homens que sequer tiveram a chance de tocar seu corpo quente e ávido de desejos, era, acima de tudo, ferosa e sabia do próprio potencial. Dora, agora, encontrara pouso certo no corpo e no coração de Negro Alírio. O que ela não sabia era que “havia os homens que, passando, colavam o corpo e o ouvido nas paredes. E ali mesmo sob a lua e as estrelas, na prática solitária do autocarinho,

embalados pelos gemidos de Dora nos braços do homem seu, resvalavam-se pela parede do barraco quase morrendo de prazer” (BM, 2013, p.128).

Ao se pegar como exemplo, dentre outros, o caso da mulata Rita Baiana, de *O Cortiço*, de Aluízio de Azevedo, faz-se mister notar o grande destaque que a moça tem nas páginas do romance, embora tão somente sob um olhar sexualizado. A imagem estereotipada de uma simbologia sexual é inscrita sobre a pele de Rita Baiana que enlouquece a todos os homens por onde passa. Ainda, neste sentido, não se percebem atribuídas a ela posições sociais que fujam ao estereótipo sexual. Neste sentido, ressalta Conceição Evaristo (2003, p.2) que:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência.

O narrador de *O Cortiço*, ao apresentar a chegada da mulata Rita Baiana, ressalta a alegria dos moradores em vê-la chegar, os quais não se cabem em elogios à pessoa da mulher, entretanto, tais elogios são representados por meio de adjetivos que a situam na condição de fêmea sexualizada: “— Olha! Quem aí vem! — Olé! Bravo! É a Rita Baiana! — Já te fazíamos morta e enterrada! — E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida? — Então, coisa-ruim! Por onde andaste atirando esses quartos? — Desta vez a coisa foi de esticar, hein?!”. Tais enunciados são proferidos prenes de significação, pois Rita Baiana é associada à mulher que busca por seus prazeres, delineada meticulosamente nas palavras do narrador:

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (AZEVEDO, 1997, p.36).

Rita Baiana é atemporal, uma das personagens que mais se destacou na literatura brasileira, dona de uma alegria invejável, é descrita pelas páginas do romance com tamanha pormenorização que a verossimilhança é capaz de inscrever em sua pele a imagem de muitas

mulheres negras sedutoras, atraentes e cheias de encantos. Apesar de não protagonizar a narrativa, a qual é protagonizada por todo o Cortiço, é ela quem proporciona as melhores cenas, não se prende a rótulos e se quer apenas livre; mulher que busca horas-gozos nos braços de quem lhe aprouver, assim como se delicia nos braços de Firmo e, posteriormente, nos braços de Jerônimo, o homem branco português por quem ela se enamora. Rita Baiana vivencia sua sexualidade de maneira livre e sem amarras, preocupa-se somente em ser feliz.

Por outro lado, é possível perceber nos traços/discursos que compõem a imagem de Rita, olhares imbuídos de estereótipos em relação à representação social da mulher mulata/negra, ou seja, atribui-se, de certa forma, à Rita Baiana, a condição de mulher-símbolo-sexo, conforme relegou-se historicamente às mulheres não-brancas. Estas não foram feitas para casar, são vistas como corpos-objetos, sempre prontos a proporcionar alento e gozo para os homens, sobretudo, se brancos, “— Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! Qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!” (AZEVEDO, 1996, p.36).

Pode-se inferir que, mascarados sob a égide da alegria e beleza contagiantes, determinados estigmas recaem sobre a mulata, haja vista a sexualidade exarcebada da moça caminhar ao encontro do que preconiza a literatura canônica. Conforme Marisa Corrêa (1996, p.39), “além de cheirosa e gostosa, a mulata é muitas outras coisas nesses³² e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual, em suma; desejável”. Neste sentido, ao trazer para a cena estereótipos que circundam a mulata, Corrêa (1996) chama a atenção para o fato de que na literatura brasileira a mulata se configura como “puro corpo, ou sexo não ‘engendrado’ socialmente” (Idem, p.40, grifo da autora), encarna sobre si ares de volúpias, prazeres, gozos e sensualidades. Em contrapartida, em relação aos homens mulatos, nesta mesma arte literária, estes se configuram como “agentes sociais, carregam o peso da ascensão” (Idem, p.40). Explicitamente, temos um caso de gênero e sexismo literários. Ainda, nas considerações de Mariza Corrêa:

³² A autora ressalta, dentre os textos que trazem a figura da mulata, as “metáforas dos cheiros, gostos e cores evocados nas frases nas quais a mulata é sujeito: manjerição, cravo e baunilha nas de Aluísio Azevedo (*O cortiço*, 1890); cravo, canela e alecrim nas de Jorge Amado (*Gabriela, cravo e canela*, 1958; *Tenda dos milagres*, 1969); mandioca doce nas de João Felício dos Santos (*João Abade*, 1958). A lista poderia continuar, mas podemos resumi-la no verso de Lamartine Babo (*O teu cabelo não nega*, 1932): “Tens um sabor / bem do Brasil” (CORRÊA, 1996, p.39).

No universo textual, ambos, o mulato e a mulata, saíram do âmbito das classificações de sexo para o das classificações de gênero, mas seguindo caminhos diferentes: um transformou-se em agente social, elemento importante para a definição ou constituição da sociedade nacional, outra transformou-se em objeto social, símbolo de uma sociedade (que se quer) mestiça (CORRÊA, 1996, p.48-49).

Para a autora, esse entrecruzamento vai desaguar naquilo que a história hegemônica já se encarregou de disseminar: a rejeição à mulher negra-preta, ou seja, nesta encruzilhada racial se configura, como já assinalado por Pacheco (2008), a preferência por parceiras/os da cor branca em relação aos povos afrodescendentes (sobretudo, esse preterimento se dá em função dos homens negros em relação às mulheres negras), herança de um branqueamento imposto e, por vezes, assimilado, originando, assim, uma miscigenação, um acasalamento entre negros e brancos dentre outros.

Prosseguindo nesta direção, Corrêa (1996) enfatiza que a categoria “mulato” constitui-se como uma ponte demarcatória das extremidades entre brancos e negros, ou seja, dada sua ambiguidade e fluidez, parece inserir-se como um eixo definidor da polaridade entre negros e brancos. Para a autora, é “como se se criasse um terceiro termo entre os termos polares Branco e Negro”. Ainda, neste sentido, destaca que ao se configurar, de modo explícito como o objeto de desejo do homem branco, “a mulata também revela a rejeição que essa encarnação esconde: a rejeição à negra preta” (CORRÊA, 1996, p.50).

Conforme Mikhail Bakhtin (1981, p.31), é possível pressupor que a mulata seja uma construção ideológica e como tal constitui-se enquanto signo, é, pois, parte de uma realidade social na qual se percebe lugares e posições sociais determinados a ela. Para o russo, “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico”. Neste sentido, a imagem da mulata na literatura, dentre outros meios, remete à uma esfera ideológica sexualizada, não por acaso, todas as construções semânticas em torno de Rita Baiana são dotadas de fetichismo, colocando-a sempre na posição de banquete sexual.

Insiste Bakhtin (1981, p, 35), “o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem”. Este lugar pode ser pensado como um entrelaçamento de fios que, costurados uns nos/sobre os outros, formam o tecido maior construindo, assim, aquilo que o autor denomina de grupo ou unidade social. Corrobora com a ideia do autor o fato de que a figura da mulher mulata se construiu ao longo da história, se tornando, assim, uma unidade social influenciada pelo meio em que a mulher não-branca é remetida a fins estereotipados e segregacionistas.

Como bem lembra Mikhail Bakhtin (1981), o signo é uma construção que só pode ser explicado a partir do meio ideológico e social. Logo, toda a herança histórica e social que envolve as mulheres negras recai sobre a figura da mulata, embora esta seja já fruto de uma sociedade mestiça, mas não imune aos enunciados que a denigrem tão somente em função da sua epiderme, da sua rica melanina. Nesta direção, as mulheres evaristianas representam a quebra do paradigma instituído em relação às mulheres negras, uma vez que a autora as apresenta livres de rótulos e estereótipos.

Assim, tanto Cidinha-Cidoca e Dora quanto Bilisa em *Ponciá Vicêncio* (2003) são moças livres que buscam viver seus prazeres nos braços de seus machos, não se prendem às amarras das normas definidoras em função das suas sexualidades, apenas buscam horas-gozos e fazem isso com a leveza de quem não precisa prestar contas a ninguém. Mesmo quando o narrador apresenta Cidoca “rabo-de-ouro” realçando o corpo-negro com palavras excitantes, não se percebe ares de estigmatização em relação a ela: “Antes gostava de andar de branco. Quase sempre usava um vestido solto sobre o corpo. A sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador” (BM, 2013, p.35).

Em contrapartida, apesar de também viver sua sexualidade e buscar por seus prazeres, Rita é descrita com ares de volúpias pelo narrador, isso se percebe, entre outros momentos, numa dessas feitas em que se refere ao lance do Firmo pela moça:

Ele tinha “paixa” pela Rita, e ela, apesar de volúvel como toda a mestiça, não podia esquecê-lo por uma vez; metia-se com outros, é certo, de quando em quando, e o Firmo então pintava o caneco, dava por paus e por pedras, enchia-a de bofetadas, mas, afinal, ia procurá-la, ou ela a ele, e ferravam-se de novo, cada vez mais ardentes, como se aquelas turras constantes reforçassem o combustível dos seus amores (AZEVEDO, 1997, p. 40, grifo do autor).

É possível pressupor que a grande maioria da literatura brasileira, até mesmo aquelas que foram escritas por mulheres, de certo modo, perpetua esse ideal de mulher-símbolo-sexo a que foram relegadas as mulheres negras. Por estes e outros motivos se deve a grande importância da literatura afro-brasileira, sem dúvida, um outro olhar, uma escrita de quem sentiu e sente na pele, todos os dias, a realidade de ser um negro em um país alicerçado pelo racismo vigente. Sobretudo, se se trata de uma mulher negra que precisa se construir diariamente para muito além dos estereótipos sexuais e, por que não dizer, sociais.

Torna-se pertinente observar que ao transpor para o papel, sob a forma da escrita, as próprias vivências e as de muitos que conheceu, embora “emboladas” com a ficção, Evaristo

(2013) transcende uma escrita literária que vai muito além dos limites paupérrimos dos muitos becos da favela que ocupam suas memórias. Transpõe para seu leitor o eco de muitas vozes, as quais, aos gritos e prantos, sangram lágrimas e choram as próprias dores, em um movimento constante de tentar firmar-se enquanto sujeitos de direitos. Entretanto, direito não é uma palavra que preenche o vocabulário dos moradores de *Becos*, a “Lei do Usucapião” não foi feita para os negros da favela de Evaristo, seriam despejados sim, para que o espaço pudesse ser ocupado por uma “grandiosa construção”, seriam “engolidos” mais uma vez pelo sistema.

O plano do desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez (BM, 2013, p.163).

Ao ficcionalizar a escrita do romance a partir do olhar dos negros, Evaristo (2013) desconstrói estereótipos até então cristalizados, sobretudo, em relação às mulheres negras. Ao apresentar suas lavadeiras, a autora ressalta a luta, a labuta diária, a força, a coragem e a determinação dessas mulheres que, literaturas afora, foram e são vistas apenas como imagens deturpadas relacionadas a simbologias sexuais e/ou estereótipos sociais. Neste sentido, Schimidt (2013, p.18) ressalta, no prefácio de *Becos da Memória*, a importância de se perceber a grandiosidade da escrita evaristiana ao trazer para seu público-leitor histórias de vidas comuns, fragmentárias, vitimadas por um sistema social racista e excludente, o qual restringe o espaço a ser ocupado por estes corpos tão somente entre a senzala e favela.

Esta representação dos moradores da favela para além dos estigmas que, geralmente, a eles são associados, permite a Conceição Evaristo um feito exemplar, isto é, apresentar à sociedade a identidade do negro enquanto pessoa, apresentar seus sofrimentos, esperanças, crenças, desgostos, enfim, um ser humano, independente da cor da sua pele, humano apenas. Quando, assim como Carolina Maria de Jesus, Evaristo traduz para as páginas do papel um pouco do que foi a situação vivenciada por seu povo, inscreve nestas mesmas páginas a própria infância, as próprias tristezas e privações, inscreve, polifonicamente, sobre as páginas de *Becos*, mulheres que foram, de certa forma, protagonistas de histórias que são delas, mas que também são as minhas, assim como podem ser as de muitas outras mulheres, especialmente se negras.

Importa lembrar que a polifonia romanesca se dá, conforme considerações bakhtinianas, uma vez que esta apresenta uma pluralidade de vozes e as personagens, em sua

maioria, complexas, são representadas sempre em condição de evolução constante, isto é, não ficam apenas à mercê do autor, como objetos prontos e acabados. Vale ressaltar que a concepção polifônica permite às personagens fazer uso da consciência como meio de alcançar a autoformação, capazes de falar por si mesmas e são tidas como identidades em processo de construção, um devir. Ao contrário do romance monológico que apresenta o autor como único detentor do saber e senhor de todas as personagens, o único a possuir uma consciência e determinar “em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens, e pontos de vistas do romance” (BEZERRA *apud* BRAIT, 2005, p.192).

Conforme pontua Bezerra (2005, p.193), para Bakhtin esse processo monológico funciona como uma intenção daquilo que, a partir das considerações de Marx, ficou conhecido por processo de reificação, ou seja, Karl Marx utilizou-se deste artifício para pensar e refletir acerca das posições ocupadas pelo homem, isto é, este ora se apresenta como produtor ora como produto, objetificado, coisificado, refém do próprio meio. Neste sentido, conforme as reflexões de Marx, por meio desse processo, o homem passa a ser visto como mero “objeto do processo, a mero reproduzidor de papéis”, em suma, um ser alienado.

Ainda salienta o mesmo autor que, para o russo, esse processo encontra seu ápice em função da sociedade de classes e com o capitalismo. Dito de outra forma, o homem torna-se uma vítima de “forças externas” que pairam e agem sobre ele, coisificando-o e tornando-o um simples objeto vitimado pela sociedade hegemônica capitalista. Esse mesmo capitalismo proporciona uma multiplicidade de “universos e grupos sociais nitidamente individualizados e conflituosos”, os quais além de romperem com o processo deixam claro que “a vida social em formação não cabia nos limites da consciência monológica segura e calmamente contemplativa e requeria outro método de representação” (Idem, p.193).

Assim, caminhos se abriram para pressupostos polifônicos dentro do romance, no qual vozes interagem e se descobrem a partir de um enfoque majoritariamente dialógico. Nas palavras de Bezerra (2005), é importante conceber o dialogismo no romance uma vez que “é essa, precisamente aquela posição radicalmente nova que transforma o objeto, ou melhor, o homem reificado ” (p.194).

Ao trazer para a análise a questão dos negros partindo das considerações bakhtinianas acerca da polifonia e do dialogismo, pode-se pressupor, metaforicamente, que o olhar monológico sobre sua identidade foi o que mais se tornou relevante na historiografia, ou seja, a grande maioria dos/as autores/as relegou ao negro o papel de objeto sujeito a

invariáveis tipos de fragmentação. Ainda que estejamos em pleno século XXI, o que mais tem se tornado recorrente em certas literaturas e universo midiático é o destrato do povo negro percebido através de várias formas de violência, tais como: econômicas, sociais, psicológicas, políticas e/ou ideológicas.

Enfim, o negro na literatura, praticamente, não saiu da condição de homem reificado, por mais que pudesse dizer algo, manifestar-se, fazer uso da linguagem, o que era proveniente da boca dos negros não merecia crédito. Não eram dignos de serem ouvidos, não necessitavam ter consciência, bastava que estivessem sempre prontos a servir o homem branco, não eram vistos como gente.

Partindo do princípio do dialogismo e da polifonia, pode-se pensar que a escrita afro-literária caminha ao encontro dos princípios bakhtinianos, uma vez que, por meio destes, atribuir-se-á ao negro um outro olhar, sobretudo porque, na grande maioria das vezes, o autor concebe essa escrita a partir da sua verdadeira essência e vivência, de modo que transporta para o papel anseios próprios e de um povo historicamente marginalizado e invisibilizado. Assim, autor e personagens interagem por meio de um processo dialógico no qual, enquanto autor, “eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que o meu reflexo se projete nele e o dele em mim” (BEZERRA, 2005, p.194).

Em outras palavras, a escrita afro-literária proporciona ao negro ser agente e dono de sua própria história, confere-lhe uma autonomia que o tira da situação de subalternidade na qual fora violentamente inserido.

Neste sentido, é possível supor que, a cada palavra inscrita nas linhas de escritos afro-literários, ecoa como brado lançado em busca da liberdade e da igualdade suprimidas das mãos de homens, crianças e mulheres negras. Esse grito não pode parar, ao contrário, há que se somar forças e vozes para que adentrem os muros das escolas, para que essa literatura chegue, de fato, aos ouvidos dos alunos já na educação das séries iniciais, objetivando, quem sabe, pessoas menos racistas e quiçá, mais humanas. Ainda, neste sentido, tais brados ressoam nas entranhas de negros e negras tornando-os mais conscientes de ocupar um lugar que, por direito, também é seu, desde sempre: o espaço escolar.

Não por acaso, presumivelmente, a escola como *locus* formador e espaço educacional ainda se configura, embora não seja a única detentora do saber, como protagonista necessária para consolidar a aquisição do conhecimento. Neste sentido, dever-se-ia propiciar uma educação igualitária e que açambarcasse a todos/as, sobretudo, os/as negros/as. Não é muito ressaltar que esse espaço tão precioso, por muito tempo, não foi palco apropriado para as

mulheres, mormente se negras. Por conta de uma cultura elitista e eurocêntrica, as “mulheres/meninas negras³³” não eram efetivamente contempladas pela educação, além da carência/ausência de políticas públicas que garantissem o direito dos povos negros (bem como de outras etnias) ao ensino formal, em especial, às mulheres negras. O sistema educacional sempre foi (e ainda é) sexista e excludente.

Conforme pesquisa realizada (ALMEIDA, 2009), cujo objetivo é o de observar a educação “como uma experiência social comum às mulheres negras”, levando-se em conta o período que compreende de 1950 a 1970, constatou-se, *a priori*, que a grande maioria apenas conseguiu concluir o ensino primário (séries iniciais) e ingressar no ensino secundário³⁴ (as quatro séries finais do ensino fundamental). Ainda, segundo a autora, outro fator desmotivador, além do sistema educativo excludente, para que mulheres/meninas negras não frequentassem a escola era o fato de que muitas delas vinham da roça para “trabalhar” em casas de famílias (entenda-se brancas, racistas e elitistas, em sua maioria) e, em função de uma árdua jornada de trabalho, sobretudo por não se reconhecerem (nem serem reconhecidas) como parte daquele ambiente, a possibilidade de frequentar a escola, na grande maioria das vezes, desvanecia cada vez mais num horizonte longínquo e branco.

Embora vitimadas por esse espaço hostil e excludente, pressupõe-se que o desejo da grande maioria das mulheres/meninas negras era o de frequentar a escola, lugar de sonhos possíveis, de adquirir novos horizontes, novas possibilidades de se construir e se firmar enquanto sujeito no mundo. Por outro lado, cada vez mais invisibilizadas e negadas dentro da cultura escolar, grande parte delas se deixou sucumbir ao sistema hierárquico vigente. Outras, no entanto, apesar das agruras e limitações, persistiram a duras penas e obtiveram êxito, como é o caso de Conceição Evaristo que, mesmo sentindo na pele todos os efeitos desse “extermínio pedagógico cultural” sobreviveu e buscou, na aquisição do saber, conquistar novos olhares, os quais a levariam a outros horizontes, especificamente aos do conhecimento, caminhos majoritariamente percorridos pela casta caucasiana.

Evaristo também foi vítima desse processo educacional excludente, embora tenha preferido transformar todas as humilhações, penúrias e limitações em dados motivadores para alcançar a glória do saber. Assim, a mulher/menina negra fez da leitura a sua diversão mais

³³ALMEIDA, Giane Elisa Sales de. História da educação escolar de mulheres negras: as políticas públicas que não vieram.... InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.15, n.30, p.219-232, jul. /dez. 2009.

³⁴Importa lembrar que no atual sistema educacional, o ensino fundamental obrigatório passa a ter duração de nove (9) anos conforme a LDB 9394/96. Resolução 07/2010 – CEB/CNE.

próxima e se deixou penetrar culturalmente pelas mais íntimas veias literárias. Apesar de a escola não comportar significativamente os povos negros, quando se trata de mulheres as dificuldades são duplamente assimiladas em função do gênero, sexo e raça. A escola é, em suma, hierarquizante, sexista e androcêntrica. Almeida (2009, p. 222) situa a escola como um espaço social, o qual, na grande maioria das vezes, é “reconhecido como não sendo de direito de meninas negras, situação que, ao longo dos anos, foi se reforçando pela insistente ausência de políticas públicas que pudessem contribuir com a escolarização dessas mulheres”.

Não se tenciona aqui traçar uma vista panorâmica acerca da história da Educação, no entanto, importa lembrar que, apesar dos muitos e significativos avanços obtidos, em linhas gerais, é possível pressupor que, ainda hoje, persistam sistemas educacionais excludentes, seja em função do gênero, sexo, classe, raça e/ou etnia. Isto posto, pensar a escola como um espaço de formação igualitário é, sem dúvidas, incorrer, quem sabe, em um grotesco senso comum. Logo, a luta das mulheres e, em especial das negras, torna-se um devir. Nesta linha de pensamento, pode-se pensar a escrita polifônica e dialógica de Conceição Evaristo como um grito de independência, de libertação, uma possibilidade de se fazer ouvir uma pluralidade de vozes quiçá silenciadas por entre troncos e senzalas, bem como por entre os muitos becos da grande favela que é palco da vida real.

Dito de outra forma, a escrita afro-literária de Conceição Evaristo possibilita ao leitor, além de muitas reflexões, transitar juntamente com os negros habitantes de *Becos*, por entre os vários e amontoados barracos da sua favela. Possibilita, ainda, conhecer a fundo a história de vida das personagens representadas como forma de se auto-apresentar ao seu público leitor. Evaristo, como mulher negra que é, sofreu com tão ou mais intensidade grande parte das mazelas que descreve no romance já mencionado de modo que o texto evaristiano se aproxima, de algum modo, da representação mais próxima da realidade da grande maioria da população negra no Brasil.

Neste sentido, ressalta Barros (1997 *apud* BRAIT, 1997, p.28), ao parafrasear o russo Mikhail Bakhtin, que “o homem não só é conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos ou por meio dos textos”. Dessa forma, quando Evaristo lança no papel a história das mulheres negras de *Becos da Memória* (2013), por meio de um processo dialógico, a alteridade se revela e com ela uma pluralidade de vozes transita entre silêncios e palavras. Ainda, conforme esta mesma autora, “a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro” (p.30).

Em consonância com isso, Amorim (2004, p.19) ressalta que como “voz silenciada ou ausência de voz, a alteridade se marcará muitas vezes desse modo”. Assim, o outro em Evaristo é, ao mesmo tempo, todos os habitantes de *Becos*, assim como as vozes de todos os ancestrais silenciados nos troncos e senzalas, vitimados pelas muitas formas de castigos e violências, por meio de variados instrumentos de tortura, tais como o açoite, máscaras de flandres, correntes, algemas, cadeados, grilhões, colares, dentre outros, sobretudo, daqueles que não puderam sobreviver nos porões dos inúmeros navios negreiros que aportaram no Brasil. No trecho³⁵ a seguir, representado pelas palavras do ex-escravo Mahommah G. Baquaqua, torna-se visível a trajetória dos negros transportados em navios negreiros e, desumanamente, a forma como eram tratados.

Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga (BAQUAQUA, 1988, p.272).

Por mais que homens e mulheres negros/as vivendo em épocas contemporâneas não conheçam as agruras da escravidão, trazem consigo um outro ancestralizado que os representa e os situa dentro da velha diáspora. Ainda, nesse sentido, o outro em Evaristo é também a representação das muitas mulheres que se encontram inscritas sob as páginas de suas tessituras literárias, das muitas mulheres negras que nunca tiveram suas histórias representadas de fato, enfim, de todas as mulheres que nunca tiveram acesso à voz e à autonomia, bem como daquelas que sempre estiveram em condição de subordinação e invisibilidade. Em suma, vozes silenciadas que se entrecruzam num movimento literário de se auto-afirmar num espaço coletivo que, possivelmente, constituir-se-á como protagonista das muitas histórias ocultas sob os ínfimos becos de suas memórias.

Nesta linha de pensamento, Amorim (2004, p.65) enfatiza as palavras de Jean-Michel Raye, nas quais o historiador afirma que “(...) é preciso aprender a reconhecer onde os

³⁵ Cf. LARA, Silvia Hunold. “Biografia de Mahommah G. Baquaqua” **Revista Brasileira de História**, vol.8, n.16 (1988), pp.269 -84. Trata-se da biografia de um ex-escravo sobrevivente, o qual narra trechos de sua vida na África, fala sobre a escravização e o transporte para o Brasil. Baquaqua trancreve para o papel parte das dores, horrores e experiências vividas por ele e por muitos/as negros/as ao serem transportados/as em condições sub-humanas nos porões dos navios negreiros. Conforme Lara (1988, p.269), tal escrito pode ser considerado um “documento raro, especialmente, se pensarmos na escassez de testemunhos escravos diretos sobre a escravidão no Brasil”.

silêncios se produzem; (...) restituir, como numa primeira vez, aquilo que não foi dito, que não teve lugar, que não teve tempo de se produzir”. Assim, é possível inferir que a escrita evaristiana se constrói alteritária, dialógica e polifonicamente ao se auto representar, a partir da própria escrita literária, Evaristo, por meio das relações de alteridade, torna visível também o Outro, libertando-o das zonas de silenciamento. Amorim (2004, p.65) ainda salienta que “o silêncio produz-se sempre *entre* – entre palavras, entre frases, entre textos, entre gêneros ou regimes discursivos e, finalmente, entre épocas. Se é lugar de interstício, supõe sempre o outro lugar de onde pode ser visto e nomeado”. Em consonância com isso, Fonseca (2013, p.258) em posfácio à obra *Becos da Memória* reforça que:

O silêncio imposto aos marginalizados, àqueles que ficam esquecidos em lugares de visibilidade pautada na violência e na degradação, consegue, então, ser ouvido através de ações que vasculham o que foi ocultado ou o que registra a fala dos que vivem vidas tão pequenas, que se perdem na preemência do dia a dia.

Importa pontuar que, ao dar a voz à Maria Nova e torná-la a narradora de *Becos da Memória*, Conceição Evaristo dá à personagem independência e autonomia, não se projeta nela, antes dá-lhe a liberdade de construir o próprio espaço discursivo. Neste processo de criação, ao dar vida à personagem, a autora se exterioriza, ou seja, nesta relação de alteridade, “a criação é um processo de desapropriação de si, de perda de si num mundo exterior” (AMORIM, 2013, p.124), verifica-se o olhar exotópico da autora em relação aos seus heróis. Nesta linha de pensamento, ressalta a referida autora que a personagem não é mera reprodução do autor, ao contrário, possui relevante significância, uma vez que é dotada de discurso próprio e se constitui como uma identidade em devir. Para a autora, “a personagem no romance polifônico representa um ponto de vista particular sobre o mundo e sobre ele mesmo. Conceber uma personagem é conceber sua palavra e esta será tão válida quanto a palavra do autor” (Idem, p.124).

Desta forma, todos os personagens de *Becos*, sobretudo, as mulheres, não são apenas objetos de discursos evaristianos, são, antes de tudo, sempre possibilidades de expressão em relação a outrem, sob a forma de um diálogo inacabado, posto que, “a palavra de um personagem nunca é plena, acabada: ela se busca nas palavras dos outros. Seja por oposição, seja por submissão, é no contato com as palavras dos outros que sua palavra faz sentido” (AMORIM, 2004, p.126). Assim, Maria Nova se projeta, a partir das muitas histórias ouvidas, recontadas pelos mais velhos (como, por exemplo, as muitas histórias tristes proferidas por

Bondade e ouvidas com afinco pela menina), enquanto propagadora da continuação da favela, visto que, ao immortalizar, por meio da sua escrita, as muitas vivências dos habitantes de *Becos*, poder-se-ia também torná-los todos igualmente imortais.

O dialogismo se reitera efetivamente entre Maria-Nova e as demais personagens voltando-se para o leitor que, ao adentrar os becos da favela, se insere neste processo de diálogo inacabado, isto é, o leitor também é afetado por este jogo de alteridade, o qual comporta formas diferenciadas de se fazer ouvir a voz do outro. Neste sentido, a menina Maria-Nova passava o dia a colher histórias, memórias, dores, ausências, mas também alegrias. A protagonista de *Becos* se comprazia em colher palavras, ora com ares de banzo ora de alegrias. Assim, naquele pequeno peito-negro, fragmentos eram amontoados e lapidados para serem recompostos por meio da arte de narrar da menina Maria-Nova: “hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas nos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era complicado!” (BM, 2013, p.29).

Neste caso, o leitor, ainda que seja um “desconhecido” dos problemas sociais, econômicos e culturais que acometem os negros, ao adentrar as páginas de *Becos da Memória* (2013) tornar-se-á um conhecedor de, pelo menos, parte das mazelas enfrentadas pela população negra no Brasil, bem como da ausência de representação a que foram submetidos os povos negros. Como bem lembra Schimidt (2013, p.17), ao ressaltar Dalcastagné (2008) em que esta enfatiza que o leitor, por meio da escrita evaristiana, tem a oportunidade de conhecer e aprender “um pouco do que é ser negro no Brasil”, bem como o que “significa ser branco em uma sociedade racista”.

Como ressalta Paulo Bezerra (2005, p.193), ao mencionar o teórico russo e suas reflexões acerca das representações polifônicas romanescas, torna-se essencial entender que “para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência”. Neste sentido, é pertinente pensar que o enfoque polifônico perceptível em *Becos da Memória* (2013), bem como em todas as tessituras evaristianas, pode ser associado a uma forma de libertação de seu povo, de torná-los, os povos negros, sujeitos de suas próprias histórias, de suas próprias consciências. Não é muito dizer que sempre estiveram na condição de monologismo, que sempre estiveram representados sob o olhar dos brancos, já passou da hora de se auto-afirmarem e se tornarem donos de suas próprias histórias.

Pensando por este lado, torna-se importante lançar mão das considerações de Costa (2014), nas quais a autora reforça a ideia de que os negros no Brasil, desde os primórdios, foram e tiveram suas histórias tolhidas pelo sistema escravocrata vigente. Teoricamente, após findo o regime da escravidão, seriam todos livres, entretanto, nunca tiveram seus direitos garantidos enquanto cidadãos que são. É interessante lembrar que o negro, vítima do racismo imperante no país, seja de forma explícita ou velada sequer tem a liberdade de exercer a própria cultura, supostamente uma afronta à “nobre” cultura hegemônica, a dos brancos, e esta se encontra representada e perpetuada por variadas formas, dentre as quais, no bojo da própria literatura, que, em sua maioria, traz o negro apresentado em situação de marginalidade e alienação.

Nas palavras de Costa (2014, p. 68), “na contramão dessa realidade, a obra *Becos da Memória* mostra que é impossível apagar a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil porque, por meio da recriação de uma fatia dessa história, ela retira o negro da invisibilidade”. Em consonância com isso, reforça que essa transição coloca o negro em uma determinada situação de poder, ou seja, quando assume a palavra, dá o tom da conversa e, no caso de *Becos da Memória*, o simples fato de uma mulher negra assumir a escrita, ressalta a autora que isso “pode ser pensado como resultado de um ato de transformação da marginalização em poder, na medida em que encena uma situação em que o negro se apodera da palavra e se mostra através dela” (Idem, p.68). Conforme Bakhtin (1981, p.38), “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”, de modo que, ao se apoderar da palavra, o negro sai da zona de invisibilidade e silenciamento para construir sua própria identidade e voz.

A partir das muitas histórias narradas por Maria Nova, torna-se visível um processo de migração do negro, ou seja, ele adquire autonomia e vai em busca de se auto-afirmar enquanto sujeito no mundo. Dito de outra forma, a cada narrativa recontada à menina Maria Nova, tem-se a oportunidade de se perceber o negro como sujeito da enunciação, como uma voz que fala, grita, ecoa seus brados pelos quatros cantos do seu sofrido e restrito universo, porém, o negro retratado em *Becos* é dono da própria fala e os “donos do poder” certamente serão incomodados em seus sonos profundos.

A partir da ideia da enunciação relacionada ao exercício de tornar o negro um agente do meio em que vive, é possível pressupor que, uma vez detentores da linguagem, os negros habitantes de *Becos* fazem ressurgir vozes outrora silenciadas, emudecidas e/ou subtraídas de seus ancestrais. Pensando por esta linha de raciocínio, é possível estabelecer pontos de

convergências entre a linguagem/vivência afro-memorialística de Evaristo com aquela apresentada em *Becos da Memória*, haja vista, como muito bem ressaltam Brait e Mello (2005), ancorando-se em considerações bakhtinianas, que “a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (p.65). Desse modo, muito da própria vivência da autora está estampada nas linhas de *Becos* e, quiçá, nas próprias representações sociais a que são submetidos todos os negros habitantes da favela.

Como muito bem ressalta Brait (1997) respaldando-se em Bakhtin, o dialogismo é o princípio que constitui toda e qualquer forma de linguagem, logo, em *Becos da Memória* (2013), essa linguagem dialógica cumpre a função de “costurar” em um mesmo tecido textual uma multiplicidade de vozes que “se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras”. Assim, por meio de uma linguagem puramente dialógica, Maria Nova segue dialogando com as muitas histórias cravadas em suas memórias e, Evaristo, ao dar vida e voz a seus ancestrais, confere-lhes o direito de usufruir da palavra, de fazer uso da linguagem.

Neste processo de enunciação, enfatiza Brait (1997, p.34-35) que “a linguagem, seja ela pensada como língua ou como discurso, é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo, para Bakhtin, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida (1979:268)”. Neste sentido, além de costurar vozes há muito silenciadas, em *Becos da Memória* (2013), Evaristo estabelece uma visão crítica em relação a questões possivelmente mascaradas sob a égide de uma sociedade hegemônica e elitista (sobretudo branca). Desse modo, é pertinente salientar que, metaforicamente, a escrita evaristiana aponta para questões sociais explícitas e/ou veladas, como é o caso, por exemplo, dos estereótipos relacionados às mulheres negras, tão somente associadas a imagens erotizadas e/ou sexualizadas assim como aos estigmas sociais pré-determinados.

As mulheres de *Becos* fogem a tais estereótipos porque partem da visão de alguém cuja identidade é relacionada, isto é, Evaristo conheceu de perto muitas das agruras descritas na narrativa em questão. Assim, a autora preenche os becos de suas memórias com histórias de vida que, certamente, representam a história de muitos irmãos e irmãs afrodescendentes. Conforme Woodward (2014, p.9), “a identidade é marcada por meio de símbolos” e, nesse caso, o acesso à palavra é o símbolo maior que representa toda a história de um povo supostamente “engolida” por aquela outra, a dita oficial.

Em relação às mulheres negras, Evaristo sobrepõe-nas em detrimento das imagens a elas associadas. São, sobretudo, mulheres de fibra, coragem e determinação, não são

relegadas aos postos pré-estabelecidos pela literatura eurocêntrica. Ao contrário, são figuras femininas em busca de construir a própria identidade, são, antes de tudo, a representação de uma categoria historicamente inferiorizada e permeada pelas veias da exclusão. Não apenas por serem mulheres, sobretudo por serem mulheres negras.

Como afirma o russo Mikhail Bakhtin (1981), a palavra é ideológica por natureza, assim, a linguagem constitui-se como sistema simbólico definidor das identidades dos habitantes de *Becos*. Ao se virem representados, os referidos habitantes, em um processo dialógico, por meio das muitas histórias recontadas à Maria Nova, fazem ressurgir ecos das vozes de muitos ancestrais que foram “engolidos” pelo sistema.

Além de dar voz a seu povo, Evaristo desconstrói outro estereótipo que ocupa posição central na literatura eurocêntrica: a identidade da mulher evaristiana em *Becos* não é marcada pelo sexismo vigente, elas existem independentes da relação com o homem, possuem autonomia e, ademais, são fortes, sempre conscientizando-nas de que a aquisição do conhecimento, a leitura/escrita é a passagem para uma visibilidade almejada. Conforme a própria autora, ao mencionar as suas mulheres negras

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo (EVARISTO, 2007, p.21, destaque da autora).

Em contrapartida, como bem observa Woodward (2014, p.10), ao se pensar a construção da identidade, em linhas gerais, o que se tem são parâmetros calcados no mais puro falocentrismo, de modo que, ao abordar o exemplo dos Sérvios e Croatias, salienta que:

As identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidades. As mulheres não fazem parte desse cenário, embora existam, obviamente, outras posições nacionais e étnicas que acomodam as mulheres. Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como referência.

Ressalta, ainda, que o único momento em que se pensava a mulher era relacionando-a ao sentido conjugal e/ou sexual. Por meio desse exemplo, é possível remontar aos escritos literários, em especial, àqueles notoriamente escritos por homens, nos quais a figura da mulher é sempre subordinada ao androcentrismo. Dito de outro modo, os homens tornam as

mulheres reflexos deles próprios e se colocam como ponto de referência. Culto ao falo de forma explícita.

Assim, Evaristo caminha na contramão do androcentrismo e coloca suas mulheres em posições de destaque enquanto fêmeas, dá a elas o poder da decisão, de determinar o querem ou não para suas próprias vidas. Exemplo disso é o caso de Dora, quando opta por não criar o filho e nunca mais querer vê-lo, como se percebe no trecho a seguir: “[...] Dora não queria nada. Deitou aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino ao homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz. Era feliz sempre que podia. Ela sempre podia ser feliz [...]” (EVARISTO, 2013, p.131).

Mesmo por rejeitar o próprio filho, Dora não é vista sob olhares de condenação, assim como não o é Cidinha-Cidoca por ser a prostituta que se deitava com vários homens, aquela que tinha “o rabo de ouro”, de modo que mesmo as mulheres mais sexualizadas não chegam a ser estereotipadas em *Becos da Memória* (2013). Ao apresentar Cidinha-Cidoca ao leitor, Conceição Evaristo (2013) deixa transparecer a alegria contagiante que envolve a moça, não é muito dizer que, nestas buscas por viver seus prazeres, Cidoca tornou-se motivo de orgulho e disputa para os homens da favela, assim como conseguiu atrair para si a ira e o ciúme de muitas mulheres da favela.

As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas a temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados, e as mães por seus filhos que começavam a crescer e, que entre o vício da mão, do autocarinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo-de-ouro” da Cidinha-Cidoca (BM, 2013, p.36).

Bons tempos foram aqueles em que a moça proporcionava a alegria e o prazer para si e para muitos homens na favela, porque agora estava doente, sem ideia. Adoecera não se sabe de quê, apenas fora perdendo a lucidez e a vontade de viver. Antes era bonita, tentadora, uma moça como poucas, gostava de usar branco porque realçava a sua negra pele de mulher. Cidoca sempre fora decidida, em dias de jogo de bola na favela, muitos eram os homens que se deliciavam em horas-gozos no corpo da mulher, muitos queriam levá-la dali, vezes ou outras, ela até se animava, mas não saíria da favela, ali era seu lugar.

Os antigos homens, pretensos donos de Cidinha estavam na espreita. Deitar com ele ou com outro, sim, ela podia, afinal era fama, prestígio para a favela, mais um para contar as delícias da mulher. Porém, Cidinha ir saltar as divisas, ultrapassar os limites do campo empoeirado.... Não! Nem ela e nem eles seriam doidos de se meterem em tamanha loucura (BM, 2013, p.42).

Evaristo apresenta um trato com a linguagem que, apesar de ressaltar as aventuras sexuais de Cidinha-Cidoca, não se percebem ares que denigram a imagem da moça. Cidoca era parte daquele lugar, trazia alegria, fama e prestígio para a favela. Em contrapartida, os rumores do desfavelamento foram sucumbindo alguns moradores da favela, assim como Tio Totó e outros, Cidinha-Cidoca também fora se perdendo em tristeza e abandono, já não se cuidava mais, não se permitia a limpeza que a fazia cheirosa e desejada noutros tempos. O desfavelamento representa, assim, parte de um grande sistema excludente que tende a “engolir” os habitantes de *Becos*, alguns até insistiam em lutar contra, outros, entretanto, desistiam sem nenhuma relutância, viam-se indefesos perante a desigualdade da luta de classes.

Em relação à insanidade que se abatera sobre Cidinha-Cidoca, não se sabe ao certo, algumas bocas diziam que era “coisa-feita” que puseram no corpo da moça, dada a inveja das muitas mulheres da favela; diziam, pois, que o acontecido era fruto da ira de uma virgem que descobrira seu homem em horas-gozos no corpo de Cidoca. No entanto, o fato é que a moça vinha morrendo aos poucos, assim como a favela vinha se acabando, tornando-se um imenso vazio, um grande espaço negro assim como negros eram os corpos que o habitavam.

A enorme cratera que circundava a favela, o chamado “Buracão”, local onde se depositavam os detritos, restos e lixos, acabara por legitimar a única e última frase proferida por Cidinha-Cidoca, “morrer de não viver” (BM, 2013, p.220), a loucura que se abatera sobre a moça colocaria fim a uma vida de aventuras, alegrias e prazeres, assim como certa era a morte da própria favela. O corpo de Cidinha-Cidoca fora encontrado no Buracão:

O Buracão não era tão fundo. Era largo, largo, muito largo. Algumas pessoas chegavam até a ensaiar erguer suas moradias ali dentro. Não suportavam pelo frio e pelas sujeiras que os de cá de fora ali lançavam. Como explicar a morte de Cidinha-Cidoca? Como explicar a morte? A mulher estava morta. Cidinha-Cidoca, durante os anos de lucidez, representara a vida na favela (BM, 2013, p.222).

Pode-se inferir que a morte de Cidinha-Cidoca seja a representação mais próxima da morte da própria favela, que não tardaria a desaparecer. Nesta direção, ainda, a representação de muitos e muitas que não tiveram força para prosseguir nesta árdua caminhada que se configura para as pessoas menos favorecidas no Brasil, em especial, se negras. “O Buracão continuava grande e cruel. A nossa pobreza se tornou mais cruel ainda. Havia a morte! ...” (BM, 2013, p.223). Cidinha-Cidoca sequer teve direito a um enterro decente, afinal, “a mulher aparecera morta. Não estava doente. Era só doida mansa. O corpo tinha de ser necropsiado.

Seria enterrada como indigente” (Idem, p.223). Assim como indigentes eram todos e todas sobreviventes de *Becos* que compartilhavam das mesmas dores e das mesmas misérias, “a condição da vida era única, a indigência em grau maior ou menor existia para todos” (BM, 2013, p.224).

Por outro lado, Dora também fora mulher que buscara seus prazeres na favela. “Dora era uma mulher muito bonita. Mulata, alta, e os homens, quando queriam bulir com ela, cantarolavam um pedacinho de uma música assim: ‘Dora, rainha do frevo e do maracatu...’” (BM, 2013, p.127). Assim, como Rita Baiana, Dora mulata vivia feliz com suas aventuras amorosas e sexuais, porém, a mulata evaristiana gostava também de ter um homem certo, só seu, “de tempos em tempos, tinha o seu homem, companheiro certo” (Idem, p.127). Agora, a moça se encontrava no coração e no corpo de Negro Alírio, tornavam-se um só corpo e uma só alma ao compartilharem as próprias histórias de vida. Dora delineava detalhes de sua vida a Negro Alírio que, cada vez mais, se via apaixonado.

Ao apresentar, por meio da narrativa da moça, muito da intimidade e da vida particular de Dora, Evaristo não reitera ares de estereótipos tão comumente associados à mulata, como bem observou Marisa Corrêa (1996), ao contrário, o leitor vai se interando dos acontecimentos na vida de Dora e se afeiçoando a ela. A moça fora de muitos homens e muitos outros foram seus, todavia, nunca em função de proporcionar prazer apenas a eles, antes de tudo, a moça embalava gemidos e sussurros prazerosos porque isto lhe aprazia, sentia vontades, desejos, ansiava por outros corpos...

Ao contar para Negro Alírio toda a sua vida de andanças, erranças, aventuras e prazeres, Dora inscreve nas linhas que narra, muitas histórias de muitas outras mulheres que também buscam vivenciar sua sexualidade, seus prazeres da forma que melhor lhe aprouver. O rapaz, depois de escutar tudo atentamente, não entendia bem o desapego de Dora ao próprio filho, entretanto, não a condenava, antes refletia sobre seus próprios atos. “Ele mesmo já deitara com tantas mulheres, só buscando o amor, só buscando o prazer. Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega a barriga e as dificuldades” (BM, 2013, p.132). Dora e Negro Alírio estavam reescrevendo a própria história, estavam se permitindo...

Neste mesmo sentido, pode-se salientar a história de Ditinha. Empregada doméstica, cuidava sozinha da família, um pai paralítico e bêbado, uma irmã desajuizada e três filhos: Beto, Zé e Nico, todos viviam amontoados no barraco de Ditinha. Levava uma vida difícil e atribulada, por um lado amargava a preocupação com a irmã que só pensava em perambular

por aí, além da responsabilidade de cuidar do pai preso a uma velha cadeira de rodas; por outro lado, os três filhos constituíam-se a causa das muitas preocupações que acometiam a moça, pois temia que a favela os engolisse e os transformasse em homens sem caráter.

Ela não parava em casa, não tinha tempo para cuidar da educação dos filhos e se preocupava porque “estavam na escola há séculos e não saíam do primeiro ano. E o que mais assustava era que Beto estava virando homem. Ele ficava o dia todo zanzando pela favela, tinha abandonado a escola. Ela temia que o Zé e o Nico fizessem a mesma coisa” (BM, p.142). Trabalhava há tempos na casa de dona Laura, a moça era caprichosa e a patroa apreciava o bom desempenho com os afazeres da casa, invejava aquele ambiente limpo, mas sabia que a sua realidade era antagônica, “olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas” (BM, 2013, p.145).

Num desses momentos em que o ser humano não se dá conta dos próprios atos, Ditinha se apossa da jóia da patroa não se sabe bem por quê, afinal, apenas achara a pedra bonita e suave. Apesar de pegar o broche da patroa, a moça não é vista em nenhum momento como uma ladra, ao contrário, ao leitor é apresentada a história de uma mulher guerreira, lutadora, persistente e forte, a qual, por um impulso bobo, comete a ação de botar o objeto no seio, o que não lhe causa prazer em nenhum momento, apenas sangue e dor. Além disso, Ditinha paga por esse minuto de bobeira com a própria liberdade, indo parar na prisão.

Num segundo eterno, Ditinha pegou todas as jóias e guardou na caixinha. Colocou a pedra verde suave, que até parecia macia por cima de tudo. Fechou a caixinha. Ia guardá-la no armário. O quarto estava lindo novamente. Obrigação cumprida. Colocou a caixinha de jóias na terceira prateleira; mas, antes, porém, apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave, que até parecia macia. Era um broche. Ditinha colocou o broche no peito. Só que do lado de dentro do peito, junto aos seios, sob o sutiã encardido. A pedra não era tão macia assim, estava machucando-lhe o peito. (BM, 2013, p 148-149).

Em nenhum momento a escrita evaristiana deixa pairar dúvidas sobre essas mulheres que, tão sofridas e judiadas, habitam os ínfimos becos da favela. Não por acaso a mulher negra é duplamente preterida, tanto no seio social quanto afetivo, isto se verifica, conforme Pacheco (2008), ao tratar da solidão que acomete as mulheres negras. Segundo a autora, comumente, homens negros, influenciados por uma herança histórica, racista, cultural e sexista, dão preferência a relacionamentos conjugais com mulheres brancas, deixando, muitas vezes, de se relacionarem com aquelas da mesma raça e etnia. Ressalta, ainda, a mesma autora

que as mulheres negras são vitimadas por um “branqueamento” que as condiciona a uma posição de subalternidade “naturalizada” (Grifos meus).

Pacheco (2008) ilustra suas considerações a partir das muitas vivências com mulheres negras e, sobretudo, por ser uma mulher negra fruto de uma sociedade desigual e racista, além disso, por todas as inquietações surgidas enquanto esteve à frente do Movimento Negro Unificado³⁶ (MNU), o qual tem por interesse principal dar maior visibilidade e evidenciar as lutas e mobilizações em prol à nossa gente negra. Assim, Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) traz, para a cena principal, mulheres que, até então, só encenaram papéis de coadjuvantes e/ou meras figurantes nas cenas da vida real. Dessa forma, também o faz Conceição Evaristo ao retirar da clandestinidade suas mulheres negras emergindo-nas à condição de protagonistas de suas próprias histórias.

5.3 Ponciá Vicêncio e a busca identitária

*Ponciá Vicêncio*³⁷ (2003) – romance que tem por protagonista a personagem que traz o mesmo nome, carregado de histórias e significações. Não por acaso, a menina Ponciá não gosta do próprio nome, haja vista “Vicêncio” pertencer ao sobrenome do então senhor dos escravos e donos de todas as terras em que o avô, os pais e os ancestrais da menina foram cativos. Conceição Evaristo outorga autonomia a Ponciá para que ela possa desvelar com independência todos os meandros da própria memória, levando consigo o/a leitor/a aos mais ínfimos becos de um passado alicerçado sob as duras marcas das ausências.

Conforme pontua Araújo (2007), a narrativa de Ponciá representa a própria trajetória dos negros, essa viagem ancestral acontece por meio das muitas divagações, erranças e ausências que marcam a constituição identitária da personagem. Para a autora, Conceição Evaristo (2003) “re-inaugura uma narrativa que se contrapõe ao idealismo romântico e ao abolicionismo branco do século 19” (ARAÚJO, 2007, p.41). Neste sentido, o romance já mencionado configura-se como uma narrativa cujos lamentos, enganos, ausências, desgostos, lembranças e esquecimentos da então protagonista Ponciá Vicêncio representam os próprios

³⁶ Cf. maiores considerações sobre o MNU na tese de doutorado da professora Ana Cláudia Lemos Pacheco, (2008) e em Bárbara Araújo Machado (2014), com a tese intitulada “Recordar é Preciso”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008).

³⁷ Uma vez que romance e protagonista trazem o mesmo nome, nesta dissertação optar-se-á por se referir ao romance, nas citações, apenas por meio das siglas PV, acompanhado do ano e numeração das páginas.

vazios, silenciamentos, branqueamentos, invisibilidades e exclusões a que foram submetidos os povos da diáspora. Para Souza (2011, p.43):

Em *Ponciá Vicêncio*, o enredo retrata os problemas do cotidiano das mulheres negras e pobres que resolvem buscar no espaço urbano melhor condição de vida ao saírem da zona rural, como a personagem, que dá nome ao título do romance, Ponciá Vicêncio, e a personagem secundária, Bilisa. Além de dor e sofrimento por estarem apartadas das famílias, é traçado na obra um panorama de luta e resistência, sob o ponto de vista feminino.

Ainda, conforme Araújo (2007), “*Ponciá Vicêncio* consolida a voz das escritoras afro-brasileiras na tradição literária do país” (Idem, p.41). Neste sentido, Maringolo (2014) ressalta que estas agruras são presentificadas nos romances de Evaristo como forma de tornar visíveis todas as dores sentidas por seus ancestrais. Para a autora:

Em seus romances as personagens trazem as dores não somente suas, ou dos seus, mas também daqueles que foram tirados de suas casas contra a sua vontade, separados de suas esposas, de seus maridos e filhos, que tiveram que aprender uma nova língua, outra religião e que tem vivido em miséria há mais de quatrocentos anos. Os romances buscam a memória daqueles que nem conseguiram realizar a travessia, que morreram de fome, frio e saudade. A voz daqueles que estiveram durante tantos anos esquecidos faz-se ouvida por meio de narrativas duras, secas, singelas e imensamente poéticas. As narrativas, tecidas por mãos hábeis de narradores-artesãos, vão dando sentido a retalhos de memória que se transformam em magníficas colchas de histórias (MARINGOLO, 2014, p.13).

Como bem ressalta Bakhtin (1981, p.147), ao explicitar o discurso de outrem, o enunciador integra em sua composição uma outra enunciação, reportemo-nos, nesse caso, à Conceição Evaristo (2003), a qual toma para si vários outros discursos silenciados ao longo dos tempos, os quais, misturados ao seu discurso interior, constituem uma outra voz, a de Ponciá Vicêncio. Para o russo, “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores”, neste sentido, torna-se pertinente inferir a escrita evaristiana como uma escrita de resistência, de representação afro-identitária.

É possível inferir, com base nas apreensões acerca dos estudos feministas (e pós) realizados no capítulo 2 desta pesquisa, que a mulher negra, além de ter sido preterida a partir do estereótipo de mulher pensado como uma identidade una pelo movimento feminista, também os escritos produzidos por elas foram colocados à margem dos cânones da chamada “alta literatura”, entenda-se branca, elitizada e hegemônica. Assim como as militâncias de

escritoras como Lélia Gonzalez, Glória Anzaldúa, dentre outras, também Conceição Evaristo representa a voz dos menos favorecidos, daqueles marginalizados e invisibilizados sócio, histórico e culturalmente, ou seja, os povos não brancos, em especial, as mulheres. Neste sentido, a autora se reconhece e se intitula escritora afro-brasileira:

E, nesse sentido, afirmo que, quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá, etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível (EVARISTO, 2011, p.115).

De acordo com Araújo (2007), o conjunto geral das mulheres vitimadas pelo patriarcado e pelo sexismo vigentes traz no bojo um subconjunto interseccionado – o das mulheres negras – que, nesse caso, são duplamente afetadas, tanto pelo sexismo quanto pelo racismo imperante. Ainda, nas palavras da mesma autora, “o sistema hegemônico, simultaneamente sexista e racista, impôs uma versão da história em que as vozes de escritoras negras brasileiras foram silenciadas ao longo dos anos” (p.51). Neste sentido, ressalta que tornar protagonistas as escritas literárias de mulheres negras, como é o caso de Conceição Evaristo é, em suma, “transgredir os códigos normativos que regem o contar literário” (Idem).

Ao (re) escrever essa arte romanesca que retrata a história dos negros, Conceição Evaristo reafirma a sua condição de mulher negra, de escritora, mãe e, sobretudo, reafirma a própria consciência, conclamando outras mulheres a se libertarem também, a assumirem a condição de mulher negra, a assumirem a própria identidade. Neste plurilinguismo evaristiano, é possível dialogar com Bakhtin (1993, p.88), no qual “o objeto é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais, deve ressoar a sua voz; essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz, fora do qual são imperceptíveis”.

Evaristo, ao dar voz às mulheres e aos homens habitantes dos já referidos romances, retira a todos/as dessa condição de segregação e/ou exclusão, pois torna-os/as protagonistas de suas próprias histórias, atribui-lhes identidades que possibilitam sair da zona da invisibilidade, tornando-os/as sujeitos, especificamente, atribui às suas mulheres a possibilidade de efetuar a travessia da qual fala Anzaldúa, ou seja, apresenta suas mulheres-negras para muito além dos estereótipos e olhares sexistas comumente observados em literaturas eurocêntricas.

Ponciá Vicêncio nos apresenta a narrativa por meio de suas lembranças e recordações, nos apresentando a trajetória de muitas pessoas, sobretudo, mulheres negras que, obrigadas a

buscar sobrevivência nas grandes cidades, se assujeitam e tornam-se vítimas do silenciamento imposto:

A primeira noite de Ponciá Vicêncio na cidade acabou sendo ali mesmo na porta da igreja. Viu o sacristão fechar a porta. O moço também a viu abraçada à trouxa de seus poucos pertences. Quis pedir alguma informação, perguntar pelo padre e pedir a caridade de algum alimento e de um gole d'água, mas não teve coragem. Algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentiu frio e medo. Aos poucos foram chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos, apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais e sentiu um calafrio (PV, 2003, p.40).

Importa lembrar que os estudos pós-coloniais insistem na desconstrução das concepções fixadas em torno dos colonizados, cujo intuito é o de tornar visível aqueles/as excluídos e segregados ao submundo dos estereótipos. Em épocas da colonização, além de serem destituídos da própria identidade, por meio de um branqueamento imposto, os povos não-brancos ainda eram forçados a se conscientizarem de que eram “naturalmente” inferiores, de que nunca poderiam se comparar à “raça pura”.

Conforme Araújo (2007), esta noção de ser inferior sempre foi atribuída como algo intrínseco ao povo negro, de modo que toda e qualquer atrocidade cometida contra ele seria justificável. Nesse contexto, a escrita literária da mulher negra pode representar uma rachadura profunda dentro do sistema opressor. Contudo, há que se ressaltar que, ainda, em dias atuais, ressoam resquícios (muitos pode-se afirmar) dos pensamentos que caminham aos encontros dos ideais dos antigos colonizadores: o falso pressuposto de que negros são inferiores aos brancos.

Nesta linha de raciocínio, torna-se pertinente mencionar Souza (2012, p.1) em suas considerações acerca da literatura afro-brasileira feminina, o autor ressalta a ideia de que “surpreende na literatura brasileira a ausência de representação do negro como protagonista nos textos literários, assim como a presença de autores/as negros/as entre os/as principais representantes da arte da escrita neste país”.

Neste sentido, a escrita afro-literária de Conceição Evaristo atribui significativa importância a esta necessidade de representação do negro, sobretudo, das mulheres. Muitas aproximações são perceptíveis entre os romances da escritora, sobretudo, quando coloca suas mulheres negras como narradoras e protagonistas das próprias histórias. Isto se verifica no

trecho a seguir, em que Ponciá assume as rédeas da própria vida e decide reescrever a sua história, alçando voos rumo ao desconhecido, rumo à cidade grande:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura (PV, 2003, p.35).

Em prefácio ao romance *Becos da Memória* (2013), Schmidt (2013, p.20-21) ressalta que Maria Nova “com seus olhos e ouvidos atentos às histórias dos mais velhos, com a sua ligação a todas as experiências compartilhadas nas dores e alegrias da favela, é quem irá se incumbir de reter na memória a vida ameaçada, e tomará para si a tarefa de um dia escrevê-la”. Em *Ponciá Vicêncio* (2003), enfatiza Somerlate Barbosa que, por meio da arte de recordar, a jovem protagonista proporciona ao leitor a chance de penetrar no âmago dos seus mais íntimos pensamentos, de cada lembrança, de modo que, conforme a mesma autora, “se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa reconstrói, que nós leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um” (PV, 2003, p.9).

Para Souza (2012), a literatura inserida no canône (a branca) não é capaz de, por meio de seus narradores, em sua grande maioria, brancos, desconstruir a ideia de padronização eurocêntrica em que a personagem negra é relegada às condições de subalternidade e invisibilidade “naturais” em função, sobretudo, da cor da sua pele. Em consonância com isso, Lima³⁸ (s/d) ressalta que “se alguns dos escritores/as brancos têm dificuldades para se inserirem profissionalmente no mercado brasileiro de publicação, para os escritores afro-descendentes é pior” (s/p). Logo, torna-se visível a ausência de tantos escritores afro-literários nas muitas bibliotecas escolares e acadêmicas do país. Não se tem facilidade em encontrar nas grandes prateleiras exemplares de escritoras negras, como é o caso de Conceição Evaristo, ainda há certa resistência na divulgação da literatura e autores afro-brasileiros.

³⁸ LIMA, Omar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. Este artigo foi retirado do Portal LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro, com acesso em 31/10/15 (não consta data e nem páginas no referido artigo, por conta disso não serão enumeradas nas citações).

Ao pensar em Ponciá Vicêncio, observa-se a herança cultural afro-literária inscrita sobre sua negra pele, permeada por uma vida de andanças e ausências, a personagem é a representação diáspórica de muitas mulheres, de muitas identidades que se perderam, que se calaram, silenciaram nesta trajetória errante à qual foram submetidos os povos africanos. Conforme pontua Bosi (1992, p.20), “cada minuto da História dura até apagar-se, isto é, esvai-se, mas para ser substituído por outro, e assim, sucessivamente”. É possível inferir que este tempo da História (branca) não se esvaiu para representar outra, a nossa história, a história dos afro-descendentes, tão caros à dita “Oficial” no Brasil. Como ressalta o teórico, deve-se, pois, esvair-se para ser substituída por outra, assim, pensando no apagamento da nossa própria história e identidades, é urgente que se abram as cortinas para o protagonismo das literaturas afro-brasileiras.

Conceição Evaristo já protagoniza esta reescrita da diáspora no Brasil, *Ponciá Vicêncio* é a representação máxima desta arte de tornar visível a história afro-descendente brasileira. Um dos princípios fundamentais desta reescritura é não deixar cair no esquecimento todos os percalços vividos, todas as atrocidades cometidas, todas as interdições sofridas e silenciamentos impostos aos povos negros (brasileiros). Reescrever não é esquecer, é lembrar para recontar...

Ao apresentar a identidade de Ponciá “centrada na herança identitária do avô³⁹” (PV, 2003, p.7), Evaristo tece um fio tênue entre um passado de andanças e um presente de lembranças, com vistas a um suposto futuro de esperanças. Isto se verifica, conforme Somerlate Barbosa no prefácio do referido livro, no qual a autora ressalta que é perceptível no romance um trato riquíssimo com a linguagem, de modo que as palavras conseguem trazer a dimensão dos pensamentos e divagações de Ponciá.

Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos lembranças, levantou-se endireitando as costas que ardiavam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida. Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu ainda mais desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. (PV, 2003, p.24).

³⁹Essa herança pode ser pensada a partir da loucura que, assim como o avô, acomete a jovem Ponciá Vicêncio, mas também a vida de erranças, perdas, amarguras, ausências que protagonizou a trajetória de Ponciá e também a do avô.

Neste sentido, reforça Barbosa (2003) que, “as frases curtas, quase secas, o uso de poucos adjetivos e de poucas conjunções aditivas, contrastam claramente com a quantidade de emoções e de sentimentos que escorrem pelas entrelinhas” (PV, 2003, p.8).

Em forma de *flash back*, o tempo representa, no romance, um elo de ligação entre o passado e o presente e, por meio de suas divagações e lembranças, “Ponciá nos arrasta consigo pelo processo de lembrar (...) o tempo é de extrema importância neste romance, pois a ligação entre passado e presente torna-se o fio condutor do texto” (PV, 2003, p.8). O tempo pode ser interpretado como um signo que “não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (Bakhtin, 1981, p.32), uma outra que não pode ser esquecida, uma outra que deve ser recontada...

Em um movimento perpendicular, a protagonista vagueia entre o passado e o tempo presente, embora um passado recheado de muita pobreza, a menina era feliz e tinha na figura do avô uma das grandes alegrias da vida. Enleada por um tempo psicológico, Ponciá Vicêncio, em um movimento não-linear, deixa-se embrenhar pelos meandros da própria memória nos reportando a um tempo vivido e preñado de significações.

Ponciá Vicêncio correu vagorosamente os olhos pelo cômodo onde moravam. O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência, fechou os olhos e lembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio (PV, 2003, p.25).

Para Nunes (1995, p.18), “o primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas”, ou seja, Ponciá se perde em seus devaneios sem se dar conta do tempo decorrido, por vezes, fica horas e horas envolta em seus pensamentos e não se dá conta de que o estado apático e mórbido em que se encontra torna-a igualmente barro, isto é, um corpo-morto para as alegrias da vida, constituído apenas de momentos imprecisos e divagações. Para o autor, “uma hora pode parecer-nos tão curta quanto a um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo

quanto uma hora se nos entediamos” (Idem, p.18). Assim, Ponciá se insere nesta *duração interior*⁴⁰, ao se deixar permear pelas próprias memórias:

Ponciá Vicêncio, sentada no cantinho perto da janela, em seu matutar, acabou esquecendo o grande propósito com o qual se levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente a deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos (PV, 2003, p.61).

Evaristo (2003) ressalta no romance, “naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi...” (PV, p.13). A vida de Ponciá tornou-se movimentada com os trabalhos artesanais desenvolvidos junto com a mãe, e, às vezes, se esgueirava das lembranças do avô que lhes eram constantes, apesar de, ainda, ser muito pequena quando o avô partiu desta para a morada derradeira no coração da mãe-terra. “O primeiro homem que Ponciá conheceu fora o avô. Guardava mais a imagem dele que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto” (PV - 2003, p.15).

Em se tratando das recordações de Ponciá em relação ao avô, o que mais lhe era visível era o “braço cotó” ou mesmo o dia do enterro do velho Vicêncio. Por meio das memórias da protagonista, o/a leitor/a tem a dimensão das suas dores, amarguras, ausências, divagações, quem sabe, almejando um futuro diferente. Em prefácio ao romance, Somerlate Barbosa (2003) ressalta que esse ato de lembrar é também uma forma de reconstruir as próprias vivências.

Com vistas aos ensinamentos bakhtinianos acerca da polifonia, dialogismo e alteridade, é possível ressaltar que, quando inscreve as próprias lembranças, quando recorda as muitas ausências sofridas ao longo da vida, Ponciá está representando muito mais que aquilo que viveu ou sentiu, antes, está reescrevendo a história daquelas/es que foram sucumbidos, silenciosamente, às muitas dores sentidas atreladas aos troncos e diversas outras formas de castigos a que foram submetidos nossos ancestrais.

Assim, tanto Ponciá e Evaristo quanto todos/as os/as irmãos/ãs afro-escritores/as, compartilham, sofrivelmente, da dolorosa ação de ressuscitar os nossos mortos e ouvir o

⁴⁰ Nunes (1995) ressalta que o tempo psicológico na narrativa também pode ser assim nomeado.

clamor das vozes de cada um deles, ecoando num lamento profundo que não pode ser esquecido. Por fim, entrelaçamos nossas histórias, tecendo, no tear do dialogismo, a rede das palavras. Como ressalta Bakhtin (1981, p.36):

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerada por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Em consonância com a ideia de permear a reescritura da história afro-descendente, novamente podemos nos aproximar das considerações de Alfredo Bosi (1992) quando este se refere às visões relacionadas ao sentido do tempo. Assim, o autor enfatiza que, neste processo de acontecimentos, uma vez desencadeados, tonar-se-iam “assim como os vencedores, que dominam os adversários menos fortes, podem, com o tempo, ser superados por outros, mais fortes; mas, ao fim e ao cabo da linha, a todos os espera a morte” (BOSI, 1992, p.20). Conscientiza o teórico aos seus/as leitores/as de que, perante ao tempo, os seres vivos são todos iguais, embora insistam na dicotomia vencedores/perdedores; aos olhos do tempo, a derradeira morada é o fim da linha para todos/as, sem distinção de gênero, cor, raça ou classe social.

Em contrapartida, esse binarismo tem classe e cor, na maioria das vezes, protagonizado pela gente branca em sobreposição às demais, não por acaso, a escrita afro-literária constitui-se como o cerne da desconstrução do já falido mito (mas ainda atuante na mente de alguns) da democracia racial. Não é muito ressaltar, conforme Pereira (2015), que a escravização dos povos negros se difere de todas as outras formas, sobretudo, se se levar em conta que não teve prazo estabelecido. Diferente das demais formas de escravidão e discriminação, a gente negra foi estereotipada pela cor (ou seja, a escravidão utilizou tal critério para animalizar negros e negras e todos os que vieram depois deles). Ainda, neste sentido, enfatiza a autora que, aliado a preconceitos de crenças, religião e ideais, nenhuma outra “raça” carregou sobre seus ombros o fator “cor” como desculpa para a bestialização do ser.

A escrita de Evaristo, por ser alteritária, permite que outras se revelem a partir da dela, como é o meu caso, haja vista ter me sentido contemplada em muitas das linhas evaristianas, tomo para punhos próprios essa arte capaz de nos retirar da zona da invisibilidade. Ouso entrelaçar as nossas escrituras como forma de tornar mais forte o laço que nos une: a memória. Logo, ao ficcionalizar a minha própria história de vida, em muitos momentos

intersecciono a minha escrita com a de Evaristo, como por exemplo, a vontade explícita de ambas em adentrar as veias do conhecimento, de serem “gestadas” nas entranhas da educação, da necessidade de manter uma relação afetiva com as palavras.

Conforme salienta Conceição Evaristo⁴¹, “foi do tempo/espço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias” (MARINGOLO, 2014, p.125). Assim, como a referida escritora, na minha família, também nascemos rodeadas/os por palavras, narrativas orais que a mãe, de forma tão carismática, nos repassava todas as noites. Às vezes, em noites de lua clara, íamos com nossa mãe à casa de vizinhos para ouvirmos as contações de histórias, as salas ficavam cheias de crianças e adultos ávidos por aquelas emoções e, nestas ocasiões, sempre apareciam outros contadores que dividiam o ofício com minha mãe.

Recordo-me de um senhorzinho já de certa idade, conhecido pelo nome de Mucunã, era, assim como minha mãe, um exímio contador de causos e histórias, o grande diferencial era que ele contava em forma de Literatura de Cordel. Na época, não sabíamos o significado disso e o fato de ouvir as histórias ritmadas e/ou rimadas nos causavam um misto de espanto e admiração inexplicáveis. A noite se tornava um grande palco para as nossas imaginações e eu, ali no meu cantinho, cada vez mais apaixonada pelas palavras e pelos sons advindos delas. O senhorzinho Mucunã tinha o dom de recitar as palavras e, apesar da pouca escolaridade, fazia isso com maestria, atrelar a elas uma boa dose de humor. Eu me divertia muito com as diabruras e astúcias de um menino chamado Pedro Malazarte. Foram muitas histórias... meu primeiro aprendizado.

Por outro lado, algo naquelas narrativas se mostrava inquietante para mim: tanto nas histórias em que minha mãe contava quanto naquelas contadas por outros, havia negros/as que eram personagens-objetos prontos/as a servirem o “sinhô” branco. Em muitas histórias, eram sempre jogados/as em enormes fogueiras e queimados vivos, nunca tinham finais felizes nem possuíam direitos a nada, apenas figuravam entre ser ninguém e servir alguém. Na época, e há que se levar em conta o índice de analfabetismo tanto em relação à mamãe quanto em relação aos outros contadores, contavam aquilo que, em tempos de infância, ouviram de outrem, faziam isso com tanto humor que ríamos, ríamos e ríamos sem nos darmos conta de que isso

⁴¹**Da Grafia-Desenho De Minha Mãe Um Dos Lugares De Nascimento De Minha Escrita.** Depoimento em anexo à Dissertação de MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo*: construindo histórias por meio de retalhos de memórias. Araraquara – SP. 2014, p. 122 - 126.

era mais uma das formas de se propagar o racismo, discriminação e o preconceito vigentes, gestados pelo então abolido sistema escravocrata.

Ao discorrer sobre a memória, Ecléa Bosi (2003) ressalta que a memória oral ganha relevância quando se apresenta como antagonista da “História oficial”, comumente ensinada nas escolas, mas que não açambarca as riquezas e experiências apreendidas no cotidiano. Logo, a arte de narrar as memórias pode ser interpretada por alguns (pela grande maioria, talvez) como “o avesso oculto da história política hegemônica” (BOSI, 2003, p.15).

Em linhas gerais, é possível pressupor que isso se justifica, conforme a já referida autora, porque: “Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história que se apóia em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (Idem, p.15).

Logo, é possível situar a literatura afro-brasileira como um lugar de encontros possíveis entre aqueles/as historicamente excluídos/as e/ou marginalizados/as. Ainda, conforme a mesma autora, “a Universidade também tem o poder de contar e interpretar os eventos que se passam no mundo operário ou nos meios populares, em geral” (BOSI, 2003, p.18). Neste sentido, é importante dialogar com Machado (2014, p.32) ao trazer para a discussão a posição da escritora Conceição Evaristo em relação à impossibilidade de a Academia mostrar-se neutra diante das militâncias, haja vista constituir-se como um espaço de poder. Enfatiza a autora que, para Evaristo, de alguma forma, a instituição está ligada à representação de “grupos subalternos ou dominantes na sociedade”.

Para reforçar essa ideia, Machado (2014, p.32) ressalta com a própria Evaristo, “mesmo quando as pessoas advogam que a academia não é um lugar de militância, ela é um lugar de militância. O intelectual está ali, os professores estão ali militando de alguma forma. Ou a favor do *status quo* ou contra, ou [ainda] por omissão. A academia não é um lugar neutro (EVARISTO. 2010: s.p.)”. Ainda, em relação a esta negação da neutralidade acadêmica, a referida autora, depois de dialogar com Said, Gramsci e Bourdieu, conclui com as palavras de Evaristo (Idem, p.32):

A academia é um espaço em que eu estou para colocar uma voz, para colocar um texto, para praticar ali uma produção do saber que é profundamente marcada pela minha condição de mulher e de negra. Então, a academia, eu sinto que é um lugar em que eu posso estar, que eu tenho direito de estar e em que eu quero estar, mas a partir de um lugar, que é esse lugar social e étnico em que eu nasci, em que estou inserida, do qual eu opto por escrever, ao qual eu sou ligada (EVARISTO. 2012: s.p).

Ao fazer uso da linguagem, feito historicamente interdito às mulheres, em especial, às negras, Conceição Evaristo transcende os limites do presente e do passado. Conforme Alfredo Bosi (1992), a linguagem articulada na vida social estrutura a memória, ou seja, “pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes” (p.28). Enfatiza, ainda, o autor que é por meio da linguagem que se torna possível “conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível” (Idem, p.28).

Justamente por meio da memória, a linguagem narrativa em *Ponciá Vicêncio* (2003) vai desvelando a condição de inferioridade na qual sobrevivia a gente negra supostamente liberta:

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro de sua feitura (PV, 2003, p.59).

Neste processo de “escrevivências”, Evaristo interseccionando sua voz às de suas mulheres, segue desvelando as amarguras e dores vivenciadas em um passado que se faz presente em cada sílaba que a ponta de sua caneta deita sobre o papel. Ao trazer à tona as vozes dos seus/nossos antepassados, a autora, alteritariamente, aproxima passado e presente. “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir de novo” (BOSI, 1992, p.28).

Nessa polifonia, Conceição Evaristo proporciona a possibilidade de “travessia” mencionada por Glória Anzáldua, metaforizada numa ponte que permite a passagem dos marginalizados e silenciados por entre os portões do próprio tempo. Conforme Fiorin (2008, p.55):

Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser.

A partir deste diálogo estabelecido, a autora, alicerçada em pressupostos bakhtinianos, evidencia aquilo que Bosi (1992) salienta, isto é, “ouvir a voz do outro é caminhar para a

constituição de uma subjetividade própria” (Idem, p.28). E, assim, Evaristo segue reafirmando sua subjetividade, alteritária, polifônica e dialogicamente, a partir da literatura negra que escreve e, consecutivamente, proporcionando a seus/as leitores/as a chance de se encontrarem na própria. Ao nos presentear com o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), Evaristo inscreve a representação de muitas mazelas sociais das quais muitos/as homens e mulheres negros/as tornam-se vítimas.

Nesta busca por encontrar-se nas suas ausências e lembranças, Ponciá é vitimada também pelas brutalidades do comportamento do marido. Ao representar tais comportamentos, Evaristo anuncia que o companheiro de Ponciá, assim como ela, é mais uma vítima do sistema hegemônico, calcado nas diferenças econômicas, raciais e sociais dentre outras. Como se pode perceber, o apagamento se dá em torno de Ponciá, tornando-a apenas vazios.

Nas primeiras vezes que Ponciá sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia (PV, 2003, p.45).

Da mesma forma, o marido é vitimado por esse sistema opressor que relega os povos negros às condições mais desprezíveis numa sobrevivência. A busca pelo homem de Ponciá à arte de sobreviver transforma-se em ira quando, ao chegar no barraco, encontra a mulher imersa nos profundos abismos da própria memória, tão alheia à realidade que a cercava. “Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio...” (PV – 2003, p.20).

Desde criança, Ponciá trazia no bojo da sua essência, características que a remetiam às ancestralidades dos seus, como, por exemplo, o temor que sentia em relação ao arco-íris. Mistos de angústias e lampejos de alegrias se misturavam em seu peito e a menina perdia-se em seus próprios devaneios, com os olhos voltados para o céu.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que a menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer (PV, 2003, p.13).

Parte desta herança ancestral seria atribuída à menina Ponciá Vicêncio, também, pelo prelúdio dos mais velhos que insistiam em afirmar que a menina herdaria a herança identitária do avô. Apesar de muito pequena, Ponciá retinha na memória a imagem nítida do velho Vicêncio. Tanto Ponciá quanto sua família são representações das muitas formas de *apartheids* relegados à população negra. Conforme narrativa da própria Conceição Evaristo, a escola configura-se, na grande maioria das vezes, como uma destas formas de interdição e/ou silenciamento. Nas palavras da autora:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um *apartheid* escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios (EVARISTO, 2010: s/p).

A metáfora relacionada aos porões remete-nos aos dos navios negreiros cujo transporte era constituído por, nada menos, que carnes humanas, carnes negras. Em um tom de lamento-dor, a escritora compara os porões dos navios aos porões da escola, que também segrega, estigmatiza e deixa marcas. Como signo das travessias macabras e transportes dos negros para o Brasil, o porão dos navios é uma das representações máximas.

Quantas marcas trarão internalizadas homens, crianças e mulheres negras, vitimadas pelo preconceito, racismo e *apartheid* escolar, impregnadas de lembranças e sentimentos que os remetem ao sofrimento do povo africano. Duras marcas inscritas sob a cor da pele. Aline Alves Arruda (2007), ao tratar da questão relacionada aos navios negreiros, entre outras considerações, menciona o romance de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, no qual a personagem-protagonista, ainda criança, Kehinde, narra a viagem até o Brasil nos tráficos negreiros. Assim, Arruda (2007, p.42) expõe um trecho da história:

Durante dois ou três dias, não dava pra saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam da falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e de fezes. A Tanisha descobriu que se nos deitássemos de bruços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeira do casco do tumbeiro. (...).

Quando não conseguíamos mais ficar naquela posição, porque dava dor no pescoço, a minha avó dizia para nos concentrarmos na lembrança do cheiro, como se, mesmo de longe e fraco, ele fosse o único cheiro a entrar pelo nariz (...)" (GONÇALVES, 2006, 48).

Assim como a liberdade era tolhida do povo negro, o direito às letras também não lhes era cabível, essa visão de que a arte das letras pertence, majoritariamente, à raça branca também é revelada no romance quando Evaristo narra a história do, então menino, pai de Ponciá junto ao coronelzinho do qual era pajem. Dentre as muitas atrocidades sofridas como, por exemplo, ter que abrir a boca para que o “branquinho” urinasse dentro enquanto se deliciava com o próprio feito, a autora também ressalta o dia em que o “sinhô-moço” tentou verificar se o “negrinho” aprendia a ler, ensinando-lhe as letras, ao que obteve respostas significativas. Conforme Conceição Evaristo nos vai delineando, “quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber” (PV – 2003, p.18).

Este apagamento em relação ao saber relacionado aos negros acontece tanto em ambientes escolares, onde se perpetua a ideia de que brancos são melhores e aprendem mais, quanto relacionado a acontecimentos advindos da História oficial. Comumente, ensina-se nas escolas uma história composta por heróis brancos e masculinos. Neste sentido, tantas mulheres brancas quanto não brancas são preteridas, embora, conforme ressalta Evaristo (2010) citando Mary Del Priore (1994, p.11), àquelas são associados estereótipos minimizados se comparados aos associados a estas, às não-brancas. Às primeiras associam-se termos como “autossacrificada, submissa sexual, material e reclusa com rigor” enquanto que, em contraposição a isso, às não-brancas são externados usos como “promíscua, lasciva”, dentre outros. Reforça Evaristo (2010) que se quase não se tem registros sobre a mulher branca na História oficial, em relação a qualquer protagonismo exercido pelas não-brancas tem-se, historicamente, um apagamento geral.

A mulher negra representada em Ponciá traz ao palco muito dessa invisibilidade, desse apagamento, uma vez que a vida da protagonista se tornou mórbida e sem expectativas. “Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava nem inventava nada para o futuro” (PV – 2003, p.19). Este recolhimento interior de Ponciá em relação à vida pode ser representado como um signo relacionado à própria busca identitária da mulher negra, ou seja, o fato de não almejar nada para o futuro situa Ponciá Vicêncio entre o passado e o presente, de modo que pensar numa

perspectiva de futuro seria projetar possibilidades para aqueles/as que nunca puderam ir além dos estritos limites de espaços por entre a casa grande e a senzala. A casa grande só era espaço para subserviências aos senhores/as brancos.

Quando se perde nas próprias lembranças, Ponciá tem a chance de reviver momentos felizes juntos da família e dos seus, mas ao retornar a si se compõe em função das dores e amarguras vividas neste tempo presente. Ponciá não representa apenas a si, as dores não são apenas suas, mas, assim como as histórias, são de muitos dos/as seus/as. Neste constante ausentar-se e encontrar-se a protagonista vai se perdendo, se afundando nos próprios devaneios. Como se pode observar nas palavras de Maringolo (2014), Conceição Evaristo rompe com o lugar determinado para as mulheres negras, mesmo ao situar Ponciá entre a memória e o esquecimento, a autora está escrevendo a história de muitos afrodescendentes, sobretudo, mulheres, silenciados/as pela hegemonia vigente. Uma pluralidade de vozes emana dos silêncios de Ponciá Vicêncio.

As personagens femininas afro-brasileiras são importantes presenças na poética de escrituragem de Evaristo e suas vozes fazem-se ouvidas quando as mesmas reivindicam o direito de existir e contradizem uma narrativa nacional baseada em uma política sexual negra ainda apoiada na concepção de mulheres afro-brasileiras como primitivas, selvagens e ao serviço do prazer e da exploração sexual, narrativas que carregam a herança histórica da escravidão (MARINGOLO, 2014, p.22).

Ao apresentar, de forma não linear, o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), Conceição Evaristo convida o leitor a se deixar penetrar pelas lembranças e recordações da protagonista, a narrativa vai delineando todo o percurso traçado por Ponciá, desde a época de menina até a idade adulta. Evaristo (2003) preenche as páginas do referido romance com as mazelas, sofrimentos e dores que protagonizaram a vida dos seus/nossos ancestrais, mas também ressalta a capacidade de se solidarizar, de se atribuir importância e amor ao próximo. Isto se verifica nas linhas que retratam a linda amizade estabelecida entre Luandi, irmão de Ponciá, e o soldado Nestor.

Ao limpar os últimos degraus da porta da delegacia, Luandi parou um pouco para permitir que o Soldado Nestor passasse. Luandi admirava o Soldado Nestor. Aquele era, para Luandi, maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que o delegado, maior que Deus. Soldado Nestor era negro. Negro e soldado (PV, 2003, p.68).

Na árdua trajetória percorrida por Ponciá, desde o momento em que deixa a casa dos pais, a representação máxima é a do sofrimento, perdas (a morte do avô e dos sete filhos), ausências e recordações, simbolizando, quiçá, a própria “viagem” a que foram forçados os irmãos da diáspora. Neste caminhar solitário, a grande maioria deixou para trás família, amigos, a vida, os sonhos, a possibilidade de ser feliz para vir sofrer as piores e abomináveis formas de submissão ao então regime escravocrata vigente. Ainda é evidenciado no romance a condição de permanência sob a égide da escravidão mesmo após uma suposta ação abolicionista. No romance, visualiza-se isso por meio da suposta presenteação de terras aos negros libertos, mais uma maneira de torná-los escravizados e obedientes, continuariam serviçais ao dispor do “sinhô-branco”.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presentes de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio (PV, 2003, p.48).

A abolição nunca aconteceu de fato porque a população negra continua sendo associada à condição de subalternos e inferiores, seja em situações econômicas, sociais e/ou raciais. Isto se verifica conforme Gonzalez (1979, p.2) ao ressaltar que a desigualdade social abrange uma grande parcela da população brasileira, constituindo o que a autora denomina de “massa marginalizada em face ao processo hegemônico”, ou seja, ao se pensar, dentre outras coisas, em força trabalhista – entenda-se a população negra submetida aos níveis mais baixos de participação, sucumbida aos mais sórdidos meios de exploração branca – haja vista, como salienta a autora, “mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos”.

Ainda, neste sentido, o apagamento e silenciamento que envolvem a população negra, sempre acompanhados de sistemas opressores hegemônicos que cumprem a função de dificultar a sobrevivência dos negros no país, são, dia após dia, alimentados e reforçados, dentre outros, pela má distribuição de renda, na qual o menor percentual concentra-se nas mãos das famílias mais pobres, as quais, em sua grande maioria, são compostas por negros/as. Para a autora, estes são índices que remetem à problemática maior: a exploração em massa da população negra em diversos setores sociais, atribuindo-lhes como espaço de circulação e sobrevivência, apenas as margens sociais. Nas palavras de Gonzalez (1979):

E lutar pela sobrevivência significa, para tais famílias, apelar para todas as formas possíveis no sentido de conseguir alimento e permanecer em seu estado de fome congênita. Significa não poder deixar suas crianças irem à escola porque, também elas, têm que ajudar nessa luta pela sobrevivência. Que se pense, aqui, nos casos de exploração do trabalho infantil em nosso país, tanto no campo quanto na cidade (em termos urbanos, por exemplo, que se pense nos pequenos vendedores, engraxates, lavadores de carro, etc.). Certamente o futuro que aguarda aqueles que sobrevivem será, para os jovens negros, a revolta em face da falta de oportunidades que uma sociedade racista procura reforçar segundo os mais variados estereótipos (“negro é burro, incapaz intelectualmente, preguiçoso, irresponsável, cachaceiro”, etc., etc.). Para as jovens negras, o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia ou, então, a prostituição aberta e aquela mais sofisticada dos dias atuais: a profissão de “mulata” (GONZALEZ, 1979, p.3, grifo da autora).

Em conformidade com isso, ressalta Tomáz Tadeu da Silva (2014) que esse binarismo se dá, pelo fato de, entre outras coisas, serem permeados por classificações e relações de poder. Para o autor, “o processo de classificação é central na vida social”, entretanto, esse processo é hierarquizado, ou seja, uma é elevada em detrimento da outra. Silva (2014, p.83) reforça com Derrida:

Para ele [Jaques Derrida]⁴² as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo enquanto o outro recebe uma carga negativa.

Assim, imbricadas nestas oposições binárias, entrecruzam-se relações de identidades e diferenças – nesse processo de inclusão e exclusão, afirma-se a hierarquia identitária branca, demarcando fronteiras que empurram os negros para a linha da marginalização. Neste sentido, afirma o autor, “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais eles se constituem” (Idem, p.83). Em consonância com isso, pode-se ressaltar que essa “normalização” que pressupõe brancos como superiores deve ser diariamente problematizada. Atribuir às mulheres negras a chance de se expressarem na literatura e em muitos outros campos de atuação já se constitui numa contra-hegemonia às ideias vigentes. Conforme Silva (2014)

Basear a inferiorização das mulheres ou de certos grupos ‘raciais’ ou étnicos nalguma suposta característica natural ou biológica não é simplesmente um erro científico, mas a demonstração da imposição de uma eloquente grade

⁴² Grifo meu.

cultural sobre uma natureza que, em si mesma é, – culturalmente falando – silenciosa (SILVA, 2014, p.86, grifo do autor).

Por conta disso, urge-se a necessidade de representatividade em relação à gente negra, em especial, às mulheres. Conceição Evaristo exerce com maestria, a função de desconstruir essas dicotomias que envolvem dominantes/dominados, superiores/inferiores, colonizador/colonizado. Suas mulheres são caracterizadas como seres independentes, não são subordinadas aos homens com os quais mantêm relações nem aceitam de forma passiva o sistema hegemônico vigente. Em certo trecho de *Ponciá Vicêncio*, a autora retrata as relações de gênero que envolvem a família da garota Ponciá. Fica, então, evidente, a não subordinação da mãe da menina ao marido. Como se observa:

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse para casa (PV, p.27).

Assim, torna-se visível a autoridade relacionada à mulher, nas histórias de Conceição Evaristo, a mulher ocupa posição de destaque. Ainda, neste sentido, percebe-se que a autora atribui conotações positivas ao “ser mulher”, como se verifica, nos pensamentos de Ponciá, “o pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (Idem, p.27).

Mesmo quando fala de Bilisa, na condição de prostituta, Evaristo (2003) não pressupõe a estereotipação feminina, ao contrário, apresenta uma mulher determinada e com sonhos. Isso se evidencia a partir do romance iniciado com Luandi Vicêncio, no qual ambos, apaixonados, trocam juras de amor e doces carícias. Ao apresentar a moça aos leitores, Conceição Evaristo (2003, p.98) secundariza a ação de prostituir-se, antes torna explícita uma crítica ao ressaltar as considerações da patroa em relação à moça. Assim, “quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida”.

A narrativa evaristiana situa a moça Bilisa para muito além destes estereótipos associados à mulher negra, estereótipos “naturalizados” pela “supremacia branca”. Para além

disso, a autora salienta as qualidades da moça conforme ela própria se enxerga, não aos olhos dos outros, importa saber como Bilisa se sente, o que é importante para ela.

Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros da roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou” (PV, p. 99).

A violência contra a mulher é retratada na morte da estrela-Bilisa, Conceição Evaristo anuncia a vitimização das mulheres, em especial, das mulheres negras, ao abordar assuntos de extrema importância para a desconstrução do machismo vigente. Com maestria, elabora uma escrita-denúncia em torno de assuntos, de certa forma, ainda tabus nas literaturas canônicas. Ao falar de aborto, estupro, violência doméstica dentre outros, Evaristo acena para fatores tão conhecidos e cotidianos na vida de muitas mulheres e que, na maioria das vezes, são silenciados. “Negro-Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro-Climério havia matado sua Bilisa-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz” (PV, 2003, p.113).

O narrador em *Ponciá Vicêncio* (2003) se esgueira juntamente com a voz das personagens e, de forma onisciente, convida o leitor a enveredar-se pelos caminhos das recordações e lembranças da jovem protagonista. A polifonia se presentifica no romance à medida que representa uma multiplicidade de vozes que emanam dos pensamentos e ações das próprias personagens. Ponciá, embora vitimada pelo estado de apatia, tem consciência de que sua vida se resume à mais absoluta condição de miséria e, assim, se aflige, em alguns momentos ao perceber a conformação do marido frente às adversidades e precariedades nas quais sobrevivem.

A imundície, a sujeira e o desânimo da jovem se refletem na condição bestializada em que se encontram. Em relação a *Becos da Memória* (2013), também em *Ponciá Vicêncio* (2013) a favela é o local para onde são empurrados os marginalizados, os excluídos; não por acaso, é a periferia que acolhe aqueles e aquelas cuja sociedade parece expelir cotidianamente. Mais uma vez são retratados os velhos barracos, o morro, a miséria e a pobreza daqueles/as que ali habitam. A favela e a memória são fios tênues que unem os dois romances.

Com afinco, Evaristo em ambos os romances, apresenta a trajetória de suas mulheres situando-nas no interior da família. Não por acaso, a polifonia e a alteridade se manifestam por meio desse viés, haja vista a escrita evaristiana partir da própria vivência da autora, na qual família e comunidade são símbolos de resistência, amor, força e luta.

A família, presente em ambos os romances, possibilita uma assunção mais humana e solidária das personagens moradoras dos becos da memória de Evaristo, contrariando um discurso criado e justificado durante a Escravidão no qual os negros escravizados eram animais e como tais não necessitavam, e não seriam capazes de constituir laços familiares (MARINGOLO, 2014, p.45).

Construído por meio de capítulos curtos, a narrativa se apresenta ao leitor de forma lenta e não-linear, ou seja, a história vai se desvelando conforme as lembranças de Ponciá vão culminando em ausências. Para a autora acima citada, “Ponciá representa milhares de sujeitos afro-brasileiros aos quais foi negado o direito de ter um passado, de ter consciência sobre esse passado e entender a importância do mesmo para a construção de um futuro mais justo” (MARINGOLO, 2014, p.49).

O retorno ao passado permite a Ponciá aproximar-se da própria condição de escravização a que eram submetidos os povos negros, apesar de uma suposta liberdade. Isto se verifica quando a jovem, impregnada pelas lembranças do Velho Vicêncio, imita-o ao andar com o braço para trás, referindo-se ao braço cotoco do avô. Ao contrário de muitos da comunidade que vivem e acatam esta situação de escravização e/ou semiescravidão, Ponciá decide partir em busca da própria liberdade. O que ela talvez não soubesse é o fato de que também na cidade grande o negro/a brasileiro/a é condicionado/a, na grande maioria das vezes, a uma posição inferiorizada, sobretudo, se oriundo da classe pobre. Na grande maioria das vezes, essa condição periférica imposta socialmente aos afrodescendentes tende a ser mascarada sob a égide de enunciados pré-estabelecidos.

A escolha do dia 13 de maio como comemoração do dia da Libertação dos escravos, em contraposto ao dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, demonstra claros e antagônicos projetos políticos. Pensar o dia 13 como de fato a “libertação” dos negros e negras escravizados implica assumir que esse ato foi realmente verdadeiro, e mais do que isso, significa pensar que os afro-brasileiros vivem uma vida de liberdades plenas, não mais amarrados aos grilhões do racismo. O dia da Consciência Negra, por sua vez, funciona como um ato questionador desta tão sonhada liberdade, frisando que os afro-brasileiros continuam a viver em situações de miséria, pobreza e

criminalidade, níveis geralmente mais altos do que a população branca (MARINGOLO, 2014, p.87, grifos da autora).

Esta conscientização também chega até Ponciá Vicêncio que, assim como o avô, é acometida pela dor do banzo e enlouquece, culminando em risos-prantos e grandes ausências. A moça que viera para a cidade em busca de melhorias de vida para si e para sua família. “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (PV, 2013, p.26).

A cidade grande sepulta os sonhos da jovem Ponciá Vicêncio, o presente torna-se um constante apartar-se de si mesma, a fuga para o passado é uma forma de ser um pouco mais feliz. A moça, por mais que passasse a maior parte desfalecida do tempo presente, possuía a consciência de que, assim como ela, o marido também não era feliz, mas conformado com a extrema situação de pobreza e miséria em que viviam. Há tempos atrás, a mãe de Ponciá já sonhava com uma vida diferente para a filha, uma vida na cidade.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu, no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33).

Durante toda a trajetória de Ponciá Vicêncio, em meio às alegrias de criança e a “loucura” de mulher, Conceição Evaristo (2003) segue entrelaçando vozes e histórias dos muitos ancestrais silenciados historicamente, mas, antes de tudo, construindo um novo olhar sobre aqueles/as que aqui estão ou, ainda, aqueles/as que estão por vir. A herança identitária de Vô Vicêncio, consumada na pessoa da menina “que pranteou no ventre da mãe”, representa uma história que ainda estava por ser escrita, inscrita sob as páginas da vida de muitos/as negros/as protagonistas da arte de sobreviver, atores no palco da invisibilidade, desempenhando o papel dos excluídos.

Nesta arena das palavras, escritoras como Evaristo problematizam, questionam e buscam a “desestabilização de noções arraigadas na sociedade que veem a mulher negra, em particular, como a eterna mulata, símbolo sexual, ou o total oposto, como a mãe negra, assexuada e excelente para o trabalho doméstico” (MARINGOLO, 2014, p.79). Sim, era preciso escrever uma outra história. Era preciso descer às águas do rio, se misturar com o barro, descarregar nas águas de “Mamãe Oxum⁴³” tantas ausências e silenciamentos. Uma outra história. Uma história de mulheres, de mulheres negras.

⁴³ Conceição Evaristo se utiliza dessa expressão “águas de Mamãe Oxum” no conto *Olhos d`água*: “Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (EVARISTO, 2014, p.19). Assim se configura a herança identitária de Ponciá, envolta em “águas-correntezas” em que a trajetória da protagonista vai-se delineando como um ritual em que ela própria se constitui como a oferenda aos Orixás.

6 POR ENTRE AS PEDRAS PONTIAGUDAS DA MEMÓRIA: EM BUSCA DOS NOSSOS PRAZERES

Magníficas
 Clementinas, Carolinas, Margaridas,
 Sebastianas, mulheres cujas
 experiências doridas não paralisaram a
 vida. Sabiam que onde amalgamavam
 os códigos da existência estavam
 impressas a coragem, altivez espiritual.
 Mulheres ancestrais que, com a
 força de suas expressões, derrubaram
 a clausura do opressor, abriram portas,
 botaram a boca no mundo.
 Revelando-nos que as opressões não
 detêm o domínio sobre os sentimentos.
 Matriarcas negras.
 Nossas Senhoras!
(Ana Cruz)

Pensar as mulheres para além dos estereótipos associados a elas dentro de um processo histórico-hegemônico e culturalmente preestabelecido não se configura tarefa nada fácil. Esta busca se torna ainda mais conflituosa se se trata das mulheres negras. Afinal, não se percebem, historicamente, atribuídos a elas adjetivos que não as situem na condição de corpos-objetos e/ou estereótipos sexualizados. Como bem ressalta Saffioti (1987), a ausência das relações igualitárias de gênero, além de pré-determinar campos de atuações específicos para homens e mulheres, tende a corroborar a perpetuação da desigualdade étnico-racial. Em outras palavras, reforça que supostas diferenças que culminam na inferioridade de negros e mulheres são, cotidianamente, ressaltadas e reforçadas por diversos meios:

A televisão exhibe programas em que negros dominam e exploram os brancos? Obviamente, não; pois isto seria subverter *a ordem natural das coisas*. Não são, em geral, negros os que carregam as malas dos brancos? Não são, via de regra, negros os que engraxam os sapatos dos brancos? Basta observar e ter-se-á a prova da diuturna inculcação na cabeça de brancos e também de negros da *inferioridade do negro* (SAFFIOTI, 1987, p.30, grifos da autora).

Nesta mesma direção, a mulher, em linhas gerais, é pensada a partir do homem, isto é, como uma suposta complementação deste. Por meio disso, mitos são associados às mulheres cujo intuito é o de, tão somente, restituir-lhes vieses que as situem em posições

secundarizadas, ou seja, estereótipos recaem sobre as mulheres com tanta veemência quanto recaem sobre os negros, embora torne-se pertinente ressaltar que, por mais que haja diferentes tipos de escravização do ser humano, o que acontece com negros e negras é algo singular, uma vez que a desumanização se dá puramente em função da melanina. Neste caso, mulheres negras são duplamente preteridas e escravizadas: por serem mulheres e negras.

Ainda nesta perspectiva, Saffioti (1987), reforça que:

Fenômeno semelhante ocorre com a mulher. Qual é a imagem da mulher nos meios de comunicação de massa? Tome-se, por exemplo, a figura da mulher que anuncia produtos na televisão. A mulher encarna ou a figura da dona-de-casa, fazendo publicidade de produtos de limpeza, alimentos, adornos, ou a figura da mulher objeto sexual, anunciando, roupas e jóias destinados a excitar os homens. Em qualquer dos casos – o da dona de casa e o da mulher-objeto sexual- a mulher está obedecendo aos padrões estabelecidos pela sociedade brasileira. Ela pode ser a esposa legal, a namorada oficial, ou pode ser a outra, aquela que proporciona prazer ao homem, mas a quem é negado o direito de ser a mãe dos filhos deste homem (SAFFIOTI, 1987, p.30).

Nesta perspectiva, numa sociedade em que, cotidianamente se reiteram estereótipos e paradigmas em relação aos comportamentos “femininos” como forma de não subverter a chamada “ordem natural” das coisas, as mulheres que fogem a este ideal de normatividade são vistas como subvertedoras e propagadoras da desordem. Não é muito ressaltar que, em função das muitas e variadas discriminações acometidas contra a mulher, o homem também se torna uma vítima do machismo imperante, haja vista pagar um preço muito alto para se manter na condição de macho dominante. Para Saffioti (1985, p.25), “o homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar, seus sentimentos”. De outra forma, será, pois, associado ao viés da feminilidade, o que, conforme um suposto ideal de heteronormatividade, o tornaria menos “macho”.

Quando se pensa na possibilidade de se debruçar sobre a desigualdade existente entre negros e brancos, torna-se fundamental, entre outros, o papel a ser desempenhado pelo pesquisador, ou seja, como bem observa Pereira (2015), é pertinente considerar o fato de que “o nosso papel como pesquisadores não implica só em olhar para as cicatrizes que a história deixou em cada negro e negra em nosso país, mas contribuir como sujeitos responsáveis e singulares, para que esta visão depreciativa e injusta seja revisitada com dignidade e apreço” (PEREIRA, 2015, p.32).

Assim, percebo que muitas vezes, deixo-me embrenhar por vieses puramente subjetivos e, dessa forma, pareço tendenciosa a sobrepor negros em detrimentos de brancos (apesar de que a História Oficial reitera que a recíproca é verdadeira), no entanto, eu, enquanto pesquisadora, tenho que percorrer um caminho que se permeie pela igualdade entre ambos (embora assumo a responsabilidade de mostrar as muitas faces ocultas das mais diferentes formas de racismos e/ou discriminações praticadas contra negros e negras no Brasil), sem, necessariamente, pensá-los tão somente enquanto raça porque, afinal, como bem ressalta a professora Olga Pereira (2015), só existe apenas um tipo de raça, que é a raça humana, logo somos todos iguais e, nesse sentido:

A melanina deve ser concebida tão somente como diversidade positiva e não mais como critério de exclusão e dor, que dilacera grupos e comunidades através de um constante futuro com cara de passado. O racismo, a discriminação racial e a negação do diferente permanecem marcantes como gotas amargas de um pranto coletivo (PEREIRA, 2015, p.32).

Direcionando o olhar para a subalternidade que insiste em apoderar-se da mulher brasileira, não é muito lembrar que diversas formas de preconceitos são associadas às mulheres, em linhas gerais, sobretudo, se se trata das mulheres negras. Vitimadas por um ideal de normatividade instituído sobre o feminino, às mulheres são negadas, entre outras coisas, a liberdade de viverem e gozarem da própria sexualidade da forma que melhor lhes convier. Nesta direção, as mulheres que, assim como eu, Rita Baiana, Dora, Cidinha-Cidoca e Bilisa dentre outras, fogem ao padrão da normatividade pensada e imposta para o feminino, a qual nos restringe tão somente a uma construção social da nossa própria inferioridade, nos situando apenas em função da maternidade, são pensadas como seres abjetos, sujeitos vis prontas para usos sexuais.

Posso me inserir nesta categoria de mulher subversiva porque, em grande parte da minha vida, usei viver meus prazeres da maneira que melhor se apresentasse plausível aos meus intentos, sempre buscando prazeres em função dos meus desejos. Nunca me preocupei com o que a sociedade iria pensar a meu respeito. Por vezes, nesta procura intensa por validar e me encontrar em horas-gozos, fui pega de surpresa por duas gravidezes inesperadas, mais uma vez, a minha vontade foi preponderante: eu quis ter meus filhos e lutei/luto bravamente por cada um deles.

Meu terceiro filho é fruto de uma relação que durou (11) onze anos, findou-se também porque descobri que não me fazia feliz, não abarcava minhas vontades e desejos. Novamente

encontro-me nas zonas fronteiriças da minha própria sexualidade, vivenciando meus prazeres com quem eu quero, quando eu quero e da forma que a mim convém... sou uma mulher livre vivendo a própria sexualidade, para muito além dos estereótipos e olhares delimitadores, os quais, tenho consciência, recaem sobre mim. De qualquer modo, assim como Dora, Bilisa e Cidinha-Cidoca, eu sou feliz, sempre podemos ser felizes...

Nesta direção, mais uma vez encontro-me representada nas linhas evaristianas que me acolhem, bem como a tantas outras mulheres que escapam aos estereótipos de feminilidades associados à maternidade, recato, docilidade e passividade, dentre outros. Logo, quando ousar situar-me na posição de fêmea que escolhe o seu macho (nesse caso, não dominante), saio da posição de “esposa” e configuro-me como uma subvertedora da ordem “natural” das coisas. Conforme ratifica Saffioti (1987, p.30, grifo da autora), ocupando a posição de “esposa legal ou ‘a outra’, a mulher é sempre escolhida, não escolhe”. Desse modo, quando decidimos por escolher nossos homens, somos rechaçadas por uma sociedade em que, muitas vezes, somos forçadas a “compreender o que se encontra além da fala e do aparente silêncio de seus enunciados” (PEREIRA, 2015, p.34).

Ao se pensar a condição da mulher enquanto construção social proveniente de uma norma definidora, não é muito lembrar que algumas literaturas tendem a perpetuar esse suposto ideal do feminino, entretanto, escrituras como as de Conceição Evaristo mostram a nós, mulheres, que podemos ser pensadas e pensarmos para além destes estereótipos. Nesta direção, é interessante ressaltar que as mulheres de Evaristo, ainda que desempenhem papéis estereotipados relacionados às negras, são humanizadas e transcendem essa zona de marginalidade. Dito de outra forma, Conceição Evaristo coloca o dedo na ferida, o sangramento, a catarse é também uma forma de se auto-psicografar, a si e aos seus...

Em *Olhos D'Água* (2014), de Conceição Evaristo, Verneck (2014, p.13) escreve que “a mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto favorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? ”. Estas traduções das dores sofridas pela gente negra e, em especial, pelas mulheres, como bem lembra Olga Pereira (2015), precisam ser revisitadas, lembradas, para serem exorcizadas.

Conforme Souza (2011, p.45), “Conceição Evaristo busca delinear uma outra representação da figura feminina negra, rasurando o dito e, ao mesmo tempo, inscrevendo o não dito”. Em conformidade com isso, é pertinente ressaltar a presença de Mikhail Bakhtin

dialogando com Conceição Evaristo, haja vista os conceitos bakhtinianos se evidenciarem, se presentificarem na escrita evaristianiana. São vozes que ecoam em cantos-lamentos revisitando um passado escravista como forma de reescrever uma nova história, revolvendo a terra e o pó no sepulcro dos nossos ancestrais.

Pontos como alteridade, dialogismo e polifonia são alicerces na base da escrita de Conceição Evaristo, se se levar em conta que a sua literatura é, predominantemente, resultante de uma história de vida. A autora esclarece que muito daquilo que narra foi vivenciado, experimentado e sofrido por ela, no entanto, faz questão de ressaltar que há muito de ficção em suas narrativas, invenção, criação. A alteridade bakhtiniana se reitera definitivamente nas linhas evaristianas, a figura da mãe e das tias, dentre outros, sempre presentes na vida da autora corrobora este viés.

Dialogismo e polifonia se configuram como eixos definidores das tessituras evaristianas, uma vez que o outro é parte indispensável dessa “ficção-verdade” da autora. Lícito lembrar que o eco de tantas vozes que se fazem ouvir, advindas dos muitos becos das memórias da autora, é que permitem pressupor um acabamento das linhas evaristianas. Esse olhar exotópico permite ao leitor de Evaristo enxergar muito além dos escombros e porões de um passado escravagista brasileiro, antes a possibilidade de desconstruir, de problematizar “tudo isso através de uma (re) leitura crítica do período escravocrata, que minimizou o passado da escravidão” (SOUZA, 2011, p.44-45).

Quando dá a voz a Ponciá e Maria-Nova, Conceição Evaristo simboliza um retorno ao passado por meio das duas personagens-protagonistas, ou seja, possibilita a elas o feito de “costurar um tempo no outro” (SOUZA, 2011), emendando passado e presente, neste processo de inacabamento do qual nos constituímos. Conforme Bakhtin (1992, p.35), o autor possui um olhar exotópico em relação ao seu herói, o qual permite aproximar-se e distanciar-se conforme a consciência do criador.

A exotopia é algo por conquistar e, na batalha, é mais comum perder a pele do que salvá-la, sobretudo quando o herói é autobiográfico, embora esse não seja o único caso: costuma ser tão difícil situar-se fora daquele que é o companheiro do acontecimento quanto fora daquele que é o adversário; tanto faz situar-se dentro do herói, ao seu lado ou à sua frente, todas estas são posições que, do ponto de vista dos valores, desnaturam a visão e não contribuem para completar o herói e assegurar-lhe o acabamento.

Conforme Souza (2011), este entrelaçamento exotópico de fios da memória se presentifica também ao se constatar a relação estabelecida entre as personagens protagonistas

de *Becos* e *Ponciá* e os anciões das narrativas. Neste sentido, tanto Vô Vicêncio quanto Tio Totó, por meio das recordações e silenciamentos (a mutilação do braço do avô de Ponciá simboliza a mutilação histórica a que foram sucumbidos negros e negras brasileiras) simbolizam um retorno a um tempo escravista, permeado por dores e silêncios que é, constantemente revisitado por meio das histórias recontadas dos nossos ancestrais e se configura como uma forma de resistência ao imposto apagamento histórico a que foram sucumbidos os povos da diáspora. Nesta direção, os anciões acima mencionados, cada um em sua singularidade e importante presença na constituição da consciência das protagonistas, se configuram como:

Personagens emblemáticas que marcam toda a trajetória de vida das personagens Ponciá Vicêncio e Maria-Nova. Tanto Vô Vicêncio, quanto Tio Totó (este pela memória viva do passado, marcando a vida de Maria-Nova com as histórias de vida dele e dos seus), e outros, simbolizam a revolta-resistência silenciosa, representada, por exemplo, pela mutilação do próprio corpo de Vô Vicêncio e com as perdas que se acumularam ao longo da trajetória de vida de cada um deles (SOUZA, 2011, p.45).

Assim, dentre outras formas, a alteridade se revela por entre as linhas que escorrem da tinta de Conceição Evaristo. Em recente artigo, intitulado “Nossos passos vem de longe”, a escritora fala sobre uma angústia que brota, como herança ancestral, no peito da grande maioria afrodescendente que vive em terras brasileiras. Neste sentido, Evaristo reitera a importância de se perceber a ancestralidade como forma de resistir, isto é, lembrar para modificar e (re) escrever uma outra história. Para a autora, essa resistência das mulheres negras precisa ser celebrada e confirmada, afinal:

Resistimos desde o momento em que os corpos raptados dos africanos foram embarcados para as Américas. Nos navios negreiros vieram por entre mortos, corpos jogados ao mar, mulheres em hora do parto, crianças nascendo e morrendo até chegar às Américas. Nossos passos vêm de longe, vêm do continente africano se renovando ao longo do tempo (EVARISTO, 2015, p.1).

A autora enfatiza a necessidade de se perceber traços de nossos ancestrais por entre a cultura, religião, culinária, dança, música e artes em geral, sobretudo, o vocabulário da língua materna é marcado por heranças ancestrais. Evaristo (2015, p.1) ressalta, ainda, neste sentido que “o primeiro romance abolicionista escrito no Brasil é de autoria de uma mulher negra, mestiça, o livro de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis”. Para Evaristo, não há como tornar

essa realidade invisível, e em grande parte, perceber isso como um espaço de resistência, de enfrentamento.

As mulheres negras vêm fazendo isso ao longo do tempo, a partir do momento, em dada época, que se reúnem, se juntam em coletividade para se rebelarem contra o sistema “escravista e patriarcal”, bem como mantêm essa luta em dias atuais. Afinal, as mulheres negras nunca tiveram o “privilégio” de ficar em casa, apenas se preocupar com a educação dos filhos, cuidar tão somente dos afazeres domésticos como as brancas. Ao contrário, as mulheres negras desde muito tempo configuram-se como chefes das famílias, trabalhando incansavelmente nas casas das famílias brancas, desempenhando todas as funções domésticas e, ainda, se tornando responsáveis por cuidar dos filhos dos patrões.

Não se pode generalizar aqui e dizer que apenas mulheres negras desempenham esta função, todavia, a maior parte ainda é constituída por elas. Nesta direção, Evaristo (2015, p.2) salienta que “se por um lado, as reivindicações das feministas brancas das classes de maior poder aquisitivo foram respondidas, permitindo a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho, as mulheres negras e pobres tiveram poucas de suas demandas efetivamente resolvidas”. Com tantas preocupações e tarefas pela frente, as mulheres negras ainda encontravam um tempinho para produzir e vender “seus quitutes nas ruas” (EVARISTO, 2015, p.2).

Não é muito reforçar com Evaristo que, apesar do discurso moldado e repetitivo da democracia racial, estatísticas mostram cotidianamente que os maiores índices de pobreza recaem sobre as mulheres negras, uma vez que a grande maioria ainda se encontra nas cozinhas das “casas grandes” recebendo os salários mais inferiores, apesar da grande conquista de o emprego doméstico ser reconhecido como categoria profissional, ainda há uma subalternização social em função do seu desempenho. Ademais, o que se pode evidenciar para além das profissões desempenhadas por mulheres negras é o fato de que, nesta ou naquela função, estereótipos ainda recaem sobre elas, preconceitos e discriminações são proferidos cotidianamente e inscritos sobre as peles negras das mulheres. Fatidicamente, enunciados advindos de um sistema escravocrata e cruel que relegou a negros e negras brasileiras a herança de carregar na pele, tão somente em função da melanina, os escombros e as chagas de um passado caucado pela depreciação da cor e atrelado às amarras e grilhões da escravidão.

Nesta direção, mulheres, como Ponciá e Maria-Nova, representam um novo nascimento para as mulheres negras, uma nova forma de ser pensada a partir do olhar do negro, como bem salienta Olga Pereira (2015, p.148), ao se valer das contribuições de

Mikhail Bakhtin (2004, p.11), “[P]ara entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social”.

Assim, é possível pensar que homens e mulheres negras nunca saíram da condição de gestação de fato, nunca nasceram para a sociedade se se pensar que sempre viveram em condições de invisibilidades. Como ressalta o autor, a condição de animalização a que foram sucumbidos os impedem de “entrar para a história”. A partir do momento em que assumem as rédeas da própria vida, saem da condição de objeto e passam a reescrever uma nova história. As mulheres negras seguem, o caminho é longo e arenoso, as mulheres negras são fortes...

Ao dialogar com Bell Hooks (1995), um dos meios capazes de retirar a nós mulheres da zona da marginalidade é a busca pelo saber, um suposto refúgio, abrigo no qual se pode (re) construir a própria subjetividade. Para essa autora, não é muito ressaltar a condição de inferioridade a que, todos os dias, é relegada à mulher, sobretudo, se negra. Conforme Hooks (1995), quando se escreve sobre negros e negras tem-se a chance de traçar novos rumos para a História, ou seja, a oportunidade, dentro desta intelectualidade negra, de focalizar sobre a vida de mulheres e de homens que não conheceram muito além dos bastidores.

Não por acaso, a autora acima citada chama a atenção para o fato de que, ao se pensar a intelectualidade negra é possível constatar a visão de um sexismo existente e atuante, afinal “quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes, quase sempre invoca imagens masculinas” (HOOKS, 1995, p.467). Neste sentido, a autora salienta a importância e a necessidade de se perceber muito mais a escrita das mulheres negras, ressalta que intelectuais negras, como Angela Davis, Toni Morrison, Alice Walker, dentre outras, possuem importância significativa para a visibilidade da mulheres negras norte-americanas.

Sem mulheres como Fannie Barner Williams, Ida B. Wells, Fannie Jackson Coppin, Victória Earle Matheus, France Harper, Mary Church Terrel e Anna Júlia Cooper muito pouco saberíamos sobre as condições de vida das mulheres negras no século XIX e, no entanto, a tradição intelectual, até bem pouco tempo, praticamente as ignorava e desvalorizava sua erudição como visivelmente a subordinada à produzidas por negros homens (HOOKS, 1995, p.467).

Nesta direção, Bell Hooks⁴⁴ (1995) evidencia a necessidade e a urgência em se atribuir olhares sobre a produção das mulheres negras, uma vez que, geralmente, procuram ressaltar a luta das mulheres em favor de uma visibilidade que lhes fora suprimida. Ademais, a possibilidade de retirá-las da zona de silenciamento é, em suma, atribuir vozes às suas mulheres. Ressalta esta autora que, em função de um sexismo atuante e presente na intelectualidade negra, ainda é comum ver-se a grande maioria das citações das obras destes/as pensadores/as ser voltada para escritores homens. No entanto, a autora salienta que, apesar de tímidas (há que se levar em conta a época em que este texto de Hooks foi escrito), ainda se percebem certas referências às escritoras negras mais conhecidas, todavia, aquelas que não foram “agraciadas” com a fama, se tornam, praticamente invisíveis.

O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta, principalmente, para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva (HOOKS, 1995, p.468).

Se pensarmos em nível de Brasil, esta intelectualidade negra, notoriamente abarca de forma ainda tímida as prateleiras das grandes livrarias e as grandes Editoras representantes da produção escrita eurocêntrica, prova disso é a necessidade de se criar, no Brasil, um veículo de divulgação da produção negra, os Cadernos Negros, bem como o surgimento de novas editoras engajadas na publicação afro-literária, como é o caso da Nandyala Editora.

Conceição Evaristo, dentre outras, sentiu na pele e no bolso quão grande é a dificuldade de se publicar produções advindas de escritoras negras, não por acaso, a escritora já chegou a custear, com recursos próprios, algumas de suas publicações. Pressupõe-se, entre outros fatores, que esse sexismo explícito possa se dar justamente em função de as intelectuais negras, em sua maioria, abordarem a temática da visibilidade em torno da mulher. Certamente, estas supostas barreiras intransponíveis estão sendo rompidas e superadas, a partir do momento em que nós mulheres tomarmos conhecimento da nossa importância, da nossa própria subjetividade, de tudo que nos foi suprimido e que pode e deve nos ser restituído, não existirão barreiras que nos impeçam de vencer, de transpor a zona de fronteiras, de sairmos da invisibilidade e marginalidade da qual fomos brutalmente inseridas.

⁴⁴ Algumas vezes a grafia deste nome aparece em letras minúsculas, no entanto, nesta pesquisa optou-se por grafá-lo em iniciais maiúsculas.

Bell Hooks (2008) evidencia a grande importância de se perceber a linguagem como fator de pertencimento, ou seja, quando o/a escritor/a se utiliza de uma linguagem assumidamente negra, quebra paradigmas e rompe com estereótipos de que a linguagem [materna] deva ser sempre a representação da língua do opressor. Para esta autora, ao tomar para si a decisão de tornar visíveis outras vozes silenciadas, também, por meio da linguagem, o/a intelectual reitera “um reconhecimento de prioridade de vozes que são frequentemente silenciadas, censuradas ou marginalizadas” (HOOKS, 2008, p.862). Conforme esta autora, celebrar estas outras vozes é, antes de tudo, uma forma de resistência contra a imposição de uma supremacia branca também na linguagem.

Em consonância com isso, torna-se possível evidenciar que, no Brasil, escritoras negras, como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Lélia Gonzalez, Ana Maria Gonçalves, dentre outras, por meio de uma escrita voltada para o resgate da representação afrodescendente, já assumem esta posição de tornar as mulheres sujeitos da própria enunciação, outorgam, dessa maneira, um empoderamento às suas mulheres. De certo modo, representa um fortalecimento para estas mulheres negras que sempre estiveram e ainda se encontram na base da pirâmide social abaixo do homem branco, da mulher branca e do homem negro.

Em suma, uma luta necessária contra todas as formas de segregação e silenciamento impostas às mulheres, em especial às negras. Afinal, como ressalta o russo Mikhail Bakhtin (1981), é nesta arena, cujas protagonistas são as palavras, que se travam os confrontos sejam de línguas ou classes, uma vez que os signos se constituem ideológicos e a palavra se configura como cerne das relações sociais, já está mais do que na hora de nós mulheres nos apossarmos da palavra.

Ave, palavra!⁴⁵

⁴⁵ Expressão cunhada por Maria José Somerlate Barbosa em prefácio ao romance *Ponciá Vicêncio* (2003), utilizada aqui como forma de reforçar a representatividade em relação às mulheres.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

O que nunca podemos desconsiderar quando pesquisamos na área das Ciências Humanas é a própria incompletude que, tal como casulo de uma despercebida libélula, se metamorfoseia em busca de outros olhares e reflexões emergentes. Diante da história de sujeitos, protagonistas de uma história abafada pelo olhar eurocentrista, nunca existirão considerações finais, pois tal como nos faz lembrar Bakhtin, somos seres constituídos a partir de múltiplas vozes.

Portanto, o que aqui discorro como reflexões relevantes da pesquisa como um todo, será apenas a ponta de um *iceberg* carente de outros e insistentes olhares. Discorrer sobre os conteúdos desenvolvidos por Conceição Evaristo através de suas obras é também compreender que autor e obras são indissociáveis. As digitais da autora sempre se farão presentes em cada verso, assim como a sua história carregada de outras tantas que ora se sobrepõem e ora se recolhem em nome de outras vozes que precisam também ser priorizadas. Ninguém é dono do discurso, pois tal como o próprio vocábulo se mostra em essência, somos reflexos constantes da fala e da resposta do outro.

Logo, adentrar as linhas narrativas evaristianas nos fez compreender o universo desenhado pela escritora de modo singularmente simples e repleto de alteridade. Conceição Evaristo transfere para o papel a verdadeira sapiência fruto da oralidade tão valorizada pela cultura africana. São, justamente, essas falas simples e exemplos de delicadeza humana que enriquecem o dito transformado em versos que dialogam permanentemente com os leitores. Conceição Evaristo nos faz refletir, através da literatura, sobre as desigualdades de gênero que ainda são produzidas quando falamos de mulher, negra e educação.

Quando debruçamos nosso olhar sobre o contexto histórico que silenciou o papel da mulher negra como protagonista da história, uma outra vertente acabou recriando, na sociedade contemporânea, outras formas de replicar os mesmos vícios de uma narrativa capenga e carente de urgentes reparações. Tais reparações, como bem enfatizadas nas obras de Conceição Evaristo, só podem ser efetivadas através da educação como processo transformador de preconceitos e estereótipos que tanto tem feito sangrar e macular a frágil democracia racial em nosso país. Conceição Evaristo atribui um lugar privilegiado para as mulheres através da visibilidade e da devida compreensão que independe da pele que reveste nossos corpos, somos uma única raça humana em processo constante de lapidação.

Pode-se inferir que há uma educação voltada para o fortalecimento e empoderamento das mulheres, categoria historicamente invisibilizada e relegada ao silenciamento. Tais silenciamentos quando não reinterpretados através da educação tendem a proliferar histórias cada vez mais distorcidas sobre o poder da mulher negra e o fortalecimento de sua cultura. Não é muito ressaltar que, ao dar a voz a estas mulheres, Evaristo protagoniza, no palco da alteridade bakhtiniana, um olhar exotópico que lhe possibilita “tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos do outro” (BAKHTIN, 1992, p.35). Esse olhar exotópico, ou seja, esse excedente de visão tão necessário nas relações que travamos com o outro, é o que realmente nos permite enxergá-lo além de suas vestes ou da epiderme que reveste seu corpo. Evaristo, por meio desse excedente de visão tão singular, acaba proporcionando um acabamento à sua própria *escrevivência* e à de outras mulheres, seja daquelas que ainda habitam este plano terrestre ou de outras que já tenham abraçado o leito da mãe-terra.

Neste sentido, a escrita de Conceição Evaristo, sobretudo *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, caminha ao encontro de uma suposta libertação para o feminino desconstruindo os estereótipos colonialistas que, em sua grande maioria, nunca deixaram de vincular a mulher negra a símbolos sexualizados e erotizados, assim como a serviços disponíveis a ceder aos caprichos depravados dos ditos senhores e seus filhos. Como se tais depreciações não fossem suficientemente nocivas, a submissão se ratificava às mais baixas remunerações fruto de trabalho escravo realizado a duras penas nos fundos de cozinha alheias.

Ressalto as minhas angústias em lidar com as próprias memórias, no entanto, é preciso lembrar para exorcizar... – hoje, quando recordo-me da família que restringia-me o direito à alimentação naquela casa, não sofro, antes transformo em inspiração para prosseguir nesta árdua, porém prazerosa caminhada em relação à visibilidade das mulheres negras. Porém, com maestria, Conceição Evaristo, alicerçada em uma escrita subjetiva e polifônica, resgata nos escombros dos becos das muitas memórias espalhadas Brasil afora a possibilidade de nos (re) construirmos e (re) escrevermos a nossa própria história.

Portanto, é mister ressaltar a importância desta literatura voltada para o resgate e autonomia relacionados à mulher negra, ademais, salientar o entrelaçamento dos estudos pós-coloniais em interface com os conceitos bakhtinianos atrelados aos de Conceição Evaristo como forma de outorgar a palavra às muitas vozes que, assim como a minha, gritam, ressoam e ecoam através dos escritos evaristianos. Nesta direção, assim como Dora e Bilisa, eu e muitas outras vozes-mulheres e negras que optamos por viver a nossa sexualidade da forma

que nos apraz, nos identificamos por entre as linhas das muitas privações ressaltadas por Evaristo, tanto em *Becos* quanto em *Ponciá Vicêncio*.

Tais apropriações literárias fortalece não só o papel da educação como processo promotor da equidade, bem como o fortalecimento do feminino que independe do fator restrito de gênero, prioriza a busca pelo protagonismo da mulher negra, fortalecimento de sua auto-estima e libertação de todos os rótulos herdados de uma história edificada na escravização do negro e apagamento de sua história, cultura e oralidade. De maneira suave e elegante, Conceição Evaristo reforça que somente podemos pensar em mudanças comportamentais e atitudinais através da educação que, instigando novas formas de pensar na história e sobre a história, possa de fato validar e devolver o protagonismo negro negado em cada página escrita por mãos brancas infladas pelos mais diversos e perversos pré-conceitos.

Parafraseando Conceição Evaristo: [...] *creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero...* Eis as lições de vida despidas de vaidades e repletas de alteridade presentes nas obras de Conceição Evaristo, que nos fazem refletir sobre a mulher negra, sua história e o papel da educação nesse cenário onde o racismo persiste em macular nossa bandeira. Se para Conceição Evaristo a escola representa o lugar dos sonhos possíveis, paradoxalmente, ainda se constitui como célula-mater no processo de exclusão em relação àqueles/as que não comportam e/ou não se enquadram no padrão vigente determinado por ela. Ou seja, a escola ainda representa um espaço de conflito onde as diversas formas de racismo se verbalizam ou são transformadas naquele tipo de velado facilmente identificado.

O que Conceição Evaristo tem feito, com muita maestria, através de seus livros é validar a voz dos excluídos e, paralelamente, instigar reflexões sobre o pensamento, a ação e a consciência afrodescendente. A linguagem, dessa forma, constitui-se como signo de libertação e protagonismo dos povos afrodescendentes. Sabemos, entretanto, que a presença feminina negra ainda é muito tímida tanto quando nos referimos à literatura como em outros setores de nossa sociedade, como por exemplo, novelas, anúncios publicitários etc. Apesar de tantas lutas contra os diversos tipos de racismo, preconceito e discriminação racial, o padrão de beleza e de intelectualidade que ainda prevalece como exemplo é o da mulher branca.

Assim, discorrer sobre o papel da mulher negra e dos negros de um modo geral é perceber que a História Oficial ainda se mostra incapaz de ratificar a representatividade secularmente negada de milhares de negras e negros sequestrados e obrigados ao trabalho escravo em diversas partes do mundo. Aprofundar nossas reflexões a partir de literaturas

escritas por pesquisadores e escritores negros/as é possibilitar a docentes e discentes conhecimentos narrados em primeira pessoa. Não se trata de pensar um racismo ao contrário e, sim, a busca sábia encontrada na humildade e sabedoria que compõe as aprendizagens e a oralidade africana. Conceição Evaristo é o exemplo vivo dessa perseverança pela educação, pois independente das duras jornadas de trabalho junto à sua mãe e tias, nunca pensou em desistir de seus estudos.

A educação para Evaristo é mais do que a apropriação de saberes, é um tipo singular de empoderamento da mulher capaz de ultrapassar certos estereótipos, fazendo-as compreender que são donas de seus destinos, corpos e escolhas; Evaristo também nos ensina que não há barreira visível ou invisível que não possa ser superada através da perseverança, coragem, força e humildade. Como já citado no corpo da pesquisa: A escrita evaristiana é, antes de tudo, uma escrita-denúncia que pode ser cotejada, ainda hoje, com a realidade circundante. Seus romances, muito mais que um simples fazer literário, são instrumentos de denúncias políticas e sociais onde a vítima, em sua grande maioria, é a população negra e pobre.

Somos, portanto, muitas Marias, Joanas, Doras, Ritas, Rosângelas, Anas, Carolinas, Conceições, enfim.... Somos muitas mulheres que não se curvaram e jamais o farão frente às muitas batalhas da vida. Das diversidades que rondam nosso cotidiano tão adverso, uma força interior não nos permite enfraquecer mesmo que sobre nossos ombros as cicatrizes da escravidão tendem a nos lembrar das injustiças ainda não reparadas ou julgadas pela consciência. Para nós, mulheres negras, educadoras, mães e trabalhadoras enfrentar um leão por dia não é mais danoso que o preconceito sentido nas relações mais próximas e institucionalizadas.

Somos guerreiras e negras, temos sangue de Dandara que nunca se deixou abater contra as adversidades rompantes. Pensar Evaristo e educação é resgatar a memória e a ancestralidade feminina que, gritando em nossos ouvidos já tão adoecidos por ásperas palavras, fortalece nossa identidade e autoestima. Educar deve ser o caminho mais verdadeiro capaz de produzir antídotos contra tudo que nos faz desconsiderar que somos realmente todos iguais na diferença que nos constitui. Não falamos em legislações de amparo ou políticas afirmativas, pois se o respeito não for trabalhado nos espaços escolares e na nossa sociedade, estaremos diante de uma extraordinária teoria empobrecida pela ausência de atitudes capazes de, verdadeiramente, mudar mentes tão retrógradas.

Cientes de que a pesquisa em Ciências Humanas, em sua grande parte, se não em sua totalidade, se permeia pelo viés da subjetividade, é possível pensar que é sempre um processo carente de um suposto acabamento, encontra-se na linha fronteira do olhar de outrem. Esse olhar exotópico deve ser inerente à pesquisa e, sobretudo, em Ciências Humanas, na qual o olhar do outro proporcionará sempre novos caminhos, novas descobertas, outras direções. O processo, o ato de pesquisar é, antes de tudo, um devir.

Não é muito dizer que, quando se está caminhando para as considerações, que nunca são finais, dentro de uma pesquisa e, especialmente, numa tão carregada de subjetividade quanto esta, já se torna pertinente falar em legados, espaços, brechas, que não foram preenchidos, coisas que ficaram por dizer, espaços que não foram preenchidos, silêncios que não foram (re) interpretados. Enfim, a pesquisa em Ciências Humanas é assim: um todo inacabado.

De posse dessa consciência, ousou dizer que muitas foram as descobertas e aquisições de saberes relacionados à minha íntima relação com a literatura de Conceição Evaristo, em intersecção com os estudos bakhtinianos e pós-coloniais, grandes descobertas e consequentes saberes internalizados. Contudo, não se pode negar que muitas coisas ainda ficaram por dizer, por serem descobertas, (re) visitadas nos muitos becos das memórias das muitas vozes-mulheres que permeiam os escritos evaristianos. Possíveis brechas que poderão direcionar outros olhares sobre a minha pesquisa e assim resignificá-la sempre.

Nesta direção, eu enquanto pesquisadora, não poderia finalizar este trabalho, tão importante aos meus olhos, sem pontuar possíveis lacunas que, creio, serão muito em breve preenchidas por outras pesquisas e enriquecidas, pois, pelo olhar de outrem. Uma das possibilidades que se faz mister salientar aqui relaciona-se ao feminismo negro, apontado de maneira tão tímida nessa pesquisa, consciente desta lacuna, eu, pesquisadora, ressalto a urgência e a importância de que muitos outros olhares se debruçam sobre esta temática e reitero esta necessidade, sobretudo, ao pensar que, ao se tratar do feminismo negro, algumas reflexões far-se-ão necessárias.

Neste sentido, torna-se lícito pensar que a inserção de referenciais que tratam, que falam das lutas feministas no Brasil deveriam, de fato, adentrar os espaços escolares, bem como escritores/as/as e pesquisadores negros/as dever-se-iam ocupar um espaço significativo nas prateleiras das bibliotecas escolares. Em suma, para se tratar do feminismo negro, pressupõe-se a educação como aliada e uma boa maneira de conseguir isso seria pensar o currículo para muito além da lei 10639/03, ou seja, abrir espaços para que a história dos

negros seja definitivamente conhecida, para muito além da escravidão, refletir sobre a forma como o livro didático se apresenta em relação a isso já seria um bom começo.

Não é muito salientar que a escola tal como está, se constitui como um espaço segregador e excludente, o material pedagógico, em sua maioria, é fruto de uma cultura branca arraigada no mais puro eurocentrismo, no entanto, não se pode negar que avanços estão sendo obtidos, mas ainda de maneira tímida. Para que se exemplifique, basta que se pegue e manuseie um livro didático de história, o perigo da história única logo se apresenta, isto é, reserva-se para o negro e negra brasileiro/a um único papel, o de escravo/a e subserviente. Ademais, quando se pensa em “progressões” relacionadas às mulheres, estas não vão muito além dos estereótipos sexuais.

Em consonância com isso, posso ressaltar que, em toda a minha trajetória de estudante, tanto nas séries iniciais quanto finais, eu nunca tinha ouvido falar em mulheres negras tão maravilhosas e com tamanha importância dentro da história dos negros, relegadas ao silenciamento e a invisibilidade, como Dandara, Teresa de Benguela, Princesa Anastácia, Aqualtune, dentre outras, engolidas pela História, anuladas e sucumbidas aos escombros da escravidão. Não estou afirmando que esta seja uma realidade do Brasil, antes problematizando que, assim como eu, muito provavelmente, outras crianças nunca tenham ouvido falar delas. Por tudo isso, a escrita afro-literária se configura como uma nova chance de se (re) escrever e se inscrever na história negros e negras brasileiras. Paradoxalmente, no âmbito em que racismos, sexismos e exclusões protagonizam a vida de negros e mulheres, também se deve refletir sobre a questão das mulheres e afrodescendente para muito além das legislações e propostas governamentais.

Em contrapartida, é ali, no seio da educação que a sementinha deve ser plantada, não se pode invisibilizar a participação do/a negro/a na sociedade brasileira, afinal, em tudo se percebe uma herança ancestral, desde os primórdios até os dias atuais. Um exemplo, dentre tantos outros (para não ser repetitiva e falar da dança, culinária, vestes), pode-se pressupor que, em algumas culturas brasileiras, até a maternidade carrega traços ancestralizados, se se pensar que, ao nascer, os filhos das “sinhás brancas” tinham como primeiro alimento o leite materno das mulheres negras escravas. Dever-se-ia, pois, dizer que este é mais um, dentre outros elos, que desconstroem o mito da supremacia racial. Afinal, independente da melanina, o leite materno é igual entre negras e brancas. Levando em conta essa herança, é possível, ainda hoje, encontrar casos de mulheres que, ao terem seus bebês, não conseguem produzir o leite de imediato e cedem a criança para que outras a amamentem.

É importante frisar que, ao falar de Educação, embora não seja a única forma de, tem-se logo em mente a escola, assim, uma outra possibilidade advinda das lacunas da minha pesquisa seria levar as obras de Evaristo para dentro das escolas para que sejam trabalhadas *in lócus* com alunos e/ou professores. Partindo desse pressuposto, poder-se-ia problematizar e refletir de que forma a literatura afro-brasileira é recebida na escola e qual das duas obras teria maior aceitação no ambiente escolar.

Enfim, são muitas e infindas as possibilidades de interpretações a partir desta pesquisa. Ciente de que o próprio ato de pesquisar é uma constante, espero que tenhamos, ao menos um pouco, contribuído para que outros olhares se debrucem sobre a temática das mulheres e negras. Em suma, que se pense a Educação como um espaço de igualdade e acolhimento, quiçá uma forma de empoderamento de nós mulheres e negras e pobres Brasil afora, que consigamos (re) visitar nossos silêncios para (re) escrevermos uma nova história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Feminismo, Pós-Colonialismo e Novas Narrativas Sociológicas. **ANPOCS 2004 – Seminário Temático Pós-colonialismo, pós-nacionalismo, pós-socialismo: a democracia como suspensão e a demanda por uma normalidade** (Sessão 2 – Desafios à Teoria Democrática: feminismo, pós-colonialismo, criouldade).

ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. SOUZA, Solange Jobim e. A pesquisa em Ciências Humanas: **uma leitura bakhtiniana**. Bakhtiniana, São Paulo, 7(2): 109 – 122, jul/dez, 2012.

ALMEIDA, Giane Elisa Sales de. **História da educação escolar de mulheres negras: as políticas públicas que não vieram...** Intermeio: revista do Programa de Pós-graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.15, n.30 - p.219 – 232, jul/dez, 2009.

ALVES, Ivia. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. IN: FERREIRA, Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (org.) **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. – Salvador: NEIM/UFBA, 268p. (Coleção Baianas: 7), 2002.

AMORIN, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo Editora Musa, 2004.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3 Ed.-rev e ampl. –São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. – João Pessoa, 2007.

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro**. Belo Horizonte, 2007.

ARTOUS, Antoine. **Los Orígenes de la opresión de la mujer**. 3.ed. Fontamara, 1982.

ATAÍDE, Vicente de Paula. **A narrativa de ficção**. 3 ed. rev. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

ÁVILA, Eliane e COSTA, Cláudia de Lima. Glória Anzáldua, a consciência mestiça e o feminismo da diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3):320, setembro-dezembro/2005.

AXT, Margaret. SILVEIRA, Paloma Dias. Pesquisa, dialogismo e produção de sentidos. **Revista Polis e Psique**, 2015; 5(2):69 – 87.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 30ª ed., São Paulo: Ática, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Estética da Criação Verbal**. – 1ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1992.

_____. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12. ed. – São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio ao romance *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

BARSTED, Leila Linhares e PITANGUY, Jacqueline. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010** /Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy -Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**/ Beth Brait (org). 2. ed. rev. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2005.

_____. **Bakhtin: conceitos-chave**/Beth Brait (org). 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

_____.A personagem. 3.ed., Ed. Ática, Série Princípios – S.P., 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet, 2 ed. Editora Difusão Européia do Livro, 1967.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos”. IN: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tadução Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BONNICI, Thomas. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês**. Maringá, v.28, n.01 – p.13 -25, 2006.

BUTLER, Judith. El género en disputa: **El feminismo y la subversión de la identidad**. Espanha – Barcelona, Paydós, 2007.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Relações de gênero e precarização do trabalho docente. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. Especial, p 251-263, mai.2009.

COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Fragmentos**, n.39, p. 45 -59 Florianópolis/ julho – dezembro/2010.

COSTA, Elisângela de Lana. Becos da Memória e do Esquecimento. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.18, n.35, p.67 – 86, 2º semestre, 2014.

CHAUÍ, Marilene. *In Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DALCASTAGNE, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O eixo e a roda**, v. 15, 2007.

_____. LEAL, Virginia Maria Vasconcelos. (org) **Deslocamentos de Gêneros na narrativa brasileira contemporânea**. Editora Horizonte – São Paulo, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil/** Mary Del Priore (org.) Carla Bassanezi (coord. de textos) - 3ª ed. – São Paulo, Contexto, 2000.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro, n.23 – p.113 -118, jul/dez. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Universidade Federal Fluminense – UFF, (s/d).

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009a.

_____. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2003.

_____. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003.

_____. **Dos sorrisos, dos silêncios e das falas**. Texto publicado *In Mulheres no Brasil – Resistência, lutas e conquistas*, (org) Liane Schneider e Charliton Machado, João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 2009b.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras/ maio de 2009c - Faculdade de Letras da UFMG e publicado pelo portal LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro. Acesso em Fevereiro de 2016.

_____. **Ólhos d'água**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FERREIRA, Virgínia. **O feminismo na Pós-modernidade**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n.24 – março, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. – 1ª Ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2014.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Costurando uma colcha de retalhos**. Posfácio à obra *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FUNCK, Suzana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. IN: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO Valeska (org). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas** [livro eletrônico] . Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. IN: FERREIRA, Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (org.) **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. – Salvador: NEIM/UFBA, 268p. (Coleção Baianas: 7), 2002.

GONZALEZ, Lélia. **A Juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego**. (Sem Editora e cidade), 1979.

GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 Anos: Uma breve História do Feminismo no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (n.e) 264-setembro/dezembro, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade: antropologia em Primeira Mão**, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e Desafios teórico-políticos do feminismo na Contemporaneidade. **Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010.

História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

JESUS, Samuel de. O negro na educação brasileira. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas** – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – www.ufvjm.edu.br/vozes.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões técnicas e metodológicas** *apud* FREITAS, SOUZA e KRAMER. CIENCIAS HUMANAS E PESQUISA: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo, Cortez, 2003.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. 8 ed. Ed.Ática, Série Princípios – S.P., 1987.

LIMA, Omar da Silva. **Conceição Evaristo**: escritora negra comprometida etnograficamente. LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro, acesso em 31/10/2015.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências / Regina Navarro Lins. - Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: Best-seller, 2007.

LIONÇO, Tatiana. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio/Tatiana Lionço; Debora Diniz (Organizadoras). Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **Uma Leitura da História da Educação sob a Perspectiva do Gênero**. Proj. História, São Paulo, (11), Novembro, 1994.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica - 2ª. Ed. 2000.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte. N.46, P.201- 218, Dez. 2007.

_____. **Gênero e Sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v.19, n. 2 (56) – mai./ago. 2008.

_____. **Educação e docência**: diversidade, gênero e sexualidade. Revista Brasileira de Formação Docente. Form. Doc., Belo Horizonte. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo – Universidade de Minho, Portugal. **Revista Estudos Feministas**, 2006.

MACIEL, Sheila Dias. **O Diário de Anne Frank**: mito, fato e ficção. REDES – Rio de Janeiro, v.2, n.4, janeiro/abril. 1998.

MACHADO, Barbara Araujo. **“Recordar é preciso”**: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). Rio de Janeiro, Niterói, 2014.

MACROBBIE, Angela. **Pós-feminismo e cultura popular**: Bridget Jones e o novo regime de gênero. Tradução: Márcia Rejane Messa, 2006, p.59 – 69.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá vicêncio e becos da memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de retalhos de memórias. Araraquara – SP. 2014.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna; Campinas, SP, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

NUNES, Benedito. **Narrativa Histórica e Narrativa ficcional** in RIEDEL, Dirce Côrtes (Org). Narrativa: Ficção e História. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed, Imago, 1988.

OLIVEIRA, Ozéas de. **As Representações da Infância na Mídia Impressa em Mato Grosso nos anos de 1930 a 1945**: o tripé família, educação e saúde. Rondonópolis, MT: UFMT, 2013. 159 f.

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. **Entre becos e memórias**: Conceição Evaristo e o poder da ficção. – 2013 / **LITERAFRO**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro> - acesso em: 31/10/2015.

PALMEIRA, Francineide Santos. SOUZA, Florentina da Silva. Representações De Gênero E Afrodescendência Na Obra De Conceição Evaristo - **IV ENECULT/Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 28 a 30 de maio de 2008 - Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

PEREIRA, Olga Maria Lima. **Reinterpretando silêncios**: reflexões sobre a docência negra na cidade de Pelotas (RS). 1. Ed, - Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Joana Plaza. SANTOS, Karla Cristina dos. VERAS, Viviane. **Como Domar Uma Língua Selvagem** – Glória Anzaldúa. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n.39 –p, 297 – 309, 2009.

RAMOS, Neila Roberta Carvalho. A Literatura Pós-Colonial e a Construção Da Identidade Feminina Negra em “A Cor Púrpura” de Alice Walker. Salvador, Bahia, 2009.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (org.). **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 9 -15.

ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. **Mulheres na escola**. Cad. Pesq., São Paulo – nº 80, p.62 – 74, fev.1992.

SALGADO, Raquel Gonçalves. **Ser criança e herói no jogo e na vida**: a infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados. Rio de Janeiro: PUC. Departamento de Psicologia, 2005.

SCHIMIDT, Simone Pereira. Prefácio in **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SOUZA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus**: escrita íntima e narrativa de vida. *Gêneros Literários*, 2007. <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9169/1/>. Acesso em 14/12/2015.

SOUZA, Leonardo Lemos de. ARAUJO, Ulisses Ferreira. Educação moral e diversidade nas escolas: problematizações sobre gênero e sexualidades. **Revista Ibero-americana de Educação**. São Paulo, 2012.

_____. ÉTICA, GÊNERO E SEXUALIDADES: uma proposta baseada na pesquisa-intervenção em espaços educativos. **II Simpósio Internacional De Educação Sexual - II SIES -**, Maringá, PR, 2011.

SOUZA, Ricardo Silva Ramos de. Negras Substâncias De Conscientização: **A Literatura Negro-Brasileira**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas – SIALA-Africanias, Imagens e Linguagens - 29 a 31 de agosto de 2012, Salvador – BA.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 20, nº 2, julho/dezembro. 1995, p.71-99.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. Tradução: Heloisa Jahn. Ed. Ática, São Paulo (SP), 1992.

TORRES, Sonia. La conciencia de la mestiza /Towards a New Consciousness – uma conversação interamericana com Gloria Anzaldúa. Universidade Federal Fluminense. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 13(3): 720-737, setembro-dezembro/2005.

VIEIRA, Wellington Neves. **Entre recordações e traumas**: Conceição Evaristo e Toni Morrison. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012.

WERNECK, Jurema. Prefácio a **Ólhos d'água**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.